

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
(PUC-SP)

Nívea Eliane Farah

**Professores de Língua Portuguesa, Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais
no desenvolvimento da Educação Linguística**

Doutorado em Língua Portuguesa

SÃO PAULO

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
(PUC-SP)

Nívea Eliane Farah

**Professores de Língua Portuguesa, Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais
no desenvolvimento da Educação Linguística**

Doutorado em Língua Portuguesa

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora Dieli Vesaro Palma.

SÃO PAULO

2020

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001. CAPES-PROSUP, processo 88887.150452/2017-00.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre deram muito valor aos estudos, investiram na minha Educação, no Externato Rio Branco, e, no Ensino Superior, na PUC-SP, incentivaram-me a buscar sempre mais conhecimento, ousar nas atitudes e defender minhas convicções.

Ao Externato Rio Branco, que me apresentou os melhores valores de convivência social, preparem-me para vencer situações desafiadoras com conhecimento, determinação e pensamento crítico.

À professora Lucia Helena Mimoso de Paula, uma inspiração na minha adolescência, um exemplo que tentei seguir na minha carreira profissional, por aceitar meu convite para fazer parte do estudo de caso.

À Maria Augusta Paranhos Faro, diretora educacional que passa a vida torcendo pelos ex-alunos que se formaram em sua escola, por concordar em abrir as portas do colégio para eu fazer minha pesquisa de doutoramento.

À PUC-SP, instituição onde estudei por 13 anos entre Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado, por me ensinar a inquietude das descobertas, promover em mim a construção das relações pautadas por valores humanos, éticos e atuantes na sociedade. Também por conceder-me uma Bolsa CAPES Integral.

Ao Marcos Tarciso Masetto, um professor de admirável competência pedagógica e capacidade de escuta dos anseios de seus estudantes, mostrou-me que é possível colocar em prática, verdadeiramente, as teorias desenvolvidas no meio acadêmico.

Ao José Armando Valente, orientado por Seymour Papert, no MIT, um professor que me ensinou o potencial das tecnologias da informação e comunicação, na utilização em escolas, para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

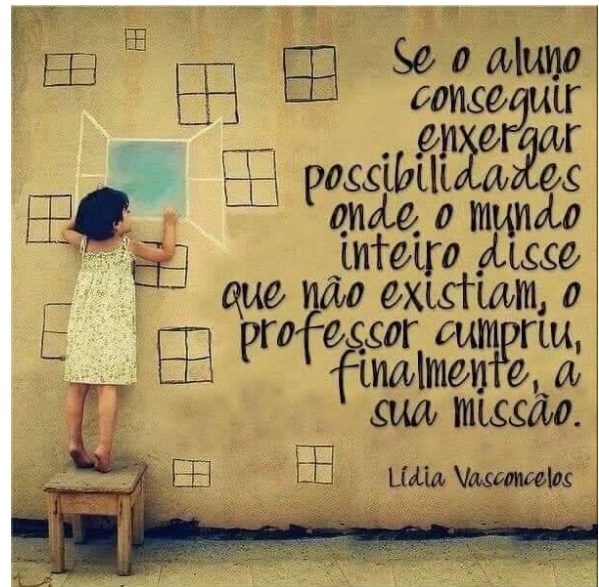
A todos os professores e pesquisadores que aceitaram fazer parte da minha pesquisa, por responderem aos questionários e entrevistas.

A todos com que pude conviver em minha carreira profissional, mas, principalmente, à Assunta Manzi Agüena, dedicada professora de Inglês, por fazer a tradução do *Abstract* e à Amanda Dias Verrone, aluna brilhante, por fazer a tradução do *Resumen*.

À orientadora Dieli Vesaro Palma, por me apresentar os estudos do GPEDULING e por indicar caminhos para meu tema de pesquisa.

Aos membros da Banca do Exame de Qualificação, Sandro Luiz da Silva, pelos apontamentos e Karlene do Socorro da Rocha Campos, pelas propostas.

Aos membros da Banca de Defesa, por aceitarem o convite.



Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire

RESUMO

O tema desta Tese é o estudo do processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, por meio de Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais, no Ensino Médio do século XXI, na perspectiva da Educação Linguística. O trabalho está relacionado à linha de pesquisa Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa da PUC-SP. As perguntas que orientam o estudo são: 1- As Tecnologias Digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio? 2- Quais conhecimentos os professores de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI? 3- Quais benefícios que as Metodologias Ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística? O objetivo geral é desenvolver um estudo sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso delas para os estudantes do século XXI. Os objetivos específicos são: 1-Verificar em que medida as Tecnologias Digitais contribuem para o ensino e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio. 2- Buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas presenciais no século XXI. 3- Refletir sobre Metodologias Ativas que favoreçam o desenvolvimento da Educação Linguística. Este trabalho justifica-se em função de, no século XXI, diante das tecnologias digitais, ser importante considerar o uso de metodologias ativas para a formação integral dos estudantes. A Metodologia adotada foi a Abordagem Biográfica de Josso (2002), chamada de Biografia Educativa por Nóvoa (2000), foi desenvolvida por meio de várias fontes, sendo o estudo de caso uma das estratégias, dentre outros procedimentos metodológicos. O *corpus* constitui-se de análises de questionário semiaberto *on-line*, entrevistas temáticas escritas e narrativas. O trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Educação Linguística, das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais, principalmente, em Palma; Turazza (2014), Bacich; Moran (2018), Coscarelli (2016). Os resultados obtidos confirmam a hipótese de que os professores de Língua Portuguesa não são contrários ao uso de tecnologias digitais, mas, na prática, nem sempre as utilizam, preferem usar novas metodologias para um ensino mais significativo e uma aprendizagem mais ativa.

Palavras-chave: Educação Linguística. Metodologias Ativas. Tecnologias Digitais.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the study of the teaching and learning process of Portuguese language, in face-to-face classes, through Active Methodologies and Digital Technologies, in 21st Century High School, in the perspective of Linguistic Education. The work is related to the research line Reading, Writing and Portuguese Language Teaching at PUC-SP. The questions that guide the study are: 1- Do Digital Technologies contribute to the teaching and learning process of high school students? 2- What knowledge do Portuguese language teachers need to have for face-to-face classes in the 21st century? 3- What benefits can Active Methodologies provide for the development of Linguistic Education? The general objective is to develop a study on the influence of Active Methodologies and Digital Technologies in the teaching and learning process of Portuguese Language, in face-to-face classes, and the contribution of their use to 21st century students. The specific objectives are: 1-Check to what extent Digital Technologies contribute to the teaching and learning of high school students. 2- Search for knowledge that makes face-to-face classes more meaningful in the 21st century. 3- Reflect on Active Methodologies that favor the development of Linguistic Education. This work is justified because, in the 21st century, before digital technologies, it is important to consider the use of active methodologies for the integral training of students. The adopted Methodology was Josso's Biographical Approach (2002), called Educational Biography by Nóvoa (2000), it was developed through several sources, the case study being one of the strategies, among other methodological procedures. The corpus consists of analyzes of a semi-open questionnaire online, written thematic interviews and narratives. The work is based on the theoretical assumptions of Linguistic Education, Active Methodologies and Digital Technologies, mainly in Palma; Turazza (2014), Bacich; Moran (2018), Coscarelli (2016). The results obtained confirm the hypothesis that Portuguese language teachers are not against the use of digital technologies, but, in practice, they do not always use them, preferring to use new methodologies for more meaningful teaching and more active learning.

Keywords: Linguistic Education. Active Methodologies. Digital Technologies.

RESUMEN

El tema de esta Tesis es el estudio del proceso de enseñanza y aprendizaje de la Lengua Portuguesa, en clases presenciales, por medio de Metodologías Activas y Tecnologías Digitales, en la educación secundaria del Siglo XXI, a partir de la perspectiva de la Educación Lingüística. El trabajo está relacionado con la línea de investigación Lectura, Escritura y Enseñanza de Lengua Portuguesa en la PUC-SP. Las preguntas que orientan el estudio son: 1- ¿Contribuyen las Tecnologías Digitales al proceso de enseñanza y aprendizaje de los estudiantes de secundaria? 2- ¿De qué conocimientos necesitan disponer los profesores de Lengua Portuguesa para impartir clases presenciales en el siglo XXI? 3- ¿Qué beneficios pueden aportar las Metodologías Activas para el desarrollo de la Educación Lingüística? El objetivo general es desarrollar un estudio sobre la influencia de las Metodologías Activas y de las Tecnologías Digitales en el proceso de enseñanza y aprendizaje de la Lengua Portuguesa, en clases presenciales, y la contribución de su uso para los estudiantes del siglo XXI. Los objetivos específicos son: 1-Verificar en qué medida las Tecnologías Digitales contribuyen a la enseñanza y al aprendizaje de los estudiantes de secundaria. 2- Buscar conocimientos que hagan que las clases presenciales sean más significativas en el siglo XXI. 3- Reflexionar sobre Metodologías Activas que favorezcan el desarrollo de la Educación Lingüística. Este trabajo se justifica porque, en el siglo XXI, ante a las tecnologías digitales, es importante considerar el uso de metodologías activas para la formación integral de los estudiantes. La Metodología adoptada fue el Enfoque Biográfico de Josso (2002), denominado por Nóvoa (2000) como Biografía Educativa, se desarrolló a través de varias fuentes, siendo el estudio de caso una de las estrategias entre otros procedimientos metodológicos. El *corpus* se constituye de análisis de un cuestionario semiabierto virtual, entrevistas temáticas escritas y narrativas. El trabajo se basa en los supuestos teóricos de la Educación Lingüística, Metodologías Activas y Tecnologías Digitales, principalmente en Palma; Turazza (2014), Bacich; Moran (2018), Coscarelli (2016). Los resultados obtenidos confirman la hipótesis de que los profesores de Lengua Portuguesa no son contrarios al uso de tecnologías digitales, pero, en la práctica, no siempre las utilizan, prefieren emplear nuevas metodologías para una enseñanza más significativa y un aprendizaje más activo.

Palabras clave: Educación Lingüística. Metodologías activas. Tecnologías digitales.

Lista de Figuras, Quadros e Tabelas

| | |
|--|-----|
| Figura 1- Propostas de Ensino Híbrido | 45 |
| Tabela 1- Respostas do Questionário Semiaberto <i>On-line</i> | 128 |
| Quadro 1- Dados dos participantes da Entrevista Temática Escrita | 137 |
| Quadro 2- Resumo das respostas sobre Tecnologias Digitais | 144 |
| Quadro 3- Resumo das respostas sobre Metodologias Ativas | 154 |
| Quadro 4- Resumo das respostas sobre o Processo Educativo | 165 |

Lista de Abreviações e Siglas

ApEn = Aprendizente-ensinante

BNCC= Base Nacional Comum Curricular

EFI = Ensino Fundamental I

EFII = Ensino Fundamental II

EI = Educação Infantil

EL = Educação Linguística

EM= Ensino Médio

EnAp = Ensinante-aprendente

ENEM = Exame Nacional do Ensino Médio

ES = Ensino Superior

GPEDULING = Grupo de Pesquisa em Educação Linguística

INEP = Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

IP = Instituto de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientae*

LDB = Lei de Diretrizes e Bases

LP = Língua Portuguesa

MEC = Ministério da Educação e Cultura

PCN = Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE = Plano Nacional de Educação

PUC-SP = Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RB = Rio Branco

SAEB = Sistema Nacional de Avaliação da Escola Básica

TCC = Trabalho de Conclusão de Curso

TDIC = Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------|----|
| Considerações iniciais | 14 |
|------------------------------|----|

Capítulo I- Educação Linguística e Metodologias Ativas propostas pelo Grupo de Pesquisas em Educação Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

| | |
|---|----|
| 1.1- Educação Linguística | 24 |
| 1.2- Metodologias Ativas | 36 |
| 1.3- Os Estudantes de Ensino Médio, a BNCC e os Usuários de <i>Internet</i> | 47 |

Capítulo II - Tecnologias Digitais e Educação Digital para uma Pedagogia da Sedução

| | |
|---|----|
| 2.1- Impactos da Tecnologia Digital na Educação | 52 |
| 2.2- Tecnologias Digitais e Experiências no Ensino..... | 61 |
| 2.3- Educação Digital na Sala de Aula com Mídias Digitais | 68 |

Capítulo III – Percurso de alguns dos Procedimentos Metodológicos

| | |
|--|-----|
| 3.1- Subsídios Teóricos para a Metodologia da Pesquisa | 80 |
| 3.2- Abordagem (Auto) Biográfica | 86 |
| 3.3- O Estudo de Caso como uma das Estratégias da Pesquisa | 95 |
| 3.3.1- Primeira Reunião com a Coordenadora e Reuniões Pedagógicas..... | 103 |
| 3.3.2- Observação de Aulas de Tecnologia, de Robótica | 112 |
| 3.3.3- Observação de Aulas de Língua Portuguesa | 117 |

Capítulo IV- Coleta de Dados, Critérios e Análises

| | |
|--|-----|
| 4.1- Coleta de Dados | 125 |
| 4.2- Critérios de análise..... | 128 |
| 4.2.1- Análise do Questionário Semiaberto <i>On-line</i> | 131 |
| 4.2.2 - Análise das Entrevistas Temáticas Escritas | 133 |
| 4.2.3 - Análise da Narrativa da Professora..... | 167 |
| 4.3- Discussão dos Resultados | 180 |

Capítulo V- Possíveis Caminhos a serem seguidos pelos Professores de Língua Portuguesa

| | |
|---|-----|
| 5.1- Educação e Inovação | 187 |
| 5.2- Letramento Didático-pedagógico | 191 |
| 5.3- Movimento de Transformação | 196 |

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Considerações Finais | 214 |
|-----------------------------------|------------|

| | |
|--|------------|
| Referências Bibliográficas..... | 226 |
|--|------------|

| | |
|-----------------------|------------|
| Apêndice | 232 |
|-----------------------|------------|

| | |
|-------------------|------------|
| Anexo..... | 237 |
|-------------------|------------|

Considerações iniciais

O tema desta Tese é o estudo do processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, por meio de Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais, no Ensino Médio do século XXI, na perspectiva da Educação Linguística. Essa tese relaciona-se à linha de pesquisa Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa da PUC-SP. Teoricamente, o trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Educação Linguística, de Metodologias Ativas e de Tecnologias Digitais.

A motivação partiu de minha longa prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa e da minha observação das mudanças de comportamento e atitudes, de professores e jovens, frente às tecnologias digitais, desde o início dos anos 2000. O mundo globalizado, com a criação de uma rede aberta de múltiplas conexões, em diversos espaços, possibilita novas formas de socialização de informações e cria oportunidades de compartilhamento de saberes. Como os contextos virtuais geram novas situações comunicativas, é necessário pensar nas novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem. Assim, este trabalho justifica-se em função de, no século XXI, diante das tecnologias digitais, ser importante considerar o uso de metodologias ativas para formação integral dos estudantes.

A linguagem é considerada uma atividade, uma ação, um fazer, uma forma de atuação e uma interação, numa relação dialógica de ensino e de aprendizagem, e, nesse sentido, o professor precisa ser visto como mediador. Os estudantes devem usar a língua materna para interagir com seus interlocutores e ter acesso a bens culturais. Produzir textos não deve ser entendido apenas como um exercício de escrita, mas de interação e, para isso, o docente deve pensar nos comandos dessa produção: finalidade, interlocutores, gênero, suporte, circulação e posição social.

Aprende-se a ler, lendo; aprende-se a escrever, escrevendo. Com a ideia da mobilidade, presente no uso de *tablet* e *smartfone*, o usuário passa a ser, a qualquer momento, em qualquer lugar, produtor de informação e não só recebedor. Diante disso, o que se tem certeza é que a sociedade do conhecimento exige novas propostas para a prática docente. Os sujeitos envolvidos na Educação precisam pensar na aplicação de novos saberes diante desses desafios da modernidade. O conhecimento é a única ferramenta de que o ser humano dispõe para melhorar sua existência, portanto é importante desenvolver a capacidade de ler, refletir, entender,

analisar e interpretar os fatos, resolver problemas e, com autoria e originalidade, ter iniciativa, diante das novas situações. Os professores precisam buscar um caminho para propiciar aos estudantes o desenvolvimento intelectual.

Como a cultura digital pede mudança de currículo, será necessário entender esse universo com muitas informações e pensar as habilidades necessárias, no século XXI, para o estudante fazer o próprio trajeto, saber fazer escolhas, selecionar as informações, as fontes, produzir textos com criticidade e originalidade, saber expressar e respeitar a diversidade de opiniões, entre outros. O uso de tecnologias digitais, durante as aulas, ainda incomoda alguns professores, que não sabem muito bem como integrar os equipamentos tecnológicos às suas aulas, nem conhecem as contribuições efetivas das tecnologias digitais para melhorar as práticas de ensino e de aprendizagem de língua materna, nem quais gêneros digitais podem propiciar e contribuir para a formação integral dos jovens.

Os gêneros digitais fazem uso intenso da escrita. As tecnologias digitais afetam os hábitos de ler e escrever e criam novos processos de leitura e novas formas de produção textual uma vez que o trabalho na *Web 2.0* é colaborativo. Então, cabe refletir sobre os papéis do professor e dos estudantes e como ambos devem se comportar em relação aos dispositivos digitais. O professor como mediador contribui para que o jovem aprenda a pensar por si mesmo, seja mais crítico e entenda melhor o papel das redes sociais. Essas redes podem funcionar como espaço de ampliação de percepções e serem mediadas pelo professor em sala de aula. O docente também se apropria do compartilhamento digital e aprende junto, em tempo real, a colocar suas observações. O discente aprende a editar textos, comentar postagens, criticar posicionamentos e criar projetos para encontrar sentido para sua vida escolar, assim, talvez, ele consiga ter mais apreço pelo estudo, pela pesquisa, pela escola, pela leitura e pela escrita.

Diante disso, docentes e discentes devem repensar suas identidades, uma vez que o fenômeno é real, irreversível e pertencente a toda sociedade. Nesse contexto, as instituições educacionais precisam discutir essa nova produção de saberes e essa nova forma de busca de informações. O Ministério da Educação estabeleceu que os critérios reguladores da relação ensino e aprendizagem não fossem mais focados na apreensão de conteúdos, mas em desenvolvimento de competências e habilidades. Houve a elaboração de matrizes necessárias para a

formação de um estudante ao fim de seu ciclo escolar na escola básica e a criação de uma avaliação de caráter nacional, o Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM.

Na minha dissertação de Mestrado, defendida em 2016, denominada *Proposta de Desenvolvimento da Produção Textual na Perspectiva da Educação Linguística- para além do ENEM*, sob a orientação da Professora Doutora Dieli Vesaro Palma, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, sobre a produção textual do tipo dissertativo-argumentativa do ENEM, produzida por alunos do 3º ano do Ensino Médio, eu parti da reflexão sobre as minhas experiências pessoais e de minhas leituras teóricas para a análise das propostas de Redação do ENEM e seus resultados. Analisei, também, as repercussões desse exame nos materiais didáticos e, a partir dessas observações, fiz uma sugestão de uma proposta de metodologia ativa. Levando em conta a própria experiência profissional, foi possível comprovar que o ensino da Redação na 3ª série do EM, com base apenas na prova do ENEM, não é produtivo.

Como dito nessa dissertação, este é um momento de ambiguidade e de transição em que há um desafio a ser enfrentado: a Sociedade do Conhecimento exige uma perspectiva interdisciplinar. Para que o ensino no Brasil estabeleça sua função social, o professor de língua portuguesa deve propiciar aos estudantes o desenvolvimento de habilidades e competências, para a formação do espírito crítico e da capacidade de expressão do mundo, que perdurem na vida deles para além dos muros da escola. O docente precisa preparar o jovem para enfrentar situações reais da vida diária. Embora minha intenção, nessa dissertação, não tenha sido discutir o uso de tecnologias digitais, entendo que elas podem contribuir para o desenvolvimento das produções textuais e oferecer novas possibilidades, já que, no século XXI, facilitam a troca de informações e possibilitam velocidade de busca de dados. Sendo assim, podem colaborar para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem e reformular o conceito de aprender e de ensinar.

Diante disso, iniciei o projeto de Tese ainda durante o Mestrado. Passei o segundo semestre de 2016, não só fazendo a revisão da dissertação, após a qualificação, mas também elaborando o projeto para participar do Processo de seleção para o Doutorado. Em pesquisa realizada, no Google Acadêmico, em 21/9/16, na busca por “Tecnologias Digitais e Língua Portuguesa” com a opção “a qualquer momento”, foram encontrados 34000 estudos e, na opção “em 2016”, 3820 estudos. Em outra busca com “Estudo de caso de ensino de Língua Portuguesa com

uso de tecnologias”, na opção “a qualquer momento”, foram encontrados 25800 estudos e, na opção “em 2016”, 3890 estudos. As palavras-chave, que mais apareceram, foram: Aplicativos. Aprendizagem móvel. *M-learning*. Redes Sociais Digitais. Tecnologia da informação e Comunicação. Interação informacional. Busca de Informação na Internet. Objetos digitais de aprendizagem. Web 2.0. Letramentos digitais. Letramento Informacional Digital. Novos letramentos. Multiletramentos.

Percebi que, neste estudo de Doutorado, seria possível aprofundar mais a reflexão sobre uso das tecnologias digitais, em que muitos, ao mesmo tempo, *on-line*, estão opinando, argumentando, dialogando, reclamando, solicitando, informando, debatendo, defendendo, acusando em diversas atividades como nos *chats*, nos grupos de discussão, ou mesmo, nos comentários compartilhados coletivamente. Comecei a refletir que talvez essas atividades pudessem dinamizar as aulas e melhorar a relação, por vezes problemática, que alguns possuem com o processo da leitura e da escrita, numa situação mais adequada à realidade dos jovens, que é pautada pelas tecnologias digitais. Tudo isso poderia se configurar em possibilidades de auxílio ao desenvolvimento e ampliação do apreço pela leitura e pela escrita.

Até 2014, apresentava-me no currículo profissional¹ com Graduação e Especialização pela PUC-SP, descrevia que considerava ter tido boa formação acadêmica, bons conceitos em avaliações e em diversos cursos de média e longa duração e várias participações em Congressos, durante toda minha carreira profissional. Descrevia-me com vasta experiência como professora, além de executar trabalhos de revisão, tirar dúvidas *on-line*, produzir projetos educativos tecnológicos, orientar TCC no EM e preparar para vestibulares. Apresentava os excelentes resultados de meus estudantes nas Redações do ENEM, conquistando 1º Lugar no ABC, diversas vezes, pela Instituição em que eu trabalhava, além de conseguir ótimas notas dos vestibulandos em Universidades Públicas.

Descrevia-me como uma pessoa que sempre buscava novos projetos, que colocassem à disposição dos estudantes traços culturais acumulados e possibilitassem a construção de situações de aprendizagem geradoras e produtoras de conhecimento. Mostrava que meus objetivos como professora sempre foram transmitir o gosto pelo estudo, pela reflexão, respeito pelo semelhante, pelo legado

¹ Para ver o currículo na íntegra, consulte o Lattes.

dos antepassados, por opiniões diferentes, respeito à propriedade coletiva, valorização da cooperação entre as pessoas e estabelecimento de ideais de vida.

Meu primeiro contato pessoal com as tecnologias digitais ocorreu em Fevereiro de 1995, numa Oficina Pedagógica, de 14h de duração, com o núcleo de Pesquisa das *Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação*, da *Escola do Futuro*, da USP/SP, intitulada *Sensibilização ao uso de novas tecnologias*, ministrada por Yolanda B. C. Cortelazzo, dentro do Colégio onde eu trabalhava em SBC, o *Colégio Terra Mater*. Já minha primeira experiência profissional, exclusivamente, com tecnologias digitais, aconteceu em 2000, com o Portal da *Internet Klickeducação*, mas, ao analisar mais atentamente meu currículo, descobri que o interesse por alguns desses temas continuou na lista de Cursos Complementares, que realizei até o último ano em que trabalhei em 2014, sendo eles: Metodologias, Internet, Tecnologias Digitais e Redes Sociais, Perfil do Professor, Formação dos Professores, Aperfeiçoamento Docente, Novas formas de ensinar e aprender e Desenvolvimento de Competências.

O que mais me surpreendeu e encantou foi um curso que decidi fazer, em 2002, no IEL- USP/SP, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, teve como duração 32 horas e ocorria aos sábados, uma vez por mês, intitulado *EDUCAR na Sociedade da Informação*. Ao final, devíamos produzir um texto com a temática *Novas Práticas na Educação: Tecnologia, Vocação e Emprego*. Eu obtive menção A, na avaliação do Professor Doutor Gilson Schwartz, da Cidade do Conhecimento. O objetivo dele, de Manoel O. de Moura e de Nilson José Machado, entre outros, que ministraram aulas, era oferecer uma visão crítica das novas tecnologias de ensino, em várias áreas do conhecimento.

Diante dos questionamentos apresentados e das reflexões suscitadas durante esse curso, fiz umas sugestões e alguns encaminhamentos de propostas possíveis de serem realizadas em meu local de trabalho na época. Como professora de Língua Portuguesa, eu pensava em desenvolver autonomia em meus alunos. Passei a entender que era necessário ampliar o conceito de aula, não queria meus alunos fiéis executores de tarefas, pois não percebia ser esse o melhor caminho, eu vinha percebendo que obedecer não era a melhor forma de aprender e que a aprendizagem precisava de pontos de vista divergentes.

Eu já tinha a percepção de que um aluno motivado e um professor que gosta de seu trabalho facilitariam o ensino e a aprendizagem. Não me identificava com a

imposição de um projeto fechado de curso, mas com um programa, com algumas diretrizes, que possibilitasse a construção de caminhos de aprendizagem, na medida em que os professores fossem descobrindo as habilidades dos alunos, principalmente, mostrando a importância deles no processo. Eu já entendia que seria necessário rever a função do professor, que ele poderia usar seu conhecimento, mas perceber o quanto também podia aprender com seus alunos. Talvez por eu pensar assim, acabei me interessando tanto pelo Grupo de Pesquisas de Educação Linguística (GPEDULING)², quando cheguei ao Mestrado na PUC-SP.

Na época, eu entendia que muita coisa deveria acontecer fora, e não apenas dentro da escola e imaginava que uma educação, que educasse para o século XXI, deveria combinar informática, mídia, pais, comunidade e professores. Os meios de comunicação não deveriam se restringir à presença de televisores nas salas de aula, mas que as escolas entregassem câmeras de vídeo e solicitassem aos alunos que eles produzissem seus próprios filmes. Os pais, ao invés de se limitarem a visitas ocasionais às escolas, fizessem uso de seus conhecimentos, de conexões com a *Internet*, tornando-se professores particulares. Os estudantes deveriam ser colocados em contato com a comunidade e com todos os especialistas que tivessem um conhecimento a partilhar, nos locais específicos em que trabalham e os professores deveriam ser solicitados a congregar pais, voluntários da comunidade e a mídia para transformar a escola num sistema educacional que simulasse o futuro.

Felizmente, em 1999, algumas escolas estavam produzindo mudanças no Ensino Médio, procurando adequar a sala de aula à vida moderna. Essas inovações eram baseadas em mudanças anunciadas pelo Ministério da Educação, que decidiu que o ensino deveria ser interdisciplinar e contextualizado, os conhecimentos de cada área deveriam ser utilizados na produção de projetos comuns e os alunos precisariam saber como aquilo que estudam tem a ver com o que vivem. A função do trabalho pedagógico é a de pôr o aluno em interação com a ciência, as artes e os valores. Educar é ajudar a desenvolver, complementar a cognição, a ética e a estética.

² O grupo existe desde 2006 e, tem, como líder, a Professora Doutora Dieli Vesaro Palma. Ele é formado por doutores, mestres, alunos de pós-graduação, são discutidos os temas ligados à Educação Linguística, principalmente, em relação à formação dos professores.

Eu entendia que era necessário desenvolver, também no professor, esses conhecimentos que revelassem para ele essa capacidade de ser um autor cultural. Cheguei a pensar em propor um projeto de leitura para os professores, para que eles pudessem também criar suas próprias páginas de referência, ou, então, dar uma contribuição para ser inserida na página já criada pelo professor de português. Eu via uma necessidade de mudança de atitudes e novas orientações, que transformassem meus alunos em aprendizes independentes, capazes de estender e renovar seus conhecimentos por si próprios, tornando-os cada vez mais proficientes, entendia que era necessário transmitir e discutir com meus alunos o que eu esperava como resultado da tarefa do aprender.

Eu já pensava que seria necessário saber lidar com a tecnologia e, ao mesmo tempo, com a sabedoria da vida, com o autoconhecimento para que esse momento de transição, do século XX para o XXI, pudesse trazer mais segurança nessa jornada para o futuro da educação. Eu percebia que a *Internet* e as tecnologias digitais poderiam colaborar para melhorar a vida das pessoas, fazer com que elas poupassem tempo e encontrassem informações antes acessíveis a poucos, descobrissem novas carreiras e negócios.

Em 2019, submeti o Projeto de Pesquisa ao comitê de ética da PUC-SP, por meio da Plataforma Brasil, também anexe a declaração de mérito da minha pesquisa, emitida pelo coordenador do curso de *Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP*, a autorização da direção do *Externato Rio Branco*, para que eu realizasse minha pesquisa lá, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido de todos os participantes da pesquisa. O Parecer do Colegiado foi aprovado e liberado na Plataforma, em 23/5/19, com as seguintes informações: atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado nas Resoluções CNS/MS n. 466/12 e CNS/MS n. 510/2016 que tratam das pesquisas que envolvem seres humanos. A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

Sempre fiquei muito incomodada com um pensamento do senso comum de que o aluno do século XXI convive com o professor do século XX e com a escola do século XIX. Embora minhas experiências pedagógicas, como aluna e como professora, não possuam estruturas e acontecimentos iguais, percebo alguns componentes constantes, mas também muitas alterações, no decurso dos anos.

Para certificar-me disso, decidi ouvir os professores que viveram, como eu, uma trajetória profissional, na mesma época, mas em espaços diferentes para verificar as situações que vivenciaram, em sala de aula, sem a influência das tecnologias digitais e as situações que vivenciam, em sala de aula, com a interferência de recursos tecnológicos.

A partir dessas breves considerações, as perguntas que orientam o estudo são:

- 1- As Tecnologias Digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio?
- 2- Quais conhecimentos os professores de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI?
- 3- Quais benefícios que as Metodologias Ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística?

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um estudo sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso delas para os estudantes do século XXI.

Os objetivos específicos são:

- 1- Verificar em que medida as Tecnologias Digitais contribuem para o ensino e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio.
- 2- Buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas presenciais no século XXI.
- 3- Refletir sobre Metodologias Ativas que favoreçam o desenvolvimento da Educação Linguística.

Tenho como hipóteses que as Tecnologias Digitais, que caracterizam a sociedade do conhecimento, contribuem para a atuação do professor de língua materna, no entanto, a mobilização e o engajamento dos estudantes independem do uso de tecnologias digitais. O conceito de Inovação na Educação deve passar pela inserção da tecnologia digital, que faça sentido na prática pedagógica, mas, principalmente, pelo pensamento estratégico para o bem comum e humanizador da sociedade. O contexto escolar deve preparar o jovem para o mundo real, para o que

ele vai precisar de fato. Por isso, é importante pensar em Metodologias Ativas para as aulas presenciais, que as transformem num momento mais instigante e desafiador e tornem a prática de sala de aula mais inovadora e dinâmica e, ao mesmo tempo, mais significativa para docentes e discentes.

Como pesquisadora, pretendo partir, em princípio, de minhas lembranças do colégio, onde estudei, em São Bernardo do Campo, o Externato Rio Branco, para, depois, ouvir as outras vozes, em outros contextos temporais, com outras práticas de desenvolvimento docente. Considero injustas as críticas vindas de alguns cientistas, quanto às investigações que tenham sido feitas, por meio de narrativas dos professores, dada a relevância que percebo nessa investigação educacional qualitativa, que dá voz ao docente. A Metodologia adotada foi a Abordagem Biográfica de Josso (2004), chamada de Biografia Educativa por Nóvoa (2000) e foi desenvolvida por meio de várias fontes de evidência, sendo o estudo de caso apenas uma das estratégias, entre outros procedimentos metodológicos. Em relação a esses procedimentos, optei, como pesquisadora, por ouvir os professores de Língua Portuguesa, dada a relevância que percebo nessa investigação educacional qualitativa, que dá voz ao docente. Participei de reuniões pedagógicas e fiz observações de aula. Apliquei questionário e entrevistas e coletei narrativa da professora do Externato Rio Branco, de São Bernardo do Campo, colégio onde estudei.

Entendo que esse é o diferencial de meu trabalho em relação a outros já realizados sobre tecnologias digitais e metodologias ativas. Decidi pesquisar esses temas a partir das vozes de outros professores de Língua Portuguesa e, principalmente, da professora de Língua Portuguesa, Lucia Helena Mimoso de Paula. Ela há mais de 40 anos ensina nesse colégio e ainda motiva e engaja seus alunos. A partir das vozes desses professores, foi possível propor ideias para o desenvolvimento da Educação Linguística que sirvam de contribuição futura para os professores de Língua Portuguesa do século XXI.

O *corpus* constitui-se de análises de questionário semiaberto *on-line*, entrevista temática escrita e narrativa para investigar a trajetória do ensino de Língua Portuguesa e interpretar dados, fatos e noções de aplicações de propostas para práticas inovadoras. Por fim, apresento reflexões e sugestões de aplicação de metodologias ativas e tecnologias digitais. Alinhada com essa visão da reflexão sobre a prática, decidi estruturar a tese apresentando o conceito de Educação

Linguística, que é a perspectiva em que este trabalho se insere e buscar pesquisas e estudos científicos sobre o uso das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais, que configurem possibilidades de auxílio ao professor e ampliem o apreço dos estudantes pela leitura e pela escrita. Esse trabalho está organizado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, evidencio a concepção de Educação Linguística (EL) proposta pelo Grupo de Pesquisa em Educação Linguística (GPEDULING) do Instituto de Pesquisas (IP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Abordo as concepções sobre Metodologias Ativas e Ensino Híbrido. Comento sobre os Estudantes de Ensino Médio, a BNCC e os Usuários de *Internet*.

No segundo capítulo, discuto a questão do uso de Tecnologias Digitais. Faço, também, uma reflexão sobre as pesquisas digitais de ensino fora do Brasil e as experiências digitais de ensino no Brasil. Ainda, apresento a Educação Digital na sala de aula com uso de Mídias Digitais e reflito sobre Pedagogia da Sedução e Coensino tutorado como possibilidade no ensino de Língua Portuguesa.

No terceiro capítulo, destaco a Metodologia da Pesquisa, depois apresento alguns elementos que foram importantes para as análises como as reuniões pedagógicas e observação de aulas de Tecnologia, Robótica e Língua Portuguesa.

No quarto capítulo, apresento os critérios de análise e analiso o questionário semiaberto *on-line* com 53 participantes no *Google Forms*, as entrevistas temáticas escritas com 12 professores/ pesquisadores, feitas por *WhatsApp* e por *email* e a narrativa oral da professora do Externato Rio Branco, de São Bernardo do Campo. Traço, por fim, a discussão dos resultados.

No quinto capítulo, sugiro possibilidades didáticas a serem desenvolvidas pelos professores, coloco-me como profissional experiente e capaz de colaborar na busca de novas e originais soluções para produzir conhecimentos válidos a respeito do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa.

Por último, faço as considerações finais a que esse estudo conduziu, em relação ao percurso empreendido, na busca de contribuir para a prática dos docentes e discuto os desafios educacionais do século XXI no ensino de Língua Portuguesa. A seguir, apresento os conceitos utilizados de Educação Linguística e de Metodologias Ativas.

Capítulo 1 - Educação Linguística e Metodologias Ativas

A Sociedade do Conhecimento exige uma perspectiva interdisciplinar, o professor de língua materna deve propiciar aos estudantes o desenvolvimento de habilidades e competências, para a formação do espírito crítico e da capacidade de expressão do mundo. As tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e da produção textual, já que, atualmente, facilitam a troca de informações e possibilitam velocidade na busca de dados. Sendo assim, podem reformular o conceito de aprender e de ensinar.

Apresento os estudos do Grupo de Pesquisa de Educação Linguística-GPEDULING, do Instituto de Pesquisas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e as possibilidades de contribuição deles para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa. Os objetivos deste capítulo são apresentar Metodologias Ativas que favoreçam o desenvolvimento da Educação Linguística e refletir sobre os Estudantes de Ensino Médio, a BNCC e os Usuários de *Internet*.

1.1- Educação Linguística

A área de pesquisa deste estudo é a Educação Linguística (EL) como contribuição ao processo de ensino e aprendizagem. Na concepção de Educação Linguística do Grupo de Pesquisa GPEDULING da PUC-SP, os saberes científicos e os linguísticos inter-relacionam-se aos pedagógicos e aos didáticos. Nessa perspectiva, a EL é entendida como processo de ensino e de aprendizagem que visa a tornar o indivíduo capaz de usar a língua materna de forma consciente, com proficiência, em múltiplas situações sociais, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e habilitando-o ao exercício da cidadania.

Palma e Turazza (2012) entendem que o professor de Língua Portuguesa precisa proporcionar ao discente a capacidade de autodesenvolvimento e, para que os estudantes desenvolvam novas competências, os docentes precisam buscar novos procedimentos e novas estratégias. Essas autoras mostram o conceito de competência comunicativa, entendida como parte da competência cultural e apontam para a ampliação de outras competências, entre elas, saber o que dizer, a quem, quando e como. Baseadas em estudos de Lomas (2003), desenvolvidos na Espanha, elas procuram encontrar novas formas de responder aos novos desafios. A partir disso, propõem que, para o desenvolvimento da competência comunicativa,

será necessário trabalhar “as competências: linguística, sociolinguística, textual-discursiva, estratégica, semiológica e literária”. (PALMA; TURAZZA, 2014, p.37-38).

A Educação Linguística (EL), proposta pelo GPEDULING, tem por objetivo geral transformar os estudantes em seres pensantes-comunicantes, termo utilizado por Cília Pereira Leite, Madre Olívia³, que entendia que o homem aprende a colocar os conhecimentos de mundo compartilhando-os, socialmente, por meio de práticas de linguagem. A escola necessita incorporar a ideia de que tanto o docente, como o discente são seres pensantes-comunicantes e, portanto, no processo de ensino e aprendizagem ambos têm um papel ativo.

As professoras doutoras Dieli Vesaro Palma e Jeni Silva Turazza inspiradas em Alicia Fernández, psicopedagoga argentina, que defende o uso dos termos ensinante e aprendente, decidem registrar os termos ensinante-aprendente (EnAp) e aprendente-ensinante (ApEn)⁴, indicando que o docente deve orientar, mas também aprender com os estudantes; e o discente não apenas receber conhecimentos, mas tornar-se responsável pelo próprio aprender e, também, ensinar ao mestre e aos outros participantes da aula.

Para elas, é fundamental os professores conhecerem novos procedimentos e identificarem novas estratégias, para que os estudantes desenvolvam novas competências. Trata-se, portanto,

de um modelo de formação eclético, inter e multidisciplinar, de caráter geral, global e integrador, isto é, capaz de facultar a seleção de um vasto repertório de saberes cada vez mais diversificado. (PALMA; TURAZZA, 2012, p.149).

Segundo Palma, Turazza e Nogueira (2008), o século XX foi marcado por transformações e os avanços tecnológicos abriram novas perspectivas para a escola, que começa a deixar de ter como foco o professor. Para esses autores, o século XXI aponta como continuador desse novo conceito de educação e, ainda, amplia a função do educador como um mediador desse processo. A EL vai

³ Fundadora do *Instituto de Pesquisas Linguísticas “Sedes Sapientiae” para estudos de Português da PUC/ SP* (IP-PUC/SP), docente e pesquisadora na *Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae*, posteriormente ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 1957 a 1994, ano de sua morte.

⁴ O termo aprendente-ensinante é usado pelo GPEDULING para enfatizar o papel ativo do estudante, que é responsável por seu aprender, mas, ao mesmo tempo em que aprende, também ensina. O termo ensinante-aprendente é utilizado para se referir ao professor, indicando que o docente também aprende com os discentes. Eles serão indicados por ApEn e EnAp.

possibilitar a reinterpretação dos conceitos de linguagem, de língua, de texto, de gêneros, de estratégias de diferente natureza, entre outros, à luz do novo desenho da sociedade. (PALMA, TURAZZA, NOGUEIRA, 2008, p.10).

Em relação a esses conceitos de linguagem à luz do novo desenho da sociedade, é importante refletir sobre como produzir um texto digital coeso e coerente, assim como o que se pretende com a produção desse texto, como os leitores aceitarão esse conteúdo, como ajustá-lo ao conhecimento do leitor virtual, que não pode ser exatamente identificado, como ajustar esse texto à situação em que ele ocorre e como conectar essa produção à experiência prévia com outros textos.

Considero que, no contexto digital, leitura e escrita funcionam como movimentos complementares e dinâmicos e tanto o escritor como o leitor são ativos, também nesse espaço de interação. A questão é como a Educação vai se relacionar com esses novos caminhos de leitura e de produção. Penso que o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) pode funcionar como motivação para as aulas, mas caberá às Instituições Educacionais ensinar os estudantes a lidarem com a coleta de informações, com a criação e com o compartilhamento delas.

Na concepção tradicional de transferência do conhecimento, o EnAp decide o que e quando aprender, o ApEn ouve, lê e faz exercícios. Na concepção de construção do conhecimento, por sua vez, ambos podem aplicar e resolver problemas, trabalhar em conjunto e sugerir melhorias para a construção de um projeto inovador de ensino e de aprendizagem. Destaco que, afinal, esse é o desafio, para as instituições de ensino, inseridas na Cultura Digital, reconhecer o potencial efetivo das tecnologias digitais para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Se a sociedade contemporânea funciona a partir de uma diversidade de linguagens, de mídias e de culturas, isso tem de ser tematizado na Educação. Observo que, no século XXI, algumas crianças parecem se alfabetizar em *Ipads* e *Iphones*, logo os profissionais da Educação Básica precisam preparar esses estudantes para interagir, opinar e adaptarem-se às variadas situações comunicativas, a que estão sendo inseridos, para que a vida escolar se torne menos difícil. Inserir o uso das redes e mídias sociais nas aulas é uma opção possível.

No Brasil, diversas são as propostas curriculares e programas que valorizam o texto. Desde a década de 80, ele tem sido visto como objeto de uso e de ensino, seja para leitura, compreensão ou produção, seja para uma análise linguística. A ideia dos PCN (Brasil, 2000) é que o trabalho com o texto pode ser feito com base nos gêneros orais ou escritos e a leitura e a produção textual, com base neles, podem levar os estudantes a produzirem os mais diversos eventos linguísticos, por meio de práticas significativas.

Para Dolz e Schneuwly (2007), a relação dos estudantes com as práticas da linguagem deve ser vista como uma prática social e de interação, nas diversas modalidades, nos diferentes contextos. Esses autores entendem que é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes. A EL, proposta pelo GPEDULING, também entende que o EnAp deve ter como base os gêneros, para uma prática interacional-sócio-cultural que leve ao desenvolvimento da competência comunicativa.

Palma e Turazza (2014) defendem que os gêneros precisam se tornar objetos de ensino e de aprendizagem, pois se concretizam nas situações comunicativas, na forma de textos. Percebo que, diante da multiplicidade de gêneros, há necessidade de se fazer escolhas e EnAp e ApEn devem planejar o que vão priorizar, independentemente do material de ensino escolhido pelo colégio. Os PCN (Brasil, 2000) apresentam sugestões de gêneros para a prática de compreensão e outros para a de produção, mas não deve o professor ficar restrito a essas sugestões, uma vez que o ensino passou por mudanças desde a época de publicação dos PCN, há quase 20 anos.

Koch e Elias (2010) veem texto, escrita e práticas de ensino como funcionamento da linguagem, à luz de uma concepção sociocognitiva e interacional. Nessa perspectiva, os interlocutores são sujeitos ativos e estão numa relação dialógica, portanto precisam desenvolver uma atitude colaborativa nos modos de organização, configurar sua intenção, determinar a quantidade de informações, selecionar a variante linguística adequada e fazer adequação do gênero.

Destaco que o papel da escola vai além de o ApEn saber ler e escrever, porque o conceito de letramento indica que ser letrado é ser capaz de desenvolver com habilidade a leitura e a escrita em diferentes situações sociais. A tríade autor/texto/leitor distribui responsabilidades entre os participantes, como esclarece Kleiman (1995):

O leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões. Contudo, não há reciprocidade com a ação do autor, que busca, essencialmente, a adesão do leitor, apresentando para isso, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência convincente da forma mais clara possível, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de facilitar a consecução de seu objetivo. (KLEIMAN, 1995, p.65).

Em consonância com a autora, aponto que as falhas no processo podem ocorrer por ineficiência do leitor para compreender o texto, mas podem também decorrer da insuficiência de marcas do próprio texto. Destaco, ainda, que as mudanças no processo, do meio impresso para o digital, estão mais ligadas ao fato de o leitor precisar lidar com a nova interface, a velocidade de acesso e as formas de navegação. Entendo que a questão é pensar o que se lê e o que se escreve no século XXI, bem como o que e o como se aprende a ler e a escrever na escola.

Observo que os textos usados nas comunicações digitais, muitas vezes, priorizam o não verbal, apresentam ícones, diversas fontes, formatações, cores, movimentos, mas algumas escolas têm priorizado o verbal. Os jovens precisam aprender a utilizar eficientemente índices, menus, títulos, subtítulos, marcas de diagramação, em capítulos, em *sites*, encontrar e selecionar informações, bem como fazer uma leitura crítica desses materiais e fazer produções de diversos gêneros, em ambiente digital ou não.

Os EnAp precisam incorporar, ao ensino da leitura e da produção, textos de diferentes mídias, impressas e digitais, e ensinar como lidar com eles, nesse universo multimidiático. Considero que os dispositivos eletrônicos, cada vez mais sofisticados na vida cotidiana, produzem mudanças na textualização, na forma como as pessoas produzem e leem. Diante disso, a escola não pode mais se restringir à cultura do verbal, pois o processo de criação, circulação e recepção explora aspectos como a hipertextualidade. Muitos autores defendem que a hipertextualidade está tanto nos ambientes impressos quanto nos digitais, ambos são dialógicos e polifônicos e quem deve decidir o caminho de leitura é sempre o leitor. Navegar num site de pesquisa ou num livro, selecionar a informação relevante e confiável, escolher o conteúdo a ser disponibilizado em rede ou em texto impresso, definir a linguagem mais apropriada são habilidades que precisam ser desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa.

Não basta introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos digitais para diminuir a distância entre as leituras e práticas que os jovens desenvolvem fora da escola; mas deve-se criar condições para escolher concepções de ensino e de aprendizagem que considerem o estudante como protagonista, proporcionar formas plurais de leitura e de produção, num trabalho colaborativo entre EnAp e ApEn, aprender a lidar com os dispositivos digitais, controlar os propósitos de leitura, usar a informação de forma original e inovadora e, assim, desenvolver novas ideias, descentralizar o papel do professor, permitir que os estudantes se tornem menos passivos e mais participativos. É preciso desenvolver aulas que levem ambos a compartilhar impressões, trocar informações, aprender com os pares, construir significados partilhados, diminuindo a ideia de transmissão do EnAp e de recepção do ApEn, assemelhando-se à forma como as pessoas interagem, na vida em sociedade, em contextos mais participativos e interativos como o das redes sociais.

Embora no século XXI, mais pessoas sejam alfabetizadas na escola, e a tecnologia digital tenha aberto possibilidades ainda maiores de acesso à leitura, os jovens que concluem o Ensino Médio não são plenamente leitores, nem possuem plenas habilidades de inferir, deduzir, compreender, conectar, relacionar, duvidar, criticar, ou mesmo perceber incoerências num texto, seja ele impresso ou digital. Aliás, uma leitura competente independe de artefatos eletrônicos.

Coscarelli (2016) discute os conceitos de navegação e leitura, bem como as diferenças entre leitura na *internet* e em outros ambientes digitais. Para a autora, essa leitura envolve habilidades diferentes, como a navegação, com o conjunto de ações da leitura eletrônica como digitar, clicar, rolar, arrastar. Ela entende que, no texto impresso, também ocorra navegação, como olhar a capa, a quarta capa, o índice a divisão de capítulos de um livro, numa livraria, ou a primeira página e a divisão dos cadernos num jornal. Para ela, ler na internet envolve navegação e leitura e, embora sejam atividades que acionem estratégias semelhantes, também possuem diferenças, como a autora explica:

Navegar requer habilidades de leitura para olhar a informação e construir sentido a partir daquela busca. Ler inclui usar a compreensão construída na navegação, assim como usar os textos selecionados para conseguir mais informação, construir um sentido mais profundo do tópico, reunir mais evidências para os sentidos construídos e cumprir a tarefa da melhor maneira possível. (COSCARELLI, 2016, p. 78).

A autora entende leitura e navegação, como atividades complementares. Para aprender usando a *internet*, o usuário precisa desenvolver um conjunto de habilidades de leitura e também de navegação, correr os olhos mais rapidamente pelo texto ou ler detalhadamente para encontrar as informações e para a construção de significados para os textos da *internet*. Coscarelli (2016) menciona o fato de haver poucas pesquisas sobre a leitura *on-line* e sobre a distinção entre navegação e leitura, sendo que a navegação parece estar mais relacionada à busca de informações e as estratégias que o usuário desenvolve, entre elas, saber usar os mecanismos de busca, de palavras-chave, inferir o conteúdo do *link*, e a leitura está mais relacionada à compreensão e a um sentido mais profundo de interpretação.

Entendo que, no caso de pesquisa escolar, o EnAp precisa, além de motivar o ApEn a ler e a compreender o que lê, ajudá-lo nas estratégias para a identificação de *sites* e fontes confiáveis, reconhecimento de *links*, URLs⁵, ícones, compreensão de barras de rolagem e menus, avaliação crítica das informações, questionamento das afirmações, uso de inferências, análise da informação não verbal e do leiaute dos ambientes digitais, distinção do conteúdo do *site*, de *banners* e de propagandas apresentadas na página.

O EnAp, além de ajudar o ApEn a desenvolver os procedimentos de inferir, construir sentido, avaliar, característicos da leitura, precisa pensar em ensinar a usar barras de rolagem e menus pelas páginas para busca, para localização, seleção, avaliação, típicos dos procedimentos envolvidos na navegação nos moldes propostos por Coscarelli (2016). Os jovens precisam entender que uma navegação nem sempre equivale à compreensão das informações selecionadas, já os professores precisam entender que uma concepção ampla e atual de leitura, em ambientes digitais, deve levar em conta o conceito de navegação, para orientar o planejamento de situações de ensino que leve os jovens a serem mais eficientes na leitura.

Os leitores do século XXI deparam-se com novos e diferentes tipos de textos e novas formas de ler e de interagir. Para Novais (2016), a perspectiva dos gêneros textuais fez emergir uma importante discussão sobre os suportes textuais, em função da multiplicidade de formas, que os textos têm assumido, com as tecnologias

⁵ URL é uma sigla que corresponde às palavras inglesas *Uniform Resource Locator*, que foram traduzidas para a língua portuguesa como Localizador Uniforme de Recursos. Um URL se refere ao endereço de rede.

digitais⁶. Para ela, considerar os portadores de texto como parte importante da construção de sentidos foi um grande avanço. A autora defende que a discussão sobre as relações entre ler e navegar, nos ambientes digitais, que ocorrem no meio acadêmico, precisa chegar à sala de aula. As marcas de navegação podem variar de acordo com o suporte e, nos ambientes digitais, elas são orientadas pelas interfaces digitais, como a padronização dos botões, as cores das janelas e as sequências de comandos nos *emails* ou nas redes sociais. A navegação digital e as interfaces gráficas digitais fizeram parte da pesquisa dela de Mestrado (2008), e, nela, a autora propõe uma “gramática das interfaces”:

as interfaces digitais- tais como conhecemos hoje, com janelas, botões e barras de rolagem- começaram a ser desenvolvidas na década de 1960. As interfaces mais comuns são as do sistema *Windows*, as distribuições *Linux* e a interface dos computadores *Macintosh*, da marca *Apple*. Hoje temos alguns sistemas diferentes para celular, como o *Android* e o *IOS*. Apesar de existirem variações, os princípios que regem o desenvolvimento desses sistemas são muito semelhantes. Mesmo entre programas de empresas concorrentes, alguns padrões se mantêm, por já estarem canonizados e consolidados pelos usuários (...). Esses padrões e regras de coerência auxiliam e direcionam a leitura na medida em que favorecem analogias, aproximações e inferências dos usuários. (NOVAIS, 2016, p.85-86).

Compreender a sintaxe, a partir da qual operam as interfaces gráficas digitais, auxilia a navegação por esses ambientes e, numa tentativa de sistematizar as habilidades de leitura e escrita mediadas pelas tecnologias digitais, Marcelo Cafiero Dias e Ana Elisa Novais⁷, ambos da UFMG, criaram uma proposta de matriz⁸ para suprir a carência de orientações curriculares oficiais,

seus descritores foram divididos em quatro grandes grupos, ou “ações de usuários competentes”, a saber:
utilizar diferentes interfaces;
buscar e organizar informações em ambiente digital;
ler hipertexto digital;
produzir textos (orais ou escritos) para ambiente digitais.
(NOVAIS, 2016, p. 87).

⁶ A diferenciação entre gênero e suporte, por vezes, é conflitante entre os autores. Apoiado em Marcuschi (2008), suporte é visto pelo GPEDULING como o meio físico que serve de base para a materialização de um texto, como revista, livro, *site*, entre outros. Não existe texto, sem suporte. O suporte escolhido pode modificar a forma de se apresentar o gênero textual, uma carta que passa a ser um *email*, em função dos propósitos comunicativos. O mesmo ocorre com o gênero textual anúncio que pode aparecer nos suportes *outdoor* ou revista.

⁷ Esse trabalho foi apresentado ao Grupo de Discussão Propostas Pedagógicas Mediadas por Mídias Digitais, no III Encontro Nacional sobre Hipertexto, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁸ A matriz completa de letramento digital está disponível em <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/p-w/por-uma-matriz.pdf>

Para essa autora, o pior risco seria a “gramaticalização” dessas atividades, isto é, fazer apenas a apresentação dos ícones das interfaces, comparar as características de telas de programas diferentes, como ocorreu numa oficina que a autora ministrou, para apresentar a matriz de letramento digital aos professores. Novais (2016) propõe que as interfaces possam fazer parte das aulas de leitura e de produção e que possam ser consideradas como parte das atividades de leitura, de pesquisa na *internet*, de produção de textos digitais, da interação em redes sociais etc.

É possível que nunca tenha se escrito tanto quanto no século XXI, mas a questão é que talvez as noções de texto, estritamente linguísticas, não sejam suficientes quando se trata de produções digitais, uma vez que é possível escolher dizer algo por meio de fotos, ilustrações, desenhos, sons, números, gráficos, tabelas, infográficos, entre outros. A oralidade e as imagens têm-se misturado aos textos escritos, o que traz à tona a necessidade de discussão sobre essas linguagens. A questão, certamente complexa, para o professor de língua portuguesa, passa pela tarefa de ensinar a ler e a produzir textos, nessas composições multimodais e, para isso, seria importante a integração de outras disciplinas como geografia, história, matemática que oferecem outras habilidades necessárias para leitura e produção, presentes em mapas e gráficos, nesses novos textos, que circulam cada vez mais na sociedade tecnológica.

Exames como o Programa Internacional de Avaliação de alunos (PISA), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) já trazem essa diversidade na apresentação de mapas, gráficos, infográficos, entre outros, mas crianças e jovens brasileiros têm apresentado resultados deficientes de letramento nessas provas. As mídias têm uma grande oferta de eventos de letramento, mas a escola é o lugar em que os estudantes precisam fazer as apropriações mais críticas e reflexivas tanto da leitura como da produção escrita e oral. As tecnologias digitais oferecem eventos diversos de letramento por meio de *memes*⁹, *gifs*¹⁰, *games*, *emoticons*¹¹, aplicativos e *softwares*

⁹ O termo é utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, vídeo, imagem, frase, ideia, música que se espalhe, rapidamente, alcançando popularidade.

¹⁰ GIF (*Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos) é um formato de imagem muito usado na Internet utilizado apenas para armazenar ícones e pequenas animações. O GIF animado é composto de várias imagens compactadas em um só arquivo.

variados, como GPS¹², *Google Maps*¹³, por meio de linguagens e recursos articulados como os linguísticos, imagéticos e gráficos. A questão é como ensinar os jovens a aprender a ler e a produzir esses textos com as ferramentas digitais disponíveis.

Ana Elisa Ribeiro, preocupada com o descompasso entre o letramento promovido pela escola e os objetos de leitura que circulam socialmente, dedica-se a pesquisar, na obra *Textos multimodais: leitura e produção*, as relações estabelecidas pelos leitores entre os eventos de letramento escolar, ligados à visualização de informação e os eventos ligados ao acesso às mídias e como afetam as habilidades de leitura e produção. Ribeiro (2016) afirma que, desde 1996, o *New London Group* apresentava à comunidade acadêmica, por meio da *Harvard Educational Review*, seu manifesto programático em que o *design* era o aspecto central da proposta, uma vez que texto, leiaute, imagens e gráficos articulados começam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Para exemplificar, a autora comenta diversas pesquisas de cientistas, em várias partes do mundo, com estudos sobre infografia, cartografia e gráficos, e as possibilidades de exercício crítico de cidadania que aumentariam as perspectivas de transformações sociais. Depois de apresentar esse panorama dos estudos sobre visualização de informação, a autora trata da sua própria experiência, em Belo Horizonte, com grupo focal, num estudo comparativo com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola técnica federal e outros, de uma escola pública estadual. Os estudantes dessas escolas debateram infográficos, presentes nas revistas, e as discussões foram gravadas em áudio para serem transcritas e analisadas.

Segundo ela, foi possível perceber que os estudantes da escola técnica federal tinham um alfabetismo gráfico mais alto, por terem participado mais de eventos de letramento ligados a textos multimodais, como gráficos e mapas. Já nas falas dos estudantes da escola pública estadual, foi possível perceber o desconhecimento do conceito sobre infografia, mas a noção de que era algo

¹¹ *Emoticon* é a junção dos termos em inglês *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) uma forma de comunicação, com uma sequência de caracteres tipográficos, ou uma imagem que por meio de uma expressão facial traduz o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega.

¹² GPS é a sigla para *Global Positioning System*, que, em português, significa “Sistema de Posicionamento Global”, consiste numa tecnologia de localização por satélite.

¹³ Google Maps é um serviço de pesquisa gratuito na *web* de visualização de mapas e imagens de satélite da Terra.

relacionado a textos de mídia digital, eles percebiam uma relação com leitura de mapas, nas aulas de Geografia e produção de gráficos, nas de Matemática. Não mencionaram leitura nem análise de infográficos nas aulas de Língua Portuguesa, como a própria autora aponta em

o que nos pareceu interessante, para nossos propósitos, foi verificar que a escola tem forte papel no alfabetismo dos jovens quanto a textos multimodais, muito embora isso não tenha sido prioritariamente apontado em aulas de língua materna. Esse é um espaço amplo e aberto para quem deseja dar novos contornos às aulas de leitura e produção. (RIBEIRO, 2016, p. 56).

Depois desse levantamento inicial, foram marcados encontros para produção de textos multimodais, compostos de palavra e imagem. Ribeiro (2016) descreve as nove tarefas propostas aos estudantes, que deveriam produzir gráficos ou desenhos, que representassem situações criadas pela própria autora. Dependendo da proposição oferecida, dava possibilidade de produção de gráfico, fluxograma, organograma, mapa, linha do tempo, esboço de história em quadrinhos ou infográfico. Eles puderam discutir coletivamente, trocar ideias para planejar e, em seguida, foram para salas com computadores, para execução das tarefas. Para ela, as atividades puderam ir além do oral/escrito, com esses textos multimodais, foi possível pensar e fazer, com outras semioses, o que realmente importa, na visão dela, que é “conhecer linguagens e modos de dizer, sem tirar os olhos dos efeitos de sentido desejados”. (RIBEIRO, 2016, p.119)

O fato é que a sociedade tem navegado em instruções e dispositivos ligados à cibercultura, como já previa Levy (1999), desde o uso de caixas eletrônicas, celulares e suas câmeras integradas, bem como os serviços de mensagem, como *WhatsApp*¹⁴. Há muitas mudanças pelas quais o mundo passou: da *web 2.0*, que possibilita que todos publiquem na rede, para a *web 3.0*, que possibilita que os usuários participem da criação e da circulação de novos conteúdos. Além disso, a *web 3.0* mostra o que o usuário gosta ou não, seus interesses e suas necessidades.

Diante da necessidade de contar o que se vive, mostrar *selfies*, curtir e comentar nas redes, rapidamente, sem reflexão, sem um posicionamento mais consistente, bem como as ações de taggear (marcar algo ou alguém) e comentar,

¹⁴ *Whatsapp* é um *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto, de vídeos, fotos e áudios, enviados, instantaneamente, através de uma conexão à *internet*.

criar *hashtags*¹⁵, a curadoria¹⁶ precisa ser utilizada, para escolher e selecionar conteúdos/informações. Para isso, é necessário mudar o paradigma curricular, para que os jovens saibam guiar suas próprias aprendizagens, tenham autonomia, saibam buscar como e o que querem aprender, que discutam, criticamente, as informações e os conceitos, e, ainda, sejam capazes de produzir, criar, transformar os sentidos e as significações.

Os jovens, na vida cotidiana, em contato com as mídias digitais, encontram textos de todas as modalidades, como língua oral e escrita (verbal), linguagem corporal (gestualidade, performances), áudio e imagens estáticas ou em movimento, portanto o professor precisa levar em conta essas características multimodais, dos textos contemporâneos, para as aulas de leitura, produção e análise. Jovens que teclam, clicam, acessam, anexam, enviam, postam, fazem *selfies*¹⁷, *memes*, *gifs* na vida social; na escola, precisam entender as práticas de leitura e escrita, saber localizar informações, selecionar as informações válidas, aprender a identificar *fake news*¹⁸, defender-se de *marketing* consumista, evitar exposições excessivas, lidar com *cyberbullyng*¹⁹, *enfim*, saber ser capaz de gerenciar diversas informações e desenvolver habilidades necessárias para serem leitores e produtores de diversos gêneros textuais que a vida exigir, sendo eles digitais ou não.

Postulo que os jovens precisam aprender a ler e a escrever no impresso e no digital, textos verbais ou textos com imagens; serem capazes de compreender e utilizar eficientemente as informações para se tornarem leitores e produtores mais críticos e éticos. Os professores de língua portuguesa precisam se preocupar com o desenvolvimento do letramento dos alunos e pensar como integrar as tecnologias digitais ao ambiente educacional, para deixar a escola mais atual e melhor preparada para lidar com os desafios do século XXI, sem esquecerem-se das metodologias a serem escolhidas para essas práticas de ensino e de aprendizagem.

¹⁵ *Hashtag* é uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#), que as pessoas utilizam para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando nas Redes Sociais.

¹⁶ Conceito oriundo do mundo das artes.

¹⁷ *Selfie* é uma palavra em inglês, com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, é uma foto tirada pela própria pessoa que aparece nela e compartilhada na *internet*, por um celular que possui uma câmera incorporada, como num *smartphone*.

¹⁸ *Fake news* significa "notícias falsas". São as informações noticiosas que não representam a realidade, mas que são compartilhadas na *internet* como se fossem verdadeiras, principalmente através das redes sociais.

¹⁹ *Cyberbullying* é um tipo de violência praticada contra alguém através da *internet* ou de outras tecnologias relacionadas.

O interesse pela prática pedagógica, baseada nas metodologias ativas, por meio de atividades desafiadoras, com vistas a um ensino inovador, é um dos pressupostos da EL do GPEDULING como apresentado a seguir.

1.2- Metodologias Ativas e Ensino Híbrido

Para a EL do GPEDULING, as metodologias ativas são aquelas em que o ApEn é agente no processo de ensino e de aprendizagem. Não cabe apenas ao professor ensinar e ao aluno aprender, conforme a adoção dos termos EnAp e ApEn adotados pelo grupo, que considera ambos como agentes no processo, então

nessa visão, os envolvidos no processo ensino e aprendizagem devem apresentar um papel ativo. Nesse cenário, deixa-se de lado a passividade, o EnAp propõe situações-problema, e o ApEn sente-se motivado a se envolver na busca do conhecimento, assumindo um papel ativo, pois, assim, o ensino adquire um caráter mais significativo. Considero que cabe ao EnAp a ampliação da competência comunicativa do ApEn, por meio de propostas desafiadoras, como as Metodologias Ativas. (FARAH, 2016, p.31).

Para criar esse envolvimento e proporcionar motivação e engajamento nos estudantes, é importante acolher as ideias e desejos deles, mas a persistência para os estudos pode ser obtida por meio de adoção das metodologias ativas. Para que o estudante tenha um papel ativo e seja protagonista da aprendizagem com orientação / mediação do professor, é necessária a utilização dessas metodologias que enfatizem a interação entre professor e estudantes e entre os próprios estudantes.

Freire (1996) já apontava a necessidade da superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo, a partir de conhecimentos prévios. Muitos estudiosos propõem a estratégia da problematização como elemento motivador, pois diante de um problema é possível examinar, refletir, relacionar contextos e, assim, ressignificar as descobertas. Essa seria uma das possibilidades de envolvimento ativo dos estudantes, em seu próprio processo de ensino e de aprendizagem, e uma condição de ampliar suas potencialidades, preparando-o para a vida profissional.

Masetto (2001) também vê necessidade de valorização do uso da tecnologia, visando a tornar o processo educativo mais eficiente e mais eficaz, pois, para ele, apenas aulas expositivas e provas não conseguem motivar os alunos. Defende que as novas tecnologias facilitam a troca de informações, possibilitam velocidade de

busca de dados, colaboram para o processo de aprendizagem, reformulam o conceito de aprender, o papel do estudante e do professor, pois não é mais apenas o professor que transmite conhecimentos. Segundo o autor, o docente pode assumir a função de mediador, incentivador, motivador e o estudante, um papel ativo e participante e não mais um ser passivo, recebedor e repetidor de informações, assim o discente poderá ver o docente como um parceiro, disposto a colaborar com sua aprendizagem, os colegas de classe também poderão ser vistos como colaboradores. Para esse autor, essa atitude de mediação pedagógica dinamiza a aprendizagem, mas para isso, serão necessárias estratégias que incentivem a participação dos estudantes nas situações-problema, nos desafios e no incentivo do uso criativo de tecnologias. Depois, ele passa a relacionar tecnologias digitais e metodologias ativas.

Para Masetto (2010), metodologias ativas são situações de aprendizagem planejadas pelo professor, em parceria com os estudantes, que provocam e incentivam a participação e a postura ativa e crítica frente à aprendizagem. Nessa interação, ocorre a troca de ideias e experiências, de ambos os lados, e, em alguns casos, o docente se coloca na posição do discente, aprendendo com ele. Para o autor, podem ser consideradas metodologias ativas: seminários, estudos de caso, debates, painéis, visitas monitoradas, aulas práticas, projetos, entre outros, ou seja, todas as técnicas, estratégias ou procedimentos didáticos em que o protagonismo seja conferido aos discentes.

Para o autor, o termo “Aprendizagem Ativa” também vem sendo utilizado de maneira bastante intensa, sendo alguns exemplos: aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem em instrução por pares, aprendizagem numa aula invertida, entre outros. Para ele, as aulas podem tornar-se mais vivas e vinculadas com a realidade, numa situação mais adequada à realidade dos jovens, que hoje é pautada pelas tecnologias digitais.

Entendo que é necessário pensar em atividades que envolvam os ApEn, como *blogs*, *chats*, grupos de discussão em redes sociais, entre outros, para que o estudante esteja motivado pela busca e também pela construção de novos conhecimentos e, assim, também desenvolva apreço pelos estudos. Essas atividades podem melhorar a relação, por vezes, problemática, que alguns possuem com o processo da leitura e da escrita. Diante disso, o EnAp deve assumir um novo papel em sala de aula, de mediador e orientador, com propostas inovadoras, com

ensino centrado no ApEn, o ensino e a aprendizagem precisam passar por transformações metodológicas, com a elaboração de projetos pedagógicos mais inovadores, direcionados aos jovens já habituados ao uso de tecnologias digitais, mas que sejam capazes de se responsabilizar pela construção de seus conhecimentos e saberes e isso leve à formação de cidadãos críticos e transformadores no mundo adulto.

Há diversas modalidades de metodologias ativas para serem usadas como recurso pedagógico, e o professor deve conhecê-las para poder aplicá-las em sala de aula. Masetto (2010) sugere a aprendizagem entre pares. Isso exige estudo prévio, ou seja, incentivar o ApEn a aprender com fontes primárias, depois proporcionar a interação entre ApEn e EnAp. Nessa proposta, o ApEn passa a ser corresponsável por sua aprendizagem e o EnAp passa a assumir o papel de coaprendente no processo de aprendizagem, incentivando atividades coletivas de descoberta, proporcionando um ambiente colaborativo e propondo busca de soluções para os temas estudados, garantindo, assim, o envolvimento de todos para o sucesso dos estudos. Vejo que essa é uma proposta possível de ser apresentada aos ApEn do Ensino Médio.

Hernández; Ventura (1998) propõem a Metodologia de Projetos como modalidade para o desenvolvimento de temas transversais e a possibilidade de despertar o desejo de iniciativa e de investigação. O princípio da ação organiza-se em torno de objetivos e concentra-se na aprendizagem dos estudantes, levando-os a se inserirem conscientemente na vida social, pelo desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, além do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem. Tenho visto a adoção bem sucedida dessa proposta em muitos colégios, principalmente, a partir dos PCN (1998) que defendem o trabalho interdisciplinar.

Numa prática tradicional, é comum utilizar atividade de leitura, pesquisa e posterior exposição/discussão sobre o tema estudado. Em visitas de estudo, proporcionar conhecimentos em ambientes diferentes dos da sala de aula, experimentando na prática, conteúdos estudados na teoria. Modificando a abordagem, penso que a construção de um currículo mais flexível e criado, coletivamente, promove flexibilidade da organização pedagógica, confere maior autonomia, maior responsabilidade nas estratégias, na avaliação, na produção de cenários de aprendizagem e no uso dos materiais.

Para Bergmann; Sams (2016), a Sala de Aula Invertida personaliza o ensino para cada aluno, respeitando seu próprio ritmo. É um sistema em que os estudantes podem avançar mais rapidamente ou mais lentamente nos estudos. Esses autores explicam que os alunos apreciam essa flexibilização, pois, como a instrução pode ser gravada, eles podem assistir quantas vezes quiserem, podem pausar o professor e retroceder a aula ou avançar, “isso auxilia os estudantes no gerenciamento do tempo, e a aprendizagem ocorre conforme sua própria programação”. (BERGMANN; SAMS, 2016, p. 22).

Com essa metodologia chamada sala de aula invertida (*flipped classroom*) ocorre uma inversão do modelo de ensino, uma vez que a lição de casa é feita em sala e a aula é dada em casa. Os estudantes preparam-se primeiro em casa, para depois irem à escola, encontrar professores e colegas, tirarem suas dúvidas e fazerem os exercícios. Vejo que, nessa proposta, as aulas ficam menos expositivas, mais interativas. O uso de tecnologias digitais pode contribuir para aprendizagem, pois é possível disponibilizar vídeos, arquivos de áudio, games, entre outros recursos, outras plataformas e redes sociais para a preparação prévia dos estudantes.

O americano Jonathan Bergmann, pioneiro do método e um dos criadores dessa metodologia, afirma que se trata de uma solução pedagógica, não tecnológica. Entendo, assim, que a preparação prévia pode ser executada a partir de recursos também não digitais, como a leitura prévia individual de uma obra.

O fato é que essa metodologia da sala de aula invertida tem alcançado resultados positivos, com impacto nas taxas de aprendizagem e de aprovação, foi testada e aprovada por universidades classificadas entre as melhores do mundo, como *Duke*, *Stanford* e *Harvard* e tem sido adotada em escolas da Finlândia, Singapura, Holanda e Canadá.

Aposto que caberá aos EnAp conscientizarem os ApEn de que se trata de um conceito diferente de aula e transitar de um modelo mais passivo de aprendizagem, para um mais ativo, requer autodisciplina. Destaco que, no Brasil, já aplicam essa abordagem, o Colégio Dante Alighieri, as universidades UNIAMÉRICA, UNISAL, PUC do Paraná e Universidade Positivo, além do Instituto Singularidades, incorporado pelo Instituto Península, que usa essa metodologia na formação de professores. Na PUC/SP, também há professores que a utilizam, como o professor Diogo Cortiz da Silva, da Marquês de Paranaguá.

Para Moran (2018), dois conceitos são importantes na Educação do século XX: aprendizagem ativa e aprendizagem híbrida. Para ele,

as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor; a aprendizagem híbrida destaca a flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. (MORAN, 2018, p.04).

O autor entende as Metodologias Ativas como estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível e interligada. Vejo, novamente, o conceito de aprendizagem híbrida associada à possibilidade de uso ou não das tecnologias digitais.

Outra metodologia muito discutida, no século XXI, é o Ensino Híbrido, que é uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais com atividades realizadas por meio das tecnologias digitais. Há várias propostas de combinação, mas o mais importante é que o foco do processo deixa de ser apenas o professor em sala de aula, pois o estudante estuda em diferentes situações e ambientes e a sala de aula passa a ser o lugar de aprender ativamente, por meio de discussões, projetos, resoluções de problemas, entre outros, com o apoio e a mediação do professor e demais estudantes. É muito importante que todos se preparem antes de entrar em sala de aula, para que esse espaço dialógico seja o local possível de aplicação, análise, síntese, significação e avaliação do conhecimento construído.

O Ensino Híbrido pode ser também uma modalidade de curso em que cada um pode trabalhar o material no próprio ritmo, assistir a vídeos, navegar em recursos como animação, simulação, entre outras possibilidades. Outra questão interessante que vejo é o desenvolvimento da autonomia para buscar mais dados, realizar tarefas, identificar dúvidas, para serem esclarecidas no momento presencial, com todos os participantes. Destaco que há também a possibilidade de autoavaliação, um bom indicador do nível de preparo do ApEn e sinalizador para o EnAp sobre os temas que geraram mais dúvidas.

Com o Ensino Híbrido, o momento da sala de aula fica mais produtivo em função das trocas sociais entre os colegas e da interação com o professor. Pontuo que um dos problemas desse ensino ocorre quando o *on-line* adquire mais destaque do que o presencial, o que pode gerar críticas tanto por parte dos EnAp como dos

ApEn e deturpar o princípio da autonomia e responsabilidade do estudante e da proposta dos desafios em sala de aula, proporcionados por um professor bem preparado para consolidar o processo de construção do conhecimento. Outra questão é o barateamento e a banalização que podem ocorrer, se o professor ficar condensando apenas vídeos para os estudantes ficarem assistindo, pois o contato com outros materiais e leituras de texto não podem ser deixados de lado.

Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação, de Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015) é um livro feito por professores para professores, com experiências reais de casos bem-sucedidos e com compartilhamento de vivências sobre alguns modelos de usos de tecnologias digitais integradas ao currículo escolar e a utilização dos mais variados tipos de materiais. A obra traz as reflexões do Grupo de experimentações em Ensino Híbrido desenvolvido pelo Instituto Península e pela Fundação Lemann²⁰ apresenta alguns planos de aula que foram aplicados pelos professores, dentro desse grupo, mas os próprios organizadores da obra entendem que cada professor e cada instituição educacional podem refletir e construir seu modelo de ensino híbrido, mais adequado à sua realidade.

O capítulo 1 dessa obra, *Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje*, escrito por José Moran, apresenta os sentidos do termo híbrido. Para ele, significa misturado, mesclado, *blended*, ele não entende como algo totalmente novo, pois a educação sempre combinou espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos, mas esse processo ficou mais visível com a conectividade e a mobilidade.

Moran (2015) entende que é possível aprender com um professor e aprender sozinho, com colegas, com desconhecidos, de modo intencional ou espontâneo, todos ensinam e aprendem o tempo todo de forma aberta ou monitorada. Ele vê o Ensino Híbrido quando são integradas várias áreas do conhecimento, várias metodologias, com desafios, projetos, *games*, grupais ou individuais, colaborativos e personalizados, com profissionais e alunos diferentes em espaços e tempos distintos, de forma presencial e *on-line*.

²⁰ O Instituto foi constituído com a missão de contribuir para educação básica a partir da formação e da valorização dos professores. Um dos objetivos da Fundação é promover a excelência na educação, desenvolvem projetos e oferecem formação para esses profissionais. Ambos esperam ampliar as possibilidades de educadores interessados em melhorar o ensino e a aprendizagem em sala de aula.

Penso que essa abordagem pedagógica do Ensino Híbrido pode funcionar melhor, no caso do Ensino Médio, com predominância da forma presencial. No caso do Ensino Superior, a predominância da forma *on-line* pode ser uma opção mais adequada aos estudantes em função da maior autonomia que eles já possuem.

O autor descreve dois caminhos que têm sido escolhidos pelas instituições educacionais, o mais suave com o modelo curricular de disciplinas, mas com uso de metodologias ativas e os mais inovadores, que redesenham, sem disciplinas, os espaços físicos e as metodologias. Segundo Moran (2015), as instituições mais inovadoras procuram integrar algumas dimensões no seu projeto político-pedagógico:

1. Ênfase no projeto de vida de cada aluno, com orientação de um mentor;
2. Ênfase em valores e competências amplas: de conhecimento e socioemocionais;
3. Equilíbrio entre as aprendizagens pessoal e grupal. Respeito ao ritmo e estilo de aprendizagem de cada aluno combinado com metodologias ativas grupais (desafios, projetos, jogo significativos), sem disciplinas, com integração de tempos, espaços e tecnologias digitais. (MORAN, 2015, p.29).

Para a construção do projeto de vida, é possível trabalhar com histórias e narrativas, para tornar significativa a aprendizagem na vida dos estudantes; para ênfase em valores e competências, a escola precisa ser pluralista, mostrando visões diferentes que ajudem a conhecer, a conviver, a ser e a agir e, para isso, é importante uma comunicação aberta, em múltiplas redes e numa comunicação efetiva, para motivar os jovens a se engajarem em projetos originais e socialmente relevantes. Para equilibrar a aprendizagem personalizada com a colaborativa, é importante diversificar os ambientes físicos, com salas multifuncionais e adaptadas para uso de tecnologias digitais e/ ou espaços *maker* para uso de materiais e recursos não tecnológicos como livros, revistas, jornais e periódicos.

Moran (2015) exemplifica casos de escolas públicas brasileiras que têm utilizado tecnologias digitais e foco em competências socioemocionais e no fazer (cultura *maker*) e têm conseguido impactos positivos nas avaliações, como ENEM. Ele cita também exemplos, no ensino superior no Brasil e no exterior, em cursos de Medicina e Engenharia que adotam algumas dessas metodologias. *Design Thinking* (DT) é um novo jeito de pensar e abordar problemas, um modelo de pensamento centrado nas pessoas. Organizado em cinco etapas – descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução, o DT deve ser considerado como uma

“abordagem” e não como uma metodologia. Não se trata de apresentar uma fórmula pronta. O Instituto Educadigital, desde 2010, tem utilizado o DT em suas atividades de formação com educadores e gestores.

Vejo que a utilização do *Design Thinking* pode ou não estar relacionada ao uso de tecnologias digitais na sala de aula e as etapas do DT permitem releituras e remixagens de quem as usa.²¹

Valente (2018) entende que

as metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz, envolvendo-o na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas. (VALENTE, 2018, p.27).

Para esse autor, é importante propor caminhos que viabilizem mudanças de curto e longo prazo, com um currículo mais adaptado às necessidades de cada aluno e ao seu projeto de vida, com metodologias ativas.

Observo que esse autor não atrela a adoção de metodologias ativas ao uso de tecnologias digitais. As aprendizagens baseadas em problemas ou projetos seriam possíveis com ou sem uso de dispositivos eletrônicos.

O foco na aprendizagem baseada em problemas é uma pesquisa de diversas causas possíveis para um problema, enquanto na aprendizagem baseada em projetos, procura-se uma solução específica. Na prática, há uma inte-relação, por isso, é frequente o uso da sigla *PBL- Project Based Learning* para as duas situações de investigação ou resolução de problemas.

Além do *PBL* (aprendizagem baseada em projetos ou em problemas), há o *TBL-Team-based Learning* (aprendizagem por times), o *GBL- game-based learning* (aprendizagem por meio de jogos), todos são projetos pedagógicos inovadores. Para Moran (2018), elas conciliam organização curricular, espaços, tempos e projetos, equilibram a comunicação pessoal e a colaborativa, presencial e *on-line*, tiram a divisão por disciplinas e adotam eixos temáticos, abolem as aulas expositivas para que a sala de aula seja utilizada para debate dos temas e para realização dos projetos²².

²¹ Para mais informações, consulte: www.dtparaeducadores.org.br/site

²² Para saber mais é possível buscar informações na *internet*, como o do projeto Âncora, da Escola Municipal Campos Salles, de São Paulo, o Projeto NAVE- Núcleo Avançado de Educação, o do Colégio Estadual José Leite Lopes, no Rio de Janeiro, da Escola Técnica Estadual Cícero Dias, de Pernambuco, do Colégio Estadual Chico Anysio, no Rio de Janeiro, da Universidade McMaster, no

Para isso, o professor precisa se tornar cada vez mais um orientador de caminhos, e a tecnologia digital integrar os tempos e espaços do ensinar e do aprender, do face a face ao digital, das escolas com mais infraestrutura tecnológica às mais carentes. Essas mudanças podem ser incrementadas aos poucos ou serem mais profundas e disruptivas e quebrarem os modelos estabelecidos.

Vejo que essas atividades podem ser aplicadas no âmbito de uma única disciplina, podem envolver várias disciplinas, num trabalho interdisciplinar e podem ser desenvolvidas como uma atividade do colégio não articulada a nenhuma disciplina específica. Para desenvolvê-las, é importante pensar em atividades de motivação, dar espaço da aula para organização da divisão de responsabilidades e para escolha dos recursos que serão utilizados e para elaboração desse planejamento das atividades de produção e da apresentação do que será gerado. Essas ideias serão desenvolvidas e ampliadas no capítulo 5.

Para os organizadores da obra, Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), a integração das tecnologias digitais precisa ser feita de modo criativo e crítico para contemplar o presencial e o digital e modificar as formas de pensar e de construir conhecimentos. A *web 1.0* possibilitou uma comunicação bidirecional e a busca não linear pelas informações, a *web 2.0* tornou possível a colaboração entre as pessoas por interações síncronas e assíncronas. A *web 3.0* (semântica) e a *web 4.0* (imersiva) estão sendo construídas com as tecnologias *cloud computing* (na nuvem), sem necessidade de equipamentos caros para armazenamentos de informações.

Para eles, as tecnologias digitais oferecem diferentes possibilidades de aprendizagem, e, se bem utilizadas pela escola, constituem-se como oportunidade para que os alunos possam aprender mais e melhor, mas como estudantes da mesma idade não têm as mesmas necessidades e possuem relações diferentes com professores e/ou tecnologias digitais, será preciso avançar gradativamente para outro desafio da educação: a personalização do ensino²³. Afirmando ainda que

as modificações possibilitadas pelas tecnologias digitais requerem novas metodologias de ensino, às quais necessitam de novos suportes pedagógicos, transformando o papel do professor e dos estudantes e ressignificando o conceito de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o ensino *on-line* permite tal personalização, uma vez

Canadá, da Universidade de Maastricht, na Holanda, o Insper, no Brasil, a UNISAL, em Lorena, a Uniamérica de Foz de Iguaçu, entre outros.

²³ O Porvir criou uma publicação especial sobre personalização de ensino. Acesse: www.porvir.org/especiais/personalizado.

que pode ajudar a preencher lacunas no processo de aprendizagem. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p.51).

Na perspectiva da EL, esse processo pode ocorrer também em sala de aula presencial. O caminho para personalizar o ensino, proposto por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015) seria

revisitando teorias pedagógicas, inserindo as tecnologias digitais na construção de um encaminhamento metodológico que tenha como objetivo valorizar a integração *on-line* ao currículo escolar e, ao mesmo tempo, valorizando as relações interpessoais e a construção coletiva do conhecimento, os modelos de ensino híbrido, de certa forma, organizam uma metodologia que engloba diferentes vertentes e que tem como objetivo principal encontrar maneiras de fazer o aluno aprender mais e melhor. (OP. CIT. p.60).

Como membro do GPEDULING, penso que a valorização das relações interpessoais e a construção coletiva do conhecimento devem prevalecer na adoção das novas metodologias para que EnAp e ApEn ressignifiquem o ensino e a aprendizagem. Vejo que a personalização do ensino *on-line* ainda precisa ser mais estudada e testada para que os resultados da aprendizagem sejam, realmente, comprovados para o Ensino Médio.

Figura 1- Propostas de Ensino Híbrido

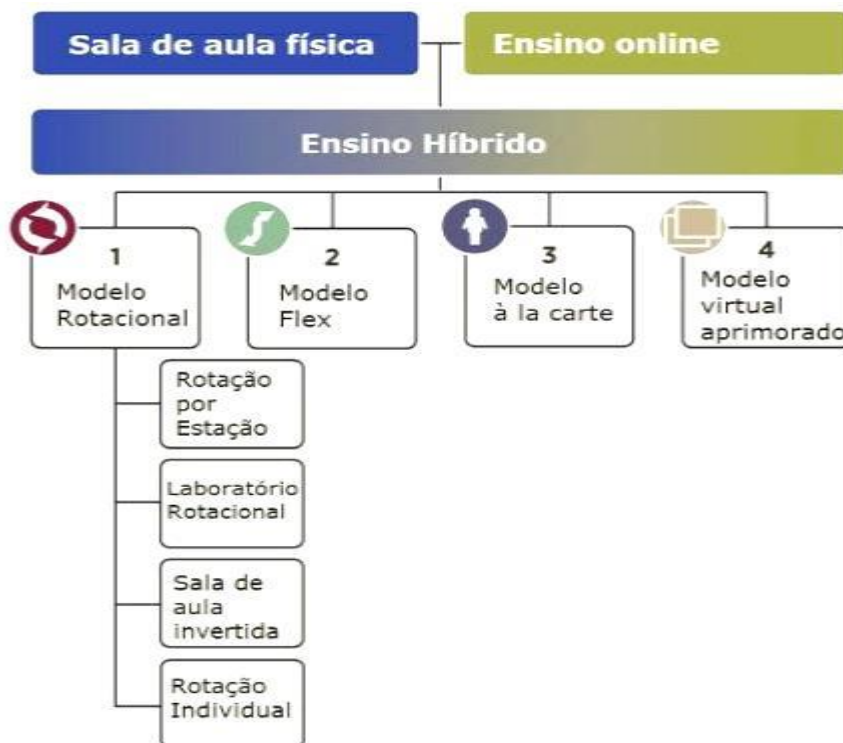


Figura proposta por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani by Horn, M.B.; Staker, H. *Blended: using disruptive innovation to improve schools*. 2015 All rights reserved.

Dentre alguns modelos de Ensino Híbrido, propostos por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), eu destaco o Modelo de Rotação, em que os estudantes revezam as atividades de acordo com um horário ou orientação do professor. Penso que a abordagem da rotação por estações pode funcionar bem para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade nos estudantes de Ensino Médio, assim como o laboratório rotacional e a sala de aula invertida.

Na Rotação por Estações, eles são organizados em grupos, em aulas presenciais, cada um realiza uma tarefa; no Laboratório Rotacional, eles usam o espaço da sala de aula e os laboratórios; na Sala de Aula Invertida, a teoria é estudada em casa e o espaço da sala para discussões, resolução de atividades, entre outras possibilidades. Na Rotação individual, cada aluno tem uma lista das propostas que deve contemplar em sua rotina para cumprir os temas a serem estudados.

Para Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), alguns modelos são disruptivos e propõe uma organização da escola que não é comum no Brasil, como no Modelo *Flex*, em que os estudantes têm uma lista a ser cumprida, com ênfase no ensino *on-line*, ficando o professor à disposição apenas para esclarecer dúvidas.

No Modelo *à La Carte*, o estudante é responsável pela organização de seus estudos, o curso é inteiramente *on-line* apesar de a organização ser compartilhada com o professor.

No Modelo Virtual Enriquecido, realizada por toda a escola, em cada disciplina, os estudantes dividem seu tempo entre *on-line* e presencial, também considerado disruptivo, pois podem ir apenas uma vez por semana à escola. O controle individual de seu aprendizado é a chave do envolvimento dos estudantes, mas pressupõe uma organização da escola básica que não é comum no Brasil. Um dos exemplos seria o Projeto Âncora.²⁴

Defendo que EnAp e ApEn precisarão ressignificar o conceito de ensino e juntos selecionar os recursos, o ritmo, o tempo, o lugar e o modo como desejam desenvolver o processo de aprendizagem. Para isso, o Ensino Híbrido pode se configurar como uma combinação metodológica e oferecer uma experiência de educação integrada, em que os ApEn podem participar ativamente de sua aprendizagem e os EnAp podem modificar a forma de ensinar e, ambos, construir

²⁴ Acesse o projeto em: [HTTP://www.projetoancora.org.br/index.php?lang=port](http://www.projetoancora.org.br/index.php?lang=port).

coletivamente, de forma colaborativa, os conhecimentos, com foco no compartilhamento de experiências, por meio de tecnologias digitais, em sala de aula.

A seguir, faço considerações sobre os estudantes de Ensino Médio em relação à BNCC e ao uso da *Internet*.

1.3- Os Estudantes de Ensino Médio, A BNCC e Os Usuários de *Internet*

A inovação no campo social é sempre algo construído pelas pessoas, organizações e comunidades, a partir de sua experiência, com o objetivo de superar os desafios que enfrentam, sobretudo aqueles decorrentes dos grandes desafios contemporâneos – a desigualdade social, a fragilidade democrática e a degradação socioambiental. A Base Nacional Comum Curricular é um documento que favorece a inovação no campo educacional. A Lei de Diretrizes e Bases já tinha esse espírito e, por isso, garantia a possibilidade de a escola se organizar da forma como fosse mais adequada para seu projeto político pedagógico. As Diretrizes Curriculares Nacionais também avançaram neste caminho, propondo a primazia da interdisciplinaridade e dos projetos.

O contexto escolar deve preparar o jovem para o mundo real. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Brasil, 2000) entendem que é função da escola garantir a mediação da construção de conhecimento acerca do uso da língua materna sob o ponto de vista tecnológico. Nas práticas de sala de aula, surgem inquietações, pois não é raro encontrar jovens que escrevem e produzem em meios digitais, mas não gostam das aulas de Língua Portuguesa. Por isso, é importante pensar em novas metodologias para essas aulas presenciais, que as transformem num momento mais instigante e desafiador, que propiciem mudanças no ambiente escolar e tornem a prática de sala de aula mais inovadora e dinâmica.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) aponta, na Competência 5, para a necessidade de usar bem a tecnologia. O documento indica a necessidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Esse documento oficial reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que o estudante deva dominar o universo digital, sendo capaz, portanto, de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade. Os estudantes precisam ser capazes de:

usar multimídia e periféricos para aprender e produzir, utilizar recursos tecnológicos para desenhar, desenvolver, publicar e apresentar produtos (páginas de *web*, aplicativos móveis e animações, por exemplo)

demonstrar conhecimentos e resolver problemas; usar linguagens de programação para solucionar problemas; compreender e escrever algoritmos, utilizar os passos básicos da solução de problemas por algoritmo para resolver questões, interpretar e representar dados de diversas maneiras, inclusive em textos, sons, imagens e números;

entender o impacto das tecnologias na vida das pessoas e na sociedade, incluindo as relações sociais, culturais e comerciais e utilizar tecnologias, mídias e dispositivos de comunicação modernos de maneira ética, sendo capaz de comparar comportamentos adequados e inadequados.

A concepção de Educação Integral é apresentada como um fundamento pedagógico a ser adotado nos documentos curriculares nacionais. Para isso avançar, será necessário efetivar o direito à Educação Integral tal como indicado pela BNCC, conciliando o desenvolvimento da dimensão cognitiva com o desenvolvimento das dimensões pessoais e relacionais – também chamadas de socioemocionais, para assegurar às novas gerações o direito a desenvolver ao máximo seus potenciais para ser, conhecer, conviver e produzir no mundo. Entendo que aprender a ser, a conviver, a conhecer e a produzir no contexto contemporâneo requer uma formação que ajude os estudantes a selecionar e a usar as informações e conhecimentos disponíveis, a pensar criticamente, a ter integridade e agilidade na tomada de decisões, a atuar de forma curiosa e colaborativa, a valorizar e aprender com as diversidades, entre outros.

Documentos de referência, como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular são claros ao definir que a educação tem como finalidade a formação plena dos estudantes. Isso significa ultrapassar a visão tradicionalista da educação como sinônimo de acúmulo de conteúdo, em direção à integração dos

conhecimentos e ao desenvolvimento integral. O propósito da educação integral é oferecer oportunidades para que o estudante se desenvolva em suas múltiplas dimensões, construindo, gradualmente, sua autonomia, que ele empreenda a construção do seu projeto de vida, sabendo fazer escolhas, a partir de quem se é e do que deseja ser.

O desenvolvimento socioemocional tem relação direta com a concretização de projetos de vida, tais como a continuidade dos estudos após a educação básica, a empregabilidade e outras variáveis ligadas ao bem-estar da pessoa, como a saúde e os relacionamentos interpessoais. A orientação é que os currículos considerem a articulação dessas competências como norteadoras do trabalho com os direitos de aprendizagem e campos de experiência (Educação Infantil) e com as áreas do conhecimento (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Para isso, é essencial superar a fragmentação do conhecimento em disciplinas e garantir a integração curricular, enfatizando a relação do conhecimento com a experiência.

Por meio da integração curricular, é possível apresentar uma visão clara dos avanços que se pretende promover na aprendizagem. Nessa perspectiva, a organização curricular em áreas de conhecimento, com o uso intencional das tecnologias digitais, com a proposição de projetos e com outras práticas ativas de ensino e de aprendizagem são alguns dos meios para o desenvolvimento integral dos estudantes. O século XXI exige que as pessoas sejam cada vez mais autônomas, mobilizem competências para acessar, selecionar e construir pontos de vistas frente à quantidade de informações e conhecimentos disponíveis, para que elaborem soluções originais para os problemas, façam escolhas consistentes para seus projetos de vida e reflitam no impacto delas na sociedade.

Há dados do CETIC²⁵ que consideram que, em 2017, a inclusão digital foi maior que a inclusão social nas camadas mais pauperizadas, a presença digital tem sido crescente nas periferias *on-line*, nos *youtubers*, nas plataformas de interação como *WhatsApp* e nas produções próprias nas postagens, por textos, imagens, músicas ou vídeos. A pesquisa indica que mais postou quem tem curso superior e menos quem tem baixa ou nenhuma escolaridade, mais as classes A e B e menos a C e as D/E. Para esses pesquisadores, a relação entre cultura e sistemas algorítmicos passou a modular a navegação e a concentrar informações sobre os

²⁵ O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (**Cetic.br**) tem a missão de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil.

desejos, vontades, interesses, expectativas, cruzando informações com a situação financeira, perfil, personalidade, escolaridade, religião e definição político-ideológica dos usuários.

Diante desse problema, frente aos resultados de uma busca na *internet* e ao conjunto de dados que se oferece a cada usuário, há um desafio a ser enfrentado pelo professor de LP. Ele precisará pensar num trabalho de análise crítica do uso das tecnologias digitais e nas estratégias de busca que podem contribuir e favorecer o ensino e a aprendizagem. Para isso, entendo que seja necessário ocorrer uma mudança de atitude na busca da informação, que propicie ampliação de competências e possibilite uma transformação social dos jovens. Os estudantes do Ensino Médio devem ser capazes de modelar os dados apresentados na busca da informação e de discutir o viés do que se apresenta num buscador. Em geral, docentes de LP desejam que seus discentes sejam capazes de ler, compreender e interpretar o mundo, mas vejo que hoje é preciso também transformá-lo.

Não é possível aceitar que as pessoas sejam moldadas pelas plataformas e que sejam, inocentemente, manipuladas pelos algoritmos. Defendo que, nas aulas de LP, os jovens estudantes possam aprender a fazer escolhas, decidir caminhos, desvendar enigmas e serem capazes de optar se querem ou não ser objeto de estudo, fornecendo seus dados para empresas e negócios, ou preferem ter mais controle de seus destinos, entendendo os recursos de manipulação impostos. Em resumo, de forma colaborativa, proponho que, num formato de aula diferente, EnAp e ApEn podem aprender juntos a buscar a informação num *site* confiável, a ler criticamente o que buscam, a editar e divulgar essas informações, de forma ética e original, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva, justa e sustentável.

Em troca de acesso "grátis" a serviços e *sites* da *internet*, as pessoas oferecem dados valiosos sobre sua vida: o que comem, onde moram e que lugares frequentam, quem são os amigos, quais os artistas favoritos, por onde se deslocam pelo mundo, em quem votam, que causas são a favor ou contra, entre outras milhares de informações que fornecem nas redes sociais, nos aplicativos de *smartphones* e em navegações diárias na *internet*. Nesse cenário, os indivíduos precisam proteger, minimamente, sua privacidade de grandes empresas que controlam a *internet*.

Diante dessa reflexão, é importante conversar com os estudantes sobre como lidam com os rastros digitais, quem os rastreia, onde isso é feito e por quê. Vejo que o objetivo dos professores de LP deve ser apresentar estratégias, ferramentas e formas de navegar na *web* e usar o *smartphone* de forma segura, para evitar ou minimizar esse rastreamento. Seria possível que professores e estudantes discutissem juntos, em sala de aula, apresentassem ferramentas de navegação anônima e antivigilância, sugestões de aplicativos seguros de trocas de mensagens instantâneas e pesquisassem sobre criptografia, de modo que qualquer pessoa, sem conhecimento aprofundado da *internet* e da tecnologia, possa se proteger nas redes digitais.

A Educação Integral, que tem como foco o desenvolvimento dos estudantes, em todas as suas dimensões (intelectual, social, emocional, física e cultural), é a oportunidade para promover conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que preparem as novas gerações para realizar o seu projeto de vida. Isso pode contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva, ética, justa e sustentável, portanto essas novas aprendizagens precisam ser inseridas nos currículos e nas práticas pedagógicas das escolas.

Após trazer os pressupostos teóricos da EL do GPEDULING e das Metodologias Ativas para responder a questão 3- Quais benefícios que as metodologias ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística? apresento as referências teóricas sobre Tecnologias Digitais, no próximo capítulo, para responder a questão 1- As tecnologias digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio?

A seguir, apresento como as tecnologias digitais têm sido trabalhadas no Ensino, relatando algumas pesquisas e experiências dentro e fora do Brasil.

Capítulo 2- Tecnologias Digitais e Educação Digital

Na sociedade em rede, num primeiro momento, houve o surgimento dos sujeitos vistos como usuários; num segundo momento, com a geração da *Web*, houve o surgimento de redes sociais diversas. A função dessas redes, de conectar os usuários, possibilitou a *linkagem* de pessoas e de informação, e a escrita passou a ser vista como necessária para a vivência nesse fluxo em rede.

Diante disso, a comunicação oral e escrita, nesses novos espaços de interação social, deve ser levada para o espaço da aula. Alguns autores começam a propor a investigação da noção de texto como uma atividade de novas práticas da conectada sociedade do conhecimento. O objetivo deste capítulo é verificar em que medida as tecnologias digitais contribuem para o ensino e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio.

2.1- Impactos das Tecnologias Digitais na Educação

Os textos, produzidos nas redes sociais, podem apresentar simplicidade nas estruturas, nos significados e na organização textual-discursiva, mas, sabendo que as tecnologias digitais interferem nas atividades sociais do mundo contemporâneo, é preciso lidar com as novas ferramentas midiáticas no espaço das instituições educacionais.

Lévy (1999) aponta que a rápida mudança nas relações estabelecidas em um meio virtual de interações, como a *Internet*, tem por consequência o redimensionamento dos espaços antes ocupados e, portanto, conhecidos, o que ele denomina desterritorialização. Esse fenômeno é responsável pela perda das identidades antes instituídas e, depois, reorganizadas nesse ciberespaço, cujas interações passam a ocorrer simultaneamente, em um procedimento que o filósofo entende pela troca de informação e saberes de forma generalizada e não mais a partir de uma informação institucionalizada.

A rapidez no desenvolvimento tecnológico, nos últimos anos, popularizou a *Internet*, promoveu mudanças nas relações sociais e também nas comunicações interpessoais. A comunicação mediada pelo computador passou a fazer parte da interação cotidiana das pessoas. Os avanços possibilitaram também o acesso à informação, que não se limita mais aos computadores e permitiu às pessoas a produção e/ou o acesso a conteúdos digitais, de qualquer dispositivo interligado à

rede, a qualquer momento e, nesse sentido, Crystal (2002) propôs a denominação comunicação mediada por meios digitais (CMD), em lugar de comunicação mediada por computador (CMC).

As ações verbais que ocorrem na *Internet* processam-se em contextos, finalidades sociais e culturais específicos com redistribuição dos papéis sociais construídos colaborativamente. Nessa direção, Lévy (1999, p.29) define “inteligência coletiva” como a interação que ocorre de modo pleno na produção e na troca de informações e de conhecimento entre todos os usuários conectados à rede numa relação “TODOS-TODOS” em comparação entre os estados comunicativos do telefone - “UM-UM”, ou de televisão, rádio ou jornal: “UM-TODOS”. Lévy (2003, p. 30) ressalta a necessidade de descobrir ou inventar “um além da escrita, um além da linguagem”. Nas produções textuais efetivadas no meio digital, mediadas pela escrita, há pluralização de situações comunicativas e busca por objetividade.

A matriz de competências e habilidades dos PCNEM (Brasil, 2002) referentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, da qual faz parte a disciplina de Língua Portuguesa, estabelece como “Competência de área 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida”, por meio de quatro habilidades: “H1 - Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação”; “H2 - Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais”; “H3 - Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando as funções sociais desses sistemas” e “H4 - Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação”.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) apresenta um conjunto de 10 competências gerais que devem ser desenvolvidas, de forma integrada aos componentes curriculares, ao longo de toda a educação básica e foram definidas a partir dos direitos éticos, estéticos e políticos assegurados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para a vida no século XXI. Segundo esse documento, as competências gerais apontam para uma formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Elas foram incluídas no capítulo introdutório da Base e são: 1. Conhecimento, 2. Pensamento científico, crítico e

criativo, 3. Repertório cultural, 4. Comunicação, 5. Cultura digital, 6. Trabalho e projeto de vida 7. Argumentação, 8. Autoconhecimento e autocuidado, 9. Empatia e cooperação e 10. Responsabilidade e cidadania.

As 10 Competências Gerais da Base se desdobram em direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, dentro dos 5 campos de experiência da Educação Infantil. No Ensino Fundamental, as Competências Gerais estão presentes em unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem trabalhadas dentro de cada área do conhecimento e componentes curriculares específicos. Assim como no Ensino Fundamental, no Ensino Médio as Competências Gerais se desdobram em habilidades que serão desenvolvidas dentro de cada área do conhecimento.

Diante desses documentos PCNEM (Brasil, 2002) e BNCC (Brasil, 2018), é possível perceber que é função educacional garantir a construção de conhecimento, sob o ponto de vista tecnológico. Segundo McLuhan (2012), as ferramentas tecnológicas, em sala de aula, não podem ser compreendidas como meros transmissores de conteúdos, quando têm a potencialidade de se transformarem, pelo desenvolvimento de competências e habilidades, nos próprios conteúdos.

Diante das novas formas de organização discursivo-textuais que surgem no ambiente virtual, uma ferramenta de comunicação tem chamado atenção: as redes sociais. Destaco que, nesse ambiente público, de interação mediada pela escrita, a realização de uma produção textual em que se pode argumentar, narrar, descrever, ou expor sob uma forma de organização enunciativa específica, configura o caráter inovador dessas redes. Vejo que, na escrita desse ambiente virtual, o usuário busca o desenvolvimento de habilidades como concisão, precisão e objetividade, recursos linguísticos necessários, para tipificar essa produção textual curta e isso pode ser trabalhado na escola.

*Chats, e-mails, comentários e tweets*²⁶ estabelecem novas formas de comunicação por serem realizadas nos moldes do postulado por Lévy (1999). Defendo que a Educação, guiada pela noção de pertencimento social e de mundo, com as matrizes de competências e habilidades, direcionam-na nesse sentido e cabe ao professor relacionar tais realidades.

²⁶ *Tweet* é o nome utilizado para indicar as publicações feitas na rede social *Twitter*. O termo inglês significa “pio de passarinhos”. O símbolo do *Twitter* é um passarinho azul, simbolizando os “sons” emitidos pelos usuários, os *tweets*.

O uso das TDIC é uma prática social de muitos, mas dentro da sala de aula, será necessário saber usar os diferentes *softwares*, investigar *sites*, refletir sobre a fidedignidade da autoria, analisar criticamente, não só a informação veiculada, mas a repercussão dela, debater a questão da liberdade de expressão, mas também o respeito à opinião alheia. Todas essas competências relacionam-se com a leitura e a escrita.

Percebo que os jovens, por meio da *internet*, estão lendo e escrevendo cada vez mais. A facilidade de produzir, publicar, discutir, comentar e armazenar os textos, nesse ambiente social e acessível a quase todos os usuários, requer uma discussão de como selecionar a informação lida. Esse uso social e comunicativo dos meios eletrônicos traz, pela rede social e virtual, o uso intenso da escrita. Nesses gêneros emergentes, surgem novas características na composição, em relação aos aspectos textuais e formais, em relação aos temas, à natureza dos conteúdos, funções e profundidade, em relação ao estilo, nos aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários. Esse novo espaço de escrita gera uma nova relação com os processos de produção textual e podem surgir problemas de natureza ética, estética e política.

Os PCNEM (Brasil, 2002) incentivam, na escola básica, o uso das tecnologias em todas as áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. A preocupação se dá em relação ao estudante e a sua participação nesse processo, não apenas como receptor passivo de fenômenos desse mundo virtual. A contribuição efetiva para a construção do conhecimento precisa ir além de ser um recurso ou ferramenta. Os estudantes precisam mudar o modo de interagir, de comunicar, de acessar e de receber informações.

Ser cidadão é ter autonomia para tomar determinadas decisões e, isso será muito exigido na Universidade e na própria sociedade, como mostram os objetivos propostos pela Lei de Diretrizes e bases (LDB) para o Ensino Superior:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade: I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; [...] III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; VI –

estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade (...). (BRASIL, 1996, p. 15 e 16).

No século XXI, a prática social da escrita, segundo Bazerman (2006), influencia atividades públicas e privadas, seja por meio da difusão de documentos que organizam o conhecimento, seja, até mesmo, por puro entretenimento. Estudos relacionados ao letramento digital têm sido realizados, e da perspectiva da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista, o conceito de letramento desenvolvido por Soares (2006), entende que um evento de letramento é qualquer situação em que um portador, num evento de escrita, é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interação. Nessa mesma perspectiva, Bazerman (2006) salienta que o “letramento é a competência chave para a vida contemporânea”, pois, muitas atividades humanas requerem algum grau de letramento, quer seja da leitura, quer seja da escrita.

A transposição dessa concepção para a leitura e a escrita, nos meios digitais, não deve se basear somente na noção de letramento digital, em oposição a um letramento impresso. Não se trata mais de distinguir “dois letramentos”, como apontou Soares (2006), mas de compreender que a língua que se utiliza em um meio é a mesma que se utiliza em outro. Xavier (2002) afirma que o letramento digital implica realizar práticas de leitura e de escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização e afirma que ser letrado digitalmente pressupõe mudanças nos modos de ler e escrever.

Entendo que pensar em letramento digital sem pensar no papel do professor é inviável, visto que a implementação de um novo processo de ensino e aprendizagem requer que os professores estejam preparados para isso. Será necessário investimento na formação do professor para que ele possa pensar no funcionamento da vida social contemporânea e numa aprendizagem mais colaborativa.

Coscarelli; Ribeiro (2005), na obra *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, já abordavam o conceito de letramento e a relação dele com as máquinas. Elas levantam a questão do contexto da interação tecnológica social, com recorte nas possibilidades pedagógicas, relacionando essas novas tecnologias digitais com o espaço educacional contemporâneo.

É importante pensar, também, o aspecto da multimodalidade dos gêneros textuais, que se amplia constantemente no espaço digital e deve ser bem compreendido para o processo de ensino e de aprendizagem, como afirma Dionísio (2011). Esse conceito de multimodalidade torna-se imprescindível para analisar a inter-relação entre texto escrito, imagem e outros elementos gráficos, além de possibilitar a compreensão dos sentidos sociais construídos por esses textos, bem como a sua importância nas práticas de letramento.

Vejo que algumas escolas, muitas vezes, restringem-se ao texto impresso e não preparam o jovem para a leitura em diferentes gêneros textuais, suportes e mídias.

Santaella; Lemos (2010) tratam da evolução das redes sociais a partir das evoluções tecnológicas, pois entendem que as formas de produção textual também são passíveis de serem analisadas em tais contextos. É possível relacionar essas contribuições da Semiótica aos preceitos da Linguística Textual sociocognitiva-interacionista para compreender as possibilidades interacionais do ambiente digital e as especificidades das práticas discursivas.

Percebo que tudo isso exige novas práticas de compreensão e de produção; além de papel, lápis, giz, lousa estão o áudio, o vídeo, a edição e a diagramação. A mídia digital permite que o usuário seja interativo e possua vários interlocutores e possa criar produções colaborativas como o *GoogleDocs*, o *Prezi*²⁷, o *Facebook*, o *Twitter* e o *Tumblr*²⁸. A possibilidade de criação em rede e o funcionamento hipertextual facilitam as remissões, que se encontram na atmosfera da *Web* e podem ser acessadas informações por todos e de qualquer dispositivo eletrônico.

Diante disso, nesse momento de linguagens veiculadas pelas TDIC, tanto EnAp, como ApEn precisam repensar as formas de utilização da linguagem, onde buscar as melhores informações, como selecioná-las, como avaliar o compartilhamento ou não dessas informações, quantas delas podem se tornar públicas, qual o alcance que elas podem ter, como fazer para que esse conhecimento não fique fragmentado, mas, principalmente, identificar as contribuições das tecnologias digitais para a construção de um novo currículo.

²⁷ *Prezi* é um *software on-line* para criação de apresentações, uma alternativa ao *Power Point*, pois fica disponível no *site* e é compatível com imagens, como *gifs* e vídeos do *YouTube*.

²⁸ *Tumblr* é uma rede social em plataforma de *blog*, os usuários podem compartilhar e interagir com publicações em diversos formatos (áudios, vídeos, textos, imagens).

É importante fazer uma reflexão também sobre o livro didático como uma metodologia de ensino e de aprendizagem e a possibilidade de ele ser substituído pelas tecnologias digitais, entre elas, os computadores e celulares, inclusive, ser, também, apresentado digitalmente.

Percebo que, inicialmente, o projeto de educação digital empolgava professores e pesquisadores. O próprio Ministério da Educação e Cultura (MEC) via nessa alteração uma vantagem econômica. Destaco que não é de hoje que esse tipo de discussão ocorre, pois já se pensou no fim do livro didático quando surgiu o rádio e, depois, ocorreu o mesmo com aparição da TV. Infelizmente, havia uma crença de que essas tecnologias solucionariam os problemas da educação, mas penso que o mais importante deve ser o estudo sobre os impactos delas na aprendizagem.

Observo que, na prática, o livro didático funciona como mediador entre o saber social e a escola, é organizado a partir do currículo, sugere procedimentos e conteúdos, aula a aula e modelos de avaliação, com perguntas e respostas. Embora ele pareça facilitador do trabalho para o professor, já que prepara tudo, na verdade, pode fazer do mestre um ser refém do material. No entanto, o verdadeiro mediador deve ser o professor, que precisa, no contexto educacional contemporâneo, envolver-se com a elaboração de projetos pedagógicos, de acordo com as expectativas e interesses de sua comunidade escolar.

Alguns professores, por não possuírem tempo para preparar aulas e projetos, preferem as facilitações propostas pelos livros didáticos, mas vejo também que têm surgido outros profissionais, dispostos a buscar novas soluções, para a implantação de projetos pedagógicos inovadores. Embora, há alguns anos, já se fale num ensino por meio de competências e habilidades, a tradição da formação para os conteúdos, por métodos transmissivos e de memorização, ainda persiste em alguns colégios. Observo que a ideia de treino para vestibulares e concursos ainda aparece em livros didáticos e na proposta de algumas escolas.

Entendo que pensar um trabalho que ajude os jovens nas tarefas de acessar e organizar as informações, vencer as dificuldades de ler, entender, produzir para continuar aprendendo na Universidade e no mundo do trabalho não é uma questão fácil. As mudanças tecnológicas dos últimos anos alteraram a vida das pessoas e das instituições. Essas modificações ocorreram dentro e fora das escolas, na maneira de interação entre os interlocutores, nos assuntos privados e públicos,

expostos nas redes e nos espaços virtuais, nas novas práticas de leitura e produção textual, operadas em suportes digitais, com múltiplas formas de expressão, como texto, som e imagem, criando novas linguagens, no entanto, os efeitos dessas inovações no ensino, ainda, precisam ser mais discutidos.

É inegável que, na contemporaneidade, houve uma série de transformações, nos modos de produzir e receber conhecimentos. A realidade mostra que a complexidade está em descobrir os aspectos qualitativos do uso das tecnologias digitais para os processos de leitura e de escrita, como o consumo da informação, as questões relacionadas à autoria, o trabalho colaborativo em rede, o compartilhamento e a apropriação de ideias nas redes sociais e nas ferramentas de comunicação instantânea. Se, por um lado, autor e leitor encontram facilidade de acesso através das redes, por outro, esses usuários precisam verificar o grau de veracidade e fundamentação dos argumentos que costumam sustentar as ações de personalidades e instituições, para ponderar e decidir as posições sócio-histórico-ideológicas que os influenciam.

Cabe à escola discutir os riscos provocados pelo excesso de informação e repensar as análises e avaliações das publicações dessas ideias, apontar caminhos para que não se perca tempo precioso com assuntos banais. O jovem precisa ser instigado pelo uso consciente das tecnologias digitais para que possa controlar e selecionar melhor as informações que deseja publicar e / ou compartilhar. Ao mesmo tempo, ler no hipertexto, requer competências para saber fazer as melhores escolhas, entre as múltiplas opções, saber escolher os caminhos de construção do saber, para que ele não fique fragmentado, decidir o que deve ser lido ou ignorado.

Percebo que as práticas sociais da maioria dos estudantes são muito pautadas pelas tecnologias digitais, portanto a escola precisa levar isso em conta, ao desenvolver as práticas sociais de leitura e de escrita, de fala e de escuta, de análise linguística e literária, para ressignificar o ensino e a aprendizagem. Entendo que há muitas inquietações e dúvidas na maneira de se conduzir o ensino de Língua Portuguesa, tanto em escolas públicas como privadas, porém os desafios de incorporar à aula as redes sociais e conseguir fazer com que isso traga qualidade ao ensino precisam ser refletidos.

Segundo Araújo; Leffa (2016), organizadores da obra *Redes Sociais e ensino de língua: o que temos a aprender?*, as redes sociais se mostram mais fecundas para o florescimento de investigações sobre linguagem e tecnologia, também o uso

pedagógico das redes, em sala de aula, pode levar os estudantes a interagirem além da aula e demonstrarem maior autonomia na aprendizagem. No entanto, os autores criticam, por vezes, a reprodução da realidade da sala de aula tradicional repetida na virtualidade.

Os temas emergentes dessa obra são as possibilidades pedagógicas do uso de *Facebook*, a aprendizagem híbrida e o engajamento dos estudantes, autoria em rede e os recursos do hipertexto. O empoderamento dos jovens, ao interagirem em rede, reproduz os paradigmas dominantes na concepção atual de aprendizagem, com base no trabalho coletivo, de EnAp e ApEn, como os propostos pela EL do GPEDULING.

As experiências de uso das redes sociais, relatadas nessa obra, são de ensino de língua inglesa, como língua adicional. No entanto, os jovens escrevem, fotografam, filmam, compõem textos com imagens e áudio, vídeos que podem ser pensados por professores de língua portuguesa, para irem além das propostas de redação habituais, favorecendo novas formas de ensinar e de aprender em todos os lugares, não só dentro da escola.

Os jovens já acessam e aprendem muito, coletivamente, nas redes sociais. Esse fato pode ser ampliado, para dentro da sala de aula, com a participação dos professores, numa parceria além dos muros da escola. O sucesso dos *blogs*, *fotologs*, *videologs* pode entrar para atividades de leitura e de produção e ampliar a interação da comunidade escolar.

Não adianta ficar criticando o tempo que os jovens “perdem” no computador e no celular. Melhor é introduzir as tecnologias digitais na mediação pedagógica, para, inclusive, melhorar a construção de conhecimentos e saberes, nesse contexto contemporâneo fluido, proporcionado pelas redes sociais na *internet*, mas também de muita criação e originalidade.

Os desafios da inserção das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem na escola são inúmeros, mas não é possível deixar de perceber que a colaboração dos usuários nas publicações *on-line* aproxima-se das propostas da EL do GPEDULING, de estabelecimento de colaboração entre EnAp e ApEn, no processo de ensino e de aprendizagem, nas aulas de língua materna, em práticas letradas e orais.

Para verificar o uso de tecnologias digitais no ensino, faço um levantamento de pesquisas e experiências já realizadas dentro e fora do Brasil que relato a seguir.

2.2- Tecnologias Digitais e Experiências no Ensino

Para alcançar meu objetivo geral da tese, decidi buscar informações em artigos científicos e obras de outros países que possam contribuir com minha pesquisa. A relevância deles se dá em relação à discussão da influência das tecnologias digitais e como podem revolucionar o ensino. Ao mesmo tempo, é necessário ver como alguns professores estão utilizando essas tecnologias digitais no Brasil.

O artigo *Programming for the natives: What is it? What's in it for the kids*²⁹?, da revista do NIED/ UNICAMP, de Ackermann (2013), explora a interação tecnológica, os usos criativos e críticos dela; a influência no agir ou interagir; assumir ou abrir mão dos controles. A autora discute as implicações de suas descobertas para a educação, como interesse e motivação, experiências com máquinas e sem máquinas, controle e comunicação entre homem e máquina, maneiras de influenciar o comportamento para beneficiar a aprendizagem com programação.

A autora entende que o uso do conhecimento de programação cria contextos para que ocorra a aprendizagem e isso gera interesse e motivação, mostra “o estado da própria programação e seus supostos benefícios para ajudar os jovens a adquirir as competências de que necessitam para se tornarem fluentes utilizadores de TIC.”³⁰. (ACKERMANN, 2013, p.2). Ela acrescenta “em vez disso, devemos nos perguntar podem as ferramentas computacionais fornecer locais para a aprendizagem e jogo, para explorar, expressar, e partilhar ideias, de outras formas de dificuldade”³¹. (OP. CIT. p.16).

Na obra *Logo: Computadores e Educação*, Papert (1985) tece reflexões sobre a possibilidade de o computador revolucionar o sistema educacional. Em *What's the big idea? Toward a pedagogy of idea Power*³², em 2000, propõe uma pedagogia das ideias para que a educação passe por um processo de renovação, por meio da tecnologia e possa tornar o processo de ensino mais interessante e a aprendizagem mais emocionante. Afirma que “Ideias e tecnologias necessárias para construir

²⁹ Programação para os nativos: o que é isso? O que há nela para as crianças?

³⁰ The status of programming itself and its alleged benefits in helping youngsters acquire the competences they need to become fluent ITC users.

³¹ Instead, we should ask: Can computational tools provide venues for learning and play, for exploring, expressing, and sharing ideas, in ways otherwise difficult.

³² Qual é a grande ideia? Em direção a uma potente pedagogia do pensamento.

novas estruturas estão se tornando cada vez mais disponível”³³. (PAPERT, 2000, p.9). E,

o que estou sugerindo aqui é um programa de ideia de trabalho para educadores. Claro é mais difícil pensar em ideias do que trazer uma linguagem de programação para uma sala de aula. Você tem que mexer com ideias reais. Mas este é o tipo de risco que irá tornar o ensino mais interessante, assim como a ideia de trabalho que vai fazer isso para aprender.³⁴ (PAPERT, 2000, p.9)

Ele menciona a questão da necessidade de se relacionar o estilo do aluno com o estilo da escola e entende que o computador pode ser o mediador da relação professor e aluno. O autor problematiza, ainda, o que o aluno pode aprender com o professor e o que o professor pode aprender com o aluno. Embora ele pareça pessimista em relação às possíveis mudanças na escola, propõe que a reformulação pode se dar pela tecnologia, por seu potencial de mudança e pela possibilidade de surgimento de novas invenções por parte do aluno.

Infelizmente, ele não aborda o potencial de autoria do professor, nesse processo de promoção do desenvolvimento intelectual, por meio da tecnologia, nem pondera que um aluno possa ter aversão à tecnologia, apenas traz a possibilidade de ela produzir um processo novo de crescimento para aquele que possui aversão à escola.

Entendo que o novo aluno merece um novo professor, novas formas de ensinar e de aprender são necessárias à prática escolar, então, ensinar, por meio da tecnologia digital, pode ser ou não uma grande ideia, vai depender do estilo do aluno, do estilo do professor e do estilo da instituição. Penso que o uso de novas tecnologias digitais aplicadas à prática estudantil pode não ter o mesmo efeito para todos, e, portanto, será necessário saber fazer escolhas adequadas para cada finalidade. A partir da BNCC (Brasil, 2018), a reformulação deve ocorrer levando-se em conta o projeto de vida do aluno.

Em *Actores del Currículo: los estudiantes universitarios reflexionan sobre su trayecto curricular através de relatos digitales personales*³⁵, os autores Arceo; Rodriguez; David (2015) postulam a necessidade de se pensar numa mudança

³³ Ideas and technologies needed to build new structures are becoming increasingly available.

³⁴ What I am suggesting here is a program of idea work for educators. Of course it is harder to think about ideas than to bring a programming language into a classroom. You have to mess with actual ideas. But this is the kind of hard that will make teaching more interesting, just as idea work will do this for learning.

³⁵ Atores curriculares: estudantes universitários refletem sobre o seu percurso curricular usando histórias pessoais digitais.

radical de paradigma para a construção de narrativas multimodais, pois elas acabam por criar um novo gênero narrativo, ao integrar a tecnologia no processo instrucional da narrativa digital. Eles discutem a integração da tecnologia no processo instrucional da narrativa e entendem que isso produz o Pensamento Computacional.

Ao abordar o Pensamento Computacional, em *Pensamiento Computacional: una nueva alfabetización digital computacional*³⁶, Zapata (2015) apresenta que a programação não serve apenas para programadores, mas para todos, pela flexibilidade mental que proporciona na construção do saber. Seja pelo caráter motivador, seja pelo processo de análise, o Pensamento computacional e o digital se apresentam como uma forma eficaz, para o domínio das ideias e para a construção do pensamento crítico. O autor propõe uma lista de competências e habilidades para esse processo de codificação. Ele entende o Pensamento Computacional como uma espécie de alfabetização digital, pois

é uma nova alfabetização, a alfabetização digital, e como tal, tem que começar desde os primeiros estágios de desenvolvimento individual, bem como ocorre com outras competências-chave : a leitura, a escrita e as habilidades matemáticas .³⁷. (ZAPATA, 2015, p.1).

expressões como trabalho colaborativo ou aprendizagem colaborativa são lugares comuns na prática de ensino e nas teorias de aprendizagem. Elas têm a sua origem remota nos métodos socráticos, na aprendizagem vicária e mais recentemente nas teorias de Vygotsky, nas teorias de aprendizagem situada de Merrill e no socioconstructivismo. E entraram em plena vigência em ambientes de aprendizagem on-line.³⁸. (ZAPATA, 2015, p.26).

Na Educação, considero que os conhecimentos sobre o Pensamento Computacional podem favorecer a aprendizagem dos ApEn. O novo desafio é estudar mais as novas possibilidades de abordagens educacionais, que mudem o paradigma da educação, para que ela esteja atualizada, com relação às inovações tecnológicas e às formas de processamento de informação no século XXI. Há a

³⁶ Pensamiento computacional: Uma nova alfabetização computacional digital.

³⁷ Se trata de una nueva alfabetización, la alfabetización digital, y que como tal hay que comenzar desde las primeras etapas del desarrollo individual, al igual como sucede con otras habilidades clave: la lectura, la escritura y las habilidades matemáticas.

³⁸ Expresiones como trabajo colaborativo o aprendizaje colaborativo son lugares comunes en la práctica de la enseñanza y en las teorías del aprendizaje. Tienen su origen remoto en los métodos socráticos, en el aprendizaje vicario y más recientemente en las teorías de Vygostky, en las del aprendizaje situado de Merrill y en el socioconstructivismo. Y han adquirido plena vigencia en los entornos conectados de aprendizaje.

necessidade de se pensar sobre a relação entre a tecnologia digital e a educação e a interação entre o homem e a máquina. Destaco, ainda, a importância de se refletir sobre o uso pedagógico das TDIC e sobre o potencial desse uso para as novas possibilidades de reconfiguração das práticas pedagógicas, que efetivamente contribuam para a reflexão, para a aprendizagem, para o saber, para a Educação e para a própria qualidade de vida no século XXI.

Vejo o Pensamento Computacional como um método, um procedimento que, utilizado com recursos tecnológicos, pode construir uma prática educacional mais estimulante, que leve a exercitar a capacidade de invenção e a exercer a originalidade, que propicie o compartilhamento de ideias e estabeleça uma relação de interação muito rica entre estudantes e professores, estabeleça o poder de reflexão, de criação, de busca e estructure um processo para construir o conhecimento, errando, corrigindo, depurando, avaliando e descobrindo novos caminhos. Vale notar que a BNCC também inclui o Pensamento Computacional no documento oficial.

Aponto que esses caminhos podem ser diferentes para cada um, pois o computador traz essa individualização e cada um pode percorrer o trajeto do seu jeito. Ele pode deixar o ambiente mais dinâmico, mas a interação, que ocorre por meio da interatividade, que o uso dos dispositivos eletrônicos promovem nas relações humanas, é a melhor contribuição que pode verdadeiramente ampliar o potencial intelectual dos ApEn e dos EnAp. O computador e o Pensamento Computacional podem motivar e transformar ambos em pessoas mais ativas, críticas e reflexivas, e as aulas podem se tornar mais dinâmicas e colaborativas, como nas experiências já realizadas no Brasil, que serão abordadas na sequência.

Há no Brasil, repositórios mantidos por instituições governamentais, com objetivos educacionais, destinados a fornecer subsídios para a prática pedagógica. Esses recursos educacionais digitais são de livre acesso e apresentam áudios, vídeos, animações, simulações, imagens, mapas e hipertextos.

Um deles é o Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE), interligado ao Portal do Professor, fruto da parceria entre o MEC e o Ministério das Ciências e Tecnologias (MCT). Participam desse projeto a Universidade Federal do Ceará, a Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de São Carlos e a Universidade Federal Fluminense.

Como qualquer pessoa pode publicar os conteúdos, Araújo (2013) critica o fato de os objetos de aprendizagem (OA) ³⁹ de Língua Portuguesa não serem avaliados por especialistas. Ela analisa dois desses OA, publicados no BIOE; discute a avaliação deles para o ensino de LP e faz uma análise crítica de o enfoque se dar para os aspectos tecnológicos e se deixar de lado os didático-pedagógicos. Segundo a autora, como a concepção de OA vem das Ciências da Computação, os aspectos técnicos são mais trabalhados que os pedagógicos. Ela mostra algumas características das ferramentas educacionais pedagógicas e percebe que o OA como atividade de ensino deveria apresentar um propósito específico e estimular a reflexão do estudante.

Ela analisa as animações *Noite de almirante*, de Machado de Assis e *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade e critica a ausência de abordagem de aspectos pedagógicos e de interação, de indicações teóricas a respeito de habilidades de leitura do texto literário, do texto visual, ou mesmo, do ensino de língua, de procedimentos de análise comparativa entre o conto ou o poema com as retextualizações⁴⁰ em outra mídia e, por fim, ausência de interlocução do estudante no processo.

Percebo que se trata de um típico caso de uso de recursos digitais para “facilitar” o ensino e apenas despertar o interesse. Fica reduzido ao simples uso de uma ferramenta tecnológica, uma vez que as características pedagógicas são deixadas de lado, como as diferentes formas de aprendizagem, os objetivos, os propósitos, os comportamentos esperados na participação do ApEn no processo, a perspectiva de abordagem para o EnAp.

Não entendo que apenas a disseminação de uso de OA, publicados em repositórios, trará qualidade ao processo de ensino e de aprendizagem se servirem apenas de ferramenta, de uso de recurso digital, sem uma preocupação com critérios didático-pedagógicos. Defendo que será necessário pensar nas tecnologias digitais não apenas como distribuição de conteúdos, mas como distribuição do conhecimento, de partilhas, de trocas colaborativas e de ampliação de competências.

³⁹ O objeto de aprendizagem é algo a ser trabalhado, por meio de tecnologia ou suportes tecnológicos, de forma presencial ou a distância, com objetivo educacional.

⁴⁰ Para Marcuschi (2001), a retextualização é uma tradução de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua.

Ribeiro (2010) relata uma experiência mais interessante, em sala de aula, em um curso de Português Instrumental para duas Engenharias (de Computação e de Materiais) em uma Instituição Federal de Ensino Superior. A autora tem como um dos objetivos promover a reflexão entre modalidade oral e escrita e estimular modos de produção em suportes diferenciados. Ela transcreve um programa de rádio, com utilização das normas do Projeto Nurc⁴¹ e entrega para as duplas de estudantes, que passam a apontar os aspectos observados, e, aos poucos, eles vão percebendo que se trata de uma transcrição. Em seguida, eles têm que acessar o *podcast*⁴² para ouvir a transmissão em outra modalidade/mídia e, na sequência, eles têm que propor uma nova composição ao texto, sendo que, numa turma, devem apresentar notícias de jornal impresso e, na outra turma, uma versão *web* do texto.

A autora do artigo conclui que, ao propor os processos de retextualização e, ao utilizar diversas mídias, é possível trabalhar diversos letramentos, pois os estudantes precisam acionar suas experiências em suportes impressos, digitais e eletrônicos. Além disso, a avaliação dessa atividade, com as novas tecnologias, é coletiva, o que propicia ainda mais a percepção deles de que, para se produzir uma comunicação, vários são os recursos multimodais⁴³ necessários, bem como diversas linguagens, suportes, condições de produção.

O que noto como resultado, nesse relato de experiência da autora, é que essa atividade tem relações intensas com os letramentos⁴⁴ e proporciona aos jovens a clareza de conceitos na construção de conhecimentos sobre produção textual e a possibilidade de ampliação de competências em comunicação.

Considero que, embora algumas escolas já tenham equipamentos tecnológicos, conexão e professores letrados digitalmente é preciso pesquisar e discutir como o trabalho em torno da tecnologia digital pode levar a uma educação crítica e à verdadeira transformação social. O certo é que, por mais que o jovem tenha um bom grau de conhecimento digital, o professor precisa pensar um trabalho

⁴¹ Sistema de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana de São Paulo, organizado por Dino Preti.

⁴² *Podcast* é uma transmissão de arquivos multimídia na *Internet*, em que as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas, falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como num blog, mas ao invés de escrever, falam numa espécie de rádio virtual.

⁴³ Para Kress e Van Leeuwem, a multimodalidade é o uso de diversas modalidades verbais, visuais, sonoras.

⁴⁴ Em função dos propósitos comunicativos de cada suporte, exercitaram a leitura de transcrição do programa de rádio, a escuta do *podcast*, a produção escrita do texto, o uso adequado do léxico e da gramática e a escolha dos recursos pertinentes ao impresso ou ao eletrônico.

sistemático de análise crítica do uso das TDIC. Pesquisar num ambiente digital, num laboratório, juntos, em rede, na *internet*, pode ser uma das maneiras de se observar e analisar a interação imediata, numa perspectiva sociointeracionista. Não se trata apenas de trabalhar os gêneros textuais digitais, mas de utilizar os recursos tecnológicos, de modo produtivo no ensino, com um trabalho com os mecanismos de linguagem, para que o aprendizado se perpetue e siga com o indivíduo para além dos muros da escola.

Novais (2010), por sua vez, investiga como as experiências digitais sofrem interferência dos conceitos das teorias de leitura e dos estudos sobre textualidade, realizando testes de leitura, com usuários primários de letramento digital. A autora mostra que, assim como um texto é produzido por determinado autor para determinado leitor, em certas circunstâncias e com um objetivo, as interfaces digitais também trazem várias possibilidades de significação, pois cada usuário, com suas experiências e expectativas, vai trazendo possibilidades diferentes de salvar um documento, fazer *download*, acessar páginas. Em outras palavras, as estratégias para entender e dar sentido às atividades vão se diversificando, buscando seus sistemas de conhecimento, de crenças e de cultura, como ocorre com a leitura de textos.

Entendo que os testes de leitura das interfaces aproximam-se das habilidades necessárias de leitura de textos, pois ambos recorrem a conhecimentos e práticas anteriores para a compreensão, embora o meio digital possua propriedades diferentes de outros textos e suportes.

Buzato (2013), ao discutir tecnologia e educação e os novos letramentos para o Ensino a Distância (EAD) na Universidade no Brasil, aborda algumas questões, que podem servir ao ensino presencial. Dentre elas, a de que a presença de tecnologia digital atende apenas ao apelo atual à modernização do ensino e a um entusiasmo acrítico. O autor propõe a discussão sobre

como os letramentos/letramentos digitais trouxeram à consciência dos que pesquisam letramento a necessidade de repensar a relação entre prática social, história e espaciotemporalidade nas pesquisas e propostas de ação. (BUZATO, 2013, p. 30).

Ele mostra como as noções de letramentos foram sendo consolidadas como práticas sociais situadas e como elas se reproduzem em tempos e espaços diversos. Surge a complexidade das diferentes noções, experiências e representações que

repercutem continuamente na vida moderna, logo a escola tem se preocupado em utilizar as tecnologias, mas, ao mesmo tempo, reprime o uso de celular, então, as tecnologias da informação e comunicação, geralmente, transformam-se em tecnologias apenas da informação. O que ele argumenta é que a escola é produtora e produto de uma mentalidade (mono) espaciotemporal que está em conflito com outras relações, com o conhecimento e com a atividade produtiva, ou seja, os letramentos podem produzir transformação ou reprodução da prática educacional da educação tradicional.

Esse autor defende que é importante tentar um engajamento com o potencial pedagógico da cultura digital e encontrar maneiras de legitimar os novos letramentos. Buzato utiliza o termo pedagogia da conexão, uma pedagogia que seja capaz de superar a monocronia, a monoespacialidade e o monologismo no processo de ensinar e de aprender, que lide com a policronia e a poliespacialidade e compatibilize heterogeneidades (cultural, espaciotemporal, disciplinar).

Postulo que é importante pensar nas tecnologias digitais como possibilidade de transformação social, de mudança de atitude na busca da informação e da produção e recepção de crítica. Quanto maior for apropriação das novas tecnologias, melhor será a possibilidade de trocas socioculturais, logo as ações educacionais podem aproveitar essas transformações e inovações das tecnologias digitais.

Felizmente, a partir de 2018, com a BNCC, o Brasil passa a ter uma política pública para o desenvolvimento dessas ações educacionais mais transformadoras, que podem favorecer a interação e a possibilidade de transformação social e inovação em rede para uma educação digital na sala de aula. O que falta, ainda, é investimento para melhorar o acesso à *internet* para docentes e discentes.

A seguir, apresento os conceitos de Educação Digital e a possibilidade de uso de mídias digitais em sala de aula.

2.3- Educação Digital na Sala de Aula com Uso Mídias Digitais

Pérez Gómez (2015) afirma que a instituição educacional permanece basicamente a mesma, embora o resto da sociedade tenha se transformado radicalmente, desde o final do século XIX. Na obra *Educação na Era Digital- A Escola Educativa*, o autor propõe-se a refletir se é possível ter uma escola

educativa, que ajude cada indivíduo a se construir de maneira autônoma, sábia e solidária. Para isso, ele estabelece um diálogo com vários autores, teorias, experiências e propostas, no sentido de apontar o que significa aprender a se educar no complexo contexto contemporâneo e apresenta o que ele considera ser uma escola educativa, que ajude a construir pessoas capazes de escolher e desenvolver o próprio projeto de vida nos âmbitos pessoal, social e profissional.

Para esse autor, os desafios educacionais na era digital precisam ser discutidos, pois afinal, a *internet* é a tecnologia que invadiu, rapidamente, a vida de todos e há previsões de que os computadores alcançarão a consciência, que eles poderão ter o mesmo poder de processamento do cérebro humano e até enriquecer a inteligência humana ao misturar os artifícios da computação com o cérebro humano.

Vejo que, no século XXI, as informações são produzidas e consumidas constantemente, tais como apontadas na ideia de desterritorialização em Lévy (1999), logo as práticas de leitura, escrita, pensamento, aprendizagem também precisam evoluir para que a produção e o consumo não fiquem fragmentados, em função da quantidade de informação, nem a atenção fique dispersa. Observo que a possibilidade da comunicação intercultural faz com que os indivíduos não fiquem restritos aos seus próprios contextos, mas, para que esse intercâmbio não seja conflituoso, é importante que a escola discuta formas de ensinar, que estimulem o caráter problematizador, de forma tranquila, com mais respeito e menos polarização.

A *internet* precisa ser utilizada na escola, como plataforma digital e rede social, que contribua para a interação e para a participação dos interlocutores, mesmo diante de diversas concepções culturais, para que os jovens compartilhem e socializem de forma mais plural os contrastes de opiniões que surgirem, para que seja um espaço poderoso para ação e interpretação em projetos de intercâmbios mais colaborativos e compartilhados. Aprender a linguagem das telas e das tecnologias é tão necessário, como a alfabetização, relacionada com a leitura e a escrita verbais. Percebo que não é apenas ensinar a ler e a escrever nas plataformas multimídia, mas também compreender a natureza intrincada e conectada da vida contemporânea.

É comum ouvir que a cooperação é uma exigência atual para o conhecimento, na era da informação, que o trabalho em equipe e a complementaridade são funções exigidas na vida social e profissional

contemporânea, que a comunicação é horizontal, que o conhecimento é compartilhado. A questão é pensar como a escola vai integrar conhecimentos, atitudes e competências, diante da fragmentação do ensino atual, por meio de disciplinas, e das propostas de ensino, que controlam os intercâmbios de informações, em dissonância com a vida cotidiana dos jovens, mediada pelas redes sociais virtuais, que induzem novos estilos de processamento de informação, de expressão e de ação.

É necessário saber selecionar as informações, aprender a expressar as próprias opiniões, comparar, avaliar os fatos e criar conteúdos, que comuniquem bem, usando a palavra, a imagem, o som, o movimento etc. Percebo que o desafio escolar é pensar em processos de ensino que transformem as práticas escolares, de forma significativa, para os EnAp e para os ApEn, que mudem a definição da sala de aula, como um espaço pedagógico, que tragam novas metodologias, mais plurais, flexíveis e personalizadas como apresentadas no capítulo anterior.

Para a BNCC (Brasil, 2018), os estudantes precisam ser capazes de usar ferramentas multimídias, utilizar tecnologias, mídias e dispositivos de comunicação modernos de maneira ética, sendo capazes de comparar comportamentos adequados e inadequados. Não adianta apenas equipar a escola, a infraestrutura e utilizar novas ferramentas para desenvolver tarefas antigas, mas entender que as exigências de formação dos cidadãos contemporâneos passam pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções.

Para isso, é necessário debater as novas finalidades e propósitos que a escola precisa, para preparar os cidadãos da era digital, que não priorizem uniformidade e homogeneidade didáticas, mas, sim, o pensamento emergente, reflexivo, criativo e flexível. A educação padronizada e convencional entedia os ApEn, despreza o valor das experiências, das vivências emocionais e dos projetos de vida que desejam construir, não desenvolve para o questionamento, a pesquisa, a comparação, a negociação, a solução de problemas, a cooperação e a criação, não busca relevância e qualidade como critérios para formação do currículo.

Como a vida real exige abordar problemas complexos, a escola precisa utilizar conteúdos e habilidades reais, para a motivação da busca por metas e propósitos relevantes, criar novos cenários de aprendizagem, não só discutir o que e como aprender, mas quando e onde encontrar o conhecimento. Destaco que

aprender a cooperar e a participar, ativamente, é uma estratégia para aprender a aprender, ao longo da vida, em contextos em transformação.

Entendo que, para aprender a se educar, desenvolver qualidades ou competências humanas, é importante dar mais importância às experiências, às relações e aos contextos que à transmissão de conteúdos, dados e conceitos desvinculados das vivências. Assim, como destaca Pérez Gómez (2015),

As finalidades da escola devem se concentrar no propósito de ajudar cada indivíduo a construir o seu próprio projeto de vida (pessoal, social e profissional), para percorrer o seu próprio caminho da informação ao conhecimento e do conhecimento à sabedoria. (Pérez Gómez, 2015, p.76).

Para isso, ele enfatiza três qualidades básicas: saber, solidariedade e autonomia e formula três competências básicas para a era contemporânea:

a) Capacidade de utilizar e comunicar de maneira disciplinada, crítica e criativa o conhecimento e as ferramentas simbólicas que a humanidade foi construindo até nossos dias; b) capacidade para viver e conviver democraticamente em grupos humanos cada vez mais heterogêneos, na sociedade global; e c) capacidade de viver e atuar autonomamente e construir o próprio projeto de vida. (OP.CIT. p.77).

Penso que, para ajudar os ApEn a utilizarem a informação de maneira reflexiva e produtiva, a escola pode usar conhecimentos para elaborar, planejar, atuar em grupos de debates e atuação compartilhada nos diversos cenários escolares e não apenas se ocupar da tarefa de abranger conteúdos disciplinares presentes no currículo oficial.

Os EnAp podem ensinar o jovem a ver, observar, levantar inferências, elaborar hipóteses e buscar provas, desenvolver a capacidade de criticar, comparar, contrastar e avaliar as ideias, rejeitar as verdades fixas e as definições absolutas, estimular o crescimento do pensamento crítico e a capacidade de transcender os limites conceituais da própria cultura para utilizar o conhecimento de forma original.

Os ApEn também vão precisar viver e conviver em grupos, cada vez mais heterogêneos, aprender a cooperar, bem como ter a capacidade de resolver problemas com empatia, de forma pacífica e democrática diante dos inevitáveis conflitos da vida social. Para isso, os trabalhos escolares em grupos e debates podem contribuir para o desenvolvimento das emoções, atitudes e valores como a solidariedade, o saber escutar, respeitar as diferenças celebrar a diversidade, a

originalidade e a inovação. Destaco que a escola tem que ajudar a fazer com que cada indivíduo desenvolva a capacidade de pensar, viver e agir com autonomia para conhecer a si mesmo e poder construir o próprio projeto de vida.

As pessoas aprendem de diferentes formas; portanto, devem ser ensinadas com procedimentos e caminhos diferentes, com um ensino diversificado e personalizado e não com modelos de uniformidade didática, único para todos. Isso é possível com a criação de um currículo que dê espaço para optatividades, em que o ApEn possa desenvolver a autonomia da sua própria aprendizagem.

É possível fazer uma formação personalizada, por meio das ferramentas digitais, com a tutoria dos educadores, como nos trabalhos com produções multimídia. Para exemplificar uma possibilidade de aplicação de Educação Digital na sala de aula, apresento experiências de professores / pesquisadores cujas propostas de projetos de ensino fazem uso de material de mídias digitais.

Andersen (2013) assume uma perspectiva científico-pedagógica e examina a importância das tecnologias de produção multimídia no ensino, enfocando a Educação, a Linguística, a Semiótica e a Comunicação, com a intenção de integrar universidade e escola, teoria e prática, pesquisa e ensino. Na obra, há diversos autores da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), com propostas de elaboração de projetos de ensino de EFII e EM, com uso de materiais multimídia, como o *software* livre STYKZ para desenvolvimento de animação, o *Movie Maker* para criação de propagandas televisivas, o *software* Vídeo Spin para criação de minidocumentários, o *software* *Kdenlive* para produção de VLOG, os softwares Diji álbum e *Ncesoft Flip Book Maker* para elaboração de foto livro digital.

Defendo que o jovem precisa aprender a ler e a produzir mídias digitais, que, verdadeiramente, circulem e sejam necessárias para a vida em sociedade e que o professor precisa assumir o papel de mediador, que provoque a reflexão crítica e que desperte a criatividade de seus alunos.

A autora propõe que ambos elaborem juntos cada etapa do processo, desde o diagnóstico inicial, a formulação do objetivo até a seleção de mídias e de programas. As experiências relatadas na obra são fruto de projetos elaborados no interior do Programa de Educação Tutorial, PET- Letras, com financiamento do Ministério da Educação e aplicados em escolas de educação básica do ensino público. A pesquisadora vê o professor como ator essencial para educação de qualidade, porque

O professor com espírito investigativo e que propõe projetos com base em suas pesquisas jamais poderá ser substituído por uma máquina. Somente o professor tem as habilidades necessárias para promover uma inclusão digital efetiva na escola. Inovar no ensino não significa apenas equipar as escolas com máquinas. É o professor que fará a diferença; depende dele que o ensino mediado por computador não seja apenas uma reprodução do ensino tradicional para a máquina. (ANDERSEN, 2013, p. 38).

Essa é uma preocupação real de alguns educadores, a possibilidade de serem substituídos pelas máquinas. Concordo com essa autora, pois quem pode fazer a diferença na promoção das habilidades é o professor.

Na atividade relatada com desenho animado⁴⁵, há preocupação com letramento visual para alfabetizar para o mundo imagético tratado como gênero multimodal, por meio de uma ferramenta, disponível para *download* gratuito. Os estudantes precisam elaborar um roteiro com ênfase em habilidades tipológicas, como as narrativas e as descritivas e reconhecimento de signos visuais, como cores, formas, tamanhos, gestos. Os resultados são considerados plenamente satisfatórios, pois há desenvolvimento de competências de linguagem, compreensão e interpretação de textos multimodais e habilidade criativa na elaboração dos roteiros.

O projeto das propagandas⁴⁶ com uso do *Windows Movie Maker* impacta o desenvolvimento da escrita, a reflexão do uso real da língua para um interlocutor real, numa situação comunicativa específica com um objetivo concreto. Os jovens sentem-se autores das propagandas criadas e satisfeitos com o fato de elas ficarem disponíveis na *internet* para poderem explorar os recursos imagéticos articulados ao texto escrito na produção dos demais colegas da turma.

A análise e a produção do gênero minidocumentário⁴⁷ proporcionam um trabalho de uso dos articuladores discursivos, a reflexão sobre o papel que os conectores exercem nesse gênero, a coerência, a coesão, além de aspectos ligados à oralidade num contexto de uso autêntico. Os vídeos são produzidos sobre a história da cidade de Bagé, numa ferramenta gratuita, o *software* Vídeo Spin e, depois, disponibilizados no *YouTube*, para que possam continuar a reflexão sobre o uso da língua adaptada às situações apresentadas e aos propósitos definidos.

⁴⁵ Pesquisa prática desenvolvida por Eduardo Souza Pinto e Fabiana Giovani.

⁴⁶ Projeto de pesquisa desenvolvido por Fernanda Luiz Saggiomo e Aline Lorand.

⁴⁷ Produção de Maicon Fernandez Vaz de Souza e Elenice Maria Larroza Andersen.

No relato do trabalho com VLOG⁴⁸ com *software* multimídia Kdenlive, após aplicação de um questionário semiaberto, é possível perceber a satisfação pessoal na utilização do programa pela maior parte dos estudantes. Alguns alunos que possuem pouco letramento digital têm dificuldade, mas vão superando as dificuldades com as estratégias educacionais adequadas. Após assistir a *vlogs* famosos, podem criar a produção textual deles; alguns oferecem resistência às filmagens e é oferecida a opção de elaboração de um desenho com a narração deles, ao invés do rosto deles focado para a câmera. Ao final, os vídeos são postados no *vlog* da turma, criado por todos com auxílio da professora.

O texto memorialístico presente na produção do gênero fotolivros digitais⁴⁹ desenvolve letramentos, por meio de dois programas o *Ncesoft Flip Book Maker* (criação em 3D), mas sem espaço para produção de textos escritos e o *Diji Álbum* que contempla a linguagem verbal, além de som e movimento. A partir da questão “Quem sou eu?”, produzem textos a partir de suas experiências e utilizam diversas fotos para recuperar essas lembranças e relacioná-las ao presente. Essa experiência possibilita a construção de depoimentos históricos, com registros de fatos políticos e como impactam a vida das pessoas. Essa atividade promove autoconhecimento e conhecimento social.

Destaco que todos os pesquisadores dessa obra relatam as experiências com multimídias digitais, em aulas presenciais, como momentos gratificantes, de ensino mais significativo, mesmo com situações de imprevisibilidade dos suportes e da necessidade de revisão do andamento das atividades, para adaptação dos alunos e dos professores aos programas utilizados. Para eles, a motivação e o engajamento, durante as etapas dos projetos, com uso dessas ferramentas, revela que houve contribuição tanto para a inclusão digital quanto para o desenvolvimento de habilidades de linguagem.

Percebo o desenvolvimento de projetos pedagógicos reais, de diversos gêneros, que integram palavra, imagem, som e movimento, mas, principalmente, criação e produção multimídia, por parte dos estudantes, com a mediação do professor, com vistas a uma educação plenamente adequada à sociedade do século XXI, influenciada pelas mídias e pelas múltiplas linguagens, como as propostas pela Educação Linguística do GPEDULING.

⁴⁸ Relato de trabalho de Alana Nunes e Silvana Silva.

⁴⁹ Experiência de Fabiana Soares Silva e Elenice Maria Larroza Andersen.

A vida real tem mostrado muitas situações de uso de tecnologias digitais, criando oportunidades novas. Há uma movimentação social em SP, voltada para tecnologias digitais, como vivências, cursos, oficinas e até atividades de lazer. Corridas de *drones*, futebol de robôs, confecção de helicópteros motorizados, robótica como plataforma de criação, clube *maker*, para construção de carrinho a pilha, com minimotor elétrico, são exemplos de desenvolvimento de novas linguagens e formas de expressão e interações entre seres humanos e máquinas. Há também seminários para discutir as novas configurações dessa era digital, como as *fake news*, pois apenas a Educação na e para as redes será capaz de desenvolver a formação necessária para lidar com as redes digitais contemporâneas da melhor forma.

No entanto, a arquitetura escolar, por vezes, com carteiras enfileiradas, aponta para um currículo oculto da escola, baseado em hierarquias, em oposição, ao conceito descentralizado que as crianças e jovens encontram nas redes que convivem fora da escola. Daí, a importância de haver incentivo aos espaços coletivos de interação, dentro da escola, como o uso de bibliotecas, auditórios, laboratórios e demais ambientes de aprendizagem que possibilitem a integração dos estudantes e a concepção de que ensino precisa de convívio para desenvolver autonomia.

Observo que, muitas vezes, o jovem fica submetido às redes digitais e esquece-se de conviver; é capaz de opinar nela, o tempo todo, exhibe opiniões, publica, posta, compartilha, inclusive coisas que não vão sair no jornal televisivo e isso é positivo, mas defendo que é importante colocar a tecnologia a serviço deles e não serem escravizados por ela. Há ainda os que usam a tecnologia para produzir filmes, lançar vídeos, beneficiando-se do desenvolvimento de ferramentas tecnológicas baratas e acessíveis, mas é preciso pensar a questão da autoria. Defendo que os professores e as escolas precisam estar sensíveis a essas movimentações e também trabalharem com as facilitações de recursos, *softwares*, aplicativos que permitam novas perspectivas de ensino e de aprendizagem.

Os jovens souberam explorar em 2015, durante as ocupações das escolas, os recursos das câmeras de celulares para protagonizar suas ações e fortalecer as narrativas que queriam mostrar sobre o mundo em que vivem. Conectados utilizaram a tecnologia, como forma de argumentação. Atitude semelhante de ativismo digital

ocorreu nas manifestações de 2013, em relação ao aumento das tarifas de transportes públicos em SP.

Essa dinâmica natural deles para construir coletivamente precisa, urgentemente, encontrar espaços dentro dos muros da escola: aprender, inventar, criar, editar e divulgar ideias, de forma colaborativa, com a mediação dos professores. Outra questão que a escola vai precisar pensar é no *bullying* na era digital, tema como compartilhamento de fotos íntimas, difamações nos ambientes *on-line*, pois essas perseguições praticadas na *web*, não raro, entram no ambiente escolar. Penso que é papel dos professores e das famílias essa conscientização do se que escreve, posta, curte e compartilha nas redes, no mundo digital, para que não ocorram mais casos de uso indevido das tecnologias digitais. O Brasil criou em 2015 o Programa de Combate à intimidação Sistemática para coibir e combater os crimes digitais que se espalham tão rapidamente pelas redes sociais.

Há apresentações em congressos, sobre os impactos positivos de uso dos *videogames* no ambiente educacional, seja do ponto de vista instrumental, seja do ponto de vista da produção de *games* como prática pedagógica. Além da gamificação⁵⁰ como conteúdo interdisciplinar, com uso de mecânicas e dinâmicas de jogos para engajar pessoas, resolver problemas e melhorar o aprendizado, algumas escolas adotam uma disciplina regular, outras, extracurricular, voltada para o *game design*, para fazer um uso mais competente da tecnologia dos games.

Os que a desenvolvem argumentam que simular problemas reais, em ambientes controlados, reproduz diferentes variáveis nas mesmas situações e isso tem auxiliado a repensar o formato das aulas e tornar o aprendizado mais significativo por parte dos discentes. Considero que, nesses ambientes, o erro torna-se parte do aprendizado e não uma punição por falta de conhecimento.

Há alguns movimentos sociais de uso da tecnologia, transformando vidas, que valem a pena ser citados. O Grupo de Pesquisa Cidade do Conhecimento da USP desenvolveu o Jogo *Conflitos Globais* para estimular a ampliação da recepção crítica ao universo dos *games* e apoiar iniciativas no campo da formação de professores na criação de games de impacto transformador. A *ONU Mulheres* aponta que, embora muitas mulheres estejam fora dos principais postos de trabalho gerados pela tecnologia, muitas meninas e mulheres têm se interessado pelas

⁵⁰ É a aplicação de elementos de *design* de jogos em outros contextos, que não são os dos jogos eletrônicos. Em ambientes educacionais, podem ser utilizados para motivar os estudantes.

ciências exatas. Em São Paulo, há o *InfoPreta*, que, desde 2015, presta serviços tecnológicos como restauração, *backup*, formatação de computadores, realização de *workshops* de tecnologia, empreendedorismo e inovação. Existe a *Coletiva Hacker Feminista MariaLab* para mulheres trocarem informações e conhecimentos sobre tecnologia, eletrônica e programação.

Uma grande inspiração para minha tese surge a partir de uma palestra de Giles Lipovetsky, em 2019, em que o palestrante, propõe um modelo cooperativo inovador, com alunos aprendendo com outros alunos tutores, o que ele chama de coensino tutorado. Essa inovação também é defendida por Masetto (2010) e Moran (2015), então, a seguir, proponho que seja aplicada para o desenvolvimento da Educação Linguística do GPEDULING da PUC-SP.

Giles Lipovetsky, o filósofo francês, teórico da hipermodernidade e professor de filosofia na Universidade de Grenoble, defende que, na era das economias pós-Fordismo e das novas tecnologias, apenas a educação será capaz de fornecer soluções para os problemas gigantescos do futuro. Ele entende que desenvolver a educação em torno do conhecimento básico e do conhecimento profissional é muito restritivo, porque subestima a importância da questão da autorrealização e de uma melhor convivência.

Lipovetsky afirma que, para isso, as novas tecnologias serão úteis, mas não suficientes e que as formações são tudo, menos supérfluas. Para o filósofo, a Educação Global está no cerne do ideal democrático, a saber: desenvolver as paixões criativas de todos, promover o crescimento de cada um e possibilitar uma bela vida para todos. É assim que, segundo esse autor, os educadores precisam trabalhar para construir uma verdadeira sociedade humanista.

O pensador francês defende um ensino que contemple tanto o saber técnico quanto o desenvolvimento pessoal e a compreensão do mundo, como único caminho possível, para lidar com os problemas da atualidade, da ecologia à violência. Para ele, o conhecimento técnico é necessário, mas os educadores devem formar seres humanos, e não somente "pessoas úteis", pois o mundo precisa de uma educação que leve em conta o homem em sua globalidade, como um cidadão, e não apenas como produtor e trabalhador. Para isso, a educação não pode ser tratada como luxo.

Lipovetsky destaca quatro campos de estudos que ele considera essenciais a essa educação global e ao futuro do ensino: o meio ambiente, a saúde, a cultura

geral e as artes. Sobre a educação ambiental e ecológica, ele destaca a necessidade de capacitar indivíduos, desde a infância, para que sejam agentes da preservação do planeta. Para ele, os jovens em formação serão os diretores das empresas que irão organizar a vida urbana no futuro, portanto precisam estar sensibilizados para respeitar o ambiente natural. Para o planeta, não há outra solução que o investimento na formação da inteligência e ela é desenvolvida na escola.

Já em relação à saúde, o filósofo mostra preocupação com os hábitos alimentares da população mundial, afirmando que a obesidade é um problema de saúde pública, até mesmo em regiões caracterizadas pela fome, como a África. Ele também mostra que mais da metade dos brasileiros, por exemplo, está acima do peso, e 30% das crianças, entre cinco e nove anos, têm sobrepeso.

Lipovetsky defende, ainda, a necessidade de uma instrução generalista, que permita compor repertório cultural, histórico e compreender a sociedade na qual se está inserido. Ele ressalta também a importância do desenvolvimento da capacidade de argumentação, pois o saber oferece autonomia aos indivíduos e a cultura geral é indispensável para elevar a capacidade crítica dos jovens e libertar seus espíritos, de maneira que tenham ferramentas para colocar as informações em perspectiva e entender o presente. Para o pensador, não é só a economia e o meio ambiente que precisam de desenvolvimento sustentável, é preciso pensar também na sustentabilidade do indivíduo, é imperativo lutar contra o desequilíbrio existencial, resultante do consumo e da cultura do divertimento ininterrupto.

Por fim, o filósofo reflete sobre a urgência dos investimentos no ensino das artes, área ainda muito desvalorizada na educação formal que, segundo ele, pode garantir melhorias na qualidade de vida, aumentar o sentimento de cidadania e promover a inclusão social. A educação artística é secundária no sistema atual, vista como prazer, como algo desimportante e isso é um erro, pois a arte é aquilo que pode restituir sentido para as ações, além de ser uma ferramenta para reduzir a violência, ao permitir a expressão da identidade e o reconhecimento social.

Para ele, a sociedade educativa global deve considerar o desenvolvimento da estima pessoal, o reconhecimento do outro e a integração social, e a arte promove todas essas coisas, não é só prazer, tem função social importante. Gilles Lipovetsky entende que o investimento no saber artístico é necessário para que se corrijam os excessos da sociedade de consumo. Destaca que o problema não é consumir, mas

entender o consumismo como objetivo de vida, o consumo dá ao ideal humanista uma imagem pobre e inaceitável, pois o homem não é só consumidor, mas um ser que pensa, age, crê e ajuda os outros.

Dessa palestra, a maior contribuição para minha tese é a reflexão dele acerca da Pedagogia da Sedução Outro comentário que levo para reflexão é a posição de Lipovetsky de que professores despertam paixão e que esse contato humano não pode ser substituído pelos computadores. Para ele, não há educação sem regras, mas fazer as coisas com paixão é uma forma de sedução e ela nasce dos encontros com obras e com pessoas.

Até esse momento, foi possível discutir as questões 1 e 3. Após trazer os pressupostos da EL do GPEDULING e das Metodologias Ativas, no capítulo 1, para responder a questão 3- Quais benefícios que as metodologias ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística?, apresentei as referências teóricas sobre Tecnologias Digitais, no capítulo 2, para responder a questão 1- As tecnologias digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio?.

As Tecnologias digitais propiciam diferentes formas de aprendizagem, podem promover a reflexão do uso de diversas modalidades da Língua, em suportes diferenciados, sendo eles, digitais ou eletrônicos, para a construção de conhecimentos sobre leitura e produção e a possibilidade de ampliação de competências em comunicação oral ou escrita.

As Metodologias Ativas propiciam diferentes formas de aprendizagem, com objetivos e propósitos diversos, podem mudar comportamentos e participações de ambos, ApEn e EnAp, no processo educacional, tornar o ensino mais significativo e aprendizagem mais ativa, colaborativa e reflexiva.

Apresento, na sequência, o percurso dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Capítulo 3 – Percurso de alguns dos Procedimentos Metodológicos

Primeiro, pretendo aprofundar a discussão teórico-metodológica sobre pesquisa (auto) biográfica, com histórias de vida e de trabalho de professores, narrativas, conhecimento de si, representações da Docência e relação pesquisador (a) / pesquisado (a), pois tenho interesse por novas perspectivas de análise das questões relativas aos potenciais das fontes (auto) biográficas.

As memórias pessoais têm o papel de personalizar a reflexão que pretendo fazer, ou seja, implicando a mim mesma no problema, a partir dos dados concretos de minha própria existência de vida, reconstituindo experiências específicas ligadas às temáticas da vida social e escolar. Busco reconstruir a memória e dar significação a fatos do meu tempo, como aluna, para ressignificar os momentos que vivenciei no Colégio participante desse estudo, pois entendo que esses momentos propiciaram meu fazer pedagógico, como professora, e podem me ajudar no meu fazer acadêmico, como pesquisadora.

O objetivo deste capítulo é buscar subsídios teóricos e práticos para os dados que serão analisados no capítulo 4.

3.1- Subsídios Teóricos para a Metodologia da Pesquisa

O desafio entre a subjetividade permitida no método biográfico, com a exigência para um aprofundamento teórico, fez-me buscar autores que trabalhavam e defendiam essa perspectiva, para justificar bem essa escolha desses aportes teóricos metodológicos. Precisei de muita disciplina e sistematicidade tanto para produzir a parte (auto) biográfica como para as análises e minimizar os conflitos do eu aluna/ professora e do eu pesquisadora.

Para elaborar, criticamente, a análise dos processos formativos, eu precisei construir uma relação reflexiva e problematizadora com o conhecimento científico e, para isso, busquei outras evidências científicas, como questionário, entrevistas e narrativas. Eu sabia que não bastaria ao meio científico e acadêmico apenas meu exame crítico em relação às relações interpessoais que tinham sido marcantes no meu processo educativo, então, teria que procurar a confirmação dos dados em outros professores de Língua Portuguesa.

Por muito tempo, a ilusão da impessoalidade/neutralidade epistemológica era vista como possibilidade segura de pesquisa, mas a ciência moderna trouxe para o sistema de produção de conhecimento sobre o mundo, uma possibilidade metodológica, que libertasse da necessidade da prova científica tal como era exigida antes. Felizmente, essas rupturas modernas trouxeram outras formas de produção do conhecimento, mais subjetivas. O meio acadêmico compreendeu que a história de vida pessoal é indissociável da história de vida profissional dos professores.

Tardif (2012) propõe uma definição de pedagogia como “tecnologia da interação humana”. Ele vê os sistemas educacionais com exigências, expectativas e desafios sem precedentes, principalmente, com interrogações sobre o valor do ensino e seus resultados, exigindo cada vez mais que os professores se tornem profissionais da pedagogia. Para o autor,

A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução). (TARDIF, 2012, p.117).

Para esse autor, todo professor, ao escolher determinados procedimentos, para atingir seus objetivos em relação aos alunos, assume uma pedagogia.

Nesse sentido, a pesquisa universitária, ligada à prática da atividade docente, passa pela necessidade de ser realizada diretamente nos estabelecimentos de ensino, nas salas de aula, como espaço de investigação, para análise das atividades cotidianas e observação dos conhecimentos e saberes de todos os agentes do meio escolar e verificar como eles interagem. Esse modo de pesquisar permite compreender melhor as práticas pedagógicas da escola do século XXI, como o tempo de trabalho, o número de alunos, os recursos disponíveis (filmes, vídeos, computadores), os procedimentos adotados (aulas expositivas, estudos dirigidos, projetos), as relações com os pares e os saberes dos agentes, a gestão da classe e, a motivação dos estudantes, entre outros aspectos.

O conteúdo não deve ser apenas ensinado em sala de aula, mas transformado para ser ensinado para um público específico, adaptado e selecionado em função da compreensão do grupo e dos indivíduos que o compõem. Nóvoa (2000) indica a importância de o professor fazer uma reflexão individual e compartilhada sobre o seu trabalho. Para ele, o professor reflexivo cria coisas novas,

a partir de rotinas já estabelecidas, improvisa a partir de técnicas já utilizadas e consideradas eficientes.

Nesse sentido, o professor precisa o tempo inteiro reajustar seus objetivos, em função da tarefa que está realizando e de todas as variáveis e limitações materiais, temporais e sociais.

O trabalho docente exige recursos interpretativos relativos às próprias finalidades da ação e às suas condições, num trabalho de ação e reflexão do processo de ensino e aprendizagem, principalmente, em função do objeto do trabalho dos professores: seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. Embora a interação ocorra em grupos, os professores não podem deixar de levar em conta as diferenças individuais, isto é, como cada um aprende. Isso torna o trabalho docente uma atividade complexa, com instabilidades, que não podem ser resolvidas com receitas definidas.

Com uns aprendizes tudo caminha bem, com outros não; podem surgir resistências às iniciativas do professor, que precisará propor novas negociações, para as atividades escolares, para que os estudantes mantenham interesse pela interação, pelo ensino e pela aprendizagem. Vejo que, muitas vezes, os professores precisam tomar decisões e desenvolver estratégias de ação em plena atividade e isso precisa ser feito por persuasão e não por imposição.

Tardif (2012) vai afirmar que, por se tratar de um trabalho de relações humanas, o professor não pode somente “fazer seu trabalho”, ele deve também se empenhar e investir nesse trabalho, compreender o que ele mesmo é como pessoa, uma vez que os estudantes resistem a uma despersonalização de suas relações com o professor. A personalidade do professor, suas emoções, sua afetividade fazem parte integrante do processo de trabalho docente, isso talvez justifique o caráter particularmente envolvente desse tipo de trabalho e a dificuldade de separar-se dele completamente e de estabelecer um limite preciso.

Alguns professores, mesmo, sem a presença física dos alunos, mantém o pensamento voltado para eles e mais ainda, embora trabalhe com grupos, o professor deve também agir sobre os indivíduos, repartir sua atenção e gerir suas relações com os grupos e com os indivíduos que o compõem, o que gera uma tensão constante entre aplicação de padrões gerais e individuais.

Para o autor, a pedagogia aproxima-se muito mais de uma *práxis* do que de uma *téchne* no sentido lato. O ofício do professor não pode ser visto como mera

tarefa de um técnico. A prática desse profissional é confrontada, diariamente, com problemas para os quais não existem receitas prontas e só a observação cotidiana desse espaço pedagógico, com limitações complexas, pode contribuir para melhoria da educação, como agente de mudanças da sociedade.

O saber dos professores não provém de uma única fonte, mas de várias e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, oriundos da experiência de trabalho cotidiana e esses saberes constituem o alicerce da competência profissional. A questão é compreender as características dessa interação humana que marca o saber dos interlocutores que atuam juntos numa sala de aula.

Destaco que a temática mais interessante discutida nessa obra e que merece uma investigação é a dos saberes dos professores, que Tardif (2012) divide em saberes pessoais dos professores, saberes provenientes da formação escolar anterior, saberes provenientes da formação profissional para o magistério, saberes dos programas e livros didáticos, usados no trabalho, saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.

Diante disso, conhecimentos vindos da família, da escola, da cultura, dos livros, da universidade, dos cursos de aperfeiçoamento, da prática cotidiana, mobilizados nas interações diárias, em salas de aula, vão compor o saber-fazer personalizado de cada professor suas referências anteriores, suas memórias de experiências educativas marcantes da constituição do Eu profissional.

Para Tardif (2012) uma epistemologia da prática docente corresponderia a um trabalho, em que o trabalhador traz o que ele é, sua história, com seus limites e suas experiências como aluno e, também, suas vivências e dilemas como professor. Antonio Nóvoa (2000) ressalta, ainda, a importância de o professor fazer uma reflexão sobre o sentido do seu trabalho, numa dimensão individual (autorreflexão) e numa dimensão coletiva (reflexão compartilhada), verificando se a sua proposta metodológica está adequada à realidade e se ela está levando à aprendizagem significativa.

Buscar na própria trajetória de vida diferentes fatores que podem ser considerados para construir um significado e um sentido e, assim, legitimar a carreira que o professor deseja constituir. Antes mesmo de começar a trabalhar, o professor já ficou imerso no ambiente escolar, por, aproximadamente, 16 anos e, portanto, traz essa bagagem de representações anteriores sobre a prática docente.

Algumas dessas crenças podem ser trazidas para o momento em que começam a lecionar, para solucionar seus problemas profissionais e ativar o saber-ser na socialização escolar e no exercício do magistério.

Morin (2000) afirma que a educação do futuro pede uma reforma de mentalidades, visando à perspectiva da integralidade e, para isso, é importante pensar nos métodos que permitam enfrentar imprevistos, modifiquem a forma de estabelecer as relações entre as partes e o todo, desenvolvam a compreensão de que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Jacques Delors (1999), no relatório da Comissão para UNESCO sobre Educação para o século XXI, destaca quatro pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Josso (2004) aponta que a abordagem biográfica é um meio de observação das situações educativas que serve para descrever e compreender a si próprio no seu ambiente humano e natural, é um trabalho co-interpretativo do investigador, o qual exige capacidade de compreensão e de uso de referenciais de interpretação. Para ela, a narrativa potencializa a reflexão e possibilita intervir na formação de maneira mais criativa.

Senti-me montando um quebra-cabeça, ao buscar informações do tempo histórico, do tempo social e do tempo cultural, o quanto fui influenciada ou não pelos modismos pedagógicos que iam surgindo e quais abordagens foram me constituindo como docente. Foi imensamente motivador revisitar as imagens e reconstruir as experiências vividas, para realizar esse trabalho reflexivo, e, ao analisar os dados relatados, fui descobrindo como ensinei e como aprendi, ao longo de minha trajetória de vida. Essa perspectiva de investigação deu visibilidade a um trabalho de memória, articulou os processos de desenvolvimento da pessoa-professora e configurou a autoria do meu trabalho docente, para além de minha formação universitária e me mostrou como fui conduzida ao retorno à vida acadêmica.

Gostaria de destacar que optei por me dedicar, exclusivamente, à pesquisa, tanto no Mestrado como no Doutorado, e, para isso, fiquei ausente da sala de aula por, aproximadamente, seis anos. Esse distanciamento me deu a oportunidade de reconstruir minhas experiências, reconhecer os processos, as trajetórias percorridas, para reconhecer como cheguei a ser quem sou e quais os acontecimentos que me marcaram, a partir de determinados contextos socioculturais e quais as transformações passadas ao longo do tempo.

A Biografia Educativa, como metodologia de pesquisa, possibilita um roteiro que estimula a reflexão sobre os próprios percursos, Nóvoa (2000) considera as histórias de vida uma espécie de paradigma que pode ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram os professores e a delinear uma profissionalidade baseada em novas práticas de investigação, de ação e de formação pela impossibilidade de separação do eu profissional e o eu pessoal. Ele alerta para o fato de essa pesquisa trazer uma vitória, por apresentar novos olhares para o trabalho científico e uma ameaça, pela possibilidade de se perder em rigor metodológico e nas dimensões críticas.

O processo de formação de qualquer profissional deve significar a apropriação crítica de sua história de vida. Paulo Freire (1992), com a *Pedagogia da Esperança*, refletiu sobre um momento formador de sua vida, evidenciou a natureza processual de formação e do valor do método biográfico, que respeita o processo de formação das pessoas.

Percebi as potencialidades e as dificuldades dessa abordagem como método de investigação, pois o trabalho introspectivo, com certo distanciamento, para fazer as escolhas, confrontou-me em diversos momentos, mas persisti nessa abordagem de renovação metodológica, nos processos educativos, para problematizar os modelos utilizados, ensaiar outras modalidades formativas para tentar introduzir inovações pertinentes, ao século XXI.

Lembro-me de, num evento científico, em que eu apresentei uma comunicação oral, sobre minha dissertação de Mestrado, ter sido questionada pelas exigências de cientificidade e objetividade desejáveis a um trabalho acadêmico. O grupo presente posicionou-se, profundamente, incomodado com o fato de eu ter escrito minha Dissertação em primeira pessoa do singular. Expliquei que fora uma sugestão de minha Banca de Qualificação, que entendeu o caráter pessoal dos meus relatos e das minhas análises. Outra situação, em que fui confrontada, foi durante um evento, numa comunicação científica, sobre meu Projeto de Tese, em que ao final, recebi a provocação de explicar como eu faria uma avaliação da experiência educacional vivida, com minha professora de colégio, sem implicações pessoais da docente. Respondi que, para elaborar, criticamente, a análise dos meus processos formativos, buscaria uma cadeia de evidências.

A seguir, relato minhas memórias do colégio participante da pesquisa.

3.2- Abordagem (Auto) Biográfica

A partir do resgate da memória e das relações, escola, história e cultura e suas relações com a vida cotidiana, dos sujeitos praticantes da comunidade, na qual a minha escola está inserida, articularei a investigação de minha história como aluna, no Externato Rio Branco, em São Bernardo do Campo, com a de minha professora de Português da época, com a atuação dela em 2019 e demais professores de Língua Portuguesa e tomarei essas análises como eixo central da tese, no capítulo de análise. Verifico como o meu cotidiano na escola, passados 36 anos, articula-se com a história do colégio no espaço-tempo do século XXI, pois entendo que esses movimentos da escola, sua história, a partir das configurações sociopolíticas mais amplas, articulam-se com as histórias cotidianas produzidas pelos sujeitos que ainda fazem parte desse espaço escolar.

Há um movimento de vida relevante, em eu ter vivido 14 anos como aluna, depois 28 anos como professora, e, nos últimos seis anos, eu ter voltado a ser aluna. Um misto de curiosidade e encantamento ocorreu-me, após a defesa da Dissertação. Então, decidi levar, em 2016, essa pesquisa finalizada para minha professora de Português e para a diretora do Colégio Externato Rio Branco, onde eu havia estudado. Esse momento foi muito emocionante para mim e para elas. Eu, profundamente, agradecida pelos ensinamentos e elas, orgulhosas pela minha conquista. A coordenadora do Externato Rio Branco, em 2016, levou-me para todos os cantos do colégio, que eu nem reconhecia mais, dadas as transformações arquitetônicas imensas que haviam ocorrido. Minha professora ia descrevendo todas as modificações, aqui era “isso”, ali era “aquilo”, pois ela havia acompanhado todas as mudanças ocorridas, nos seus mais de 40 anos de trabalho lá.

No ano seguinte, em 2017, o colégio estava completando 50 anos de existência. Diante disso, as coordenadoras decidiram que o Encontro para divulgação de profissões para os alunos da 3ª série do Ensino Médio seria feito por ex-alunos. Convidaram-me para ser a representante da profissão Professor. Achei o desafio de fazer uma apresentação, no formato de Conferência TEDx⁵¹, bem interessante, pois, nesse tipo de comunicações, há o caráter argumentativo e o

⁵¹ TED (acrônimo para Tecnologia, Entretenimento e Design) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias inovadoras. TEDx Brasil é uma versão independente.

recurso motivacional. Foi um momento muito significativo para mim, pois mostrar aos jovens a importância dessa profissão, os desafios e os prazeres pelos quais eu havia passado, foi como abrir gavetas de minha vida. O resultado foi positivo, alguns vieram me procurar para mais esclarecimentos e parabenizações, cheguei a ouvir da diretora a frase “que pena que você agora só quer se dedicar ao Doutorado, eu gostaria de tê-la como professora em nosso colégio”.

Nesse mesmo ano, eu e minha turma de 1983, fomos ao Baile de comemoração dos 50 anos do Externato Rio Branco e eu pude rever meus amigos e meus professores. Minha maior emoção foi ter sido lembrada, por minha professora de Educação Física, de eu ter feito parte da primeira equipe campeã de Ginástica Olímpica dela. Nem eu me lembrava disso, mas, assim como todos ali tinham marcado minha vida, percebi que eu também havia deixado marcas em meus professores.

Também, em 2017, fui convidada para falar sobre a importância da escrita, no lançamento de um livro produzido pelos alunos do Rio Branco (aproximadamente 130 autores), em comemoração pelos 50 anos do colégio. Encantei-me pelos textos das crianças e jovens, do 1º ano à 3ª série (26 turmas entre EFI, EFII e EM), que produziram, em diversos gêneros (autobiografia, carta, relato, poema, narrativa fantástica) o que esse colégio significava para eles. Palavras e expressões que mais apareceram: querida escola, família Rio Branco, gratidão, fase de ouro, amor indescritível, o melhor lugar, a escola da minha vida, os melhores ensinamentos, uma escola de outro mundo, uma escola mágica e orgulho de fazer parte dessa escola.

Na minha época, não tínhamos esse evento, soube que ele estava sendo executado há 20 anos, mas eu estava formada há mais de 30 anos. Nessa noite, houve apresentações artísticas, falas das professoras que organizaram o livro, fala das coordenadoras, da diretora, por fim, a fala da ex-aluna convidada: Nívea Eliane Farah. Na sequência, houve a organização dos autógrafos. Observei que a Guga (diretora) sabia o nome de todos os alunos, mesmo com o tamanho que o colégio havia adquirido.

Nesse dia, passou a ficar claro que o meu ser profissional havia sido produzido, mesmo antes de minha graduação, ao revisitar esse processo histórico-cultural de São Bernardo do Campo, do Externato Rio Branco e seus 50 anos. Dos meus 52 anos de vida, eu fui percebendo como me constitui como pessoa e como

profissional, como aluna, como professora e como pesquisadora. Também nesses 50 anos do país, fui percebendo os atos, os gestos, os ritmos, as cadências, os comportamentos relativos a todos, com seus modos de agir, de pensar, de dizer, de se organizar e de consolidar a Educação. Assim, os valores que eu trazia em mim foram adquirindo significados pelas condições sociais, pelas tradições rememoradas, pelas permanências e pelas modificações que fui percebendo nessas vivências.

Decidi, então, investigar como a minha pesquisa se relaciona aos relatos das experiências de professores, que foram sendo mobilizados, pelas transformações ocorridas, do meu século XX, para o nosso atual século XXI. Essas vozes presentes ou distantes produzem sentidos e podem ser fonte rica de indícios das ideias com as quais convivemos e das relações sociais que fomos estabelecendo, para criar um sentido a nossa condição humana, no mundo contemporâneo. É no interior desse quadro de referências, voltado para os relatos de experiência e da história de vida, que busco a compreensão dos processos envolvidos na minha formação, que trazem realização a mim como docente e como pesquisadora.

Bruner (1997) afirma que o estudo de autobiografias pode significar um recurso metodológico valioso para investigações, por expressar um conjunto de significados construídos culturalmente pelo sujeito, o qual traz as marcas dos traços históricos e culturais internalizados pela pessoa numa determinada época e sociedade. Para ele, quando alguém conta a sua história estabelece continuidade, sentido e coerência à sua própria existência.

Bakhtin (2010) afirma que elaboramos o mundo pela palavra do outro, da qual inicialmente nos apropriamos, assim ele assinala,

essas “palavras alheias” se reelaboram dialogicamente em “palavras próprias alheias” com a ajuda de outras “palavras alheias” (anteriormente ouvidas) e, em seguida, já em palavras próprias (sem aspas, para falar metaforicamente) que já possuem um caráter criativo (BAKHTIN, 2010, p.385).

Somos povoados por múltiplas vozes, vozes dos outros, que nos constituem, vozes dos múltiplos papéis sociais, que desempenhamos e vozes da história, que ecoam em nós e nos significam. Percebo, nessas leituras e nessas vivências que dialogia, polifonia e polissemia encontram-se e confrontam-se em cada um de nós. Não sou apenas filha comportada, aluna estudiosa e professora dedicada. Sou mulher, brasileira, jovem, solteira, filha, amiga, estudante, estagiária de Doutorado,

pesquisadora, praticante de yoga e apaixonada por cinema e por tecnologia. Busco entender meus ciclos de vida, recriando as experiências passadas, com os olhos do presente, para construir um novo futuro: como me tornei professora de Educação Básica, o que me fez ser uma professora realizada e o que me mantém no desejo de continuar na profissão.

Como já disse, em minha Dissertação, utilizei o método de narrativa para investigar o início de minha paixão pela leitura e pela escrita, ainda na infância e para contar minhas últimas experiências profissionais, nos últimos 15 anos de trabalho, numa Fundação.

Na tese, optei por rememorar características do colégio em que estudei por quase 10 anos e as práticas educacionais e métodos de ensino que contribuíram para minha formação como aluna e como professora de Língua Portuguesa. Animeime, também, com a possibilidade de incluir meu Colégio, nesse estudo de caso, fazer a transposição da prática real da sala de aula, do plano institucional, para o plano científico e observar a vida desses professores, as carreiras, os percursos profissionais e o desenvolvimento pessoal que percorreram com o surgimento das tecnologias digitais, nos últimos 20 anos.

Parece motivador refletir como cada professor foi sendo influenciado pelas tecnologias digitais, no seu percurso pessoal e profissional, mas, principalmente, animador observar isso no colégio em que estudei. Nesse período de entrada de recursos tecnológicos na escola, eu não tive contato com ninguém do Externato Rio Branco, mas, ao voltar ao colégio, para os eventos já relatados anteriormente, foi que tive a ideia de fazer o estudo de caso para o Doutorado, pois fiquei motivada pela possibilidade de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e dos cotidianos dos professores para, depois, elaborar novas propostas, para a profissão docente, mais alinhadas ao século XXI.

Minha professora de Língua Portuguesa completou, em 2018, 43 anos de experiência docente, no mesmo colégio. Eu tive, até 2014, 28 anos de atividade docente em diversas instituições. Outro fator que me inquietou, quando estive presente no Rio Branco, tanto no encontro de profissões como na noite de autógrafos, foi que, utilizando ou não tecnologias digitais, os professores de LP são considerados excelentes e bem populares entre os alunos.

A seguir, reflito como minha perspectiva particular de vida como aluna, no Externato Rio Branco, influenciou meu trabalho profissional de professora e meu

trabalho acadêmico de pesquisadora, a fim de alargar minha compreensão sobre os casos de outros professores nessa profissão, que possam indicar caminhos promissores e eficazes para professores e estudantes do século XXI.

As diretoras fundadoras do Externato “Rio Branco”, Egle Righini Paranhos (pedagógica) e Nair Mukay Suguimoto (administrativa), sempre valorizaram as experiências que cada indivíduo traz. Esse deve ter sido o segredo do sucesso desse colégio, na vida de tantos que passaram por lá. A mesma motivação delas, eu percebo em Maria Augusta Paranhos, filha de D. Egle e atual diretora pedagógica.

Quando fui estudar nesse colégio, em 1975, por indicação de uma amiga da faculdade de minha mãe, a referência que tínhamos era de que essa era uma escola familiar. Isso se perpetua, pois a palavra que mais encontrei no livro comemorativo dos 50 anos do colégio foi “família” e também a expressão, repetida por alunos, de diversas faixas etárias, “orgulho de fazer parte dessa família”.

O colégio foi fundado, em 1967, com 32 estudantes, divididos em cinco classes (1ª, 2ª, 3ª, 4ª séries e admissão ao ginásio), em meio a questões políticas, impostas por um regime autoritário. A cidade de São Bernardo do Campo começava seu crescimento, com a chegada das indústrias automobilísticas. Esse cenário de mudanças econômicas e sociais exigiria cidadãos cada vez mais críticos e foi, nessa perspectiva, que as educadoras, D. Egle e D. Nair, fundaram o Externato.

Quando estive na noite de autógrafos, em 2017, em comemoração aos 50 anos do Rio Branco, recebi diversos presentes, sendo, um deles, um livro publicado, em comemoração aos 30 anos do colégio. Nele, descobri que D. Egle era conhecida, antes mesmo de fundar o próprio colégio, pela qualidade e dedicação de suas aulas. Descobri, também, que seu desejo de ter uma escola própria passava pelo sonho de formar cidadãos críticos. A minha grande descoberta foi que alguns dos temas, a que ela dava muito valor, eram a leitura e a redação, além de ensinar as crianças a entender a vida em seu contexto pleno.

Dona Egle fundou o colégio, aos 52 anos de idade, a mesma idade que tenho hoje, escrevendo minha tese, em 2018. O imóvel alugado para sediar o colégio ficava próximo da residência dela. Lembro-me até hoje do aspecto arquitetônico que o Rio Branco tinha com sala, quartos, garagem (onde os alunos podiam deixar as bicicletas) e como tudo ia virando sala de aula. Lembro-me da capela que havia dentro das instalações do colégio, patrimônio histórico da cidade, construída em 1893. O nome do colégio foi escolhido em homenagem ao Barão do Rio Branco,

ancestral da família de D. Egle, cujo nome verdadeiro era José Maria da Silva Paranhos Jr.

Tomei conhecimento, em 2017, que, por muito tempo, as aulas que elas ministravam, no ensino público, eram o que possibilitava o financiamento do sonho, como a compra parcelada de carteiras e lousas para o Rio Branco. Quando eu cheguei, em 1975, o colégio já possuía oito anos, havia mais turmas e professoras, mas, ainda assim, era um colégio pequeno e agradável, um ambiente que nos fazia “sentir em casa” e “com a família”. O mais interessante, é que, por amarem a docência, sabiam escolher bem os professores, com boa formação e dispostos a contribuir para um ensino de qualidade. Descobri que meus colegas daquela época levaram seus filhos para estudar lá, que levaram também seus filhos, todos em busca desse ensino atento e individualizado que era oferecido.

Outra informação que me surpreendeu, foi a de que no aniversário do 1º ano do colégio, em 1968, as fundadoras lançaram a Festa do Primeiro Livro, em que os alunos da primeira série recebiam o primeiro livro didático, celebração que durou até 1994, quando a alfabetização passou a ocorrer no pré-primário. Elas entendiam que os acontecimentos nessa fase da vida eram fundamentais para a formação dos indivíduos leitores.

O colégio foi crescendo, bem como a cidade, em função da industrialização do país, novas escolas particulares também surgiam, à medida que o ensino público ia gerando insatisfação aos pais. Assim, em 1970, com o crescimento físico do Rio Branco, a filha de D. Egle, Maria Augusta Paranhos, a Guga, inicia o trabalho no colégio, fazendo de tudo, lecionando e atendendo pais na secretaria.

A LDB 5692/71 fundiu o primário e o ginásio que passou a ser chamado de Primeiro Grau, e o ensino de Segundo Grau passou a ser profissionalizante, mas o Externato só tinha as séries do primário; o colegial foi inaugurado, nos 10 anos do colégio, em 1977, com 10 alunos.

No ano em que cheguei ao colégio, 1975, o país começava a enfrentar uma difícil situação econômica, mas o número de estudantes, filhos dos trabalhadores das indústrias, ia aumentando. Nesse mesmo ano, a USP tornou obrigatória a prova de Redação nos testes vestibulares. Após os anos de Ditadura, a abertura política começou a fazer parte da vida dos brasileiros, o colégio iniciou a atividade das excursões em 1978, com objetivo de os estudantes verificarem, na prática, os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Em 1979, o colégio participou, pela primeira vez, dos jogos escolares e foi campeão no Basquete Masculino. Nesse mesmo ano, começavam as aulas de Ginástica Olímpica, da qual eu fazia parte, e iniciamos a conquista de uma verdadeira coleção de títulos nos Jogos Escolares, Colegiais e Estaduais, sob a coordenação dos professores José Miranda e Márcia Beatriz Spadafora Amaral. Ela foi outro exemplo de professora que me inspirou e me ensinou a persistência e a determinação na busca dos objetivos e metas.

Tenho acompanhado, nas postagens em redes sociais, que o Colégio ainda investe na prática esportiva, como forma de desenvolver, plenamente, seus estudantes. A persistência dos professores e do trabalho das equipes trouxe prêmios esportivos internacionais ao Externato.

Nos anos 80, com a ideia de avançar democraticamente, ocorreu a anistia de alguns exilados e os intelectuais começaram a voltar ao país. No entanto, com o desequilíbrio de renda e o aumento da desigualdade social, o colégio se organizou para iniciar a arrecadação de alimentos para entidades assistenciais, que funcionava também para motivar os alunos a propor soluções para os impasses e problemas da sociedade. Para formar essas mentes críticas, iniciaram-se vivências reais em diversas áreas, de empresas de saneamento a hospitais, laboratórios, exposições, teatros, espaços que pudessem oferecer uma noção da vida em sociedade, num país em transformação.

Particpei da primeira excursão, que o Externato proporcionou aos seus alunos, para Águas da Prata, com o objetivo de socializar o conhecimento dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Os objetivos do meu colégio eram proporcionar aos estudantes a formação necessária ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades para o exercício consciente da cidadania. Ao mesmo tempo, sempre valorizaram o caráter unitário da personalidade humana, do ponto de vista físico, intelectual, moral, social e religioso. Éramos levados a respeitar os direitos e deveres, a condenar qualquer tratamento desigual, por motivos de convicções filosóficas ou religiosas e a defender as liberdades fundamentais do homem.

Em 1982, participei do acampamento “Nosso recanto”, em Sapucaí Mirim, que visava à integração social dos estudantes e à internalização dos princípios básicos da vida, da nova sociedade democrática, que começava a surgir. Eu me formei em 1983, no Curso Técnico de Patologia Clínica.

Nos anos seguintes, o colégio ia ampliando a ideia de um ensino que trabalhasse a construção do pensamento, mais alinhado com os paradigmas do conhecimento, para desenvolver os aspectos afetivos, emocionais, sociais e cognitivos que respeitassem o tempo de cada estudante.

Em 1987, voltei ao meu colégio para solicitar um estágio, para minha graduação em Língua Portuguesa, na PUC-SP, e elas ficaram felizes por eu escolher o Rio Branco para fazer essas atividades. Pude acompanhar as aulas de minha professora de português, Lúcia Helena Mimoso de Paula. Vi que os alunos dela possuíam a mesma admiração que eu e minha turma tínhamos pelas aulas inspiradoras e pensei “quero ser também uma professora assim”.

D. Egle faleceu em 1991, aos 74 anos, e D. Nair continuou cuidando da administração da escola, buscando dar continuidade ao ideal de formar seres humanos íntegros, com capacidade de análise crítica e conscientes de seu papel na sociedade. Em 1994, a escola investiu na implantação do laboratório de informática pedagógica, não como estratégia de marketing, mas com a preocupação de criar um projeto que levasse em conta o planejamento pedagógico, dos novos tempos de multimídia, realidade virtual, globalização e *internet*.

A LDB 9394/96 reconheceu a necessidade de liberar as escolas para que imprimissem suas personalidades no processo educacional, começava-se a falar em ética, cidadania, mercado e globalização. Em 1997, o colégio inaugurou sua *homepage* e seu *email* para estabelecer um canal mais efetivo de comunicação entre todos da instituição.

O Externato se manteve fiel ao objetivo de formar cidadãos para o contexto social em que estão inseridos, pautados pela ética, mas afinados com o contexto emergente da globalização. Em 1997, eles iniciaram um Programa de Formação Contínua dos Docentes, para a discussão de temas importantes, para o dia a dia profissional e para debates sobre os novos espaços do conhecimento. O professor passou a refletir sobre a própria atuação e começou a ser visto como mediador do conhecimento, organizador da ação pedagógica e atento investigador dos processos.

O colégio inovou na visão do aluno, que passou a ser peça ativa no processo, abandonando a postura passiva de ouvinte, passando a ser um aprendiz ativo em desenvolvimento. Foram criados Grupos de Convivência para que pais e alunos tivessem espaço dentro da organização para expor suas necessidades como

cidadãos. Esse projeto inseriu, no ambiente escolar, o conceito educacional da Inteligência Emocional. No mesmo ano, surgiu o projeto Escola de Pais, em que ocorriam debates, com especialistas, sobre Educação e Cidadania, que reforçavam os temas discutidos nos grupos de formação dos professores e nos grupos de convivência.

A partir de 2000, com os rápidos avanços tecnológicos, a escola desejou instrumentalizar os estudantes para se tornarem agentes de transformação, construtores do próprio conhecimento, em detrimento da visão de que o aluno é um ouvinte passivo.

Tenho acompanhado pelas redes sociais, a determinação do colégio de enfrentar os desafios impostos pelo século XXI. A comunidade continua se organizando em mobilizações e campanhas assistenciais de arrecadação de agasalhos, livros, mantimentos, chocolates, na época da Páscoa, para a população carente da região do ABC. A escola, como entidade organizada, reveste-se das responsabilidades de educar os cidadãos dos anos 2000, formando-os para que sejam seres humanos realizados e felizes.

Percebo que, com o passar do tempo, com as mudanças históricas, o colégio foi se adaptando e promoveu as alterações necessárias, mas sem perder a essência de formar cidadãos que se integrem ao mundo, sejam ativos na sociedade e tornem-se profissionais capazes de enfrentar as mudanças pelas quais o mundo passa.

Dessa minha época de Rio Branco, trago comigo boas recordações e sou capaz de lembrar o refrão do hino do colégio “Externato Rio Branco/ Um nome e um exemplo/ A cultura e o amor/ reinarão neste tempo”. Na noite de autógrafos, de 2017, a que estive presente, a atual diretora, Guga, filha de D. Egle, relembrou a todos que o desejo do colégio sempre foi, além de querer alunos bem formados e competentes, que se tornassem pessoas que fizessem a diferença no mundo e que buscassem torná-lo melhor.

Tentei descrever os dados (auto) biográficos, como tentativa de instrumentalizar a investigação das práticas educativas pelas quais passei, pois entendo que elas, de alguma forma, podem servir para a análise de investigação que pretendo desenvolver nessa tese, em relação aos fatores que influenciam os professores, como o modo de pensar, de sentir e de agir, ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem, bem como os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam.

Tracei um panorama das experiências pessoais como aluna. Nessa trajetória, percebi a origem do meu interesse pela Educação e identifiquei o meu processo de construção da identidade docente, ou seja, de como uma aluna se transformou em professora e voltou a ser aluna.

Nóvoa (2000) afirma ser impossível separar o profissional do pessoal e propõe ao professor cruzar a maneira de ser com a maneira de ensinar e o desvendar na maneira de ensinar a maneira de ser, e que, embora tenham sido objeto de algumas críticas, o sucesso dessas abordagens de métodos biográficos no debate teórico tem sido muito grande. O autor menciona, também, que a heterogeneidade de modos de trabalho e de técnicas de investigação aponta a multiplicidade de perspectivas e de estratégias e constituem, sem dúvida, uma das principais qualidades das abordagens (auto) biográficas. Eu já me identificava com essa perspectiva, como é possível perceber em:

O saber do professor não se baseia apenas em Ciência, em Lógica, mas também em construções sociais e culturais, tanto da cultura formal, como da informal, e essa cultura se modifica ao longo das fases da nossa vida. Entendo que podemos aprender no momento em que somos alunos, no momento em que fazemos o nosso trabalho profissional e no momento em que optamos por voltar à posição de estudante e nos dedicamos a essa pesquisa. (FARAH, 2016, p.132).

A seguir, explico os caminhos metodológicos escolhidos e outros procedimentos utilizados na pesquisa.

3.3- O Estudo de Caso como uma das Estratégias da Pesquisa

Há um diálogo entre o pessoal e o sociocultural, pois, assim como minha profissão teve um papel importante na minha vida, o papel da minha vida, também, interferiu na minha profissão. Ao relatar minha história, evidenciei como fui mobilizando meus conhecimentos, meus valores para construir um diálogo com meus contextos, identifiquei continuidades, rupturas, coincidências no tempo e no espaço, mudanças de interesses e de preocupações.

Ao fazer uma análise interpretativa das histórias de vida de minha professora de Português e de outros professores em atividade, tenho consciência de que terei, como investigadora, uma identificação com os narradores, mas mantereirei o esforço de distanciamento necessária na busca da emergência dos processos de formação

que me conduziram aos questionamentos sobre meus próprios processos formativos.

Recolherei a história de vida de minha professora de Língua Portuguesa e da diretora do colégio em narrativas, escrita e oral, respectivamente. Nelas, pretendo sugerir que reconstituam os acontecimentos e situações mais importantes de suas vidas, tentando encontrar coincidências no plano familiar, social e profissional, bem como, que elas busquem como referência acontecimentos e situações que tiveram um caráter relevante, em termos de formação profissional, em relação às metodologias ativas e ao uso de tecnologias digitais.

Não tenho a pretensão de apresentar conclusões fechadas, mas pistas de reflexão que façam surgir novas questões. Como levarei em conta a singularidade de cada pessoa, na análise de cada narrativa, não será possível fazer generalizações, mas, por terem a mesma profissão, naturalmente, alguns aspectos poderão ser comuns, quanto à formação inicial, quanto aos percursos profissionais e quanto aos processos de formação contínua na profissão, poderão surgir diferenças de atitude nas práticas educativas, bem como da percepção delas como profissionais e da repercussão delas, no trabalho escolar, junto aos estudantes.

Esse método biográfico pode afirmar-se como resposta adequada aos desafios educacionais, colocados numa posição humanística, para compreensão do que pensam os professores sobre sua própria formação e do modo como eles aprendem e ensinam.

O ritmo rápido de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais das sociedades contemporâneas influencia o contexto escolar, pela crescente complexidade de funções atribuídas ao professor e pela exigência, cada vez maior, pela inserção da escola no mundo tecnológico e digital. Eu pretendo relacionar a reconstrução da história de vida de cada narrativa ao objetivo geral da tese que é o estudo do processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa em aulas presenciais, por meio de Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais, no Ensino Médio do século XXI, na perspectiva da Educação Linguística.

Para complementar o método biográfico de investigação, pretendo fazer observação de aulas. Procurei essas metodologias de pesquisa que rompessem com os paradigmas tradicionais, por entender que estavam mais adequadas à complexidade e singularidade do objeto estudado: a educação. Não vi como

prioritário utilizar metodologias quantitativas, mas entendo que sua contribuição possa ser importante ao objeto de investigação educacional.

O estudo das narrativas pareceu-me mais interessante, pela noção geral de que a Educação é a construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais, com professor como personagem de sua própria aprendizagem. Eu entendo que a análise crítica dos relatos e das experiências do passado pode proporcionar atribuição de sentido aos acontecimentos profissionais e às situações de interação humana, que sirvam de fonte para novas soluções de ensino e de aprendizagem.

A tese se fundamenta basicamente em pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. A análise e a interpretação nesse tipo de pesquisa tem por finalidade a exploração de um conjunto de opiniões e representações sociais.

Segundo Minayo (2011), a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costuma ter muitos pontos em comum e, ao mesmo tempo, apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor. Segundo a autora, também se deve considerar que haverá diversidade de opiniões e crenças dentro de um mesmo segmento social. Essa análise qualitativa levará em conta essa diferenciação.

O desafio dessa pesquisa social está no exercício científico do trabalho de campo na busca do contexto de observação: professores, que usam os recursos tecnológicos, como uma alternativa de ensino e de aprendizagem para a sala de aula, mais adaptada à realidade tecnológica e à sociedade em rede do século XXI. Optei, também, pelo estudo de caso, como uma das estratégias, e para o desenvolvimento dele, foi necessária a observação em sala de aula, a realização de registros de observação e a participação em reuniões pedagógicas.

Os outros procedimentos de pesquisa foram aplicação de questionário semiaberto *on-line* e entrevistas temáticas escritas para descobrir como devem se dar essas relações entre ensino de Língua Portuguesa e tecnologia digital e também verificar como professores veem o ensino, por meio de metodologias ativas, e em que medida o uso delas, nas aulas presenciais, melhora o ensino e a aprendizagem.

Chizzoti (2014) considera que o pesquisador está exposto aos mesmos envolvimento, riscos e cuidados necessários a qualquer pesquisa e recomenda, para eliminar viés de estudo, a elaboração de um plano bem concertado para prevenir possíveis equívocos subjetivos que poderiam turvar a pesquisa. O autor entende que um caso pode revelar realidades universais.

O estudo de caso tem sido escolhido como alternativa para pesquisas sobre o fenômeno educativo e exige do investigador o emprego de alguns procedimentos metodológicos, como protocolo do estudo, preparação prévia para o trabalho de campo e estabelecimento de base de dados.

Segundo Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado também como estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, pois favorece uma visão holística sobre os acontecimentos da vida real, destacando-se seu caráter de investigação empírica de fenômenos contemporâneos.

Embora seja fundamental definir limites, unidades de análise, critérios e fundamentos lógicos, não se deve perder de vista a possibilidade de flexibilização do estudo. Segundo Yin (2005), é fundamental que o investigador reflita sobre as habilidades para a realização de estudos de caso, como experiência prévia, sagacidade para fazer boas perguntas, capacidade de não se deixar levar por seus preconceitos e ideologias, flexibilidade para se adequar às situações adversas.

As fontes dos estudos de caso variam de acordo com a natureza do caso investigado. Essas fontes podem ser documentais para corroborar evidências de outras fontes e/ou acrescentar informações. É preciso considerar que nem sempre os documentos retratam a realidade. As entrevistas constituem outra fonte, mesmo que relato verbal esteja sujeito a problemas de viés e/ou de articulação imprecisa.

Nesse sentido, emprego múltiplas fontes de evidência em relação ao mesmo fenômeno para a construção de uma base de dados, (descrições e interpretações dos eventos observados, registrados etc.) a fim de estabelecer uma cadeia de evidências.

Por fim, o autor sugere que um estudo de caso “atraente” deve reunir algumas características básicas: engajamento, instigação e sedução – essas são características incomuns dos estudos de caso. “Produzir um estudo de caso como esse exige que o pesquisador seja entusiástico em relação à investigação e deseje transmitir amplamente os resultados obtidos”. (YIN, 2005, p. 197).

Para Chizzotti (2014), a definição da técnica e a elaboração do instrumento mais adequado à pesquisa não são arbitrárias, mas devem estar ligadas aos pressupostos que são assumidos e com a análise que se faz do material coligido. Para ele, em geral, coletam-se dados oriundos da observação ou de declarações de pessoas capazes de fornecer informações úteis aos objetivos da pesquisa. Algumas técnicas que são escolhidas e que dão suporte às análises qualitativas são

observação, história ou relatos de vida, análise de conteúdo, entrevista e questionários.

Na pesquisa qualitativa, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento, interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado, assim como o objeto, que não é um dado neutro, está, também, possuído de significados. Esse tipo de pesquisa conta com a acuidade inventiva e a perspicácia do pesquisador para elaborar a metodologia adequada ao campo da pesquisa e validar as técnicas adotadas, demonstrando cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos.

Em relação à abordagem (auto) biográfica ou método (auto) biográfico,

o pesquisador analisa o significado do relato particular considerando os significados mais amplos do relato quando inserido no contexto, nas estruturas sociais e culturais ou nas interações sociais, a fim de alcançar uma compreensão e análise globalizante da experiência relatada. (CHIZZOTTI, 2014, p.109).

Yin (2005) afirma que pouquíssimos estudos de caso terminarão exatamente como foram planejados, é possível que se façam pequenas alterações e tome-se uma direção inesperada, a seu ver, há uma necessidade de equilibrar a adaptatividade com rigor, mas não com rigidez. Para ele, é importante que haja várias fontes de evidências e elas precisam convergir em relação ao mesmo conjunto de fatos ou descobertas. Deve haver um encadeamento dessas evidências, ou seja, ligações explícitas entre as questões feitas, os dados coletados e as conclusões a que o estudo chegou. Para o autor, uma das formas de estruturar o relatório escrito de um estudo de caso é uma narrativa simples para descrever e analisar o caso e podem ser anexadas tabelas, gráficos ou imagens.

Quase todos os estudos de caso apresentam a opção do anonimato no caso, para proteger seus verdadeiros participantes. Para que o estudo de caso se transforme numa contribuição duradoura à área da pesquisa, ele deve ser significativo, refletir uma situação da vida real, considerar perspectivas diferentes, apresentar evidências suficientes, de forma neutra, tanto com dados de sustentação quanto com dados de contestação, mas, principalmente, deve ser elaborado um relatório de uma maneira atraente, num estilo claro que incite o leitor.

As informações sobre o uso de tecnologias digitais e metodologias ativas obtidas, nas aulas presenciais, do Externato Rio Branco, servirão de auxílio para o

cruzamento dos dados obtidos no questionário semiaberto *on-line*, dos 53 professores participantes, com as informações trazidas pelas entrevistas temáticas escritas, respondidas por 12 professores, por *email* ou *WhatsApp*. Entendo que técnicas inovadoras (*Google Forms*)⁵² e redes sociais podem enriquecer as possibilidades nessa modalidade de investigação. Para produzir interpretações fidedignas às descobertas, esses dados também servirão para o cruzamento com as informações das narrativas da professora e da diretora do colégio.

Em 25/2/19, convidei a professora de Língua Portuguesa e, em 23/3/19, a diretora do *Externato Rio Branco* para participarem de minha pesquisa, ambas aceitaram e manifestaram interesse pela minha tese de doutoramento.

Enquanto eu aguardava a aprovação do comitê de ética da PUC-SP, para fazer o questionário, as entrevistas e as narrativas, comecei meu estudo, acessando a *Home Page* do Colégio, e, entre algumas informações, encontrei uma sessão de projetos especiais, há um de Esportes, outro de Teatro, mas destaco dois, o de *Informática* e outro intitulado *Mente Inovadora*, por se aproximarem mais de meus temas de pesquisa:

Cientes da importância do uso das linguagens tecnológicas e da nova forma de comunicação procuramos a cada ano adequar nosso projeto de forma a ampliar o conhecimento dos alunos a respeito das novas tecnologias.

(...) proporcionamos aos alunos grande contato com o mundo digital para que eles se sintam cada vez mais à vontade nessa nova realidade que está definitivamente presente em nosso cotidiano.

Adotado com pioneirismo pelo Rio Branco em 2010, o projeto Mente inovadora (...) desenvolve habilidades para situações do cotidiano dos alunos, como por exemplo: resolver problemas, cooperar e colaborar, lidar com o ganhar e perder entre muitos outros objetivos.

Desenvolvido pela Mind Lab, líder mundial em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias educacionais para o desenvolvimento de habilidades e competências, o Mente inovadora é organizado por faixas etárias para abordar conteúdos adequados a cada segmento.

Desde sua implementação na escola, os resultados têm sido excelentes e com grande aprovação dos pais e alunos, que reconhecem o diferencial oferecido pelo Rio Branco, ao adotar metodologias que abrem o leque de aprendizado e não se restringem aos conteúdos lecionados apenas nas apostilas. Essas páginas do site do colégio são atualizadas com bastante frequência, assim como as do *Facebook* e do *Instagram*.

⁵² O *Google Forms* é um serviço gratuito para criar formulários e serve para criar testes e pesquisas *on-line* e enviá-los para outras pessoas.

O que pude perceber nelas é uma proposta de interação entre cultura, educação e tecnologias. Há fotos, textos e vídeos das atividades executadas, dentro e fora do colégio, num movimento de ação e reflexão dos processos de ensino e de aprendizagem, por meio dessas narrativas digitais. O colégio articula diversos saberes e práticas metodológicas de ensino para garantir a aprendizagem de seus estudantes.

Nessas atividades encontradas no *site*, foi possível ver o trabalho de desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções, bem como a importância dada às experiências e às vivências das crianças e dos jovens, em diversos cenários. O colégio estimula o caráter problematizador, crítico, reflexivo e ético, o respeito pela diversidade, a alfabetização cultural e as novas metodologias e tecnologias para a cidadania digital, como propõe a BNCC.

É possível notar a preocupação com a formação dos professores, com o ideal de formação e desenvolvimento humano, nesse sentido, a educação humanista parece ter sido o caminho para alcançar uma educação permanente que prepare os indivíduos para o aprendizado contínuo ao longo da vida. Outra questão a ser destacada é a importância dada aos ex-alunos, que sempre são recebidos com afeto, pois há interesse em saber os caminhos percorridos por esses estudantes, que, por ali passaram e, muitas vezes, inclusive, são chamados para encontros e palestras, eventos e festas.

Em Maio de 2019, foram publicadas algumas notícias, na página oficial do Rio Branco, no *Facebook*, com as saídas de estudo desenvolvidas pelo colégio, com o objetivo de enriquecer os conhecimentos obtidos nas diversas áreas.

Vi que o Externato Rio Branco, tinha feito uma publicação, no *Facebook*, informando sobre o Mural do Bem. Segundo o *site* do colégio, estudos de especialistas e pesquisadores confirmam que a exposição a notícias ruins afetam o organismo e, em longo prazo, esse fato pode contribuir para o desenvolvimento do estresse, ansiedade e depressão. Nos últimos anos, estudos realizados por cientistas da Universidade Complutense de Madri, London University e Harvard Researcher Shawn Achor concluem que estar em contato com notícias positivas melhora a qualidade de vida.

Pensando no bem-estar dos alunos e colaboradores, o Externato Rio Branco inaugurou, em 20/05/19, o **MURAL DO BEM**. Nele, alunos e funcionários encontraram notícias inspiradoras, todas com *QR code* para direcioná-los à

reportagem completa, e, assim, terem acesso aos vídeos e notícias semelhantes e também às referências bibliográficas.

Esse projeto tem o objetivo de promover o equilíbrio entre as informações que chegam até a comunidade escolar, de promover a melhora da saúde física e mental dos alunos e colaboradores, além de estimular ações que semeiem o bem para si próprio, para o próximo e para a nação. Assim, afirma, no vídeo, a diretora Maria Augusta Paranhos Faro (Guga):

Entendo como é importante estarmos atentos às principais notícias de divulgação científica no Brasil e no mundo, pois somente desta forma poderíamos pensar em projetos e estratégias com a intenção de combater alguns dos vilões dos jovens atuais como a ansiedade e depressão, afirma a diretora Maria Augusta Paranhos Faro (Guga).

<https://youtu.be/qboHA5UtF78>

Em setembro de 2019, ocorreram outras ações educativas no colégio. Os estudantes do Ensino Médio receberam a fita amarela, que simboliza a campanha *Setembro Amarelo - promovendo a saúde mental*. A entrega das fitas, com apresentação do vídeo *Falar é a melhor solução*, foi a primeira ação de outras que ocorreram para conscientizá-los sobre a importância de reconhecerem suas emoções e conversarem sobre elas. Em 26/9/19, receberam no colégio, o psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina do ABC, Dr. Sergio Baldassin, que conversou com os alunos sobre o tema *O que você precisa saber sobre saúde mental*, esclarecendo dúvidas e derrubando tabus, com uma abordagem clara e direcionada a essas faixas etárias.

Em Outubro, ocorreu a Campanha Solidária, com entrega de presentes para 150 idosos. Em 2019, o Rio Branco participou de mais um projeto de solidariedade, em parceria com a prefeitura de São Bernardo do Campo: a campanha de acolhimento aos idosos. Essa campanha foi um grande sucesso entre os alunos do Ensino Médio, pois foram “adotados” cerca de 150 “velhinhos”, que receberam presentes escolhidos pelos próprios idosos. As entregas foram iniciadas em 01/10/19, data em que é comemorado o Dia do Idoso, e finalizadas em 04/10/19. Após a arrecadação, foi realizado um sorteio para a seleção dos alunos que entregariam os presentes, pessoalmente, nas instituições: *Comunidade de Amparo Asilar, Casa dos Velhinhos Dona Adelaide e Casa de São Vicente de Paulo – Jardim dos Velhinhos do ABC*.

Em Novembro, há uma publicação no *Facebook* oficial do colégio, de um vídeo com falas de mães, pais, filhos e as respectivas manifestações de apreço pelo projeto de Educação desenvolvido pela instituição, que diz

Dois lugares são essenciais: a família e a escola. A família porque é no convívio familiar que aprendemos a nos preparar para a vida. E a escola porque é o local onde temos as nossas primeiras relações humanas e nos preparamos para os desafios do futuro através do conhecimento. O Rio Branco tem características que se misturam à importância que a família exerce, porque protege, cuida, ensina, tem amor, tem rigor, tem transformação e, sobretudo, tem verdade no seu compromisso com a educação.

<https://www.facebook.com/externatoribranco/>

Entendo que, todas essas atividades mencionadas, anteriormente, demonstram a preocupação da instituição com temas interdisciplinares, com a diversidade de ambientes de aprendizagem e as experiências de aprendizagens significativas, por meio de práticas didáticas inovadoras, estabelecendo fortes relações entre a escola e a comunidade, além de se colocar em sintonia com os preceitos da BNCC, em relação à educação socioemocional.

Também se relaciona à EL do GPEDULING que entende que o processo de ensino de ensino e de aprendizagem, em múltiplas situações sociais, contribui para o desenvolvimento integral habilitando os jovens ao exercício da cidadania.

Na sequência, relato alguns dos meus encontros presenciais no colégio.

3.3.1 - Primeira Reunião com a Coordenadora e Reuniões Pedagógicas

Ao conversar, pessoalmente, com a coordenadora pedagógica Flávia Grecco, durante quase três horas, pude perceber que ela é atenciosa, demonstrou dedicação com a sua equipe de 23 professores dos Ensinos Fundamental II e Médio. Eu comentei com ela sobre minha Tese de Doutorado e expliquei os procedimentos que escolhi para minha pesquisa, como elaboração de narrativas, entrevistas, questionário, observações de aulas e análise de documentos, como material didático.

A coordenadora relatou-me que, inicialmente, foi professora de Biologia no Colégio, depois veio o convite para a Coordenação. Desde 2017, tem exercido essa função e decidiu cursar uma Especialização em Metodologias Ativas no IBFE- Instituto Brasileiro de Formação de Educadores.

A coordenadora está, nas palavras dela, “aprendendo a ser coordenadora”, pois havia apenas exercido a função de professora, por 13 anos, em Instituições Particulares de Ensino.

Pude perceber, pelas informações dela, que os professores estão gostando da maneira como ela tem exercido essa coordenação. Ao andar pelos corredores, também pude constatar o apreço dos estudantes por ela.

Conversamos sobre planejamentos, materiais de ensino e aulas diversificadas oferecidas no colégio, mas o meu maior impacto nesse encontro foi uma planilha criada e organizada por ela para avaliação dos professores. Ela me relatou que é a única das coordenadoras que tem feito avaliação nesse novo formato. Ela não se identificava com o formato anterior, cujos valores eram excelente, bom, razoável, ruim, o que considerava vagos e pouco elucidativos, não retratando com clareza o trabalho exercido pelos professores.

Ela intitulou a planilha de *Critérios de Rubrica de Avaliação de Acompanhamento do Trabalho Pedagógico*.⁵³ Na vertical, há 4 colunas: iniciando, performando, integral, diferenciado. Ela faz análise de cada professor, apontando em qual desses momentos ele se encontra. Eles também fazem autoavaliação com a mesma planilha e, numa conversa, ambos observam e comparam as duas planilhas.

Na horizontal, aparecem os critérios avaliados quanto aos aspectos organizacionais, pedagógicos, comportamentais e avaliativos. Nos organizacionais, são observadas as questões de otimização do tempo e do espaço; nos pedagógicos, a utilização do currículo oficial, os processos e estratégias de ensino e aprendizagem, a contextualização, a comunicação e as metodologias utilizadas; nos aspectos comportamentais, a relação professor/aluno e a relação aluno/aluno; nos avaliativos, a avaliação durante a aula e as avaliações somativas.

Quando perguntei como os professores reagiram a essa nova proposta dela, ela ficou feliz e disse que esperava por essa pergunta. Segundo ela, eles não só gostaram como decidiram criar, coletivamente, uma planilha de avaliação semelhante a essa, só que para os estudantes. A coordenadora, junto aos seus

⁵³ Essa coordenadora ficou de me enviar a planilha das rubricas para que eu disponibilizasse nos anexos, mas depois de duas tentativas frustradas, desisti de solicitar.

professores, está fazendo a elaboração dessa proposta de criação da planilha de avaliação dos processos para os estudantes.

Esse novo processo avaliativo dos processos educacionais ocorreu pela primeira vez em Outubro de 2018, e, em Maio de 2019, a segunda vez. Ela pretende relacionar a 1ª avaliação à 2ª avaliação.

O que mais chamou minha atenção foi o campo da rubrica intitulado Metodologias utilizadas, que avalia se o professor não utiliza diferentes metodologias, se todas as aulas são expositivas ou se as utiliza raramente, destacando primeiro o conceito e, se houver tempo, promove experimentação e vivências.

A coordenadora considera o professor como integral quando o aluno é colocado frequentemente como protagonista, há aulas expositivas, mas também Metodologias Ativas como Gamificação, PBL, Sala de Aula Invertida, Rotação por Estações, entre outras.

O professor é considerado diferenciado quando é colocado sempre como mediador e o jovem quase sempre protagonista da própria aprendizagem, além das diversas Metodologias Ativas, o professor se preocupa primeiro com a vivência, depois com os conceitos.

Nessa reunião, houve um relato dela de uma atividade de Formação e capacitação, que foi desenvolvida com a equipe de professores do EFII e EM, numa das reuniões pedagógicas. Houve prática de uma Metodologia Ativa, intitulada Rotação por Estações, para que eles percebessem como o envolvimento poderia ser maior num formato diferente e para que pudessem também adotar novas metodologias em sala de aula.

Como ela é Bióloga, trouxe casos de pacientes em estado grave e eles tinham que emitir um parecer e apontar uma solução em determinado limite de tempo estipulado por ela. Foram oferecidas pistas, como quebra-cabeças e outras instruções, em diversos locais da sala, para que, enfim, por meio de uma senha, descoberta por eles, acessassem os *tablets*.

Quando perguntei como eles estavam encarando as modificações no formato das reuniões, que antes eram apenas para discussões de assuntos gerais, ela me disse que estão gostando. Nesse momento, ela diz que ficaria feliz com minha presença e também com minha participação nessas reuniões pedagógicas.

Na minha primeira participação na reunião pedagógica, em 8/5/19, a coordenadora pediu para que eu me apresentasse e comentasse sobre a minha pesquisa.

Observei, nessa reunião, uma integração entre os professores das mais diversas áreas e também uma interação entre eles e as coordenadoras.

Nesse dia, eles discutiram os temas para os projetos da Mostra Cultural, que foram: bioética, lixo zero, energia sustentável, educação financeira, desigualdades sociais e empatia. Todos partiram da elaboração de uma pergunta que se inicia com “É possível ... ?” para propor um problema aos estudantes para elaboração dos trabalhos. Os professores fizeram um levantamento de filmes para desenvolver a curiosidade e engajamento dos estudantes pelas questões a serem pesquisadas.

Um momento interessante da reunião foi uma proposta da coordenadora de tema para as 3^{as} séries do EM: “É possível melhorar a qualidade da Educação no Brasil?”. Nesse momento, ela sugeriu que os professores refletissem sobre essa possibilidade, uma vez que os jovens poderiam tecer críticas e fazer protestos em relação à própria realidade e isso poderia ser um desafio para todos no colégio. Ela decidiu fazer uma votação secreta, por meio de uma urna, para que os professores se sentissem mais livres, para tomar essa decisão por esse tema desafiador.

Pelo que pude entender, os jovens da 3^a série andam muito desmotivados e sem prazer pelos estudos. A ideia da coordenadora, caso o tema fosse aceito pelos professores, seria utilizar os comentários e sugestões desses jovens para o planejamento do próximo ano letivo de 2020.

Outro momento que chamou minha atenção foi que muitos queriam desenvolver os trabalhos com a 2^a série do EM e, essa série, pelos comentários dos professores, tinha sido uma turma problemática. Pude constatar que a professora atual, que resolveu os conflitos, foi exatamente a de LP, Lucia Helena, sujeito de minha pesquisa. Nesse momento, não tive oportunidade de verificar as ações e movimentos dela que resolveram os conflitos, a ponto de essa turma passar a ser desejada por todos, para a execução dos projetos.

Na 2^a reunião da qual participei, em 22/5/19, a coordenadora iniciou com a informação de que os professores poderiam doar e receber aulas, e, para isso, deveriam preencher os quadros fixados na sala dos professores, mas deviam atentar que a quantidade devia ser a mesma de doação e recepção.

Ela solicitou, ainda, que os professores ajudassem a divulgar o “Mural do Bem”, um aplicativo, inicialmente, alimentado pela coordenação, mas, posteriormente, poderiam receber notícias para sorteio e divulgação. Por meio da percepção da coordenação de que os estudantes estavam desanimados diante do momento de tensão no Brasil, decidiram identificar o que pode empolgá-los e trazer isso em forma de boas notícias. A motivação inicial seria exibir ao filme *A Corrente do Bem* para incentivar as ações de envio das notícias.

Nessa reunião, também, foi sugerido um Curso interno de Formação em equipe. Cada professor escolheria um tema para compartilhar com os demais, no entanto a participação não seria obrigatória. O convite para participar desse grupo de estudos poderia ocorrer mesmo para quem não havia indicado um tema central para apresentar.

Ao final, os professores reuniram-se por área, para discutir o novo sistema de ensino adotado chamado SAS. Deveriam apontar os pontos fortes e os críticos para gerar um relatório para a coordenação levar ao consultor da empresa. Os professores de Língua Portuguesa apontaram problemas nas questões. Segundo eles, alguns conteúdos de análise linguística são cobrados sem que tenham sido estudados anteriormente. Para eles, em outros momentos, há teoria, mas há ausência de exercícios. O ponto positivo, segundo eles, são os temas, atuais e pertinentes.

Diante da dificuldade de obter o documento do projeto pedagógico do colégio, decidi pesquisar o Sistema de Ensino adotado em 2018.

Descobri que o SAS foi fundado em 2004, que é uma plataforma de educação que desenvolve conteúdo, tecnologia e serviços, com sede e centro de distribuição em Fortaleza (CE). Nos últimos anos, os alunos alcançaram expressivos resultados em Olimpíadas nacionais e internacionais de Física, Química, Biologia e Matemática, em países como EUA, África do Sul, Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Holanda, Rússia, China, Japão e Dinamarca e também ao ingressarem em renomados centros acadêmicos, como o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), o Instituto Militar de Engenharia (IME), o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Stanford University e a Cornell University, nos Estados Unidos, e The University of Manchester, na Inglaterra.

Essa empresa entende ser fundamental propiciar o desenvolvimento de habilidades, estimulando a autonomia e a construção do pensamento crítico e

reflexivo, que respeite crenças, valores e diversidade de ideias. Apresenta como missão: transformar pessoas por meio da Educação de Excelência, sendo protagonistas na evolução da forma de ensinar e aprender.

A *Coleção ASAS* incentiva a capacidade de análise crítica e de raciocínio lógico, a expressão de ideias em diferentes linguagens, o trabalho colaborativo e a utilização de diferentes fontes de informação na construção do saber. Destinada aos alunos das séries finais do Ensino Fundamental, os livros integram as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, História, Geografia e Ciências, desenvolvendo as habilidades expressas na BNCC.

Elaborado em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais e com as orientações contidas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCN), o Programa das Coleções apresenta temas significativos, abordam valores éticos e culturais, privilegiando o desenvolvimento de competências e habilidades, caracterizadas pela capacidade de expressão, compreensão de fenômenos, resolução de problemas e construção de argumentos. Eles pretendem contribuir para uma sociedade mais consciente e para a formação de cidadãos atualizados, críticos e reflexivos, preparados para as exigências futuras e capazes de fazer uso de suas competências de forma ética.

O caderno do professor contém o **Conteúdo Programático** e a sugestão de carga horária semanal para cada disciplina, o que permite ao professor maior facilidade na gestão de sala de aula, apresenta discussões acerca do ensino e da aprendizagem, com sugestões de atividades diferenciadas e textos complementares conforme os objetos do conhecimento abordados, além de orientações para maior exploração dos temas e das atividades. Nas **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM**, apresenta as diferentes habilidades que os alunos devem desenvolver até o final do estudo do capítulo. Nas **SUGESTÕES E ORIENTAÇÕES**, o professor encontra orientações e sugestões para tornar a sua prática pedagógica mais significativa, incluindo recomendações de leituras, de vídeos e de referencial teórico. Nas **SUGESTÕES DE ATIVIDADES**, o professor tem à sua disposição sugestões de atividades práticas que facilitam a aprendizagem e instigam os alunos a se envolverem ainda mais nas aulas. Na **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**, traz os principais referenciais teóricos e documentos técnicos que embasam o conteúdo e a metodologia das obras do SAS.

A *Coleção Integrada* abrange as diversas áreas de conhecimento previstas para a 1ª e a 2ª série do Ensino Médio, apresenta informações e conteúdos atualizados, acompanhados de atividades contextualizadas que estimulam o aluno a dominar linguagens, compreender fenômenos, resolver situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas e estratégias para interferir nos rumos da sociedade conforme avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros exames de acesso ao Ensino Superior.

Os professores estão tentando se adaptar à mudança de material, pois passaram 17 anos utilizando o *Sistema Anglo*, mas, em 2018, fizeram essa troca. Eles têm a percepção de que, para se adequarem rapidamente, à BNCC, a empresa não produziu bem o material em 2019. Pelo que observei nas referências bibliográficas do material, há um autor principal, José de Nicola, mas ele é associado a uma equipe de produção. Talvez os membros dessa equipe não tenham se comunicado de forma mais integrada, o que deu aos professores do Rio Branco uma sensação de falta de lógica entre as partes de interpretação de texto, análise linguística e produção textual.

Em 06/8/19, estive presente a outra reunião pedagógica. A coordenadora inicia a reunião atualizando os andamentos da Mostra Cultural de Outubro, com os temas dos grupos por séries. Na sequência, a responsável pela empresa *Zouglee Educação Tecnológica*⁵⁴, contratada em 2019, pelo colégio, para as aulas de Tecnologia e Robótica (presentes na grade, em conformidade com a BNCC) comenta assuntos presentes na Plataforma *Google* e informa que pretende organizar uma capacitação e um treinamento “mão na massa” aos professores do colégio para que possam estabelecer parceria tecnológica com os trabalhos da Mostra Cultural.

Considero muito interessante o comentário dos professores que os jovens de EFII apresentam dificuldades em utilizar *Word*, como anexar arquivos, inserir imagens, copiar, colar, entre outras dúvidas como elaboração de vídeos em *Prezi* e *Fillmore*. A representante da empresa informa que é possível fazer adaptações nos conteúdos, uma vez que esse trabalho se iniciou no colégio em 2019 para todas as

⁵⁴ O conteúdo de Tecnologia Educacional Zouglee é armazenado em nuvem e pode ser acessado de qualquer dispositivo - computador, *tablet*, celular, *notebook* - via Plataforma Digital *Google for Education** ou via plataforma da *Microsoft*, contendo vídeos, exercícios e ferramentas: *Hangout*, *Docs*, *Photos*, *ClassRoom*, *Agenda*, *Translate*, *Gmail* com conta de *e-mail* educacional, *Earth*, *Slides*, *News*, *Sheets* e outros.

turmas, principalmente, para as séries finais, entre essas adaptações, está a de inserir as normas da ABNT. Ela comenta que, em algumas outras escolas parceiras, os professores estipularam que só passariam a aceitar os trabalhos que estivessem dentro dessas normas. Outra possibilidade oferecida pela *Zouglee* são *QR code* com vídeo aulas para complementar o tempo das aulas da grade curricular para que os estudantes possam treinar, em casa, os conteúdos estudados em sala de aula.

Pelos relatos dos professores, dessa empresa parceira, os discentes do Rio Branco têm se apresentado bem receptivos às aulas de programação, tecnologia, games⁵⁵ e robótica⁵⁶, são disciplinados, atentos e interessados. Por fim, a coordenadora do Rio Branco acatou uma sugestão da empresa de tecnologia, de criar um livro digital para a Mostra Cultural, além dos *banners* que serão confeccionados pela empresa.

Em 6/11/19, ocorreu a última reunião pedagógica do ano. Nela, os professores fizeram sugestões para a atividade de passagem dos estudantes do EFI para o EFII. A ideia foi organizar três Estações de Rotação, principalmente, os professores que ministrarão aulas para eles em 2020.

Na sequência, passaram a falar das aulas extras e da ausência dos estudantes nelas. Outro ponto foi a necessidade de se criar um padrão para a convocação, uma vez que cada professor estava utilizando um critério diferente. As coordenadoras relatam que muitas famílias não percebem a importância disso que é oferecido pelo colégio, muito jovens também só aparecem em véspera de provas. Nesse sentido, o consenso foi de que será necessário melhorar a comunicação.

Lucia Helena comenta que descobriu, durante essas aulas, que um jovem que não era bom em matemática, programava *games*. O problema, segundo ela, é que os professores, em função da cobrança pelos resultados nos vestibulares, ficam o tempo todo preocupados em ver se foi cumprida toda a programação. Ela defende que passem a verificar outras habilidades e diz: “eu não sei como...”, mas “vamos fazer, precisamos olhar o lado B”.

⁵⁵ A prática da Gamificação pode ser utilizada como meio para resolver problemas e engajar pessoas, apresentando-se em duas perspectivas: 1. PERSUASIVA, estimula a competição, tem um sistema de pontuação, de recompensa, de premiação, entre outros elementos. 2. CONSTRUÇÃO COLABORATIVA E COOPERATIVA, instigada por desafios, missões, descobertas em grupo, levando a uma perspectiva interacionista.

⁵⁶ O curso *Zouglee* promove o desenvolvimento da autonomia, pensamento científico, computacional e cultura *maker*, ou seja, “faça você mesmo”, com a valorização da experimentação, a chamada educação “mão na massa”.

A coordenadora Flávia, que era professora de Biologia antes de assumir a coordenação, relata que seu objetivo era ‘detonar’ a apostila, ela achava que a aula dela era boa assim, mas não sabe se isso ainda daria certo, diz que teria medo de voltar pra sala de aula. Ela pensa que há necessidade de novos desafios, atividades de outra natureza, pois, muitas vezes, os estudantes não sabem o que sabem fazer, eles estão se descobrindo, é necessário que os professores os ajudem nessas descobertas.

Lucia Helena diz que, para ela, afetividade pode trazer os estudantes para essas descobertas. Ela defende a demonstração de interesse por eles, perceber que faltaram às aulas, interrogar os motivos, afinal, todo mundo tem necessidade de ser notado, reciprocidade e sinceridade são seus lemas para que eles se sintam confiantes, para que percebam que o professor está ali por/ para eles. Para professor que só dá aulas, é pouco. Ficar refém de Apostilas do SAS não vai interessar os estudantes, segundo a professora de LP.

A coordenadora sugeriu que pensassem na ideia de retorno de um Grêmio Estudantil para 2020, com grupo de jovens empreendedores, propondo projetos com autoria. Lucia Helena comenta o caso da sobra do dinheiro arrecado pelos 8ºs anos para Mostra Cultural. Cada estudante era responsável por dar conta de algo, a tesoureira mostrou quanto foi arrecadado, quanto foi gasto e quanto sobrou. A professora perguntou se queriam de volta o dinheiro ou contribuir com a arrecadação de fraldas, decidiram pela doação. Num país em que a fala corrente é “todo mundo rouba”, a professora trabalhou conceitos de credibilidade e satisfação por contribuir, aliados à autonomia e responsabilidade. Lucia Helena já estava desenvolvendo conceitos da Formação Integral da BNCC.

A coordenação solicitou que os professores pudessem também pensar em projetos, para 2020, que funcionassem como testes, para as trilhas formativas do EM que terão que acontecer em 2021. Ela sugere que criem projetos, que eles possam ser testados em 2020, para que ela possa apresentar como proposta para os mantenedores do colégio. Flavia entende que, em 2022, as avaliações também sofrerão alteração, em função das propostas da BNCC.

Em seguida, os professores voltaram a pensar nas atividades das Rotações por Estação, do dia 2/12/19, para os ingressantes ao 6ª ano em 2020, e sugeriram mágica, *podcast* e jogo de lógica.

Ao final da reunião, eu manifestei interesse em acompanhar algumas das aulas tecnológicas que ocorrem no Externato e obtive autorização.

3.3.2- Observação de Aulas de Tecnologia e de Robótica

Em agosto de 2019, passei a fazer observações das aulas de Tecnologia e Robótica, duas disciplinas que, em função da BNCC (Brasil, 2018) passaram a fazer parte da grade curricular no EFII e, em 2020, entrariam no Ensino Médio. Entendi que essas observações contribuiriam para o objetivo geral de tese que é desenvolver um estudo sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso delas para os estudantes do século XXI.

Para essas observações de aulas Tecnologia e Robótica, que não estavam previstas, decidi utilizar os mesmos critérios das aulas de Língua Portuguesa: os produtos verbais do professor que direcionam as ações, o envolvimento dos estudantes na participação, as relações entre os estudantes e o professor, os cenários e meios utilizados, bem como os propósitos educacionais que são pretendidos pelos agentes envolvidos.

A primeira turma que observei foi, em 12/8/19, do 6ºB numa aula de Tecnologia com um professor da empresa *Zouglee*. O espaço em que ocorrem as aulas é, visualmente, preenchido com pinturas nas paredes de imagens com o tema de tecnologias. Há 7 fileiras com 3 computadores em cada, totalizando 21 computadores. Os estudantes, dependendo da turma, dividem o mesmo computador e trabalham em duplas. Logo ao entrarem na sala, já foram se posicionando em frente aos computadores.

A atividade proposta pelo professor era uma continuidade da aula anterior. Todos fizeram silêncio para ouvir as instruções iniciais que era de continuarem a atividade de criar e inserir tabela num documento de *Word*. Inicialmente, os comandos ocorrem pelas explicações orais, seguidas de acompanhamento no telão. Os estudantes têm que elaborar a atividade e, ao final da aula, entregar por meio digital, acessando a Plataforma *Google*. Inicialmente, eles inserem o *link* e buscam a atividade da aula anterior no *Google Classroom* da turma. Na sequência, o professor

passa a atender as dúvidas individuais indo a cada aluno que está com a mão levantada.

Notei que muitos pareciam interessados e poucos se distraíam com o próprio celular ou um cubo mágico que trouxeram em mãos para este espaço. Perguntei a alguns que terminaram antes se já tinham conhecimento de *Word*, mas a maioria me relatou que o que eles sabiam sobre *Word* haviam aprendido ali no colégio, nessas aulas. Alguns desses que terminavam, iam ajudando outros colegas nas dificuldades. Ao final, o professor voltou ao telão para explicar como salvar, finalizar, clicar na turma, fazer *upload* e entregar digitalmente. Ao final da aula, o professor foi acompanhando e informando quantos ainda não haviam entregado essa atividade. Ele orientou aqueles que não terminaram nessa aula, sentarem-se na próxima aula, na frente, para conseguirem finalizar. Alguns estudantes do 6ºB disseram que essa era a melhor aula da semana, assim como a de Educação Física.

A turma do 9ºA, também com o mesmo professor, chegou e notei que eram mais afetivos. Muitos vinham até a mesa cumprimentar o professor, dando as mãos ou abraçando-o. O professor deu as instruções iniciais para que continuassem fazendo a atividade da aula anterior, criando um *Prezi*. Para facilitar, o professor avisou que foi instalado o aplicativo em cada computador, mas em função disso, precisariam fazer um novo cadastro. Notei que muitos não se lembravam do *email* e da senha, necessários para refazer esse cadastro de criar uma nova conta de *Prezi*.

O tema que estavam desenvolvendo, individualmente ou em duplas, era *Profissões do Futuro*, eles podiam pesquisar o tema no *Google* para montar a atividade do *Prezi*. Era possível fazer a evolução de uma mesma profissão em 5 fases distintas de tempo, ou levantar 5 profissões diferentes através de um tempo delimitado por eles. Os estudantes pareciam mais focados e mais autônomos em relação aos do 6º ano que solicitavam mais ajuda do professor. Ao serem informados que, no final do mês, mostrariam essas apresentações finalizadas para todos os demais da turma, passaram a negociar essa data com o professor, com argumentação pertinente, em função de outras atividades já solicitadas pelos outros professores.

Nas duas turmas, 6ºB e 9ºA, durante as aulas de Tecnologia, notei que a relação entre esse EnAp com os ApEn foi harmoniosa. Os estudantes pareciam bem envolvidos e interessados em relação aos propósitos educacionais de saber lidar

com essas ferramentas digitais, para serem utilizadas nas demais aulas, das outras disciplinas da grade curricular.

Nessas aulas, percebi que os professores de Tecnologia estavam trabalhando alguns conceitos teóricos de tecnologias digitais de Coscarelli (2016) e Novais (2016) sobre habilidades de navegação e leitura como atividades complementares usando a *internet*, uma vez que estavam sendo trabalhadas ações de clicar, rolar, arrastar, copiar, colar, mas também ler *links*, URIs, ícones para compreender melhor as barras de rolagem e os menus. De certa forma, o que o professor também estava desenvolvendo, nessas aulas, uma interpretação crítica de *sites* e fontes confiáveis, por meio de inferências e análise de informações verbais e não verbais.

Os estudantes estavam aprendendo não só a localizar, a selecionar e a avaliar procedimentos de navegação, mas a inferir, a construir sentido e a avaliar as informações, como se espera de uma boa leitura. Pelo que identifiquei, além de ser estudada a sintaxe gráfica das produções digitais, os estudantes aprendiam a produzir gráficos, tabelas, infográficos, o que Ribeiro (2016) chama de Alfabetismo Gráfico como exercício crítico de cidadania, pela multiplicidade cultural e diversidade de linguagens com enfoque crítico. Constatei que esse trabalho das aulas de Tecnologia não dialoga ainda, de forma direta, com as demais disciplinas do currículo.

Na mesma semana, em 16/8/19, acompanhei as aulas de Robótica do 8ºA e 7ºA. Os estudantes do 8ºA estavam continuando a produção de um *Triciclo Maker*. Notei que chegavam bem interessados e ansiosos para continuar a montagem de uma das rodas. Para essa atividade, precisavam ter habilidades artísticas e conhecimentos de matemática, para as medidas em geral, e de física, para produzir o mecanismo de funcionamento, por meio de pilhas.

A maioria chegou eufórica e, antes mesmo de o professor colocar na lousa digital a tarefa do dia, eles começaram a dar continuidade à etapa da aula anterior. Um ou outro jovem, mais impaciente, dizia que iria desistir, pois estava cansado de tentar e não dar certo.

Quando todos chegaram, o professor iniciou as instruções da aula, nesse momento, ouvi uma aluna dizer que essa aula é que deveria ser aula “dobradinha” e não a de matemática. Vi que cada um deles estava numa etapa da montagem, uns mais adiantados, outros mais atrasados no número de rodas para a elaboração do triciclo.

Outra observação notável é que, embora muitos estivessem com o celular, poucos o utilizavam, pois essa atividade, mais artesanal, na chamada oficina *maker*, conseguia entreter os estudantes por completo. O local apresenta muitos materiais artísticos para recortar, colar e montar. Eles passaram todo tempo da aula bem ativos e concentrados, uns ajudando aos outros. Num determinado momento, mais ou menos o meio da aula, o professor alertou que precisavam finalizar a colagem.

O ambiente da sala *maker* é composto de 2 bancadas coletivas de 8 banquetas de cada lado, totalizando 32 lugares, uma lousa digital, no centro e na frente, e caixas, com materiais, espalhadas nas laterais da lousa, como lápis, canetas, tesouras, colas, papéis, entre outros. O professor vai trocando as imagens da lousa digital a cada etapa da elaboração. Há também outro professor que dá assistência necessária a cada aluno que a solicita. Os estudantes se espalham, não só nas banquetas, mas em pé ou sentados no chão.

A visão é de algo desestruturado e bagunçado, mas basta chegar perto de cada aluno e ver o contrário, eles estão bem concentrados, alguns mais pacientes, outros mais impacientes, muitos ajudam os que pensam em desistir quando algo está dando errado. O barulho e as conversas não ocorrem descontextualizados, não ouvi nenhuma roda ou grupo com assuntos que não fossem a construção das rodas do triciclo.

Essa sala fica ao lado da sala das aulas de Tecnologia e são os alunos que se dirigem a elas a cada aula. Em nenhum momento, minha presença foi incômoda, nem para os estudantes nem para os professores. Fiz perguntas, fotografias, vídeos e notei que gostavam de me ver interessada, alguns tinham prazer em me relatar os ganhos e perdas, erros e acertos de cada etapa, inclusive de aulas anteriores.

Há muitos momentos de silêncio quase total durante a produção. Quando o tempo de finalizar a aula estava próximo, noto que a empolgação deles é tanta que passam a fotografar com o celular a própria produção e a dos outros colegas. Percebi a liberdade e a responsabilidade caminhando juntas, uns preferiam produzir isoladamente, alguns em duplas, muitos em grupos, essa ideia de individualidade e coletividade me impressionou, assim como a “bagunça” organizada, cada qual com sua lógica.

Os dois professores presentes, com muita calma, estavam sempre em meio aos alunos, socorrendo os mais desesperados ou com mais dificuldades. Ao final, um dos professores pediu que guardassem os materiais e colocassem os nomes,

eles atenderam rapidamente e iniciaram o retorno para a sala de aula deles, alguns agradeceram: “professor, obrigada pela aula!”.

Em pouco tempo, chegaram alguns alunos do 7ºA, iam sentando, calmamente, para aguardar o professor trazer os materiais, outros chegavam eufóricos e agitados. Quando todos estavam presentes, eles fizeram silêncio total, então, o professor deu os comandos da tarefa: continuar o Carro Anfíbio. Ele foi chamando pelo nome e cada aluno ia buscar a sua atividade.

Alguns achavam chato ficar cortando, pareciam ansiosos para ver o produto final, outros ficavam bem impacientes quando algo dava errado, reclamavam de ter que colar de novo, expressam-se: “eu já fiz isso 2 vezes, 3 vezes ...”. No entanto, a maioria era bem atenta, mesmo em meio ao alvoroço das falas e da elaboração da atividade. Nessas aulas de Robótica, pude identificar conceitos e princípios de Metodologias Ativas, sem uso de tecnologias digitais. Embora o professor utilize a lousa digital, os estudantes se concentram mais nas atividades manuais, artísticas, chamadas “mão na massa” em “oficina *maker*”. As aulas são bem dinâmicas como as defendidas por Masetto (2010), bem como são originais e inovadores os projetos desenvolvidos pelos jovens. Nessa interação, ocorre troca de ideias e experiências, de ambos os lados, e, em alguns casos, o docente se coloca na posição do discente, aprendendo com eles. Eles praticavam os quatro pilares do conhecimento propostos pela Comissão da UNESCO, como apresentados em Delors (1999): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Nessas aulas de Robótica, todos tinham um papel ativo, de protagonistas da aprendizagem sob a orientação/mediação do professor. Identifiquei uma interação entre os professores e os estudantes e entre os próprios estudantes, seja no trabalho em pares ou em grupos, com as estratégias de problematização, como elemento motivador, alinhados aos conceitos propostos por Freire (1996) como a necessidade da superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo, a partir de conhecimentos prévios. Vi, também, o desejo de iniciativa e investigação, em torno de objetivos, para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem, defendidos por Hernández e Ventura (1998) para a metodologia de projetos. Essa ação concentra-se na aprendizagem dos estudantes, levando-os a se inserirem, conscientemente, na vida social, além do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem.

Na sequência, a observação das aulas de LP.

3.3.3- Observação de aulas de Língua Portuguesa

Nas aulas de Língua Portuguesa, eu procurei diversificar a observação, acompanhando aulas de Redação, de Leitura e de Gramática. Escolhi uma aula de cada uma dessas frentes para relatar.

Recebi a grade das aulas da professora, com os horários das turmas, para que eu escolhesse os melhores dias da semana para ir ao colégio. Essas observações ocorreram entre maio e novembro de 2019.

No dia 28/5/19, a professora Lucia Helena de Paula organizou um encontro com os estudantes da 3ª série do EM, numa das aulas de Redação que acompanhei, convidando a psicóloga Nívea Loza, ex-aluna do Rio Branco, para conversar com os jovens sobre o projeto que iriam desenvolver sobre escolhas futuras, acerca das carreiras e das realizações. Eu fui convidada para participar desse encontro para relatar minha trajetória profissional, mas, principalmente, para fazer minha primeira observação nas aulas da professora, sujeito dessa pesquisa.

O tema do projeto dela foi inspirado numa proposta de Redação, divulgada em maio de 2019, pelo site *UOL* para o banco de redações: *O que é mais importante para vencer na vida?*

Diante desse tema, a professora solicitou aos jovens que pensassem em subtemas que fossem possíveis de discutir com os demais estudantes do EM do Colégio. Nesse sentido, eles assumiriam a função de protagonistas do projeto, uma vez que ela os motivou para a responsabilidade e para a organização desse trabalho em equipe. Esses conceitos se relacionam aos da EL do GPEDULING que entende que, na concepção de construção do conhecimento, ApEn e EnAp podem aplicar e resolver problemas, trabalhar em conjunto e sugerir melhorias para a construção de um projeto inovador de ensino e de aprendizagem.

Para despertar o interesse de participação e mobilização para esse projeto, a professora promoveu esse encontro com a psicóloga, que iniciou perguntando se eles sabiam identificar o propósito de vida deles.

Nívea Loza explicou a diferença entre sonho e propósito de vida, sendo necessário para esse último a identificação de habilidades e de motivações. Como eles disseram achar difícil fazer essa autoanálise, a psicóloga indicou uma planilha para reflexão que os ajudaria na identificação das motivações pessoais e profissionais. O exercício trouxe reflexões sobre valores, como: o que fazem e

gostam de fazer, o que fazem e não gostam de fazer, o que não fazem, mas gostariam de fazer, o que não fazem, porque não gostam de fazer.

Nesse momento, a professora de LP pediu aos jovens que se manifestassem em relação às carreiras que pretendiam escolher. Então, a psicóloga foi tecendo as observações a cada participação de fala deles. Percebi que o encontro promoveu empatia e interação entre os jovens e incentivou-os a se enxergarem como parte responsável pelo projeto em grupo, a ser desenvolvido por eles, em todo EM do colégio.

Isso pode ser relacionado aos conceitos de Masetto (2010) que defende o incentivo de atividades coletivas de descoberta, proporcionando um ambiente colaborativo e propondo busca de soluções para os temas estudados, garantindo, assim, o envolvimento de todos para o sucesso dos estudos.

Observei que eles se interessaram muito pelas discussões e pelas nossas falas, afinal, havia ali três gerações distintas, com experiências pessoais e profissionais diversas, mas todas nós, com relatos de trajetórias de sucesso. Fiquei satisfeita em identificar que eles não tinham como meta a questão financeira como fator motivacional para a escolha da carreira. Muitos jovens pareciam mais assertivos, outros, ainda, estavam buscando informações para fazer as escolhas.

Destaco que, no dia seguinte, a professora informou-me, por *WhatsApp*, que os encontros, para esse projeto, ocorreriam ao final das aulas de Redação, que acontecem no período vespertino, para não comprometer o desenvolvimento do currículo oficial dos estudantes. É possível perceber que há uma dificuldade de incorporar uma atividade diversificada ao currículo quando o colégio utiliza Sistemas de Ensino Apostilados que são estruturados aula a aula e tudo precisa ser cumprido em determinados limites de tempo. Os jovens, que pudessem, participariam, de forma espontânea, das reuniões, para planejar as estratégias, que seriam colocadas em prática por eles, com as demais séries do EM. A intencionalidade na participação, segundo a professora, alcançou quase 100%.

Embora a professora tenha dito que não utiliza tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa, percebi que acabou integrando-as de forma sutil ao fazer uso da página do *UOL* na dinâmica inicial com os estudantes e ao fazer uso do *WhatsApp* para troca de informações sobre o projeto. Masetto (2001) mostra a relevância desse uso da tecnologia digital para facilitar a troca de informações, possibilitar velocidade de busca de dados, colaborar para o processo de

aprendizagem, reformular o conceito de aprender, o papel do estudante e do professor, pois não é mais apenas o professor que transmite conhecimentos.

Para as atividades presenciais, a professora adotou a metodologia de projetos, com a abordagem *Design Thinking (DT)*, que é um novo jeito de pensar e abordar problemas, um modelo de pensamento centrado nas pessoas. Ela propunha como etapas a descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução. O DT deve ser considerado como uma “abordagem” e não como uma metodologia, essa utilização pode ou não estar relacionada ao uso de tecnologias digitais na sala de aula, conforme explicitado no primeiro capítulo.

Ao conciliar espaços, tempos, comunicação pessoal e colaborativa, presencial com o *on-line*, a professora tornou-se o que Moran (2015) defende como professor curador, orientador de caminhos, numa abordagem híbrida, que contempla o presencial e o digital para modificar as formas de pensar e de construir conhecimentos. Isso também pode ser configurado como a chamada Personalização do Ensino, defendida por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), ao transformar o papel do professor e dos estudantes, ressignificando o conceito de ensino e de aprendizagem, por meio de novos suportes, pelas tecnologias digitais e novas metodologias de ensino, para valorizar as relações interpessoais e a construção coletiva do conhecimento.

Em 4/11/19, observei uma das aulas de Leitura da professora Lucia Helena, na discussão sobre a obra *O Visconde Partido ao Meio*⁵⁷, de Ítalo Calvino. A obra exprime, de maneira alegórica, a angústia do homem contemporâneo e há semelhanças com a novela *O Médico e o Monstro*, de Stevenson.

Inicialmente, observei que a professora deu voz ao representante de classe, por meio das lembranças dele em relação ao enredo, e, na sequência, os outros foram acrescentando mais informações. A cada capítulo, a professora discutia fatos e dados marcantes da obra. Essa atitude é defendida pelo GPEDULING ao descentralizar o papel do professor, permitir que os estudantes se tornem menos passivos e mais participativos. Para esse Grupo de Pesquisas é preciso desenvolver aulas que levem ambos a compartilhar impressões, trocar informações, aprender

⁵⁷ Publicado em 1952, veio a compor uma trilogia a que Italo Calvino (1923-85) chamou de *Os nossos antepassados*. É a história de Medardo di Terralba, o visconde que, na defesa da cristandade contra os turcos, leva um tiro de canhão no peito, mas sobrevive, ficando partido ao meio. A metade direita atormentada pela maldade, e a esquerda, pela bondade. Prêmio Jabuti 1993 de Melhor Produção Editorial de Obra em Coleção.

com os pares, construir significados partilhados, diminuindo a ideia de transmissão do EnAp e de recepção do ApEn, assemelhando-se à forma como as pessoas interagem, na vida em sociedade, em contextos mais participativos e interativos como o das redes sociais.

A maioria dos jovens estava com o livro físico em mãos, sendo de editoras diversas, alguns deles liam a versão digital, baixada no celular ou *tablet*. O uso de tecnologias digitais na escola ocorre em ações isoladas, não há, ainda, um diálogo efetivo de projeto interdisciplinar entre aulas de disciplinas como LP e as de Tecnologia e Robótica.

Havia comentários da professora em relação ao léxico quando os jovens solicitavam algum esclarecimento. De forma espontânea, quem queria complementar levantava a mão, então, a professora intervinha apenas quando havia alguma necessidade específica. Em determinado momento, ela me inseriu na conversa para que eu entendesse a discussão e fazia uma pequena síntese geral sobre as metáforas do bem e do mal, presentes na obra.

Notei que os jovens estavam muito envolvidos e interessados; havia equilíbrio na participação e a interação era harmoniosa entre todos, eles contavam, interpretavam, liam trechos para explicar quando precisavam exemplificar. Minha presença foi bem aceita, até esquecida no transcorrer da aula. Ao final, alguns vieram conversar comigo.

Quando eles perguntavam algo, observei que a professora comentava e, por vezes, havia humor nos comentários e, tentativas de aproximação da obra com a realidade atual dos estudantes. Muitas vezes, ela se colocava como observadora também da obra e dizia: “o que eu anotei sobre este capítulo foi ...”. Cada um ia comentando o que chamava atenção em cada capítulo, e ela também se colocava como leitora atenta e reflexiva, numa posição de equilíbrio com eles.

A relevância dessa dinâmica da aula está atrelada aos conceitos de Masetto (2010), em que as situações de aprendizagem planejadas pelo professor, em parceria com os estudantes, provocam e incentivam a participação e a postura ativa e crítica frente à aprendizagem.

Ao final de cada parágrafo, elegiam um tópico frasal e elaboravam um subtítulo para cada capítulo. Em alguns momentos, eles comentavam: “eu estou gostando, porque há muitas descrições.”, outra jovem disse: “elas me ajudam a

imaginar”, por fim, uma falou: “é diferente das obras modernas que possuem mais ação.”.

A professora também lia trechos que chamavam a atenção dela. O mais interessante dessa interação foi que ela conseguia demonstrar a eles interesse como leitora e, assim, eles iam se interessando mais e mais. Não se intimidavam em interromper, concordar, discordar, perguntar o que não entendiam página a página. A professora sempre perguntava: “alguém anotou algo importante na página tal?” Sempre que eles comentavam, ela observava, elogiava a contribuição, assim, iam participando mais e se envolvendo totalmente. Em alguns momentos, ela perguntava: “você escreveu algo sobre esse trecho ou apenas destacou-o como importante?”.

Quando a professora afirmou: “eu acho que a personagem morreu de desgosto”, cada estudante passa a justificar que dado confirmaria essa ideia. Muitas das passagens que eles iam destacando como importantes eram confirmadas pela leitura feita pela professora que afirmava também ter sublinhado tal trecho.

Não vi nenhum jovem distraído com uso aleatório de celular ou outro objeto. Mesmo os mais tímidos que não participavam oralmente, estavam acompanhando as falas. A relevância dessa observação está na atitude do docente que, segundo Masetto (2001), pode assumir a função de incentivador, motivador e o estudante, um papel ativo e participante e não mais um ser passivo, recebedor e repetidor de informações, assim o discente pode ver o docente como um parceiro, disposto a colaborar com sua aprendizagem.

Quando surgiu uma dúvida, todos passaram a folhear a obra para procurar as informações, mesmo estando com versões diferentes, de editoras diferentes. Em determinado momento, a professora relatou uma situação pessoal e familiar dela na cidade natal de Caçapava para ilustrar um contexto presente na história sobre uma encruzilhada, um embargo e um tombamento.

A partir disso, discutiram questões sobre a natureza e a ética dos políticos que derrubaram a mangueira da fazenda da irmã dela, para fazerem o “tombamento”. Um deles disse: “eu vi na internet que embargo é ...”.

Por fim, Lucia Helena disse que alguns réus confessos que não leram, providenciassem essa leitura, pois ela leu, mesmo tendo prendas domésticas a fazer, além de preparar aulas. Terminou a aula dizendo: “o emocionante capítulo 5... vai fazer a Nívea querer voltar na semana seguinte...”.

Nessas aulas de Leitura, identifiquei o propósito da educação integral da BNCC, que é oferecer oportunidades para que o estudante se desenvolva em suas múltiplas dimensões, construindo, gradualmente, sua autonomia e sabendo fazer escolhas.

Em 1/11/19, antes de iniciar uma aula de Gramática, acompanhei Lucia Helena, durante seu intervalo, mas ela não tomou café, nem descansou, desceu até o pátio para receber uma entrega de fraldas, que arrecadou com a sobra de dinheiro da Mostra Cultural. Nesse momento, ela ia repassar para uma instituição que a antiga professora de Educação Física, do Rio Branco, ajuda. Essa situação é relevante, na medida em que a professora utiliza-a, posteriormente, na dinâmica da aula após o intervalo.

Quando subimos para aula sobre complemento verbal, os jovens estavam, espontaneamente, apagando a lousa para a professora iniciar a aula. Enquanto isso, ela relata a eles o episódio da doação efetuada durante seu intervalo.

A aula inicia com a fala dela página 53, aula 23. Na sequência, perguntou: “quais foram os complementos verbais que apareceram no SAS (Sistema de Ensino)?” Eles foram dizendo e ela foi registrando na lousa o que eles diziam. Percebi que, sem ela mencionar, estavam utilizando o conceito aproximado da sala de aula invertida. Ela dizia: “vamos fazer uma definição definitiva?” O mais interessante foi que os exemplos que ela ia criando eram referentes à situação real relatada, anteriormente, da doação das fraldas.

Quando apareceu o objeto direto pleonástico e o objeto direto preposicionado, ela perguntou a um jovem: “o que você se lembra sobre isso?” O estudante explicou, outra jovem disse “não entendi”, a professora explicou a questão dos efeitos de sentido do uso ou não da preposição nesse objeto, por meio da situação: “nós acabamos de doar as fraldas/ nós acabamos de doar das fraldas”, efeito de totalidade e efeito partitivo.

Masetto (2010) sugere proporcionar a interação entre ApEn e EnAp. Nessa proposta, o ApEn passa a ser corresponsável por sua aprendizagem e o EnAp passa a incentivar atividades coletivas de descoberta, proporcionando um ambiente colaborativo e propondo busca de soluções para os temas estudados, garantindo, assim, o envolvimento de todos para o sucesso dos estudos.

Notei que observavam atentamente. Muitos registravam no caderno as anotações, alguns apenas acompanhavam a aula. Se ela percebia algum estudante

desatento, chamava-o pelo nome e explicava, diretamente, para ele, sem chamar atenção dos outros, nem parar a aula por causa disso.

Quando dois jovens chegaram atrasados, ela questionou-os e disse que foram buscar orientação na hora mais desorientada e finalizou: “não podiam fazer isso em outro momento?”. Voltou, imediatamente, para as explicações e perguntou quem era capaz de explicar e resumir o conteúdo geral da aula.

A relevância dessa observação se dá na valorização das relações interpessoais, que atende aos preceitos da BNCC (2018), ao conciliar o desenvolvimento da dimensão cognitiva com o desenvolvimento das dimensões pessoais e relacionais – também chamadas de socioemocionais, para assegurar às novas gerações o direito a desenvolver ao máximo seus potenciais para ser, conhecer, conviver e produzir no mundo.

Observei que a aula era expositiva, mas dialogada, ela ia intervindo e trazendo questionamentos sobre o que estudavam primeiro em casa. Numa prática tradicional, é comum utilizar atividade de leitura, pesquisa e posterior exposição/discussão sobre o tema estudado. Ao modificar a abordagem, penso que a aula promove flexibilidade da organização pedagógica, confere maior autonomia, maior responsabilidade nas estratégias, como os conceitos defendidos por Moran (2018) para Educação do século XX com a aprendizagem ativa.

Enquanto eu assistia a essa aula de gramática dela, lembrei-me de um fato que tinha me acontecido em 2011. Durante uma aula minha, uma jovem afirmou que eu a lembrava de uma antiga professora dela do EF II. Quando perguntei quem era, ela me disse que era a Lucia Helena, do Rio Branco. Nesse momento, passados 8 anos, olhando para a lousa de Lucia Helena e seu jeito de conduzir essa aula, percebi, claramente, a influência a que essa estudante se referia e como eu reproduzia isso em minhas práticas pedagógicas.

Nóvoa (2000) afirma ser impossível separar o profissional do pessoal e propõe ao professor cruzar a maneira de ser com a maneira de ensinar, na linha de Tardif (2012) que vai afirmar que, a personalidade do professor, suas emoções, sua afetividade fazem parte integrante do processo de trabalho docente. Vejo que educação do futuro visa à perspectiva da integralidade, visto que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico.

Essas observações das aulas contribuem para o trabalho interpretativo da investigação de outras vozes de outros professores. No próximo capítulo, apresento a coleta dos dados que serão analisados e os critérios de análise.

Em seguida, analiso o Questionário Semiaberto *On-line*, as Entrevistas Temáticas Escritas e a Narrativa da Professora do Externato Rio Branco para buscar respostas para a questão 2- Quais conhecimentos os professores de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI?

Capítulo 4 – Coleta de Dados, Critérios e Análises

O método biográfico pode afirmar-se como resposta adequada aos desafios educacionais, colocados numa posição humanística, em tempos de tecnologização da educação, para compreensão do que pensam os professores sobre sua própria formação e do modo como eles aprendem e ensinam.

Como complemento ao método biográfico, optei pelo estudo de caso, como uma das estratégias, entre outros procedimentos de pesquisa, pois ele favorece uma visão holística sobre os acontecimentos da vida real. Entendo que a observação das situações educativas serve para descrever e compreender o ambiente humano e natural, mas a construção de uma narrativa potencializa a reflexão e possibilita intervir na formação de maneira mais original, estimula a reflexão do processo de formação e ressignifica a apropriação crítica de história de vida de cada profissional.

Os dados coletados são oriundos de declarações de pessoas capazes de fornecer informações úteis aos objetivos da minha pesquisa. O objetivo deste capítulo é analisar e interpretar os dados dessa pesquisa, predominantemente qualitativa, para buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas de presenciais de Língua Portuguesa no século XXI.

4.1- Coleta de Dados

Algumas técnicas que são escolhidas e que dão suporte às análises qualitativas são questionários, entrevistas e história ou relatos de vida a fim de estabelecer uma cadeia de evidências. Eu tinha decidido, então, iniciar pela investigação da narrativa oral das experiências da diretora do colégio em que estudei para ver como ela foi sendo mobilizada, pelas transformações ocorridas, do século XX, para o atual século XXI.

Depois, analisar a narrativa escrita de minha professora de português, pois me pareceu motivador refletir como ela foi sendo mobilizada, no seu percurso profissional, pelas tecnologias digitais e pelas metodologias ativas. Minha ex-professora completou, em 2019, 44 anos de experiência docente, no colégio onde estudei e me interessei por verificar como cada geração reinterpreta a sua realidade social e suas vivências.

Em seguida, escolhi recolher também informações de outros professores de Língua Portuguesa, da Educação Básica, em entrevistas temáticas escritas,

enviadas por *email* e *WhatsApp*. Depois, decidi enviar questionários *on-line* para grupos de pesquisadores/ professores nas redes sociais.

Na narrativa escrita, sugeri que minha ex-professora reconstituísse os acontecimentos e situações mais importantes de sua vida, tentando encontrar coincidências no plano social e profissional, bem como, que ela buscasse como referência acontecimentos e situações que tiveram um caráter relevante, em termos de formação profissional, em relação às metodologias de ensino e uso de tecnologias. Eu pretendia identificar as motivações e os desafios da carreira, sentidos por ela, na formação inicial e na formação contínua, as continuidades (repetições), as rupturas (inovações), as coincidências no tempo e no espaço e as mudanças de interesses e de preocupações, advindas da inserção de tecnologias digitais e novas metodologias no ensino e na aprendizagem.

Como comentei no capítulo 3, Yin (2005) afirma que pouquíssimos estudos de caso terminam exatamente como foram planejados. O meu estudo sofreu pequenas alterações na ordem em que eu pretendia elaborar a pesquisa, em relação às fontes de evidências e no encadeamento delas.

Os participantes externos, como os das entrevistas temáticas escritas, por *email* e *WhatsApp*, e os participantes do questionário semiaberto *on-line* acabaram sendo realizados antes. Sendo também alterados na ordem, em função, talvez, da rapidez maior em responder os questionários semiabertos *on-line*, com questões de múltipla escolha, em relação à entrevista temática escrita, com 4 questões dissertativas.

Quanto aos demais recursos de coleta de dados: os questionários levaram 15 dias para serem coletados, já as entrevistas mais de 2 meses para a finalização da coleta. Os dados da narrativa da professora de Língua Portuguesa acabaram sendo coletados por último e não no início, como eu havia previsto, em função da dificuldade de encontrar datas disponíveis para o encontro presencial. Destaco que não consegui fazer a narrativa oral com a diretora do colégio, em função da suspensão das aulas, por causa da Pandemia do Covid 19.

Entendo que a dimensão sociocultural do grupo de educadores pode ter muitos pontos em comum, mas devo considerar que há diversidade de opiniões e perspectivas diferentes. Levei em conta a singularidade dos processos e as diferenças de atitude nas práticas educativas, bem como da percepção delas como profissionais. Trarei, de forma neutra, evidências suficientes para que o estudo se

transforme numa contribuição duradoura à área da pesquisa. Apresentei a opção do anonimato para proteger os participantes.

Assim que o meu projeto foi aprovado pelo comitê de ética, enviei em 27/5/19, 19 mensagens por *email* e 06 por *WhatsApp*, para um total de 25 professores de Língua Portuguesa, contendo a entrevista temática escrita, em anexo, num arquivo em *Word*. Alguns desses professores escolhidos foram meus colegas de trabalho, outros, meus colegas de mestrado e doutorado. Em junho, recebi apenas uma resposta, a maioria (15 professores), por estar em sala de aula, pediu um tempo maior para enviar as respostas, poucos professores (09) não se manifestaram de forma a informar se responderiam ou não a minha entrevista temática escrita.

Diante disso, em 29/5/19, criei o questionário *on-line Google Forms*. Postei em grupos fechados no *Facebook*, sendo todos eles, de pesquisadores:

Bolsistas CAPES, criado em 2011, com 63.857 membros;

Bolsistas CAPES (oficial), criado em 2017, com 20.608 membros;

Bolsistas CAPES (apenas questões acadêmicas), criado em 2017, com 3.190;

Bolsistas CAPES (pela democracia), criado em 2017, com 2.608 membros;

Bolsistas CAPES/CNPQ - sem censura!, aberto em 2018, com 3.713 membros.

Nesses grupos, obtive 53 respostas, de 29/5/19 a 3/6/19. O formulário ficou aberto para recepção por 15 dias, após uma semana sem receber mais respostas, fechei o resultado em 10/6/19. Esse questionário foi elaborado para contribuir com as perguntas que orientam meu estudo que são: 1- As Tecnologias Digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio? 2- Quais conhecimentos os professores de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI? 3- Quais benefícios que as Metodologias Ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística?

A seguir, apresento os critérios de análise escolhidos.

4.2- Critérios de análise

Para melhor compreensão do objetivo geral da tese, sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso

delas para os estudantes do século XXI, uso como referenciais de interpretação, os seguintes critérios de análise:

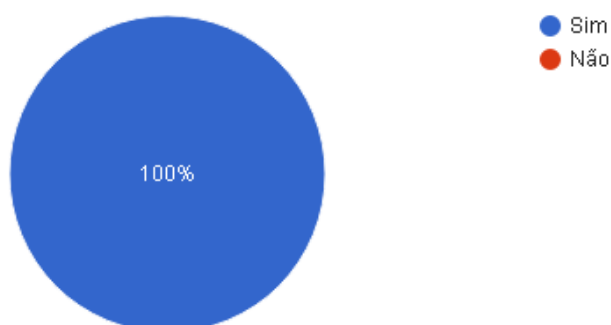
a percepção dos professores de que as tecnologias digitais contribuem/ não contribuem para aprendizagem;

a percepção dos professores de que as metodologias ativas beneficiam/ não beneficiam o ensino.

Tabela 1- Respostas do Questionário semiaberto on-line

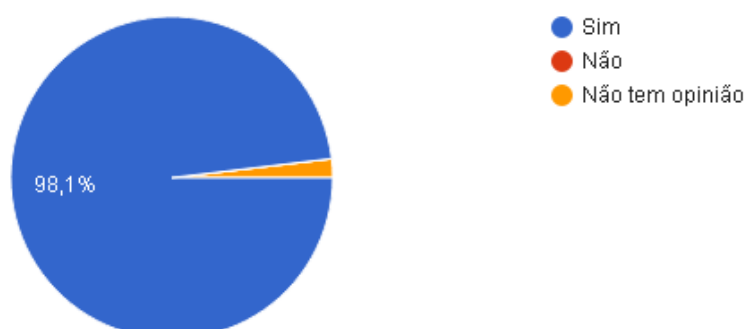
1- Você autoriza o uso de suas respostas, sem identificação pessoal, para fins estatísticos?

53 respostas



2- Você é a favor do uso de tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa?

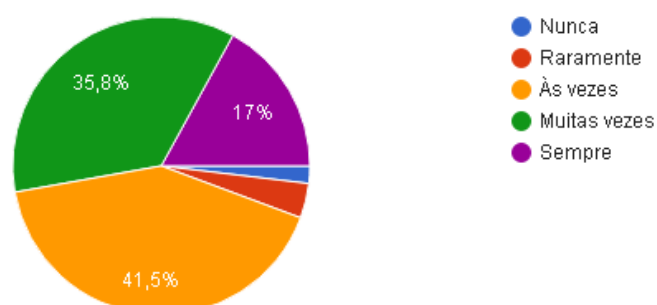
53 respostas



3- Você utiliza tecnologias digitais em suas aulas?

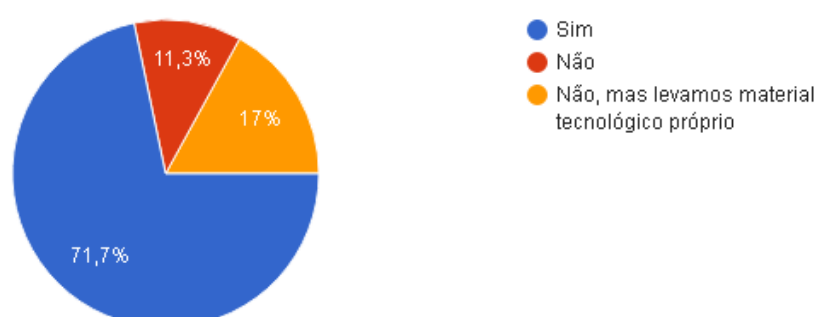


53 respostas



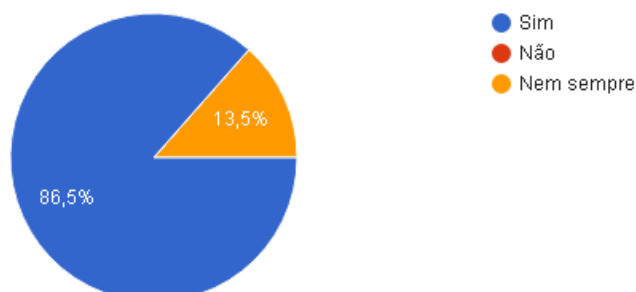
4- O colégio em que você leciona oferece subsídio para que você trabalhe com tecnologias? Por exemplo: internet, computador, lousa digital ou laboratório de informática.

53 respostas



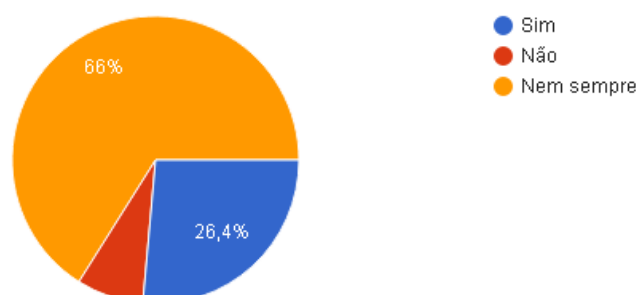
5- Você considera que o ensino precisa acompanhar as tendências tecnológicas que atraem os estudantes?

52 respostas



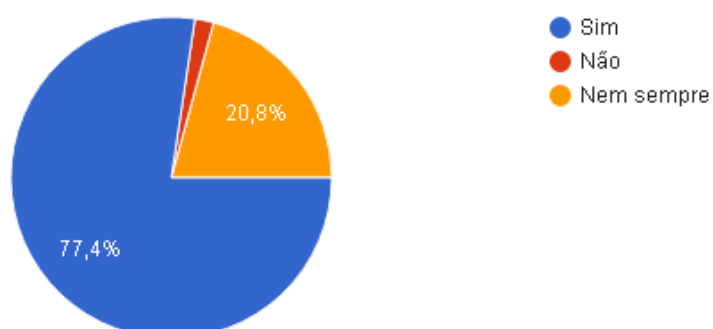
6- Você considera que as metodologias tradicionais de ensino, como o livro didático ou o sistema de ensino apostilado são eficazes na Educação do século XXI?

53 respostas



7- Você utiliza metodologias diferenciadas de ensino, como projetos interdisciplinares, seminários, sala de aula invertida?

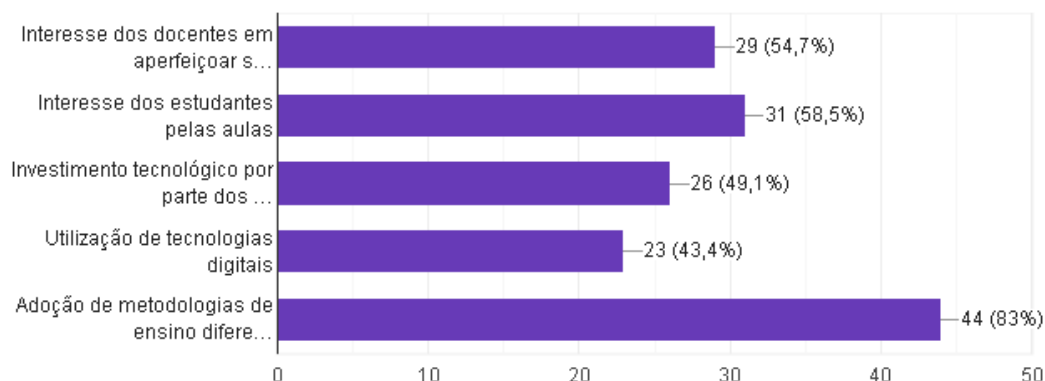
53 respostas



8- Em sua opinião, o que falta para o processo educativo ser mais eficaz no século XXI? Selecione as opções que julgar necessárias.



53 respostas



Elaborado automaticamente pelo sistema do *Google Forms*

4.2.1- Análise dos questionários no Google Forms

Todos os 53 participantes autorizaram o uso dos dados. Eles são professores de Língua Portuguesa, de Ensino Médio, em aulas presenciais. Também são pesquisadores de Mestrado ou Doutorado.

Nenhum participante se apresentou contrário ao uso de tecnologias digitais e poucos afirmaram não ter opinião sobre o assunto.

O interessante é que, embora 98,1% se coloque a favor do uso de tecnologias digitais na questão 2, apenas 17% sempre a utiliza e 35,8% usa muitas vezes. A maioria 41,5% só utiliza às vezes.

Esses dados da questão 3 indicam que preferiram dizer que são a favor na questão 2, mas, na prática, essa utilização não ocorre na totalidade, mesmo com 71,7% dos colégios oferecendo recursos tecnológicos, como informado na questão 4. Vale ressaltar que 17% afirma, na questão 4, levar seu próprio recurso digital.

Entendo que não basta alguns colégios oferecerem os recursos, é preciso pensar num trabalho de Educação Linguística. Pior, ainda, para os docentes que precisam fazer uso de seus próprios dispositivos eletrônicos.

Na questão 5, novamente, a maioria, 86,5%, entende que o ensino precisa acompanhar as tendências tecnológicas, e, ainda, na questão 6, 66% afirma que,

nem sempre, as metodologias tradicionais de ensino, como livro e apostila, são eficazes.

Quando o tema das metodologias diferenciadas aparece, na questão 7, 77,4 % afirma utilizá-las. Esse tema se sobressai também na questão 8, em que, na comparação, o uso de tecnologias digitais fica com 43,4% de utilização e a adoção das metodologias de ensino diferenciadas vence em 83% dos participantes.

Outro dado relevante e surpreendente, porém mais equilibrado no resultado, ocorre na questão 8, em relação ao interesse pelo tema da eficiência do processo educativo no século XXI: de docentes, 54,7%, e de discentes, 58,5%. Os participantes têm a percepção de que ambos, professores e estudantes, devem se interessar pelo processo educativo para que o ensino seja eficaz.

43,4% utiliza tecnologias e 49,1% entende que deve haver investimento tecnológico por parte dos colégios, mas a maioria prefere defender a adoção de metodologias de ensino diferenciadas.

É fato que grande parte dos colégios particulares investem nos recursos tecnológicos, pois entendem que, para que a Educação do século XXI seja eficaz, deve haver uso de Tecnologias Digitais, como forma, inclusive de Inovação. Essa relação Inovação e Tecnologia costuma aparecer nos discursos dos mantenedores dos colégios e dos investidores de *softwares* e aplicativos.

Os educadores preferem as metodologias ativas de ensino e consideram ter as tecnologias digitais apenas como recurso, não como protagonistas do processo de ensino e de aprendizagem. Minha percepção é a de que não quiseram, na teoria, ser contrários ao uso de tecnologias digitais, mas, na prática, sentiram-se mais confortáveis em dizer que nem sempre as utilizam. Por fim, entendo que atribuíram maior importância ao uso das metodologias ativas.

Talvez, as próximas questões dissertativas, das Entrevistas temáticas escritas, enviadas por *email* e *WhatsApp*, por serem abertas, permitam-me uma compreensão maior sobre esses temas analisados nesse questionário semiaberto *on-line*, que só tinha questões de múltipla escolha.

Em julho, comecei a receber as respostas das entrevistas temáticas, que passo a relatar e a analisar a seguir.

4.2.2- Análise das respostas das entrevistas temáticas escritas

O objetivo dessa entrevista temática escrita é investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI. Eu pretendo verificar em que medida as tecnologias digitais e as metodologias ativas podem favorecer/ contribuir/ beneficiar ou não o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na visão dos professores.

Ela foi elaborada para atingir os objetivos específicos que são: 1-Verificar em que medida as Tecnologias Digitais contribuem para o ensino e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio. 3- Refletir sobre Metodologias Ativas que favoreçam o desenvolvimento da Educação Linguística.

Na entrevista temática escrita, apresento 04 perguntas abertas para avaliação. Decidi fazer a entrevista, por escrito, em função da dificuldade em realizá-la presencialmente, uma vez que os professores, em sua maioria, além de ministrarem aulas, fazem mestrado/ doutorado ou pós-doutorado.

O tempo estimado de resposta era de 20 minutos. As questões foram enviadas em 27/5/19, algumas por *email*, outras por *WhatsApp* para 25 pessoas . As respostas demoraram para chegar, talvez, por julho ser um período de fechamento de atividades dos professores/pesquisadores. A primeira entrevista chegou em 03/6/19, a segunda em 16/6/19 e a terceira em 04/7/19.

Em 03/8/19, após as férias, reenviei o documento, contendo as questões da entrevista, apenas para os professores que tinham se manifestado interessados e haviam solicitado tempo maior. No mesmo dia, recebi as respostas de 05 participantes. Em 05/8/19, mais um e, em 06/8/19, mais dois participantes, por fim, dia 08/8/19, recebi a última, totalizando 12 professores.⁵⁸

Em relação ao perfil dos participantes, todos são professores de Língua Portuguesa de Educação Básica (EFII e EM). A maioria no ensino privado, alguns com experiência também no ensino público. Poucos mencionam experiência no Ensino Superior. Todos foram ou são pesquisadores, de mestrado, doutorado, pós-doutorado. O tempo de magistério varia de 03 anos a mais de 20 anos na carreira de professor.

⁵⁸ As respostas recebidas encontram-se, na íntegra, nos anexos.

Em respeito aos participantes que aceitaram fazer parte da pesquisa, optei por não fazer nenhuma alteração ou revisão nas declarações das respostas, recebidas por *email* ou *WhatsApp*.

Das 12 entrevistas escritas recebidas, apenas um entrevistado não autorizou a divulgação do nome e outros três não deixaram clara a autorização. Optei, então, por não mencionar os nomes, garantindo, assim, o sigilo da identificação do Termo de Consentimento para participação na pesquisa, envolvendo seres humanos, como prevê o conselho de ética.

A seguir, inicio as análises das respostas. Para facilitar, decidi analisar por questão e não por participante.

Questão A

- A) Se você autoriza a divulgação do nome completo, cite-o, caso contrário mencione não autorizo a divulgação de meu nome. Descreva-se em relação à titulação acadêmica, seu tempo de magistério e o nível em que está atuando no momento dessa pesquisa.

Participante 1

Mestranda em Língua Portuguesa, com 10 anos de experiência, lecionando, no momento da entrevista, para EFII e EJA.

Embora a primeira participante não especifique onde atua, deve lecionar em rede particular, devido às informações de infraestrutura e de equipamentos tanto do colégio como dos estudantes.

Participante 2

Pós-doutora em Língua Portuguesa, com 15 anos de experiência, lecionando, no momento da entrevista, para EFII e EM.

Participante 3

Mestra em Educação: Currículo, ela leciona línguas há quatorze anos, em instituições privadas, e, no momento da entrevista, para EM e ES.

Participante 4

Especialista em Literatura, com 5 anos de experiência, lecionando para EFII e EM.

Descreve-se como atuante em tecnologias digitais, por ter apreço pelos recursos e pelo fato de o colégio oferecer esses dispositivos.

Participante 5

Doutoranda, com aproximadamente 3 anos de experiência, no ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Superior.

No momento em que participa da pesquisa, ela apenas dedica-se ao Doutorado.

Participante 6

Mestra em Língua Portuguesa, com 28 anos de experiência.

A professora diferencia o uso dos recursos entre a rede particular e a rede pública (estadual e municipal), pois ela conhece essas duas realidades.

Participante 7

Doutoranda em Língua Portuguesa, com 23 anos de experiência, lecionando no momento da pesquisa para EFII e EM, na rede particular.

Participante 8

Esta foi a única pessoa que não quis ser identificada.

Possui mestrado e experiência de 17 anos na profissão. No momento da entrevista, ela estava lecionando para EFII, na rede particular.

Participante 9

Mestre em Língua Portuguesa, com 10 anos de experiência na Educação Básica e 7 anos no Ensino Superior.

Não proibiu a divulgação dos dados, mas deixou de citar seu nome ao responder as questões. Sendo assim, preferi omitir a identificação do nome do participante.

Participante 10

Pós-doutorada em Língua Portuguesa, com mais de 25 anos de experiência no ensino.

No momento da pesquisa, ela estava lecionando na Educação Básica da rede particular.

Participante 11

Mestrando em Língua Portuguesa, com 4 anos de experiência no ensino.

O professor conhece apenas a realidade da rede pública, não tendo feito uso de tecnologias digitais, durante as aulas, por falta de incentivo, mas entende que o uso consciente desses recursos é fundamental.

No momento da entrevista, ele não estava lecionando.

Participante 12

A entrevistada 12 não deixou explícita a autorização do nome, nem a proibição. Por essa razão, optei por não mencionar seu nome.

Mestra em Língua Portuguesa, com experiência de 15 anos no ensino em rede particular e atuando no EFII e EM no momento da entrevista.

Tendo em vista o meu objetivo da pesquisa, investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI, noto que os participantes têm tempo de experiência diversificado: (4) estão em sala de aula de 02 a 10 anos, (5) entre 14 e 20 anos e (3) entre 20 a 28 anos.

Em relação à formação, possuem especialização (1), mestrado (7), doutorado (2), pós-doutorado (2), sendo esses cursos finalizados ou em andamento.

Eles se aproximam quanto à formação acadêmica, mas se distanciam quanto ao tempo na carreira e quanto ao conhecimento das realidades dos níveis de ensino.

Essa diversidade de experiências impacta o campo de percepção frente ao uso de tecnologias digitais e à adoção de metodologias diversificadas para construção de um ensino significativo e uma aprendizagem ativa.

Isso pode ser verificado, principalmente, nas respostas das questões posteriores (B, C e D).

Quadro 1- Dados dos participantes da entrevista temática escrita

| | | | | | | | | | | | |
|--------------|------------|------------|------------|------------|----------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 10 anos | 15 anos | 14 anos | 03 anos | 02 anos | 28 anos | 23 anos | 17 anos | 16 anos | 25 anos | 05 anos | 20 anos |
| Me | Pós- Do | Me | Espec | Do | Me | Do | Me | Me | Pós- Do | Me | Me |
| EF II EJA | EFII EM | EM ES | EFII EM | ES | Não informa | EFII EM | EFII | EM ES | EFII | EM | EFII EM |

Elaborado pela autora, com base nas respostas da questão A

Questão B

- B) Relate se você utiliza tecnologias digitais nas suas aulas de Língua Portuguesa como computador, *tablet*, celular, lousa digital, entre outros aplicativos e *softwares*. Como você vê o uso dessas tendências tecnológicas?

Participante 1

Claramente, uma professora adepta do uso de tecnologias digitais, mas preocupada com uso de metodologias diferenciadas de ensino. É possível perceber o investimento do colégio em tecnologias digitais, mas quanto à utilização de metodologias ativas não fica claro se a opção partiu da professora ou da Instituição. De qualquer forma, ela tem liberdade de utilização tanto de metodologias tradicionais como diferenciadas.

A professora defende que professores, alunos e pais precisam se adaptar ao uso das tecnologias digitais em sala de aula. Destaco que, no caso de pesquisa escolar, o EnAp precisa, além de motivar o ApEn a ler e a compreender o que lê,

ajudá-lo nas estratégias para a identificação de *sites* e fontes confiáveis, como propõe Novais (2016).

O mais interessante é que ela entende que os professores são fundamentais no processo de curadoria do conteúdo e das orientações de como lidar com as informações. Postura que se assemelha à EL do GPEDULING que visa a tornar o indivíduo capaz de usar a língua materna em múltiplas situações sociais, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

Participante 2

Diferentemente da primeira, não considera as tecnologias indispensáveis, apenas ferramentas úteis e intituladas por ela de emergentes. A professora entende que o mais importante é um bom planejamento.

Interpreto que esse posicionamento da professora se distancia do que é proposto pela BNCC. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) aponta, na Competência 5, para a necessidade de usar bem a tecnologia. O documento indica a necessidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Participante 3

Ela utiliza tecnologias digitais nas aulas do ensino superior e do ensino médio, mas percebe uma diferença desses recursos, por parte dos estudantes, sendo mais aceitos pelo EM. Na percepção da professora, os estudantes do ES preferem aulas expositivas e tradicionais, chegam a criticar a sala de aula invertida, não se sentem interessados em serem os protagonistas do aprendizado. Ela atribui isso ao fator cultural de estarem mais acostumados às aulas expositivas, já os estudantes do EM estão, na visão da professora, mais adaptados às tecnologias digitais.

Masetto (2001) aponta que as novas tecnologias colaboram para o processo de aprendizagem, mas, para ele, o docente precisa assumir a função de mediador, incentivador, motivador e o estudante, um papel mais ativo e participante, não mais

um ser passivo, recebedor e repetidor de informações. Esses fatos foram percebidos pela professora entrevistada, nas duas situações comentadas por ela, do EM em relação ao ES.

Entendo que deva haver valorização do uso da tecnologia digital, visando a tornar o processo educativo mais eficiente e mais eficaz, pois apenas aulas expositivas e provas não conseguem motivar os estudantes. Vejo que o docente pode assumir a função de mediador e o estudante, um papel ativo, assim o discente poderá ver o docente como um parceiro, disposto a colaborar com sua aprendizagem. Isso precisa ser desenvolvido para que os estudantes entendam as mudanças de papéis, que ambos precisam ser ativos no processo de ensino e de aprendizagem, como propõe o GPEDULING em Palma; Turazza (2012).

Participante 4

O professor pondera que, apesar de utilizar tecnologias digitais, não entende que seja o fator primordial, mas sim, o que ele chama de aspecto didático.

É interessante notar que, embora ele tenha uma experiência de ensino menor que a dos demais entrevistados, apresenta fatos e opiniões interessantes, como a necessidade de se ter bom relacionamento com as tecnologias digitais, mas também a importância de se pensar na aplicabilidade delas, considerando a faixa etária e o nível socioeconômico dos estudantes.

Masetto (2001) defende que as novas tecnologias facilitam a troca de informações, possibilitam velocidade de busca de dados, colaboram para o processo de aprendizagem, reformulam o conceito de aprender, o papel do estudante e do professor, pois não é mais apenas o professor que transmite conhecimentos.

Defendo que o docente pode assumir a função de incentivador e o estudante, um papel participante e não mais um ser passivo, mas, para isso, serão necessárias estratégias que incentivem a participação dos estudantes nas situações-problema, nos desafios e no incentivo do uso criativo de tecnologias digitais com propósitos bem definidos.

Participante 5

A professora vê os recursos tecnológicos como atrativos, apenas acessórios, para dar um “tom diferente” às aulas, não entende que sejam primordiais, mas uma

tendência. Ela menciona o uso de *Power point*, mas não cita outros recursos. A docente prioriza a relação entre EnAp e ApEn, entende que deve haver equilíbrio entre os recursos tradicionais, como os materiais didáticos, mas também o uso das “novidades” tecnológicas.

Concordo que o foco deva estar na pedagogia e não apenas na tecnologia digital. A capacidade de planejar com as novas tecnologias e equilibrar os recursos tradicionais às inovações tecnológicas, a partir das necessidades e prioridades da sociedade, é o grande desafio para os pesquisadores e educadores do século XXI, como defendidos por Moran (2018) e Valente (2018).

Participante 6

A professora considera o uso de tecnologias digitais um caminho inexorável e fértil, bem recebido por alunos e professores, mas menciona pouca ou falta de formação na área. Ela diferencia bem as realidades existentes entre o ensino público e o privado quanto aos recursos digitais.

Concordo com a professora quanto à necessidade de integrar tecnologias digitais, nos currículos educacionais, mas essas mudanças curriculares vão além do investimento em materiais tecnológicos, passam pela formação dos professores. Entendo que a necessidade de mudanças impostas pela cultura digital, ocorre em relação aos papéis dos docentes e dos discentes, que precisam desenvolver um trabalho, mutuamente, mais colaborativo, como os propostos pela EL do GPEDULING em Palma; Turazza (2014).

Participante 7

A professora percebe que o uso de novas tecnologias envolve mais os estudantes, e, na visão dela, eles, muitas vezes, já conhecem esses recursos, cabendo ao professor, apenas, explicitar como deseja a atividade. Em contrapartida, ela critica as metodologias tradicionais, como aulas expositivas como única opção para os jovens do século XXI.

Defendo a inventividade no ensinar e no aprender, a construção do currículo da cultura digital, passa pela diferença entre produzir X consumir tecnologia, ver, ler, escrever o mundo para transformá-lo. A professora explicita que os estudantes se envolvem mais, e, na visão dela, eles gostam muito de fazer vídeos, portanto vejo

que isso precisa ser considerado ao integrar tecnologia digital, mídias e linguagens nos currículos educacionais, com mudanças curriculares que utilizem a nova geração de materiais tecnológicos, nos moldes propostos por Andersen (2013).

Participante 8

A professora utiliza computador em quase todas as aulas e celular uma vez por semana. Ao utilizar o *Word no Data show*, ela incentiva a participação ativa dos estudantes, que, segundo ela, contribuem bastante na interação e apresentam-se satisfeitos ao fazer isso. Nessa situação relatada, é possível observar a junção de tecnologias digitais com metodologias ativas, como defendidos por Bacich; Tanzi Neto; Trevisan (2015).

O uso das TDIC parece funcionar como motivação para as aulas, mas não representam que elas estejam sendo os fatores decisivos para a eficiência e eficácia do ensino e da aprendizagem. A professora percebe, no contexto digital, a leitura e a escrita como movimentos complementares e dinâmicos e utiliza TDIC não só como motivação, mas também como contribuição para o ensino e a aprendizagem.

Analiso a atividade da professora ao trabalho de Educação Linguística, em que desenvolve habilidades de leitura, produção, oralidade em articulação com o digital, como os pressupostos do GPEDULING. Há um exemplo, em que ocorre um fator negativo, do uso de tecnologias digitais, como o citado por ela, para as aulas de recuperação contínua, por meio de um jogo (*Quiz*) no celular. Nesse caso, ela chama atenção para o fato de eles, por vezes, focarem mais a participação na tecnologia digital que na temática das questões e no esclarecimento das dúvidas.

Participante 9

Esse professor vê as tecnologias digitais como recursos importantes para garantir uma Educação contemporânea de qualidade, cita o Plano Nacional de Educação (PNE) e defende que as práticas pedagógicas inovadoras oferecem ganhos na aprendizagem dos alunos em todos os níveis da Educação Básica. A instituição dele investe na infraestrutura e na motivação/ formação do corpo docente, diante disso, a percepção do professor é a de que houve melhora no desempenho dos alunos e a inserção de tecnologias digitais contribuiu para o engajamento,

atenção e interesse da maioria das turmas, além de proporcionar uma educação mais inclusiva.

A discussão aqui foi além do mero uso de tecnologias digitais, trouxe a questão de ações pedagógicas que podem proporcionar mudanças no processo educativo, como a de personalizar o ensino de forma diferenciada e produtiva para os alunos. Sem usar a terminologia, ele aborda as configurações dos modelos de ensino híbrido, relacionadas com as estratégias didáticas de reconfiguração dos espaços de aprendizagem como propostos por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015).

Outro dado interessante é que a instituição do professor utiliza as tecnologias digitais, também, para a geração de dados estatísticos para verificar o desempenho individual dos alunos e das turmas. Isso pode auxiliar num replanejamento de ensino e de aprendizagem mais adequados a cada estudante e turma.

Participante 10

A professora utiliza tecnologias digitais e considera-as positivas, para o professor, ao agilizar a preparação. Para os estudantes, torna a aula atrativa e dinâmica.

Essa informação de que a tecnologia digital torna o processo mais eficiente e mais eficaz pela valorização do uso da tecnologia, aparece em Masetto (2001), assim como a facilitação e velocidade de busca de dados. No entanto, Masetto (2010) propõe também transformações metodológicas, com a elaboração de projetos pedagógicos mais originais e inovadores, com Metodologias Ativas, assuntos não citados pela professora.

Participante 11

Embora esse professor não tenha muito tempo de magistério, ele é um dos poucos que não apresenta o uso de tecnologias digitais apenas para despertar interesse nos estudantes, mas vê que o uso consciente desses recursos, a fim de potencializar o uso adequado, pode favorecer a aprendizagem.

Para Masetto (2001), as aulas podem tornar-se mais vivas e vinculadas com a realidade, numa situação mais adequada aos jovens, mas para isso o professor deve assumir o papel de mediador e orientador, com propostas inovadoras e ensino centrado no estudante. Vejo que, para que o estudante tenha um papel mais ativo e seja protagonista da aprendizagem sob orientação/ mediação do professor, é necessário utilização de recursos que enfatizem a interação entre EnAp e ApEn, sejam eles tecnologias digitais e/ou metodologias ativas.

Participante 12

A professora vê como positivo o uso das tecnologias digitais, como incentivo ao interesse dos estudantes, mas critica o uso excessivo delas. Ela aponta como fator de importância a diversidade de estratégias de ensino, além do uso dos instrumentos tecnológicos.

A professora afirma que já utilizava lousa digital, *tablets* e celulares, *games*, por meio dos aplicativos *Kahoot* e *Plicker*, antes da adoção do Sistema de Ensino SAS e, que após essa mudança de material, as aulas passaram a ser mais tecnológicas, com vídeo aulas, *QR Codes*, *links*, aulas digitais, livros digitais, SASTV, tarefas *on-line*. No entanto, ela diz preferir o livro didático ao ensino apostilado, pela flexibilidade, versatilidade e liberdade maior na preparação das aulas pelo próprio professor, dessa forma, na visão dela, ele pode fazer o cronograma mais adequado ao calendário escolar.

Percebo que é necessário mudar o paradigma curricular, para que os jovens saibam guiar suas próprias aprendizagens, tenham autonomia, saibam buscar como e o que querem aprender, que discutam, criticamente, as informações e os conceitos, e, ainda, sejam capazes de produzir, criar, transformar os sentidos e as significações. Concordo com a ideia da professora de flexibilização, liberdade e versatilidade maior com o uso do livro didático. Defendo que, na concepção de construção do conhecimento, EnAp e ApEn podem aplicar e resolver problemas, trabalhar em conjunto e sugerir melhorias para a construção de um projeto inovador de ensino e de aprendizagem, como propostos por Palma;Turazza (2014).

Quadro 2- Resumo das respostas sobre tecnologias digitais

| | | |
|----------------|--|---|
| Participante 1 | Usa computador, <i>notebook, chromebook, Google for Education, Classroom, Docs, Forms</i> , lousa digital. Celular só quando autorizado. | TD faz parte da prática, faz parte do cotidiano, os professores são fundamentais para o processo de curadoria e orientação. |
| Participante 2 | Usa computador, celular, lousa digital, <i>chromebook</i> . | TD são ferramentas úteis, não são indispensáveis. |
| Participante 3 | Usa computador, <i>Data show</i> , celular, <i>Ipad</i> . | TD mais aceitas no EM do que no ES. |
| Participante 4 | Usa diversos dispositivos. | TD mais do que uma tendência, é uma prática. O uso de ser mais naturalizado, sem perder o olhar didático. |
| Participante 5 | Usa <i>Power Point</i> , outros aplicativos e recursos digitais. | TD dão tom diferente, é válido, mas o uso deve ser equilibrado. Vê como acessórios, não como primordiais. |
| Participante 6 | Usa celular na rede pública estadual, laboratório na municipal, <i>Ipad</i> na rede particular. Diferentes aplicativos | TD um caminho inexorável, fértil, bem recebido pelos alunos. Falta formação na área. |
| Participante 7 | Usa ferramenta/ <i>software</i> . | TD uso cada vez mais acentuado, os alunos se envolvem, gostam de |

| | | |
|-----------------|---|--|
| | | fazer vídeos. |
| Participante 8 | Usa computador em quase todas as aulas e celular uma vez por semana. <i>Word, Data show, site Kahoot, quis.</i> | TD estimulam participação, contribuição e mostram satisfação por parte dos alunos, que se envolvem, por vezes, mais com o jogo do que com o conteúdo. |
| Participante 9 | Usa <i>Moodle, Google for Education, email</i> , agenda compartilhada em sala de aula e em casa, <i>internet.</i> | TD melhora o desempenho dos alunos, contribuem para engajamento, atenção e interesse, informação atualizada em tempo real, senso crítico argumentação e educação inclusiva e superação de limites. |
| Participante 10 | Usa internet e <i>chrome.</i> | TD são positivas quando usadas com propósito. Ferramenta que agiliza preparação das aulas, possibilita dinamicidade e atração para os alunos. |
| Participante 11 | Não usou, mas defende o uso. | TD são presentes e fundamentais nas relações. Uso consciente dos recursos pode potencializar aprendizagem. |

| | | |
|-----------------|---|--|
| Participante 12 | Usa, mas não cita os recursos tecnológicos. | TD enriquecem, despertam interesse maior do estudante. Uso excessivo pode ser cansativo. |
|-----------------|---|--|

Elaborado pela autora, com base nas respostas da questão B

Em geral, todos os professores usam as tecnologias digitais em sala de aula, uns com maior diversidade de acesso aos recursos digitais do que outros e também com maior ou menor frequência de utilização.

O que chama atenção é que, embora entendam que o uso das TD no ensino seja positivo, enriqueça, desperte interesse, motive, possibilite dinamicidade, engajamento, atenção, eles também percebem que o uso excessivo dos recursos digitais pode cansar. Eles defendem que os dispositivos digitais precisam ser utilizados com propósito, pois podem, por vezes, desviar atenção do foco principal que é a aprendizagem.

Outra questão interessante é que alguns tecem considerações sobre a importância do professor no processo de utilização das TD, bem como o olhar didático e a formação para o uso delas no processo de ensino e de aprendizagem.

Há um dado isolado de percepção de melhor receptividade entre estudantes de EM em relação aos de ES.

Há outro dado único de experiência de TD para educação inclusiva e relatórios de desempenhos dos estudantes.

Não aparecem informações sobre a inventividade no ensinar e no aprender a Língua Portuguesa ao planejarem as aulas com as tecnologias digitais, partindo das necessidades e prioridades dos ApEn e EnAp.

Também não há relatos de práticas pedagógicas com TD, como recurso de aprendizagem, em trabalhos colaborativos. Vejo a necessidade de integrar tecnologia digital e linguagens nos currículos educacionais, com mudanças curriculares que utilizem a nova geração de materiais tecnológicos, que sirvam para que ambos, EnAp e ApEn, tornem-se ativos.

O docente deve orientar, mas também pode aprender com os estudantes; e o discente não apenas pode receber conhecimentos, mas tornar-se responsável pelo próprio aprender e, também, ensinar ao mestre e aos outros participantes da aula.

Para que os estudantes desenvolvam novas competências, os docentes precisam buscar novos procedimentos e novas estratégias. Pensando nisso, ao final, pretendo sugerir ações pedagógicas que podem proporcionar mudanças no processo educativo e auxiliar na prática dos professores de Língua Portuguesa que os inspirem a pensar sobre o que os estudantes precisam aprender, para se preparar para a vida no século XXI.

Entendo que os desafios da docência na contemporaneidade e as necessidades de personalizar o ensino de forma diferenciada e produtiva passa por novas configurações dos modelos de ensino, com novas estratégias didáticas de reconfiguração, inclusive, dos espaços de aprendizagem.

Questão C

- C) Comente a sua posição sobre as metodologias tradicionais de ensino, o livro didático ou sistema de ensino apostilado e descreva se utiliza metodologias diferenciadas de ensino, como projetos interdisciplinares, seminários, sala de aula invertida, entre outros.

Participante 1

A professora afirma que as metodologias tradicionais, na visão dela, não devem ser descartadas, mas incorporadas às tecnologias digitais e acrescenta que isso já vem acontecendo com a digitalização dos livros didáticos.

Embora ela não explicita o termo Ensino Híbrido, ele aparece nos termos propostos por Moran (2015) como os de projetos inovadores que conciliam a organização curricular, espaços, tempos e projetos de forma presencial e *on-line*, contemplando o presencial e o digital, possibilitando uma personalização do ensino, com diferentes possibilidades de aprendizagem.

O exemplo mais interessante de Ensino Híbrido, mencionado pela professora, foi o uso da metodologia de “aulas por estações de trabalho” e produção de texto colaborativa, em ambientes virtuais, como plataforma *Guten News*, com atividades gameficadas para leitura e compreensão de textos. Além de trabalhar a leitura e a

produção como atividades complementares, ela usa a interação das tecnologias digitais com metodologias ativas num trabalho colaborativo.

Essa professora também propõe a ideia de curadoria do conteúdo por parte dos professores, pois, na visão dela, os jovens habituados ao uso dos dispositivos nem sempre sabem lidar com a informação encontrada. Essa proposta de curadoria é defendida por Moran (2012). Pelo relato dela, em relação ao uso de tecnologias digitais, é possível perceber que não são vistas como acessórios, mas como recursos que propiciam produções colaborativas. Essa visão se aproxima das ideias defendidas nessa tese de pensar nas tecnologias digitais não apenas como apropriação tecnológica nem distribuição de conteúdos, mas como possibilidade de distribuição do conhecimento, de partilhas, de trocas colaborativas, de mudança de atitude na busca da informação e de ampliação de competências.

Participante 2

A professora menciona uso de livro didático e tecnologias tidas como emergentes na visão dela. A professora emprega metodologias ativas, em jogos e sala de aula invertida. Ela considera os projetos interdisciplinares úteis quando não são impostos, o que é uma crítica dela à obrigatoriedade de uso dessas metodologias e de temas que podem desviar o foco da aprendizagem. Outra crítica é que ela não concorda com o uso de metodologias ativas, como *marketing* aos estudantes, mas defende a visão de que deveriam ser intrínsecas ao processo educacional.

Percebo que ela faz considerações críticas com as quais concordo, a escolha de metodologias ativas deve ser um projeto construído em conjunto, discutido entre todos os participantes das ações educativas. Também noto que, por vezes, a menção ao uso de metodologias ativas funciona apenas como propaganda e não como alternativa pedagógica que coloca o foco do processo de ensino e de aprendizagem no ApEn, envolvendo-o na aprendizagem ativa, como os propostos por Valente (2018).

Participante 3

A professora considera importantes as práticas tradicionais de ensino e percebe que os estudantes sentem-se seguros com as explicações expositivas dos professores.

Ela vê o livro didático como apoio e critica a falta de explicações dos Sistemas de Ensino Apostilados, bem como o excesso de exercícios e o tempo delimitado para conclusão das apostilas. A professora critica o uso delas, por não possibilitar o protagonismo dos discentes nem respeitar a individualidade e o tempo de aprendizagem de cada estudante. Ela se diz adepta das novas metodologias, por entender que contribuem para o progresso dos estudantes, mas ela não cita quais metodologias utiliza.

Destaco que isso é exatamente o que Moran (2015) propõe com a personalização do ensino por meio de tecnologias digitais e metodologias ativas. Concordo que o livro didático permite mais abertura que os sistemas de ensino apostilados e também que a inserção de metodologias ativas provoca mais, EnAp e ApEn, incentiva a participação e a postura ativa e crítica de ambos frente ao ensino e à aprendizagem. Em relação às aulas expositivas, entendo que precisam ser dialogadas, não é possível mais aceitar os estudantes num papel passivo.

Participante 4

O professor relata usar Sistema de Ensino Apostilado, além das ferramentas tecnológicas, interdisciplinaridade, seminários e aulas invertidas. Ele faz uma crítica à apostila pela falta de liberdade. O professor, como os demais participantes, também critica o fator impositivo de recursos e métodos e sente que falta clareza nesses critérios que desconsideram a aprendizagem como o foco do ensino.

Pérez Gómez (2015) afirma que é necessário que as pessoas sejam capazes de escolher e desenvolver o próprio projeto de vida. Essa proposta aparece também na BNCC (Brasil, 2018), com os estudantes no centro da aprendizagem, abordagens mais práticas e interativas, conforme o interesse dos estudantes nos itinerários

formativos, por meio de unidades eletivas, para o desenvolvimento integral e ampliação de conhecimentos.

Como os participantes anteriores também mencionam esse fato, eu analiso que muitas propostas ainda têm sido impostas pelos gestores e pouco discutidas junto com os professores e com os estudantes.

Participante 5

A professora confessa que vem tentando se afastar do tradicional e tem investido em metodologias ativas, como seminários e projetos.

Analiso que ela faz isso apenas para sair do tradicional, mas acaba dizendo que, muitas vezes, precisa recorrer a apostilas e lista de exercícios. O uso dessas metodologias, segundo ela, serviria para que os estudantes fossem vistos em suas peculiaridades, mas não explicita isso muito bem.

Hernandez e Ventura (1998) propunham a metodologia de projetos como modalidade para o desenvolvimento de temas transversais e possibilidade de despertar desejo pela investigação. Embora ela afirme que os elementos primordiais da aula sejam o ensinante e o aprendente, não detalha como essa relação é construída. A professora critica a falta de empenho das partes envolvidas, mas não apresenta uma opção de solução. Por não ter muita experiência na profissão, há imprecisão e ausência de detalhamentos nas respostas dela. Outro dado é que, embora ela mencione ter trabalhado com Ensino Superior, cita como um problema a falta de respeito dos estudantes em função da permissividade dos pais.

Quando discorre sobre uma atividade de seminário que desenvolve, chega a abordar a questão dos letramentos, volta a citar uso de *Power point* como recurso tecnológico e uma tendência de ensino. Não é possível entender esse recurso como articulador de letramentos, isso seria redutivo demais para o desenvolvimento da Educação Linguística. Para isso, podem ser utilizadas diversas estratégias pedagógicas, como as propostas por Andersen (2013) em relação à utilização das tecnologias de produção de mídia para a elaboração de projetos.

Participante 6

A professora demonstra utilização de sala de aula invertida, gamificação em interdisciplinaridade com outra área. Ela entende que facilitam e ampliam as possibilidades de aprendizagem.

Embora a professora comente o uso de tecnologias digitais de forma positiva, ela tem clareza de que o professor especialista de Língua Portuguesa é quem terá habilidade de decidir a melhor metodologia, acrescenta a isso a importância das trocas colaborativas de experiências entre os professores.

Para Bacich; Tanzi Neto; Trevisan (2015), a integração das tecnologias digitais precisa ser feita de modo inventivo e crítico, pois, se bem utilizadas, oferecem diferentes possibilidades de aprendizagem, entre elas, a personalização do ensino, as trocas colaborativas e o compartilhamento de experiências, como as propostas pela professora.

Ressalto que essa professora apresenta conhecimento tanto de tecnologias digitais como de metodologias ativas, inclusive que a segunda não depende da primeira, como os jogos gramaticais em tabuleiro. Ela chega a citar que as metodologias ativas podem ser utilizadas mesmo com as pedagogias antigas, como livros e apostilas o que também é proposto por Valente (2018).

Participante 7

A professora afirma que as metodologias tradicionais, com aulas expositivas, não atendem mais ao tipo de aluno do século XXI. Em contrapartida, essa professora também menciona o fato de os alunos pedirem explicações mais técnicas.

Ela usa livro didático, mas diz que a escola valoriza projetos interdisciplinares que foquem o protagonismo do aluno. Essa professora defende o uso de metodologias com atividades práticas, como elaboração peças teatrais, debate regrado e mapa conceitual, mas após a explanação feita pelo professor. No primeiro momento ela apresenta o assunto, objetivo da aula e o objetivo da atividade, depois propõe atividades práticas.

Observo que ela apresenta interesse pelas metodologias ativas, mas ainda utiliza métodos tradicionais. Minha visão se aproxima da defendida pela EL do

GPEDULING, em que as metodologias ativas são aquelas em que o ApEn é agente no processo de ensino e aprendizagem. Não cabe apenas ao professor ensinar e ao aluno aprender.

Participante 8

A professora, em relação ao livro didático, percebe que ele não atrai tanto os estudantes, principalmente, se for utilizado regularmente, mesmo que o professor varie as correções em duplas ou grupos e faça jogos. Por essa razão, ela faz uso complementar de trabalhos interdisciplinares, em outros ambientes, como a sala *maker*, para produção de maquetes e cartazes.

Ao utilizar outros ambientes de trabalho, além da sala de aula, como a sala de trabalho em grupo e a sala *maker*, entendo que essas atividades mencionadas seguem as sugestões trazidas por Moran (2015) que defende esse fazer da cultura *maker*. Eu também entendo que as metodologias ativas trazem impactos positivos para a Educação e envolve mais os estudantes.

Participante 9

O professor afirma que é comum em eventos acadêmicos haver crítica às metodologias tradicionais e preconização do estudante como ator central no processo de ensino e aprendizagem. Ele tem buscado promover a junção do tradicional com uso da tecnologia. Para personalizar o ensino, usa livro didático com utilização de ferramentas digitais nas aulas presenciais. Ele trabalha com sala de aula invertida, antecipando capítulos de livros e artigos para leitura prévia. Percebe que *tablets*, *smartphones* e *e-readers* motivam os jovens para a leitura. Ele menciona grupos na *internet* de compartilhamento de *e-books* e afirma que cabe ao professor selecionar as ferramentas, bem como a melhor maneira de utilizá-las.

Vejo que o professor volta a falar de tecnologias digitais da questão B, que elas não são um fim, mas um meio para o processo de ensino. Eu concordo, mas ele não aprofunda a questão das metodologias ativas, foco dessa questão C.

Um dado interessante que ele traz é que qualquer metodologia adotada precisa verificar o real efeito produzido nos resultados alcançados pelos alunos e pela instituição de ensino.

Participante 10

A professora diz que ainda usa livro didático, mas afirma que a coordenação dá liberdade para que o recurso seja apenas norteador do conteúdo. Ela menciona que usa aulas invertidas, mas não de modo frequente na programação. Depois, diz que os seminários e projetos interdisciplinares são constantes em sua prática. Hernández e Ventura (1998) defendem a metodologia de projetos para o desenvolvimento de temas transversais, além de autonomia na aprendizagem.

Dois dados chamam atenção, um é o fato de ela dizer que “ainda” usa livro didático, como se o comum fosse não usar. O fato é que muitos tem trocado o livro didático pelos materiais apostilados.

Outro dado é o fato de que a coordenação permite liberdade ao professor quanto ao uso do livro, uma vez que é bastante comum haver cobrança pelo uso completo do investimento. A professora acaba não explicitando se as metodologias ativas contribuem para o ensino e a aprendizagem.

Participante 11

O professor afirma não ter trabalhado com materiais apostilados, só conhece o livro didático, mas o vê como apoio. Ele comenta que, no curto período em que esteve em sala de aula, sempre apostou nos trabalhos interdisciplinares para estimular a ampliação do pensamento crítico dos estudantes.

Esse professor não detalhou a utilização de metodologias ativas.

Participante 12

A professora afirma que o livro didático oferece uma liberdade maior para trabalhar os conteúdos em conjunto com as atividades estabelecidas no calendário

escolar pelo colégio. Ela critica o uso de Sistema de Ensino Apostilado, pois, embora haja a fala de que o professor pode fazer as adaptações ao usar esse sistema, isso não ocorre na prática, uma vez que a exigência de cumprimento da apostila é o que acaba predominando.

Essa professora afirma tentar utilizar metodologias diferenciadas, como sala de aula invertida, trabalhos interdisciplinares, projetos de fórum e feira cultural. Não deixa clara sua posição em relação às contribuições das metodologias ativas, mas afirma que percebe que o uso das atividades coletivas mobiliza a escola como um todo. Essa ideia é defendida por Bacich; Moran (2018)

Quadro 3- Resumo das respostas sobre Metodologias Ativas

| | | |
|----------------|--|--|
| Participante 1 | Utiliza livro didático digitalizado, sala de aula invertida, aulas por estação de trabalho e atividades gamificadas. | Considera que as metodologias tradicionais não devem ser descartadas, mas incorporadas á tecnologia. |
| Participante 2 | Utiliza livros didáticos, jogos, sala de aula invertida, projetos interdisciplinares. | Pensa que não se deve dar ênfase às metodologias perante os alunos, mas adotá-las como partes necessárias. |
| Participante 3 | Utiliza livros como apoio e critica material apostilado. Não cita as metodologias ativas usadas. | Acredita que as novas metodologias contribuam para o protagonismo do aluno. |
| Participante 4 | Critica o sistema apostilado, usa ferramentas tecnológicas e interdisciplinaridade, faz seminários e aulas invertidas. | Não informa a contribuição das metodologias, mas entende que desenvolvem a leitura crítica. |

| | | |
|-----------------|---|---|
| Participante 5 | Tenta se afastar do tradicional, mas o vê como um suporte. Investe em seminários, projetos e metodologias ativas. | Vê as metodologias ativas como ótimas. Defende um equilíbrio entre o tradicional e essas tendências. |
| Participante 6 | Usa sala de aula invertida, gameficação, tabuleiros em parceria com outras disciplinas. | Vê as metodologias ativas como complementares, não dependentes das tecnologias e o professor como principal agente das estratégias. |
| Participante 7 | Utiliza livro didático, projetos interdisciplinares, focando o protagonismo do aluno. Trabalha com peça teatral, mapa conceitual, debate regrado. | Entende que as metodologias tradicionais não atendem mais e as metodologias ativas são mais dinâmicas. |
| Participante 8 | Utiliza livro didático, sala <i>maker</i> , produção de maquetes, trabalho interdisciplinar. | Percebe que o livro não é dinâmico, não envolve como as outras atividades. |
| Participante 9 | Defende união do tradicional com uso de tecnologia, usa livro, ferramenta digitais, sala de aula invertida. | Percebe que a tecnologia sozinha não contribui. Não especifica as contribuições das metodologias ativas. |
| Participante 10 | Ainda usa livro didático, algumas aulas invertidas, muitos seminários e projetos interdisciplinares. | Não apresenta as contribuições do uso das metodologias ativas. |
| Participante 11 | Usa livro didático e interdisciplinaridade. | Entende que os projetos estimulam a ampliação do |

| | | |
|----------------|--|---|
| | | pensamento crítico. |
| Participante12 | Entende que o livro dá mais liberdade que apostila. Usa sala de aula invertida, trabalho interdisciplinar, fórum e feira cultural. | Não especifica as contribuições das metodologias ativas. Percebe que uso das atividades coletivas. mobiliza a escola inteira. |

Elaborado pela autora, com base nas respostas da questão C

Em geral, os professores dão preferência ao uso do livro didático, por entenderem que ele possibilita mais liberdade de elaboração de trabalhos interdisciplinares, projetos, adoção de atividades diversificadas, com jogos, peças teatrais, debates, entre outras opções.

Aqueles que têm experiências com Sistemas de Ensino Apostilados criticam a falta de abertura para o desenvolvimento de metodologias ativas, em função do tempo e do cronograma que apresentam para as aulas.

Percebo, nesta pequena amostra de 12 professores, que a maioria deles considera que as metodologias tradicionais não devem ser descartadas, mas podem ser complementadas com as novas metodologias. Para esses professores, a utilização das tecnologias digitais é mais frequente que a inserção das metodologias ativas.

As inovações tecnológicas são vistas como necessidades e prioridades da sociedade para integrar as práticas pedagógicas. Os professores percebem que apenas o uso do livro didático, as aulas expositivas e correções de exercícios não motivam os estudantes do século XXI.

Os colégios, por sua vez, entendem que o uso pedagógico das tecnologias digitais oferecem motivação e engajamento e investem muito nisso.

Vejo pelas respostas dadas que é necessário pensar numa mudança de atitude na busca da informação e de ampliação de competências e nas trocas colaborativas, para transformar os estudantes em pessoas mais ativas e reflexivas.

Não cabe apenas ao professor ensinar e ao aluno aprender, defendo a ampliação de uso das Metodologias Ativas, por meio de propostas desafiadoras, para envolver mais os estudantes.

Questão D

- D) Explique, em sua opinião, o que falta para o processo educativo ser mais eficaz no século XXI.

Participante 1

A professora entende que a formação e a valorização dos professores são fundamentais para que o uso das “novas tecnologias educacionais” seja eficaz para o processo educativo dos estudantes.

Outra questão que ela destaca é a quantidade de exigências a que os professores estão submetidos, como dar conta dos conteúdos, utilizar novas tecnologias, planejar com metodologias diferenciadas, ser eficaz na elaboração das avaliações, daí a importância atribuída pela professora à valorização desses profissionais da Educação com melhores salários e condições de trabalho.

Analiso que a professora percebe a necessidade de formação desde o estágio inicial, como proposto por Palma; Turazza (2012), mas que só isso não resolve, pois, diante de tantas exigências, falta valorização do trabalho realizado pelos professores.

Participante 2

Novamente, aparece a percepção do papel do professor como fundamental, acima do investimento em tecnologias digitais e materiais didáticos, e, para a professora, a valorização da prática educacional não pode destacar apenas o protagonismo dos estudantes, mas também do professor.

Essa professora tem uma formação acadêmica superior à primeira, mas, em relação à prática atual, demonstra insatisfação quanto ao processo educacional, tanto em relação ao uso de tecnologias digitais quanto ao das metodologias ativas.

A Instituição em que essa professora está trabalhando no momento, diferentemente, da primeira entrevistada, não está proporcionando aos professores

um trabalho de excelência, com formação e discussão de projetos educacionais mais significativos.

Ela não está se sentindo valorizada e critica o investimento maior nas tecnologias digitais e máquinas do que nos seres humanos e no conhecimento. Destaca também que os projetos interdisciplinares são impostos e não construídos, conjuntamente, por todos os participantes, em oposição aos conceitos propostos por Hernández e Ventura (1998) em que a metodologia de projetos serve para despertar o desejo de iniciativa, investigação e o desenvolvimento do pensamento crítico para a autonomia na aprendizagem.

Para os participantes do GPEDULING da PUC-SP, o trabalho de Educação Linguística pode ressignificar o conceito de ensino e juntos, EnAp e ApEn, selecionarem os recursos, o ritmo, o tempo, o lugar e o modo como desejam desenvolver o processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, defendendo uma construção coletiva dos projetos, com foco no compartilhamento de experiências, por meio de novas tecnologias digitais e metodologias ativas.

Diante da minha experiência profissional, de minhas leituras teóricas para essa tese e das respostas dessa professora, interpreto que, além de pensar na formação dos professores, é importante pensar na formação dos gestores (de coordenação, orientação e direção), pois essa professora, mesmo com pós-doutorado sente dificuldades em relação à Instituição em que atua, mas esse assunto seria tema de outra pesquisa.

Participante 3

A professora não detalhou muito os recursos digitais nem a diversidade de metodologias utilizadas, ela preferiu destacar a diferença de percepção dela da recepção dos estudantes e das famílias, quanto ao uso de tecnologias digitais e metodologias ativas.

Um fator destacado por ela é que tanto as famílias como os gestores não têm muita clareza sobre o que vem a ser uma educação de excelência para os discentes. Ela considera importante tanto as práticas tradicionais como as diversificadas, prefere o livro didático às apostilas, é adepta das metodologias ativas,

com projetos interdisciplinares, defende a junção de tecnologias digitais e metodologias ativas como habilidades complementares.

Algumas críticas elaboradas pela professora se assemelham às feitas por Buzato (2013) em que a presença da tecnologia digital, por vezes, atende ao apelo à modernização e a um entusiasmo acrítico e não ao conhecimento e à atividade produtiva para legitimar os novos letramentos.

Concordo que os extremos não funcionam. Apenas utilizar práticas tradicionais ou adotar em excesso tecnologias digitais não assegura uma aprendizagem significativa. Diante disso, defendo que haja formação dos professores em relação ao uso das metodologias ativas para que os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem apresentem um papel ativo.

Participante 4

O professor utiliza como metodologias, seminários e trabalhos em grupos, com orientação e uso de diversos dispositivos tecnológicos oferecidos pelo colégio. Ele está desenvolvendo uma atuação compartilhada para as aulas de Literatura, integrando-as à interdisciplinaridade e ao cotidiano dos jovens.

Embora ele não tenha detalhado esse trabalho interdisciplinar, o que chama atenção é a proposta de trabalho em grupos, pois dessa forma, os ApEn podem conviver, aprender a cooperar, resolver problemas com empatia, saber escutar, respeitar as diferenças, celebrar a diversidade, enfim, desenvolver emoções, atitudes e valores, temas da BNCC (Brasil, 2018).

Esse professor critica a maneira impositiva de aplicação de metodologias, métodos e práticas que desconsideram o estudante como foco de ensino.

Concordo que o melhor caminho é o da discussão pelas melhores escolhas, que atendam tanto aos EnAp como aos ApEn. Para isso, é necessário estudo e aprofundamento de conceitos, bem como avaliação posterior das práticas adotadas. É importante propor caminhos que viabilizem mudanças de curto e longo prazo, com um currículo mais adaptado às necessidades de cada colégio.

Analiso que a valorização das relações interpessoais e a construção coletiva do conhecimento devem prevalecer na adoção das novas metodologias para que

EnAp e ApEn ressignifiquem o ensino e a aprendizagem como defendem Palma;Turazza (2014).

Participante 5

A professora, inicialmente, elogia essa era da educação, mas finaliza criticando também o uso excessivo de tecnologias digitais e chega a se questionar se isso não afeta a eficácia do processo educativo no século XXI. Ela também critica a permissividade dos pais, a falta de respeito aos professores, o empenho das partes envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem.

Não ficou claro que a professora tenha domínio do tema das tecnologias digitais nem das metodologias ativas. Como pesquisadora, eu não entendo o uso de tecnologias digitais e metodologias ativas apenas para facilitar o ensino e despertar interesse, mas como formas diferentes de aprendizagem, com objetivo e propósito de melhorar o ensino.

Para Masetto (2010), metodologias ativas são situações de aprendizagem planejadas pelo professor, em parceria com os estudantes, que provocam e incentivam a participação e a postura ativa e crítica frente à aprendizagem.

Defendo que essas trocas colaborativas entre EnAp e ApEn, bem como a mudança de atitude, na busca da informação, para a construção de conhecimentos e ampliação de competências em comunicação, possibilitam uma troca cultural e uma transformação social.

Participante 6

A professora menciona os saberes necessários à Educação do futuro, pautando-se no autor Edgar Morin e na importância da valorização da carreira do professor para que ocorram as transformações necessárias.

Essa professora apresenta longa experiência de tempo no magistério e vasto conhecimento de escolas, com realidades diferentes quanto aos recursos. Diante disso, vê a necessidade de refletir sobre as mudanças culturais no sistema de avaliação e aprovação e sobre os rumos da educação quanto a uma valorização

dessa profissão, não apenas na questão financeira, mas que ela seja o ponto de partida.

Eu acrescentaria, ainda, uma discussão abrangente sobre a relevância e a qualidade, como critérios para a formação do currículo, uma busca por propósitos relevantes, como o que ensinar e como aprender, quando e onde buscar o conhecimento, nesses contextos em transformação, nos diversos cenários escolares, pois os modelos de uniformidade didática, como propostos pela BNCC (Brasil, 2018), podem não ser suficientes para todos. Nesse sentido, entendo que será necessário que cada instituição escolar pense na construção dos seus currículos particulares.

Participante 7

A professora, também, menciona a importância da formação dos professores para que, inclusive, entendam como fazer a interdisciplinaridade. Ela faz uma crítica ao fato de se dar a mesma aula tecnologicamente.

Concordo com ela, não é inovador dar uma aula expositiva, usando como recurso *Power Point*. Como exemplo de uso de tecnologia digital, cita o *Twitter*. Poucos professores mencionaram, nas respostas anteriores, o uso das redes sociais, como os defendidos por Xavier (2002), Santaella e Lemos (2010) e Araújo e Leffa (2016) para engajar os estudantes e propiciar autoria em rede, ampliando a interação da comunidade escolar.

Pela resposta dessa professora, percebo a referência dela de tecnologia digital, como ferramenta, não como um recurso pedagógico. No entanto, ao mencionar os vídeos, ela destaca o protagonismo do estudante nas produções e, sem citar de forma direta os letramentos envolvidos, acaba identificando algumas habilidades desenvolvidas como, a elaboração do roteiro, as edições de vídeo e criação de entrevistas, tudo de forma colaborativa e com autonomia, nos moldes propostos por Ribeiro (2010), Novais (2010), Buzato (2013) e Andersen (2013).

Analiso que, além de novos recursos, é necessário pensar em novas perspectivas de aprendizagem, como os projetos interdisciplinares, defendidos por Hernández e Ventura (1998) e Moran (2015) como estratégias de ensino centradas

na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível e interligada.

Participante 8

A professora defende o estímulo à percepção dos alunos quanto à necessidade de se saber ler e produzir textos para eficácia do processo educativo. Ela propõe que os livros didáticos priorizem o ensino de Língua Portuguesa como base para trabalhos interdisciplinares.

Entendo que isso é pouco, a BNCC (Brasil, 2018) aponta para a necessidade de usar bem a tecnologia, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Além disso, na concepção de construção do conhecimento, defendo que EnAp e ApEn podem aplicar e resolver problemas, trabalhar em conjunto e sugerir melhorias para a construção de um projeto inovador de ensino e de aprendizagem.

Participante 9

O professor defende o investimento na infraestrutura, especialmente, nas escolas públicas, com laboratório de informática com acesso à *internet*. Ele propõe formação continuada dos docentes para essa mudança de paradigma, de utilizar a tecnologia digital, de forma integrada ao desenvolvimento de competências, tais como a criatividade e a resolução de problemas em equipe. Esse professor menciona também a importância de promover a participação da família dos estudantes nessas mudanças e ouvir as principais demandas de todas as turmas.

Para Masetto (2001), a atitude de mediação pedagógica dinamiza a aprendizagem, mas para isso, são necessárias estratégias que incentivem a participação dos estudantes nas situações-problema, nos desafios e no criativo de tecnologias digitais. Em 2010, o autor passa a relacionar o uso dessas tecnologias digitais à adoção de metodologias ativas. Essas escolhas possibilitam envolvimento

ativo dos estudantes, em seu próprio processo de aprendizagem e uma condição de ampliar suas potencialidades, preparando-os para a vida futura.

Participante 10

A professora defende a dedicação exclusiva do professor em uma única instituição, o investimento em infraestrutura por parte da escola e período integral aos estudantes.

Para Tardif (2012) os saberes dos professores se dividem em saberes pessoais dos professores, saberes provenientes da formação escolar anterior, saberes provenientes da formação profissional para o magistério, saberes dos programas e livros didáticos, usados no trabalho, saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.

Embora a professora tenha muitos anos em docência, não detalhou muito as informações quanto ao uso de tecnologias digitais e metodologias ativas, no entanto foi uma das poucas que informou que a instituição onde trabalha dá liberdade ao professor quanto ao uso do livro didático. As propostas apresentadas por ela de dedicação exclusiva, por parte do professor, infraestrutura, por parte da escola e tempo integral por parte dos estudantes, parecem simplistas diante dos desafios impostos pelo século XXI.

Nóvoa (2000) ressalta a importância de o professor fazer uma reflexão sobre o sentido do seu trabalho, verificando se sua proposta metodológica está adequada à realidade e se ela está levando à aprendizagem significativa. Entendo que a possibilidade de transformação social, de partilhas, de trocas colaborativas entre EnAp e ApEn, a mudança de atitude na busca da informação e produção de conhecimento são fatores determinantes, para afetar, de forma positiva, o processo de ensino e de aprendizagem de ambos, no contexto do século XXI. Pérez Gómez (2015) considera que uma escola educativa precisa construir pessoas capazes de escolher e desenvolver o próprio projeto de vida nos âmbitos pessoal, social e profissional.

Participante 11

Como melhoria, o professor propõe planos educacionais mais comprometidos, com a busca do conhecimento, para formação do pensamento crítico. Essa ideia está em consonância às propostas da Educação Linguística do GPEDULING da PUC-SP, em Palma; Turazza; Nogueira (2008), que propõe leituras compreensivas, interpretações críticas e produções com responsabilidade e ética e exercício crítico de cidadania.

Concordo com o professor quando defende a formação do pensamento crítico, mas, além disso, o que proporciona diferentes conhecimentos e estimula o desenvolvimento de competências é o trabalho em equipe e o protagonismo de ApEn e EnAp. Analiso que os alunos se envolvem nas tarefas e desafios para desenvolver os projetos, em função da escolha das tecnologias digitais e das metodologias ativas. Embora muitos colégios tenham plataformas digitais e diversos recursos tecnológicos, as atividades bem sucedidas, ocorrem mais em função das práticas pedagógicas escolhidas.

Participante 12

A professora propõe integrar habilidades voltadas para as mídias digitais às habilidades socioemocionais, princípio que é proposto pela BNCC (Brasil, 2018). Moran (2015) sugere essa ideia como possibilidade de aprendizagem personalizada, com utilização de tecnologias digitais e foco em competências socioemocionais.

Poucos citaram nas entrevistas, um dado levantado por essa professora de que as aulas devem trabalhar as habilidades necessárias para auxiliar o indivíduo nesse processo de ensino e de aprendizagem e que a escola precisa pensar as habilidades voltadas para as mídias digitais, bem como as suas respectivas linguagens. Esse tema é defendido por Coscarelli (2016), Novais (2016) e Ribeiro (2016).

Eu entendo que as tecnologias digitais podem produzir transformação da prática educacional. No entanto, vejo também como muito importantes as ideias de Freire (1996), Masetto (2001), Moran (2015), Pérez Gómez (2015) que defendem

que a escola discuta formas de ensinar, que estimulem o caráter problematizador e isso vai além do uso de tecnologias digitais.

Para mim, o desafio escolar é pensar num novo currículo, para que EnAp e ApEn vejam a sala de aula como um espaço pedagógico que traga novas metodologias, mais plurais, flexíveis e personalizadas. Assim, será possível priorizar o pensamento emergente, reflexivo, criativo e flexível, numa atuação compartilhada, em diversos cenários escolares do século XXI.

Quadro 4- Resumo das respostas sobre o processo educativo

| | |
|-----------------|--|
| Participante 1 | Formação e valorização dos professores |
| Participante 2 | Importância do papel do professor |
| Participante 3 | Junção de tecnologias e metodologias |
| Participante 4 | Aluno como foco de ensino |
| Participante 5 | Empenho das partes envolvidas |
| Participante 6 | Valorização da carreira e da profissão |
| Participante 7 | Formação do professor e planejamento |
| Participante 8 | Trabalhos interdisciplinares |
| Participante 9 | Formação continuada, participação da família, demandas das turmas |
| Participante 10 | Dedicação exclusiva do professor e período integral para os estudantes |
| Participante 11 | Planos educacionais que transcendam interesses políticos |
| Participante 12 | Mídias digitais, linguagens e habilidades socioemocionais. |

Elaborado pela autora, com base nas respostas da questão D

Nessa última questão, o que mais aparece é a questão da valorização do professor e investimento em sua formação. Depois, o investimento em tecnologias digitais e metodologias ativas.

Palma e Turazza (2012) entendem que o professor de Língua Portuguesa precisa proporcionar ao discente a capacidade de autodesenvolvimento, e, para que

os estudantes desenvolvam novas competências, os docentes precisam buscar novos procedimentos e novas estratégias.

Analiso que poucos professores abordam a questão de que no processo de ensino e de aprendizagem, ambos, EnAp e ApEn, têm que ter um papel ativo, que o docente deve orientar, mas também pode aprender com os estudantes; e o discente não apenas pode receber conhecimentos, mas tornar-se responsável pelo próprio aprender e, também, ensinar ao mestre e aos outros participantes da aula.

Os 53 professores que responderam o questionário semiaberto *on-line* não quiseram, na teoria, ser contrários ao uso de tecnologias digitais, mas, na prática, sentiram-se mais confortáveis em dizer que nem sempre as utilizam. A preferência desses professores pelas metodologias ativas foi confirmada no questionário *on-line* pelos professores/pesquisadores dos grupos de Bolsistas CAPES do *Facebook*.

Já os 12 professores das entrevistas temáticas escritas, enviadas por *email* e *WhatsApp*, por serem abertas, permitem uma compreensão maior sobre esses temas.

Houve mais destaque para o uso das tecnologias digitais do que para as metodologias ativas. Embora entendam a necessidade de mudança, não encontram condições favoráveis para adoção de metodologias ativas, em função da cobrança das famílias de cumprimento dos materiais, como livros didáticos e apostilas, em função da cobrança do investimento que os colégios fazem em equipamentos e plataformas digitais e em função da cobrança de alguns alunos pelos métodos tradicionais de ensino.

Entendo que a escola necessita incorporar a ideia de que tanto o EnAp, como o ApEn, no processo de ensino e de aprendizagem, têm um papel ativo. Defendo que as tecnologias digitais e as metodologias ativas dão ênfase ao papel de protagonista do ApEn, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo, com orientação do EnAp.

Diante disso, postulo que é necessário mudar o paradigma curricular, para que os jovens saibam guiar suas próprias aprendizagens, tenham autonomia, saibam buscar como e o que querem aprender, que discutam, criticamente, as informações e os conceitos, sem dependerem tanto das aulas expositivas e das explicações dos professores, como alguns docentes relatam.

Para isso, é fundamental os professores conhecerem novos procedimentos e identificarem novas estratégias, para que os estudantes desenvolvam essas novas

competências. Essa reflexão sobre as contribuições da utilização das tecnologias digitais e das metodologias ativas precisa ser ampliada nas escolas, por meio de debates, elaboração de projetos conjuntos e cursos de formação.

Para dar continuidade a essas reflexões, analiso, a seguir, a narrativa da professora Lucia Helena Mimoso de Paula, do Externato Rio Branco.

4.2.3- Narrativa da professora de Língua Portuguesa

Consegui obter a narrativa da professora de Língua Portuguesa, mas ela sofreu algumas alterações. Eu havia entregado a ela o documento, no final do 1º semestre de 2019, para que ela fosse refletindo sobre os temas e elaborasse sua narrativa escrita ao longo do próximo semestre.

Em determinada reunião pedagógica de que participei, após as férias, eu a questionei como andava a narrativa escrita e ela me disse que estava produzindo tópicos e não um texto. Percebi que devia alterar o formato. Marcamos a data 6/11/19, eu cronometrei 30 minutos e fui pedindo para que ela falasse, oralmente, sobre os itens que apareciam no documento e eu ia registrando por escrito a narrativa oral da professora.

Solicitei que ela reconstituísse os acontecimentos e situações mais importantes de sua vida, tentando encontrar coincidências no plano social e profissional, buscasse como referência acontecimentos e situações que tiveram um caráter relevante, em termos de formação profissional, em relação às metodologias de ensino e uso de tecnologias digitais. Identificasse as motivações e os desafios da carreira, na formação inicial e na formação contínua, as continuidades (repetições), as rupturas (inovações), as coincidências no tempo e no espaço e as mudanças de interesses e de preocupações, advindas da inserção de tecnologias digitais e metodologias ativas no ensino e na aprendizagem.

A professora contou que iniciou a carreira de modo surpreendente. Ela fazia parte do Projeto Rondon, entre 1975 e 1976, parou essa atividade para se casar e, em 1975, entrou no Externato Rio Branco como substituta. Estava fazendo uma especialização na PUC-SP e tinha recebido um convite para ser monitora de um curso, mas ao conhecer D.Egle, num colégio estadual, recebeu outro convite para cobrir uma licença gestante no Externato.

O pai, escandalizado com o fato de a filha ir de Santo André para São Paulo, na PUC, apoiou-a a aceitar o convite e ficar em SBC, com as aulas da gestante. Ao final dessa licença, ela foi efetivada para aulas do primário, uma vez que possuía magistério.

Lucia Helena passou a comentar que o mundo mudou muito, mas que o objetivo final não havia mudado que é a responsabilidade de formar pessoas para serem cidadãos dignos. Na visão dela, a tecnologia digital não interferiu tanto em relação a isso, mas a superproteção dos pais e a respectiva vitimização dos filhos é o que tem interferido mais no aproveitamento dos estudantes. O problema, segundo ela, é que o mundo não quer isso.

A professora disse que seu filho foi seu aluno e que se ele achasse que a aula dela era igual, ela morreria de vergonha. Lucia Helena afirmou que, antes, o ensino era para memorização e, após a inserção das tecnologias digitais, isso não faz mais sentido, o mais importante é o ensinar a pensar e a desenvolver o raciocínio. Nesse momento, a professora diz que os jovens não querem um robô, eles querem um ser humano, com quem possam constituir afinidades. Ela percebe que os jovens, do início do século XXI, são mais carentes do que os jovens da metade final do século XX.

Para Lucia Helena, a essência deve ser o conhecimento, ela vê a escola como o local da aprendizagem, e isso nem sempre é gostoso, mas um mal necessário. A inserção da tecnologia digital, na visão dela, não ajudou, pois eles a utilizam mais para interagir pelas redes sociais e para ouvir música. Ela afirma que não fica criando caso com os jovens por causa do uso das tecnologias digitais como fazem alguns professores. Inclusive relata que, nas aulas de Redação, para que os alunos criem repertório cultural, ela permite que pesquisem na *internet* e entrega um *voucher* individual, para que usem a rede do colégio, por uma hora, com seus próprios dispositivos eletrônicos.

Na sequência, ela se emociona ao falar dos resultados dos estudantes e dos casos de sucesso deles, e de como ela gosta de ver o progresso de todos.

Lembra-se da aula do Calvino, em que eles, por vezes, faziam observações da obra, com detalhes que ela mesma não tinha percebido. Nesse momento a professora diz: “Isso para mim é a glória, eu me encanto”. “tudo é motivo para mais 10 anos de trabalho”.

Ela me contou que, dias antes dessa conversa, foi fazer um curso de TIDC sobre RPG, e que um jovem relatou que, por meio desse jogo, ele se encantou por Roma. Ela, por sua vez, encantou-se pela história dele e levou a ideia para os demais alunos dela, dos 1ºs anos, para desenvolverem um jogo na aula de redação.

Segundo ela, os que mais se interessaram, foram uns jovens que nem faziam tarefas, mas passaram até a frequentar o plantão de dúvidas dela em função dessa metodologia ativa. A EnAp não sabia onde essa ideia iria chegar, mas achou sensacional o desafio tanto para ela como para os ApEn. Convidou-me para acompanhar essa aula de elaboração do jogo de RPG.

Ao final, ela atribuiu seu sucesso com os ApEn pela verdade com que ela desenvolve suas propostas. Na percepção dela, é isso que os convence. Para Lucia Helena, os projetos não devem ocorrer pela imposição, mas pela demonstração de que o seu desejo, como professora, é que seus alunos desenvolvam o raciocínio e obtenham sucesso na vida futura.

Essa narrativa atende ao objetivo geral da pesquisa que é desenvolver um estudo sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso delas para os estudantes do século XXI. Em especial ao objetivo específico 2 da pesquisa que é buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas presenciais no século XXI.

Nóvoa (2000) afirma ser impossível separar o profissional do pessoal e propõe ao professor cruzar a maneira de ser com a maneira de ensinar. Nesse mesmo sentido, Tardif (2012) vai afirmar que, a personalidade do professor, suas emoções, sua afetividade fazem parte integrante do processo de trabalho docente. Diante, disso, analiso que essa narrativa da Professora Lucia Helena demonstra que a dedicação com que ela desenvolve seu trabalho, após 44 anos, no Rio Branco, continua envolvendo e engajando os estudantes.

Segundo a professora, o mundo mudou muito com a inserção da tecnologia, mas o objetivo final não havia mudado que é a responsabilidade de formar pessoas para serem cidadãos dignos. Essa postura vai ao encontro das propostas de EL do GPEDULING, que defende que processo de ensino de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa pode contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo, habilitando-o ao exercício da cidadania.

Ela gosta de ver o progresso dos estudantes, principalmente, quando fazem observações de uma obra, com detalhes que ela mesma não tinha percebido. Interpreto, nessa atitude, aproximações com o desenvolvimento da Educação Linguística do GPEDULING da PUC-SP, em que o docente deve orientar, mas também aprender com os estudantes; e o discente não apenas receber conhecimentos, mas tornar-se responsável pelo próprio aprender e, também, ensinar ao mestre e aos outros participantes da aula.

Giles Lipovetsky (2019) propôs, em sua palestra, um modelo cooperativo inovador, com alunos aprendendo com outros alunos intitulados tutores, o que ele denomina de coensino tutorado. Essa inovação também é defendida por Masetto (2001) em que os colegas de classe podem ser vistos como colaboradores e, em Moran (2015), que entende que é possível aprender com um professor e aprender sozinho, com colegas, com desconhecidos, de modo intencional ou espontâneo.

Lucia Helena observa que os estudantes utilizam as tecnologias digitais em suas aulas, para que eles criem repertório cultural, pesquisem na *internet* e critica, de forma sutil, a postura de outros professores que não admitem o uso dos dispositivos eletrônicos em sala de aula.

Outra atitude da professora que chama atenção é o fato de ela buscar um curso de TIDC sobre RPG, e, depois, idealizar o desenvolvimento de um jogo, na aula de redação. Isso demonstra seu interesse por diversificar as metodologias de ensino. Analiso, ainda, que ela é muito atenta às respostas positivas que essas metodologias ativas podem oferecer à aprendizagem. Isso pode ser observado quando ela percebe que os jovens que não faziam tarefas, passaram a frequentar o plantão de dúvidas das aulas dela, em função dessa metodologia do jogo.

Interpreto que é necessário pensar nas tecnologias digitais não apenas como apropriação tecnológica nem distribuição de conteúdos, mas como possibilidade de transformação social, de distribuição do conhecimento, de partilhas, de trocas colaborativas, de mudança de atitude na busca da informação e de ampliação de competências.

Não se trata apenas de uma transposição do uso que o jovem faz das tecnologias digitais, como forma de entretenimento, fora da escola, mas talvez de uma nova epistemologia da cultura digital, dentro da escola, para construção do conhecimento. Aprender de um jeito diferente, em formatos diferentes, exige que o

ApEn tenha uma formação diferente, para ser um agente de letramento diferente, nesse meio diferente, que é o digital.

Considero que a sala de aula possa ser um espaço de grande possibilidade para os jovens desenvolverem a competência comunicativa e, no futuro, tornem-se empreendedores criativos. Entendo que a escola precisa aproveitar todo o potencial digital e criar novos caminhos, mesclando espaços formais e informais de ensino e aprendizagem. Postulo que a inventividade no ensinar e no aprender, para a construção de um novo currículo, deve ocorrer com foco nas metodologias ativas e não apenas nas tecnologias digitais.

Isso deve passar por uma mudança em relação aos papéis dos EnAp e dos ApEn, que precisam desenvolver um trabalho, mutuamente, mais colaborativo. Penso que a valorização das relações interpessoais e a construção coletiva do conhecimento devem prevalecer na adoção das novas metodologias para que EnAp e ApEn ressignifiquem o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, o trabalho de Lucia Helena e sua valorização das relações interpessoais, com seus discentes, certifica o sucesso de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa, no Colégio Externato Rio Branco.

Os posicionamentos da EnAp também corroboram o conceito de Educação Integral tal como indicado pela BNCC (Brasil, 2018), ao conciliar o desenvolvimento da dimensão cognitiva com o desenvolvimento das dimensões pessoais e relacionais – também chamadas de socioemocionais. O desenvolvimento socioemocional tem relação direta com a concretização de projetos de vida, tais como a continuidade dos estudos após a educação básica, a empregabilidade e outras variáveis ligadas ao bem-estar da pessoa, como a saúde e os relacionamentos interpessoais.

Nóvoa (2000) indica a importância de o professor fazer uma reflexão individual e compartilhada sobre o seu trabalho. Para ele, o professor reflexivo cria coisas novas, a partir de rotinas já estabelecidas, improvisa a partir de técnicas já utilizadas e consideradas eficientes. Observo que Lucia Helena passa o tempo todo reajustando seus objetivos, em função da tarefa que está realizando, verificando se a sua proposta metodológica está adequada à realidade e se ela está levando à aprendizagem significativa.

A preferência dos EnAp pelas metodologias ativas é confirmada no questionário semiaberto *on-line* pelos 53 professores/pesquisadores dos grupos de

Bolsistas CAPES do *Facebook*. Esses educadores preferem adotar as metodologias ativas de ensino e usar as tecnologias digitais apenas como recurso, não como protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

Nas 12 entrevistas temáticas escritas, o que mais aparece é a questão da valorização do professor e investimento em sua formação. Depois, o investimento em tecnologias digitais e metodologias ativas. Percebo que a maioria deles considera que as metodologias tradicionais não devem ser descartadas, mas podem ser complementadas com as novas metodologias. Para esses professores, a utilização das tecnologias digitais é mais frequente que a inserção das metodologias ativas. Nas minhas observações de aulas, no Externato Rio Branco, pude verificar que o trabalho com uso de tecnologias digitais, ainda, não está atrelado, diretamente, às demais disciplinas.

Em 2019, na reunião pedagógica com a coordenadora, vi que ela vinha desenvolvendo um trabalho de uso de metodologias ativas. Essa coordenadora cursava uma especialização nessa área, mas em 2020, acabou saindo do Externato Rio Branco para trabalhar em outra Instituição. Em função da suspensão das aulas presenciais, não sei se esse trabalho foi continuado. O que eu identifiquei, pelas redes sociais oficiais, é que estão alterando os projetos de uso de tecnologias digitais para quando retornarem com as aulas presenciais.

Eu não consegui obter a narrativa oral da diretora do Externato Rio Branco, em 2019, em função do afastamento dela, por problemas de saúde, e, em 2020, em função da Pandemia do Covid 19. Eu tinha um áudio dela de *WhatsApp*, que eu pensei em transcrever para análise, pois era uma fala que ela pronunciou numa confraternização do colégio em que aparecia a visão dela de Educação. Procurei também textos que ela publicou na página oficial do colégio, no *Facebook*, em 2020, mas ao ler, atentamente, percebi que nenhum deles possuía as informações que eu tinha programado para a narrativa que eram que ela relatasse, oralmente, suas experiências como diretora e contasse como o colégio foi sendo afetado pelas transformações ocorridas, do século XX para o século XXI, em relação ao surgimento de tecnologias digitais e de metodologias diferenciadas de ensino e de aprendizagem.

Na tentativa de substituir essa narrativa, passo a comentar algumas informações das redes oficiais do colégio.

Em 8 de fevereiro de 2020, a equipe pedagógica do Externato participou do XII Congresso de Educação SAS. No evento, o SAS abordou a Educação Integral como objetivo da escola, sem perder de vista os atores envolvidos nesse processo: aluno e professor. Esse tema, proposto pela BNCC (Brasil, 2018), está presente nos encontros pedagógicos do colégio. Isso é importante, pois denota preocupação da equipe com a formação dos professores, assunto tão presente nas entrevistas temáticas escritas que coletei.

Pensando no aprendizado dos alunos, o Rio Branco inaugurou, em 11 de fevereiro, um novo Laboratório de Tecnologia. O espaço conta com 37 estações de trabalho, preparadas para utilização de projetos, com foco no ensino de programação e desenvolvimento de jogos e aplicativos. Além disso, está disponível para a utilização dos professores das demais disciplinas e séries para o desenvolvimento de atividades diferenciadas. Vejo que, nessa proposta, o colégio irá promover aproximação das tecnologias digitais com as outras disciplinas do currículo.

Em 20 de Março de 2020, a diretora publicou na página oficial do *Facebook* um vídeo sobre a suspensão das aulas presenciais. A partir de 26 de Março, o colégio passou a publicar fotos dos alunos, dedicados aos estudos em casa, enviadas por eles, por meio da *hashtag* #RBdeCasa. O Rio Branco não demorou a se adaptar à nova realidade e permitiu aos estudantes a oportunidade de seguirem com suas rotinas, na segurança de suas casas. Em 28 e 29 de Março, publicaram vídeos das equipes de coordenadores, orientadores e professores com informações sobre as atividades que seriam estudadas, em casa, no período de afastamento presencial de todos ao Colégio.

Em 03 de abril, publicaram dicas para construir uma rotina de estudos como: começar encontrando um “cantinho dos estudos”, com boa iluminação, organizado e longe de ruídos, definindo um horário para começar, para terminar e estabelecendo pausas para não cansar, acompanhando todos os conteúdos disponibilizados e mantendo contato com colegas e professores, deixando o celular de lado para evitar distrações, usando-o apenas como apoio para executar as tarefas, nos momentos de descanso, ouvindo *podcasts*, assistindo a filmes, séries e documentários sobre assuntos relacionados aos estudos.

Em 14 de abril, registraram que, logo no início da pandemia, o Externato Rio Branco passou a desenhar alternativas para garantir a pais e alunos o menor

impacto possível, durante o período longe da escola. Ter êxito numa mudança tão radical, em tão pouco tempo, só foi possível por causa da dedicação da equipe pedagógica. Logo nos primeiros dias de ensino remoto, receberam diversas mensagens, parabenizando a escola pela agilidade na solução e pela qualidade do trabalho, um estímulo ao esforço empenhado pelos professores e funcionários. A equipe se dedicou a adaptar as aulas presenciais para o ambiente *on-line*. Nesse ensino, o Rio Branco, ou #RBemCasa, reuniu recursos digitais e humanos que permitiram com que os educadores continuassem dando todo o apoio pedagógico que seus alunos estavam acostumados.

No Ensino Médio, foram acontecendo aulas ao vivo diárias, com mesmo horário e duração das aulas presenciais. A escola implantou o *Google For Education* como ambiente virtual de aprendizagem e foram utilizadas ferramentas como o *Google Classroom* para realização de provas, atividades e resolução de dúvidas e o *Google Hangouts Meet* para os encontros ao vivo. Plantões de dúvidas e recuperações continuaram acontecendo em seus horários habituais, sempre ao vivo, com o professor da disciplina. As aulas também ficam gravadas para que os alunos possam assistir novamente.

Outro dado que chama atenção é a diversidade de mídias, plataformas e elementos de interação como *Facebook*, *YouTube*, Museus virtuais, sempre com foco nas pessoas e no bem estar delas, com mensagens motivadoras, para alargar os campos das práticas, com estratégias e recursos variados para as ações pedagógicas. O fato é que já faziam uso de aulas diferenciadas e uso de tecnologias digitais, em algumas situações, por isso, o colégio não enfrentou tantas críticas e insatisfações dos estudantes e das famílias.

O Rio Branco fez indicações de filmes para quarentena em casa, sugeriu práticas de atividades físicas, informou sobre o *Google Arts & Culture*, um *site* mantido pelo *Google*, em colaboração com algumas das maiores galerias de arte do mundo, que utiliza a tecnologia do *Street View* para realizar visitas virtuais gratuitas e conhecer obras de arte sem sair de casa. Houve também sugestão de meditação, apontando todos os passos da posição corporal, da respiração e dos pensamentos.

Lucia Helena, em 16 de maio, publicou, na sua página do *Facebook*, que é uma professora realizada, mesmo com a distância e apesar da distância dos seus alunos. Decidiu contar, semanalmente, um fato que a emocionou no RIO BRANCO *on-line*. A professora passou a refletir que, enquanto alguns alunos de outros

colégios não estão suportando as aulas *on-line*, os dela, no Rio Branco, querem aulas mesmo nas férias.

Em 13 de junho de 2020, Lucia Helena fez um relato dela mesma, sobre os quase três meses, trabalhando de casa e descobrindo que, de longe ou de perto, a alegria que sente enquanto dá aula não muda. Ela relata que, muitas vezes, já disse que não sabe se gosta de dar aulas, ou se gosta de dar aulas no Rio Branco. De uma coisa ela tem certeza: os seus ex e os atuais alunos motivaram, motivam e motivarão sua vida enquanto for possível.

O que verifico, nesses relatos publicados no *Facebook* da EnAp, é que ela e seus ApEn, mesmo forçados ao virtual, em função da pandemia, mantiveram o plano de ação do colégio, nessa educação virtual em rede e esse foi um movimento de transformação bem sucedido. Tanto a EnAp como os ApEn e suas famílias não só entenderam esses ambientes educativos como necessários, como apoiaram a inovação, nesses novos cenários planejados, emergencialmente. Os jovens preferiram o isolamento ativo, dessa forma, numa proximidade virtual, a não ter como interagir com os professores e demais estudantes.

Isso denota uma educação humanizada, pautada na felicidade de fazer parte dessas aulas e ver as pessoas do outro lado da tela. Entendo que isso só foi possível, pois esses agentes já eram ativos no presencial. Desse momento de transformação da interação, das tecnologias analógicas presenciais para as tecnologias digitais virtuais, podem surgir, no futuro, novas possibilidades de combinação de momentos de comunicação, tanto no espaço físico como no espaço remoto. Isso enriquece o processo pedagógico dos EnAp e dos ApEn quanto às dimensões metodológicas e confirma ainda mais a minha hipótese de que para inovar e engajar os ApEn e EnAp, no processo educativo, o uso das metodologias ativas pode ser mais eficiente que apenas a inserção de tecnologias digitais para a construção do conhecimento e a reflexão sobre o que ensinar e como aprender.

A capacidade de o colégio criar um ambiente acolhedor se manteve mesmo no período da quarentena. Eles sempre fizeram campanhas de solidariedade para a comunidade de SBC, então, aproveitaram o momento de *lives* musicais, surgidas nesse período de isolamento, prepararam para os alunos, familiares e amigos, um momento de descontração, relaxamento e diversão, no dia 29 de maio, uma sexta-feira, a partir das 19h. A *live* solidária, com apresentação do professor de Química, Vinícius Serrati e banda, foi transmitida na página do *Facebook* (Externato Rio

Branco Oficial) e no *YouTube* (vinciusserrati). Nessa *live*, divulgaram ação do Drive-Thru Solidário, com doações para ajudar inúmeras famílias com vulnerabilidade e necessidades agravadas, devido à pandemia.

Outra ideia original foi que o Externato Rio Branco criou, no *Facebook*, outra página **#MaisConectadosDoQueNunca**, com conteúdo especial para o período de distanciamento social, com sugestões da equipe pedagógica contendo dicas, atividades, filmes, livros para manter a produtividade e auxiliar a rotina, ajudando as famílias a aproveitarem melhor o tempo livre, com seus filhos, em casa, com disciplina e planejamento, para enfrentar os novos desafios desse período.

Observo tudo isso a distância, analiso que o ensino, dentro desse momento de complexidade, ocorreu no sentido de engajar os professores, os ApEn e as famílias e motivar para essas novas aprendizagens. Pelos comentários que fui acompanhando, notei empolgação pelos desafios apresentados a todos, por meio das tecnologias digitais e das redes sociais. Considero que conseguiram manter um convívio sócio-intelectual, nesse novo contexto de educação remota emergencial, mantendo a mesma abundância de ações e interações, que sempre tiveram no ensino presencial. O fato de criarem autonomia e ampliarem os diálogos para as aprendizagens foi mais importante que o uso das tecnologias digitais, eles mantiveram o espírito comunitário, as relações vivas, mesmo nessa dimensão psicológica diferenciada frente à pandemia.

Lucia Helena utilizou metodologias de engajamento, mesmo ela não se considerando uma entusiasta das tecnologias digitais, acabou tendo a mesma proximidade *on-line* que tinha, fisicamente, com seus aprendentes-ensinantes, que, pelos comentários já citados, estiveram ativos e estimulados, durante o processo, no novo cenário. Nesse sentido, analiso que a EnAp desenvolveu alguns conceitos defendidos por Lipovetsky (2019) que entende que é importante desenvolver a educação, sem subestimar a importância da questão da autorrealização e de uma melhor convivência. Para esse autor, as novas tecnologias são úteis, mas não suficientes, é necessário desenvolver as paixões criativas de todos, promover o crescimento de cada um e possibilitar uma bela vida para todos. É assim que, segundo ele, os educadores precisam trabalhar para construir uma verdadeira sociedade humanista.

Enquanto são noticiadas demissões de EnAp de várias escolas e universidades, o Externato publicou em julho, mês de férias, uma novidade, uma

nova sala de estudos para que os ApEn possam estudar, equipada com recursos multimídia, que também poderão ser utilizados, durante as aulas presenciais, como opção para que os EnAp possam aplicar metodologias ativas quando retornarem. Considero importante a necessidade de cenários mais desafiadores, para que os jovens consigam, ao final no Ensino Médio, construir seu próprio projeto de vida. O EnAp precisa contribuir para que compreendam os conceitos, as proposições, os modelos, as teorias e, assim, construam ideias, esboços, modelos, mapas mentais, contrastem teorias, saibam pesquisar, selecionar e utilizar os dados, interpretar e intervir da melhor maneira possível na realidade.

Novos espaços, materiais e atividades podem ajudar os ApEn a aprenderem a observar, comparar, fazer previsões, elaborar hipóteses, verificar e contrastar ideias. Para além do desenvolvimento pessoal de habilidades e competências, a escola precisa abordar questões de identidade, como valores, emoções e atitudes, por meio dos comportamentos estratégicos, em suas rotinas escolares, pautadas mais pela qualidade e menos pela quantidade. Nesse sentido, o currículo baseado em problemas ou projetos é uma opção mais flexível e dinâmica, facilitando novas propostas, com focos de interesses e propósitos, aproximando o ensino das preocupações que os ApEn estão vivendo, em sua vida cotidiana e atual. Esses temas serão ampliados nas propostas do capítulo 5 da tese.

Defendo uma ênfase nos processos mais originais e com capacidade de desenvolvimento do pensamento crítico, para que os EnAp consigam maior envolvimento dos ApEn, nas práticas cotidianas, em que se aprende, aparentemente, sem ensino, isto é, pela participação ativa deles nas atividades do grupo social, de forma interativa, na comunidade escolar como um todo. O ensino, num processo investigativo, envolve, prende atenção dos ApEn pela busca de soluções aos problemas, por meio de discussões, para elaboração de argumentos e propostas de aplicação de soluções. O potencial do projeto, como estratégia de ensino e aprendizagem, é que ele potencializa a investigação e as propostas de intervenção por parte dos ApEn. As situações reais aproximam a interdisciplinaridade, principalmente, em temas atuais, com preocupações relevantes para a comunidade, que os mobilizem a buscar novas formas de pensar e de fazer um trabalho intelectual, respeitando as diferenças de cada ApEn.

Também é possível observar a preocupação do colégio com inovações pedagógicas que tragam real rendimento escolar e pessoal, que desenvolvam novos

modos de pensar e contribuam para capacidade de questionamento, sem descuidar da ética e do afeto nas relações interpessoais. Pude constatar o desenvolvimento do espírito de investigação nas aulas de Língua Portuguesa, bem como a produção textual, por meio da participação ativa, nas aulas, nos projetos, nas atividades coletivas, nas oficinas, nos seminários, nos grupos de discussão, entre outras propostas de ação educativa. Verifiquei que os ApEn entendem o que estão aprendendo e o sentido do que aprendem, e mais, que os EnAp oferecem o apoio necessário para que possam continuar no futuro suas aprendizagens, sem desconsiderar a diversidade de todos nos propósitos educativos.

Dentre os grandes desafios, do século XXI, está a formação de cidadãos criativos para que as sociedades deem conta dos problemas complexos do cotidiano, mas, principalmente, de professores inovadores que sejam capazes de aliar conhecimentos e estratégias, como observados no meu estudo. A revolução digital indicou a possibilidade de se escrever e se comunicar para além do texto, e usar vídeo, gráfico, *gif*, *podcast*, mas o problema passou a ser o excesso de informação, portanto os EnAp precisam investir no conhecimento, numa educação midiática, por meio de novas metodologias. O avanço da tecnologia digital trouxe uma transformação para as instituições de ensino que já vinham se atualizando e esse processo precisou se intensificar ainda mais, passaram a utilizar ferramentas digitais ou multimídia e diferentes recursos digitais, durante a pandemia.

No cotidiano, essa transformação digital se inicia com a ideia de levar para diversos ambientes recursos tecnológicos que facilitam e aprimoram as ações humanas. Em geral, o benefício da transformação digital costuma ser a otimização do tempo. Quando se trata do ambiente escolar, ela se torna ainda mais relevante para que seja possível formar cidadãos, verdadeiramente, preparados para os desafios do dia a dia. Em 2020, durante a quarentena, muitas escolas aceleraram a aplicabilidade desse conceito, investindo em ferramentas que tornariam possível a realização de aulas de forma remota.

Um dos recursos que mais aproxima os estudantes das salas de aula que eles tinham antes é a aula *on-line*, tanto fazendo transmissões ao vivo como também disponibilizando conteúdos para acesso dos ApEn posteriormente. Alguns colégios disponibilizaram um canal de comunicação para que os ApEn pudessem tirar dúvidas com os EnAp ou mesmo conversar com os colegas de turma, como foi o caso do Externato. A utilização de uma plataforma de ensino também foi uma

escolha para disponibilizar materiais didáticos e exercícios, que podiam mostrar o comprometimento dos ApEn nas aulas remotas. Alguns aplicativos ajudaram desde a organização de documentos importantes e formas de salvá-los *on-line* até a criação de grupos de estudo. O aumento expressivo por soluções e recursos digitais, no momento de pandemia, ocorreu pela necessidade de usar estratégias de aprendizagem remota.

Esse momento trouxe à tona novas formas de ensinar e de aprender. Dentre os benefícios dessa educação aliada à tecnologia digital, observo que ocorreu um maior compartilhamento de conhecimento, uma maior possibilidade de trabalho em equipe e a colaboração nesses cenários em ambientes virtuais. Manter a aprendizagem ativa e o currículo vivo, independente das aulas presenciais, é algo Moran (2015) já apontava como possibilidade com o Ensino Híbrido. O Rio Branco foi discutindo com os alunos questões globais, como saúde, meio ambiente, solidariedade, economia uma vez que se tornaram necessidades urgentes durante a pandemia.

A maioria das escolas brasileiras não chegou a completar dois meses de aulas presenciais em 2020 e precisou buscar soluções para lidar com a grande quantidade de conteúdos e habilidades a serem ensinados aos ApEn. Parecia difícil transpor o presencial para o *on-line*, uma vez que, mesmo antes da pandemia, os currículos escolares já estavam sobrecarregados. Com a suspensão das aulas presenciais, houve a necessidade de repensar todos os conteúdos aos quais os ApEn seriam submetidos. A pandemia acabou sendo uma oportunidade para repensar os programas, e, nessa situação, a Base Nacional Comum Curricular ajuda a definir o que é essencial para guiar o ensino de competências. O desenvolvimento de competências, em especial, as socioemocionais como coragem e resiliência, passou a ser necessário nesse momento. Aliás, a Base também pode e deve ser utilizada nos diagnósticos de aprendizagem dos estudantes nesse período em casa. Com o retorno às aulas presenciais, considero importante trabalhar essas habilidades, como empatia e prontidão, assim, a Formação Integral contemplará a trajetória do ApEn e garantirá que a visão de desenvolvimento humano será refletida e avaliada na prática.

Em junho, ocorreu **#webinar**", cujas questões foram: Como o cérebro adolescente aprende? Os impactos da pandemia e as relações sócio-emocionais". Essa transmissão contou com a participação da nova Coordenadora Pedagógica

Angélica Teixeira e da Orientadora Educacional Elza Salazar. Não é meu objetivo, nessa tese, estudar o ensino remoto emergencial, que, aliás, sequer existia em 2017, ano de início dessa pesquisa, mas, acabei acompanhando esse movimento do Externato Rio Branco, nas redes sociais oficiais em 2020. Embora minha tese não tivesse esse objetivo de analisar o ensino remoto, eu observo muitas reclamações de ApEn, EnAp e famílias, em minhas redes sociais, mas, na contramão disso, encontro no Externato Rio Branco, Lucia Helena, crianças, jovens, pais se adaptando de uma forma mais inspiradora, tentando se reinventar diante dos desafios, advindos do afastamento físico, em função do distanciamento social.

Na sequência, apresento a discussão dos resultados obtidos.

4.3- Discussão dos Resultados

Para esse estudo, empreguei múltiplas fontes de evidência, em relação ao mesmo fenômeno para estabelecer uma cadeia de evidências.

Apresentei o relato da primeira reunião com a coordenadora, as observações de Reuniões Pedagógicas, de Aulas de Tecnologia, de Robótica e de Língua Portuguesa. Analisei respostas dos 53 Questionários Semiabertos *on-line* e das 12 Entrevistas Temáticas Escritas por *email* e *WhatsApp* e a Narrativa da professora de Língua Portuguesa Externato Rio Branco.

Como não consegui fazer a entrevista com a diretora, registrei informações do *site* oficial do Externato. Não consegui obter o Projeto Político Pedagógico do Colégio nem com a coordenadora que me reuni em 2019, nem com a atual de 2020, em função da suspensão das aulas presenciais.

Todas essas ações foram para atingir o objetivo geral que é desenvolver um estudo sobre a influência das Metodologias Ativas e das Tecnologias Digitais no processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, e a contribuição do uso delas para os estudantes do século XXI.

Nos questionários semiabertos *on-line* para professores/pesquisadores dos grupos de Bolsistas CAPES do *Facebook*, observo que não quiseram, na teoria, ser contrários ao uso de tecnologias digitais, mas, na prática, sentiram-se mais confortáveis em dizer que nem sempre as utilizam, entendo, ainda, que, na comparação com o uso das metodologias diferenciadas, eles conseguem ser mais

espontâneos e verdadeiros. A preferência desses EnAp pelas novas metodologias é confirmada pelas respostas dadas.

Nas 12 entrevistas temáticas escritas, verifico que não há muita clareza, por parte dos entrevistados, em relação às metodologias ativas diversas, que têm sido estudadas pelos especialistas nas Universidades. Embora as tecnologias digitais já tenham entrado na vida das pessoas, no Brasil, há mais de 20 anos, as escolas e os professores, ainda, possuem muitas dúvidas quanto aos letramentos digitais, aos materiais didáticos, ao uso pedagógico de narrativas multimodais e digitais, como *blogs, fotologs, videologs*.

Constato, no geral, que, embora os jovens e as crianças tenham acesso, primeiro, ao mundo digital, depois, acesso ao mundo letrado, o papel do professor, como mediador, para trabalhar as competências e habilidades para as novas formas de ler, buscar as informações e produzir textos, continua sendo um fator decisório no processo de ensino e de aprendizagem.

No entanto, para que ocorram as transformações de informação em conhecimento, dentro do contexto digital, a escola precisa pensar melhor na formação complementar dos EnAp, com estudos sobre Tecnologias Digitais e, também, pesquisas sobre as Metodologias Ativas, como recursos pedagógicos, para ação e reflexão dos processos educativos no século XXI.

Nos capítulos teóricos, fiz um levantamento de pesquisas realizadas fora do Brasil por Ackermann (2013), Arceo; Rodriguez; David (2015) e Zapata (2015) e relatei, ainda, algumas experiências executadas dentro do Brasil por Araújo (2013) e Ribeiro (2010), mas esses temas como o uso de recursos multimodais, a análise crítica das TDICs e as pedagogias da cultura digital, como possibilidades de transformação social, em função das trocas colaborativas, não aparecem de forma geral, nas entrevistas escritas realizadas na minha pesquisa. Essas atividades também são defendidas por Novais (2010) e Buzato (2013) para que os letramentos possam produzir transformação da prática educacional, possibilitando uma transformação social que ajude o indivíduo a se construir de maneira autônoma, sábia e solidária.

Pérez Gómez (2015) em *A Educação Digital* propõe uma mudança de atitude para que ocorra inovação, para que os estudantes se tornem mais autônomos, para desenvolver o próprio projeto de vida, mas eu entendo que a escola precisa estimular seus professores para os estudos sobre Metodologias Ativas. Os

professores entrevistados também pouco falaram sobre conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções necessários para aprender a buscar o conhecimento, poucos mencionaram a importância das experiências e das vivências em diversos cenários de aprendizagem.

Outro dado que chama a atenção nas entrevistas temáticas escritas é a ausência total ou parcial de citação de uso de mídias digitais, nos projetos pedagógicos mencionados por eles, como algumas mídias levantadas nos capítulos teóricos, como *movie maker* e demais *softwares* para animação, vídeos e fotos ou gamificação.

Alguns falam em trabalhos por meio de projetos, outros citam o uso de seminário e de sala de aula invertida, como possibilidades metodológicas para aprendizagem significativa. Andersen (2013) mostra a importância das tecnologias de produção multimídia no ensino, para leitura e produção de mídias digitais e para um ensino mais significativo. Esses também são os pressupostos propostos pela Educação Linguística do GPEDULING da PUC-SP.

Todos os professores entrevistados são de Língua Portuguesa, mas nem todos mencionam trabalhos com oralidade e imagens em composições multimodais como *memes*, *gifs*, *emoticons* e *games*, nem análise de *design* e *leiaute* em infográficos, como possibilidade de enfoque crítico, dentro da sala de aula, com uso desses materiais em circulação social e presentes no cotidiano de crianças e jovens do século XXI. Poucos citam trabalhar no currículo com produções colaborativas como *Google Docs* ou *Prezi*, nos moldes discutidos por Coscarelli (2016), Novais (2016) e Ribeiro (2016).

Mesmo nos casos mencionados pelos EnAp, dos colégios que possuem equipamentos tecnológicos, eles não discutem, em profundidade, como o trabalho, em torno da tecnologia digital, pode levar a uma educação crítica e a verdadeira transformação social para que o aprendizado se perpetue para além dos muros da escola. Os temas das *fake news* e do *cyberbulling* também não são apresentados pelos participantes das entrevistas como parte de um projeto educacional.

Muitos criticam o uso de material apostilado e preferem o livro didático e a elaboração de projetos interdisciplinares. Em menor quantidade, aparece o uso pedagógico das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*, entre outras redes, como os trabalhos sugeridos por Xavier (2002), Coscarelli; Ribeiro (2005), Santaella; Lemos (2010) e Araújo; Leffa (2016). Em algumas

entrevistas, houve o uso pedagógico das redes sociais para interação dos estudantes em sala de aula, nos moldes propostos por Araújo; Leffa (2016), mas esses próprios autores chamam atenção para que isso não se torne a reprodução da realidade da sala de aula tradicional, repetida na virtualidade. Não fica evidente, pelas informações apresentadas pelos EnAp, que esse engajamento dos ApEn tenha demonstrado papel ativo dos jovens e autoria em rede.

Não houve menção à construção de narrativas digitais e multimodais nos projetos pedagógicos para promoção das interações humanas e transformação de ApEn e EnAp em pessoas mais ativas, criativas, críticas e reflexivas e de aulas mais dinâmicas e colaborativas como as pesquisas elaboradas, fora do Brasil, por Ackermann (2013), Arceo; Rodriguez; David (2015) e Zapata (2015). Diante disso, farei sugestões de propostas, com essas atividades, no capítulo 5.

Observo também que o tema em torno dos aspectos tecnológicos, quando surge, invariavelmente, aparece como fator relevante apenas para despertar o interesse dos ApEn e não para propiciar diferentes formas de aprendizagem, promover a reflexão do uso de diversas modalidades da Língua, em suportes diferenciados, sendo eles, impressos, digitais ou eletrônicos, para a construção de conhecimentos sobre leitura e produção e a possibilidade de ampliação de competências em comunicação oral ou escrita, conforme sugestões de Coscarelli (2016), Novais (2016) e Ribeiro (2016).

Considero um equívoco pensar num enfoque para os aspectos tecnológicos com intenção de “facilitar” o ensino ou apenas para despertar o interesse. Eu critico deixar de lado a ideia de que diferentes formas de aprendizagem, com objetivos e propósitos diversos, podem mudar comportamentos e participações de ambos, ApEn e EnAp, no processo educacional. Para produzir uma transformação das práticas educacionais, com potencial pedagógico de transformação social, mudando a maneira de buscar a informação e produzir uma comunicação mais crítica, a utilização de metodologias ativas é uma das soluções.

Vejo que ApEn e EnAp podem desenvolver o próprio projeto de vida nos âmbitos pessoal, social e profissional. No entanto, afirmo, também em consonância com os pesquisadores já mencionados, que, para que a sala de aula seja esse espaço de mudança, é importante adotar metodologias mais plurais, flexíveis e personalizadas para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, valores e emoções.

Outro dado interessante é que esses EnAp que responderam a entrevista temática escrita são pesquisadores, mas não demonstram que têm transferido o saber científico sobre Tecnologias Digitais e Metodologias Ativas para o uso pedagógico, em suas experiências reais, em sala de aula.

A própria discussão em torno da BNCC não aparece, de forma evidente, nas respostas deles, nem a citação dela como fator positivo, nem negativo para a Educação no Brasil. Não aparece a concepção de Educação Integral, com desenvolvimento das dimensões intelectual, social, emocional, física e cultural.

Nem todos os participantes exploram as competências como oportunidades para promover conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. Poucos desses professores comentam trabalhos dentro da escola, com gêneros em ambientes digitais, como possibilidade de desenvolvimento de leitura e escrita, em diferentes situações sociais, como os já praticados pelos estudantes fora da escola, em diversas mídias e redes sociais.

Observo no meu estudo de caso, no Externato Rio Branco, que isso, ocorre, com e sem uso de tecnologias digitais, mas com predisposição afetiva, com aprendizagem mútua, em processos participativos, a partir do conhecimento prévio dos estudantes e dos interesses deles, numa troca efetiva de conhecimentos, em projetos negociados em consenso, adaptando o currículo previsto às negociações de práticas ativas como defendidos por Bruner (1997), Delors (1999), Freire (1992), Josso (2004), Morin (2000), Nóvoa (2000) e Tardif (2012).

Na perspectiva transformadora desses autores, é possível personalizar, projetos em grupos, com mentoria de estudantes e supervisão do professor, ajudando os que mais precisam, para que eles transformem suas vidas, pelo seu próprio caminho e superem as dificuldades com apoio humano, do professor e demais colegas de turma, como no Externato Rio Branco, no projeto de Redação sobre o Propósito de Vida.

Nem todas as instituições permitem uma grande ruptura, mas é possível mesclar aprendizagem com componentes mais previsíveis a aprendizagens com componentes mais abertos, com interesses específicos, em espaços compartilhados fisicamente, como em redes sociais e aplicativos, mas com práticas mais ativas e participativas, como propõe Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), Bacich; Moran (2018) e Valente (2018).

Após as análises, penso que, para ocorrer a Formação Integral do ser humano, é necessário haver uma modificação no homem e na sociedade, com cada participante compartilhando responsabilidades na transformação da realidade. Para transcender e ir além dos padrões presentes na escola, é necessário que ela seja um espaço de reflexão e produção do conhecimento, que crie cidadãos críticos e reflexivos, comprometidos com a eficiência dos relacionamentos em equipe, por meio de novas práticas, com apropriação ou não dos recursos tecnológicos no processo educativo, como propostos por Masetto (2010), Moran (2015), Bacich; Moran (2018) e Valente (2018).

Entendo que o potencial efetivo das tecnologias digitais para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem esteja na perspectiva interacional dos contextos digitais, tanto para leitura como para a escrita, em movimentos complementares e dinâmicos para o leitor e o produtor, ambos ativos nesse espaço de interação, portanto não deve ser visto apenas como motivação para o uso em sala de aula, mas para que aprendam a coletar informações, inferir, analisar, relacionar, ler e criar textos de diversos gêneros, bem como compartilhá-los de forma ética e responsável.

Vejo também que a adoção de Metodologias Ativas gera contextos mais participativos, colaborativos e interativos como os das redes sociais e possibilita aulas com enfoque mais crítico e pluralista.

Nesse sentido, defendo que é importante pensar numa proposta pedagógica capaz de tornar os professores mais reflexivos, em relação aos processos de ensino e aprendizagem, equilibrando espaços e tempos, para que as aulas e os projetos educacionais tornem-se mais criativos e críticos e modifiquem as formas de pensar e construir conhecimentos, para que possam aprender mais e melhor, tanto os ApEn como os EnAp, em conformidade com as propostas da Educação Linguística do GPEDULING/PUC-SP, apontados por Palma; Turazza (2012) e (2014).

Postulo, diante, disso, que a formação continuada dos EnAp é um aspecto fundamental, para avançar na discussão sobre tecnologia e inovação na escola, pois não basta disponibilizar equipamentos tecnológicos para que os estudantes tenham um ensino mais significativo.

Proponho, ainda, espaços coletivos de interação, dentro e fora da escola, como bibliotecas, auditórios, laboratórios, oficinas *maker* e demais ambientes que possibilitem o convívio para desenvolvimento da autonomia, necessária à concepção

de ensino que melhore, efetivamente, o aprendizado e propicie uma real integração de conhecimentos acumulados por EnAp e ApEn em suas trajetórias de vida, como defendidos por Palma; Turazza (2014), Pérez Gómez (2015) e Lipovetsky (2019)

No capítulo seguinte, sugiro a construção de projetos pessoais de ensino, capazes de visualizar e projetar ações educacionais futuras como sugere a BNCC. Com essa perspectiva de trabalho, verifico a possibilidade de atribuir a devida importância das Tecnologias Digitais e das Metodologias Ativas à dimensão social e ampliar as contribuições delas para o processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, para os estudantes do século XXI.

Capítulo 5- Possíveis Caminhos a serem seguidos pelos Professores de Língua Portuguesa

Depois de apresentar os pressupostos da Educação Linguística, trazer informações sobre Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais, analisei dados de professores de Língua Portuguesa.

A partir da ideia de que os seres são transdisciplinares e o ensino também necessita de hibridização, proponho ideias para ensinar a aprender, para além das disciplinas, numa tentativa de contribuir com as mudanças nas aulas de Língua Portuguesa. Além disso, a relação entre educação e inovação será ampliada na sequência.

5.1- Educação e Inovação

É muito provável que, ao relacionar Educação e Inovação, muitos pensem no uso de Tecnologias Digitais, mas o conhecimento vai além do uso desses recursos tecnológicos, como foi possível ver até o momento. A produção do conhecimento precisa de projetos que façam sentido, por meio da elaboração e construção de um planejamento colaborativo, em que cada unidade escolar apresente saberes e experiências de ambos, EnAp e ApEn. O professor, por meio de seu conhecimento acumulado, tem um papel decisivo no processo educativo, logo precisa pensar os sentidos da inovação e a importância de novas práticas educacionais, para essa geração que nasce *on-line*.

O ensino, por meio dos gêneros textuais, potencializa o poder de ação da situação didática, no modo de preparar o jovem para interagir, opinar e adaptar-se às variadas situações comunicativas a que estão inseridos na vida cotidiana. Os gêneros textuais, como objetos de ensino, podem levar o estudante a conhecimentos e a uma potencialidade de ação, em diversas práticas sociais, pelo desenvolvimento de habilidades de linguagem, que são determinantes para a ascensão ao pensamento crítico. Os jovens já fazem uso efetivo das tecnologias digitais, mas nem sempre de modo adequado. Em função disso, os professores de Língua Portuguesa precisam verificar como elas podem contribuir na prática para o ensino e a aprendizagem na sala de aula, para que ocorra a Educação Linguística proposta pelo GPEDULING.

Uma das possibilidades encontradas nas leituras teóricas, para que os estudantes desempenhem o papel de protagonistas, é a prática de uma aprendizagem ativa, com metodologias ativas. Dessa forma, o ensino e a aprendizagem são impressos de singularidades, na construção do conhecimento e na contribuição para as relações dos indivíduos, para a criação de novos caminhos, que levem em consideração o que cada um possui de características próprias e que podem ser otimizadas quando trabalhadas em conjunto.

Pensar em metodologias ativas é pensar no estudante e no futuro da Educação, pois uma aprendizagem ativa promove um pensamento crítico e reflexivo e propicia uma sociedade proativa, para refletir sobre os desafios a serem percorridos, para evoluir quanto às mudanças sociais necessárias, no século XXI. Isso é possível com a presença do EnAp, na figura do mestre, capaz de orientar, mas também capaz de ouvir as necessidades dos ApEn.

Para a geração habituada a um clique, num segundo, um saber, em modo ligeiro, pode ser difícil o esforço e a disciplina, para ter acesso ao saber, na sala de aula. Acontece que informação bruta não é sinônimo de conhecimento, e, para formar jovens, com espírito crítico, para os saberes básicos, como falar, ler, interpretar, escrever e argumentar, é importante organizar a aprendizagem.

Destaco que, para isso o foco deve ser a Pedagogia e as Metodologias Ativas e não apenas as Tecnologias Digitais. O professor inovador precisa pensar no processo e no produto que deseja para a nova sociedade como: comunicar ideias, elaborar perguntas, justificar opiniões, interrogar fontes, usar dados, criticar afirmações, examinar consequências, analisar dados, estimar riscos, tirar conclusões e propor soluções.

Entendo que é importante conciliar inovação e tradição, conservar do sistema tradicional aquilo que tem de positivo e explorar o positivo da dinâmica do tecnológico. Isso foi o que observei no Externato Rio Branco, com a implantação de recursos digitais sem a perda da essência no trabalho humano. Com certeza, eles podem ser complementos dos cursos, mas não os substitutos. O grande desafio da Educação, no século XXI, é criar uma pedagogia, em que o ensino seja renovado e a aprendizagem seja capaz de conduzir a uma Educação para a convivência humana, num ambiente mais democrático, para que a aprendizagem continue com o decorrer da vida.

Vejo que o EnAp não pode ter por preocupação apenas o ensino de sua disciplina e de seus conteúdos, mas motivar a curiosidade do jovem, incentivando a leitura, lendo junto, provocando inteligência e espanto, para que ele aprenda a viver bem a vida, para além da escola, com originalidade e criticidade. Esse EnAp é o ponto central de qualquer programa de ensino, estimulando a coesão social e o senso de cidadania, enfatizando o bem-estar emocional dos ApEn e contribuindo para o desenvolvimento integral do ser humano, unindo bem-estar, educação e habilidades socioemocionais. Um exemplo disso foi analisado, numa das aulas de leitura, da EnAp Lucia Helena, em que os ApEn debateram as ideias de Calvino.

Postulo que, conjuntamente ao aprendizado de conteúdos, é possível enfatizar as emoções positivas e a motivação individual, para reforçar o aprendizado, por meio de práticas de bem-estar como propõe a BNCC. Algumas habilidades podem ser incluídas na cultura escolar, para proporcionar mudanças pedagógicas no Projeto Pedagógico, como: *mindfulness*, uma prática para meditação para ajudar na concentração; empatia para ser capaz de identificar o que outras pessoas estão sentindo; autoconhecimento para reconhecer as próprias virtudes e limitações; identificação das emoções para ser capaz de entendê-las; comunicação oral para se expressar de maneira ativa; relacionamento interpessoal para desenvolver relacionamentos saudáveis; pensamento criativo para desenvolver ideias inovadoras; pensamento crítico para avaliar as informações disponíveis; tomada de decisão para fazer as melhores escolhas e resolução de problemas para resolver questões práticas.

Escolas de todo o mundo esforçam-se para introduzir computadores, *tablets*, quadros interativos e outros recursos tecnológicos, mas, para alguns especialistas, o que desencadeia o aprendizado é a emoção, que é produzida pelos seres humanos, não pelas máquinas, além disso, a originalidade é algo essencialmente humano e não tecnológico. Há estudos que indicam que os aparelhos podem limitar as habilidades motoras e a capacidade de concentração dos jovens e há pesquisas que relacionam o uso excessivo de telefones celulares, por adolescentes, com falta de sono, risco de depressão e até suicídios.

Definir limites não tem sido uma tarefa fácil para os pais que trabalham. Inicialmente, a preocupação era que as crianças mais ricas levariam vantagem por acessar a *Internet*, mas, após o uso da tecnologia ter-se expandido, observo que as famílias, com elevado poder aquisitivo, têm mais facilidade para impedir que seus

filhos passem o dia na frente de celulares. Enquanto alguns filhos das elites são criados entre lousas e brinquedos de madeira, os da classe média que crescem entre telas, acabam usando mais as redes sociais do que aqueles de famílias de alta renda. Os de classe baixa enfrentam tanto o problema de acesso ao digital quanto aos brinquedos artesanais educativos.

Funcionários das grandes empresas de tecnologia reúnem-se em uma iniciativa chamada *A Verdade Sobre a Tecnologia*. O objetivo deles é convencer as empresas da necessidade de introduzir parâmetros éticos na concepção de ferramentas utilizadas, diariamente, por bilhões de pessoas, incluindo as crianças. Os empresários tecnológicos, cada vez mais questionados em suas políticas comerciais e políticas de privacidade, começam a introduzir mudanças em seus produtos, a *Apple* apresentou o *Screen Time*, uma nova ferramenta que ajuda a controlar e limitar o uso de dispositivos móveis, o *Google* incorporou uma ferramenta semelhante, a *Digital Wellbeing*.

Entendo que essas são medidas insuficientes, que não resolvem o problema do vício pelas tecnologias digitais, então, por enquanto cabe aos pais e aos EnAp orientar as crianças e jovens para limitar o uso dessas tecnologias digitais e aprender a equilibrar o uso delas e a tirar o melhor proveito desse uso. Uma possibilidade, em família, tem sido convidar as pessoas a comer e jantar sem celulares, sem esses dispositivos, constantemente, interrompendo a conversa com notificações.

Crianças e jovens do século XXI brincam, interagem e aprendem em um mundo digital, entre telas e redes sociais, cercados de algoritmos e *big data* de forma natural, mas o desafio a ser enfrentado é o que eles fazem com essas tecnologias digitais, onde elas estão e como eles as usam. A *internet* é uma parte integral da vida dos jovens, a quantidade de tempo que passam conectados aumentou e muitos adolescentes dizem sentir-se mal quando ficam desconectados. O papel da Educação é refletir sobre como reduzir os efeitos negativos, como o *cyberbullying* e a perda de privacidade, tão comuns, no século XXI, entre os ApEn.

A tecnologia digital pode conectar muitas pessoas, construindo vínculos entre países e culturas, mas também pode fazer com que o mundo seja mais volátil e incerto. Quando as notícias e informações são personalizadas por algoritmos, isso faz com que os usuários só tenham acesso a opiniões de pessoas que pensam de forma parecida e se afastem de quem pensa diferente. O desafio é pensar como as

escolas farão para promover uma maior abertura a ideias diferentes e garantir que características humanas como imaginação, sentido de responsabilidade ou inteligência emocional possam ser aproveitadas, junto com o processamento da inteligência artificial.

As escolas precisam capacitar para que, profissionalmente, o aprendizado se estenda a longo prazo, para que, na vida adulta, estejam preparados para mudar de trabalho e se adaptar às grandes mudanças no âmbito profissional, pois, praticamente, tem desaparecido a ideia de um emprego para toda a vida, logo será cada vez mais importante que as habilidades de uma pessoa coincidam com os requisitos dos empregos emergentes. Outra questão é que todo mundo espera que a escola ensine valores e, embora o mundo digital tenha tornado possível que mais pessoas se expressem, o que se vê é um mundo cada vez mais polarizado, portanto os jovens precisam diferenciar fatos, de ficção e opiniões, de informações objetivas.

Outro debate que tem sido acirrado é se as escolas devem ser politicamente neutras ou gerar formas de pensamento específicas para as democracias. A educação escolar brasileira – como direito preconizado na Constituição Federal de 1988, com vistas ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho – vem considerando as demandas contemporâneas em documentos normativos e diretrizes, sendo a Base Nacional Comum Curricular o documento mais recente.

Na sequência, apresento reflexões sobre Metodologias Ativas, Tecnologias Digitais e Educação Integral da BNCC para elaboração de um projeto de intervenção pedagógica que intitularei de Letramento Didático-pedagógico.

5.2- Letramento Didático-pedagógico

Tardif (2012) propõe uma definição de pedagogia como “tecnologia da interação humana”. Para o autor, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano. Para ele, todo professor, ao escolher determinados procedimentos, para atingir seus objetivos em relação aos alunos, assume uma pedagogia.

A grande questão do século XXI é integrar as tecnologias digitais, transformar um conjunto de práticas, habilidades e significados ligados ao letramento da letra e do impresso, em práticas que utilizem as metodologias ativas, que potencializem as

práticas tradicionais, com hibridização de textos e linguagens do espaço digital, mais participativo, colaborativo, distribuído, menos individualizado. Diante disso, intitulei esse processo de Letramento Didático-pedagógico.

É importante inovar para que tecnologias digitais revolucionem a relação com o conhecimento, para que o processo de aprendizagem ocorra e para que as novas gerações criem novas respostas para os desafios do presente, como a degradação ambiental, a fragilidade democrática e a desigualdade social. Para isso é importante repensar o ambiente escolar (físico e relações), redefinir o papel e a formação dos EnAp, redefinir os processos e instrumentos de avaliação e reposicionar o papel e a participação dos ApEn, atribuir foco no que é relevante para a sociedade e entender os componentes curriculares como meio e não como fim, além de ampliar a interdisciplinaridade.

Assim se apresenta a proposta de Educação Integral da BNCC, pela formação e desenvolvimento humano global para construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária. Para a inovação curricular é fundamental uma maior escuta, sobre o que não está funcionando, para, então, a partir das aspirações e expectativas da sociedade, possam surgir novas propostas de escola que façam sentido para os estudantes.

Nos capítulos teóricos, mostrei como a proposta de Ensino Híbrido, que promove uma integração entre o ensino presencial e o ensino *on-line*, possibilita uma perspectiva de personalização do ensino, apontei que as Metodologias Ativas ressignificam o ser, o fazer, o estar de professores e estudantes, impulsionam uma mudança de situação, com todos mais ativos, envolvidos para tomar decisões e avaliar os resultados em Masetto (2001) e (2010), Moran (2015), Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), Bacich; Moran (2018) e Valente (2018).

Nesse sentido, entendo as Metodologias Ativas, não apenas como técnicas de interação, mas uma atitude de aprender com autonomia, numa aprendizagem ativa, com atividade e reflexão, com uma escuta ativa por parte do EnAp acerca dos interesses dos ApEn, com possibilidade de aprendizagem, por meio de mentoria, com projetos em grupos, com oficinas participativas que possibilitem satisfação e empolgação para EnAp e ApEn.

Entendo que o maior desafio é gerenciar os interesses do EnAp, da instituição e dos ApEn, sem perder a ideia de que as pessoas são diferentes, aprendem de formas diferentes, trazem uma história de vida, mas precisam projetar uma

perspectiva de orientação, para um futuro mais humano e inclusivo e menos excludente e polarizado. O esforço deve ser coletivo para buscar processos inovadores e para ressignificar os caminhos, para uma Educação que faça sentido, que apresente mais sucessos e menos fracassos, transformando aos poucos, tanto os EnAp como os ApEn, compartilhando opiniões e interesses diferentes, de forma ética e democrática, para a construção de um projeto de transformação da vida dos profissionais da Educação e dos estudantes.

Defendo que essa escola seja um espaço motivador para reflexão e expressão, que proporcione experiências culturais significativas, que não só transmita informações, mas forme para a vida, que possibilite aos jovens produções de conteúdos digitais ou não. Postulo que a aula seja um momento interativo, proveitoso, intrigante e democrático, que faça com que os ApEn levem para casa atividades reflexivas, para que queiram voltar e fechar a temática nas aulas seguintes, como no estudo de caso no Externato Rio Branco.

Considero que, após verificar pesquisas dentro e fora do Brasil, que utilizam conhecimentos tecnológicos de programação, pensamento computacional, gamificação, narrativas multimodais, digitais, entre outros, vi que há grande possibilidade disso tudo tornar os jovens mais ativos, originais, críticos e reflexivos. No entanto, para uma transformação social, de trocas colaborativas, de mudança de atitude para aprender a se educar e desenvolver o próprio projeto de vida, a utilização de metodologias ativas, apoiadas ou não pelas tecnologias digitais, possibilita ainda mais o desenvolvimento de múltiplos letramentos, habilidades, atitudes, valores e emoções, autonomia, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, resolução de problemas, como propõe a BNCC.

Destaco que, para que isso tudo ocorra, é importante ver os jovens como protagonistas do processo, desenvolvendo habilidades e competências e ver o professor como mediador, instigando descobertas, desafios e busca de conhecimentos. EnAp e ApEn, ambos buscando informações e produzindo conhecimentos, com contexto digital ou não, mas com enfoque crítico, pluralista, ético e democrático. Pude ver em meu estudo de caso, com a EnAp Lucia Helena, que a escolha pelas metodologias ativas, como recurso pedagógico, favoreceu a ação e a reflexão desse processo educativo de aprendizagem ativa e significativa.

Vale lembrar que a concepção de metodologias de ensino centradas na aprendizagem pela experiência e no desenvolvimento da autonomia dos ApEn,

surgiu antes do advento das TDIC. Nesse sentido, é fundamental o papel do EnAp e sua autonomia para o desenvolvimento e a criação de novos métodos, com auxílio ou não de mídias e de TDIC, contextualizando cada realidade possível para promover aprendizagem dos ApEn. Não postulo que é possível propor regras precisas e fáceis de reproduzir, nem lista de temas de estudos, mas é possível registrar experiências, vivências e trajetórias de processos de aprendizagem, como fiz tanto nas 12 entrevistas como nas observações de aulas do Externato Rio Branco, relatadas no capítulo de análise da Tese.

Também destaco que a variedade de metodologias ativas a serem utilizadas é um recurso importante a ser pensado e discutido. As pessoas não aprendem da mesma forma, no mesmo ritmo e ao mesmo tempo, portanto é necessário pensar em Multimetodologias Ativas. Entendo que essas metodologias não são apenas estratégias, mas mudanças de postura, do EnAp mediador, parceiro na construção de conhecimentos e dos ApEn ativos, no centro do processo. As informações aos estudantes estão a um clique com o *mouse*, porém as análises desses conhecimentos necessitam de outras habilidades e competências para serem construídos e elaborados de forma efetiva, não só para que alterem os resultados das avaliações nacionais, mas para que tenham poder transformador na vida dos estudantes do século XXI.

Descobri, durante as análises, que algumas expressões como aprendizagem ativa, personalizada e compartilhada utilizada pelos autores Bacich; Moran (2018), Masetto (2001) e (2010) e Moran (2015) têm sido chamadas nas escolas de aprendizagens por experimentação, por *design* e aprendizagem *maker*. Entendo que todas se associam à aprendizagem reflexiva, pois tornam visíveis os processos, os conhecimentos e as competências do que se está aprendendo em cada atividade, que podem ser desafios, jogos, experiências, vivências, problemas ou projetos.

Embora haja diversos modelos de personalização, uma das formas que considero pertinente ao Ensino Médio é a Rotação por Estação, apresentada no capítulo 1, presente na obra sobre Ensino Híbrido, organizada por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani, (2015). Num modelo mais avançado, os estudantes podem escolher, parcialmente, algumas disciplinas ou temas. Uma forma de personalização mais inovadora é a partir do projeto de vida do jovem, com dinâmicas que ajudam a rever o passado, a situar o presente e a projetar algumas dimensões do futuro.

Proponho como caminho para o projeto de vida do ApEn, a construção de narrativas multimodais, em que cada um conte sua história, utilizando as diversas tecnologias disponíveis, digitais ou não, e vá construindo o seu portfólio, com todo seu percurso de aprendizagem.

Entendo que projetos pedagógicos inovadores precisam pensar na organização curricular, espaços, tempos e atividades que equilibrem a comunicação pessoal e a colaborativa, de forma presencial e *on-line*. As tecnologias digitais facilitam a aprendizagem colaborativa, como a troca de informações, a resolução de desafios e a realização de projetos, dentro e fora da escola e a tecnologia em rede móvel e as competências digitais são componentes possíveis de uma educação plena, no século XXI.

Percebo que, nesse sentido, a combinação de metodologias ativas com tecnologias digitais móveis pode ser uma estratégia para a inovação pedagógica. É conveniente priorizar a utilização de aplicativos e recursos gratuitos, também é interessante mesclar e diversificar as metodologias ativas, fazer combinações variadas, por exemplo, começar com a sala de aula invertida, ou aula expositiva dialogada, seguir com proposta de um desafio, ou problema (PBL), propor rotação por estação e finalizar propondo um projeto interdisciplinar ou não, com uma apresentação final, que pode ser de criação de jogos, a chamada gamificação (com Minecraft⁵⁹), ou criação de narrativas digitais (individuais ou em grupos) (com o Scratch).⁶⁰

Nesta minha proposta de Multimetodologias é possível desenvolver atividades pessoais, coletivas e, ainda, uma integração maior entre diferentes áreas do conhecimento, além de aumentar o protagonismo do ApEn e a colaboração do EnAp. Defendo a combinação de tempos individuais e tempos coletivos, projetos pessoais de vida e de aprendizagem e projetos em grupos, numa nova organização de tempos e espaços, não apenas para que os ApEn passem no ENEM ou vestibular, mas para que possam evoluir em suas aspirações. Entendo que o foco

⁵⁹ *Minecraft* é um jogo popular entre os jovens, que oferece um “mundo” de realidade virtual com blocos que permitem a construção de casas prédios, a criação de materiais diversos e a interação entre jogadores em um *chat*.

⁶⁰ O *Scratch* é um *software* que se utiliza de blocos e itens de som e imagem para o usuário desenvolver suas próprias histórias interativas, jogos, animações, além de compartilhar de maneira *on-line* suas criações. Foi projetado pelo *Media Lab do Massachusetts Institute of Technology* – MIT para aprender por meio de programação.

não deve estar na tecnologia digital em si, mas é inegável que as TDIC criam novas possibilidades de expressão e comunicação e novos letramentos.

Numa aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problema, os ApEn podem se envolver mais no processo, com a realização de atividades práticas, desenvolver a capacidade crítica, refletir sobre essas práticas, aprender a interagir com colegas e EnAp, oferecer e receber *feedback*, além de explorar atitudes e valores. Destaco que os EnAp de Língua Portuguesa precisam entender que a linguagem não pode ser reduzida a duas modalidades, escrita e oral, precisam dar destaque às multimodalidades, relacionar tecnologia digital e alfabetização midiática, para atuar em prol da equidade e desenvolver cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Esse movimento de transformação será ampliado a seguir.

5.3- Movimento de transformação

Em um mundo em constante transformação cultural, social, econômica e política, a escola precisa rever seu papel na sociedade, diante das novas tecnologias digitais, redes e mídias sociais, identificar e investir nos novos paradigmas, para formação dos jovens, para que a Base Nacional Comum Curricular chegue às escolas. A base requer um novo educador, em sala de aula, que indique caminhos, faça boas intervenções e apresente situações conectadas à realidade, como: Formação Integral, Metodologias Ativas, Aprendizagem Ativa, Aprendizagem Colaborativa, Ensino Híbrido, Múltiplas linguagens, Narrativas Digitais, Movimento *Maker*, Programação, Pensamento Computacional, Gamificação, Robótica, *Design Thinking*, Educação Linguística, entre outros.

É possível as escolas adaptarem suas salas de aula para o ensino baseado em projetos, em que os estudantes aprendem com base em grandes projetos multidisciplinares, com grande autonomia. Isso exige EnAp flexíveis e capazes de colocar os jovens como agentes ativos de seu próprio aprendizado, aumentando a curiosidade dos discentes e sua motivação para aprender. O problema é que colocar em prática esse ensino, centrado no ApEn, nem sempre é fácil.

A aprendizagem baseada em projetos é uma possibilidade para o Ensino Médio, pois, nessa metodologia, ApEn envolvem-se com desafios para desenvolver um projeto. Ela integra diferentes conhecimentos e estimula o desenvolvimento de

competências, como trabalho em equipe, protagonismo e pensamento crítico. As atividades práticas e coletivas estimulam autonomia e inventividade, além de possibilitar que o professor preste mais atenção ao processo e não apenas no produto final. Essa já seria uma grande mudança de paradigma, uma vez que ele deixaria de focar apenas numa prova, como na educação tradicional.

Observo no Externato Rio Branco, que essas práticas trazem bons resultados para a aprendizagem, principalmente, em um momento de discussões sobre como atrair a atenção da nova geração. Elas podem estar associadas a tendências educacionais diversas, desde o uso de tecnologias digitais até atividades práticas de educação “mão na massa” como nas aulas de Robótica. O ser humano aprende quando encontra significação, valor, ligação com a vida real, em clima de liberdade, confiança e afeto, sendo desafiado, combinando tempos e espaços individuais (autoria/personalização), grupais (pares) e tutoria/mentoria, pois é melhor aprender fazendo do que só ouvindo e vendo.

Nóvoa (2000) indica a importância de o professor fazer uma reflexão individual e compartilhada sobre o seu trabalho. Para ele, o professor reflexivo cria coisas novas, a partir de rotinas já estabelecidas, improvisa a partir de técnicas já utilizadas e consideradas eficientes. A personalidade do professor, suas emoções, sua afetividade fazem parte do processo de trabalho docente. Essa é uma característica da professora Lucia Helena. Entendo que seu trabalho é bem sucedido no Externato Rio Branco e tem motivado gerações distintas, nos últimos 40 anos, em função de suas reflexões sobre o mundo atual, sem se esquecer das características que deram certo no passado. Essa professora reajusta seus objetivos, em função das variáveis e limitações materiais, temporais e sociais.

Considero que conhecimentos vindos da escola, da cultura, dos livros, da universidade, dos cursos de aperfeiçoamento, da prática cotidiana, mobilizados nas interações diárias, em salas de aula, compõem o saber-fazer personalizado da professora Lucia Helena, uma vez que cada EnAp traz suas referências anteriores, suas memórias de experiências educativas marcantes da constituição do Eu profissional.

O Externato Rio Branco está mudando da era do laboratório de informática para os espaços *maker* e salas adaptadas para a realização de projetos, que precisam ser espaços móveis, de grandes surpresas e desafios para os ApEn. Nesse sentido, os modelos híbridos com metodologias ativas e tecnologias digitais

são componentes importantes no movimento de transformação da escola no século XXI. Defendo a combinação do melhor da presença física e do digital, com vários caminhos, com tecnologias digitais ou não, mas com aprendizagem invertida, aulas expositivas dialogadas e atividades diferentes como: rotações, problemas, projetos, jogos, *peer instruction* ou times como gamificação, linguagem computacional em *maker* como narrativas multimodais e histórias digitais.

Metodologias ativas dão muito mais trabalho para todos, mas é mais que necessário ensinar os estudantes do século XXI a pesquisar, a trabalhar com vários tipos de materiais, a resenhar, sintetizar, fazer apresentações, a compreender, utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, nas diversas práticas sociais, para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

O mundo, nos primeiros anos do século XXI, torna-se, em função das tecnologias digitais, mais colaborativo. Muito pode ser aprendido, praticado e compartilhado pelas redes sociais e pelos aplicativos de *tablets* e *smartphones*. O desafio é conviver com culturas diferentes nessa sociedade, por isso redefinir os papéis dos professores e dos estudantes na Educação é um problema complexo, aumentar a participação e o engajamento de EnAp e ApEn, arquitetar colaboração e inovação que tragam grandes impactos necessita de uma mudança de comportamentos, sejam eles mais ou menos disruptivos.

Pela análise dos dados coletados, percebo que não é possível uma nova gestão educativa de forma isolada, ela precisa ser reativa e responsiva, com portas abertas, princípios de transparência dos papéis, para fabricar novas ideias, com pessoas de opiniões diferentes, de diversas gerações, com recursos e ferramentas distintos, sem receio de tentar e errar, pois soluções inovadoras surgem dessas práticas de troca e não por ações unilaterais do professor e do coordenador.

Além disso, a era da produção tem se sobreposto à da recepção passiva, portanto a escola deve ser não só o local de desenvolvimento do pensamento crítico e da originalidade, mas também do conhecimento colaborativo e compartilhado, como o que ocorre na cultura digital. É possível obter o uso mais consciente e diversificado da cultura digital e dos processos de checagem de *fake news*. A tecnologia digital pode funcionar como suporte de leitura e escrita, de pesquisa em *sites* de busca, de criação de vários gêneros textuais, em plataformas de conteúdos,

em diversos ambientes digitais, como alguns professores apresentam nas 12 entrevistas temáticas escritas.

Inovação é uma pauta dos mantenedores das escolas e das famílias e as tecnologias digitais têm sido o meio proposto, mas, nessa gestão mais colaborativa de pessoas e de projetos, não tenho dúvida de que o foco deve estar nas pessoas, como engajá-las para participar e executar novos projetos, fazer escolhas, tomar decisões, propor intervenções com impactos positivos para a sociedade e não pensar apenas nas máquinas. Para melhorar os processos educativos, os participantes, EnAp e ApEn, precisam de aproximação, de estabelecimento de relações de confiança, com transparência e espírito de colaboração. Comunicação é fundamental, construir um bom diálogo, para despertar a consciência e mobilizar os ApEn a abrir espaços, para tomada de decisões, com espírito de colaboração para o bem comum é mais do que necessário.

Grandes inovações no mundo e no Brasil passam por uma transformação nas metodologias, mudanças no jeito de pensar e de agir. As Tecnologias Digitais podem contribuir, mas defendo que são as Metodologias Ativas, que vão impactar as pessoas a serem mais colaborativas. Os princípios de participação, ação, reflexão e colaboração são fundamentais, quer seja numa escola que já possui um currículo pensado, a partir de abordagens ativas, em sala de aula, com temas transversais, quer seja numa atividade única, de um EnAp inovador, numa escola tradicional. As tecnologias digitais podem ser o apoio ou não. É possível articular metodologias ativas com ou sem elas, mas o importante é delinear a mudança de foco do professor e do ensino para foco no estudante e na aprendizagem.

Isso não significa que o EnAp terá um papel secundário, mas central, como planejador e organizador, nessa quebra de paradigma, para alinhar as atividades e as propostas junto aos ApEn, aos pais, aos coordenadores e todos os envolvidos no contexto escolar, principalmente, se for algo pontual, numa escola que não está preparada, ainda, para um EnAp que testa coisas novas, cria momentos e ações, com recursos diferenciados, mas sobretudo abre espaços para comunicação, debate e diálogo.

Vejo que a Educação, desse início do século XXI, vai precisar descobrir outros modos de aprender e ensinar, novos modos de desenvolver as competências e habilidades, que criem redes de aprendizagem, que deem sentido de pertencimento aos EnAp e ApEn. A interação entre eles precisa ocorrer em torno da

motivação de ensinar e de aprender de forma cooperada, compartilhando valores, colaborando e cultivando o bem comum. Essa pluralidade de articulações, em que os participantes, em diálogo constante, estreitem vínculos para a construção das pautas educacionais.

Entendo que a centralidade desse processo de mudança deva estar com o EnAp, que precisa oferecer espaços, para o circuito de trocas concretas e afetivas, para que os saberes sejam construídos, a partir de diferentes perspectivas culturais. Essa ação transformadora, ancorada na relação de interdependência entre EnAp e ApEn, poderá funcionar como oportunidade única de troca de saberes.

Também será necessário unir tradição com inovação. Não basta ficar exigindo do EnAp que ele cumpra apenas uma lista de conteúdos, nem que ele utilize tecnologias digitais. O desafio é incorporar competências socioemocionais, com o jovem podendo ser também curador de conhecimento, *design* de aprendizagem, podendo ter a tecnologia digital como complemento, funcionando como recurso didático, em sala de aula, mas, principalmente, oferecendo novos espaços e Multimetodologias que tragam motivação, para os itinerários formativos do EM, por meio de uma matriz de práticas e habilidades, desenvolvidas em cada escola, a partir de suas necessidades específicas.

Educação tem a ver com motivação, embora haja um encantamento atual com inovações tecnológicas, essas inovações acabam ocorrendo mais na escola particular, porque nela há mais recursos e flexibilidade. Em relação ao itinerário profissional, as profissões mais simples estão sendo substituídas por computador, há profissões novas surgindo no século XXI, logo o itinerário técnico do EM pode ter computação, criação de *games*, atividades ligadas à invenção e à inteligência artificial.

Uma escola, com tecnologias digitais, metodologias ativas, com espaço *maker* motiva mais o jovem que uma escola tradicional, que não tem nada disso, só tem aula e livro didático. No entanto, cada projeto de inovação precisa ter uma avaliação dos impactos e medir isso não quer dizer apenas verificar a nota do ENEM. O impacto deve ser na cultura da escola, com resultados mais qualitativos, o melhor é analisar se o colégio está desenvolvendo habilidades socioemocionais, quanto tempo está sendo utilizado para a resolução de problemas, que ações culturais estão contribuindo para a formação do senso crítico, que leituras têm

possibilitado atitude investigativa e caráter reflexivo e que produções de texto têm permitido discutir autoria, originalidade e criticidade.

Os jovens estão conectados o tempo todo, cercados de mensagens falsas, que viralizam nas redes sociais, rapidamente. Como também são produtores de conteúdos, logo precisam refletir sobre os usos da língua e das linguagens e, como leitores, sobre a questão da autoria das informações. Os professores de LP podem ajudar a reconstituir os elementos fundamentais da enunciação. O desafio desse EnAp é defender a participação de todo mundo, em condições de igualdade, nesse mundo fluido, mas com poder de reflexão sobre a língua, sobre as linguagens e sobre as formas de se construir a realidade, em diversos planos da vida social.

É importante que esses professores pensem num trabalho de Educação Linguística de reflexão sobre os temas dos paradoxos, das contradições e das ambivalências do século XXI, para serem discutidos com os jovens, em sala de aula, e também, que os colégios exerçam um currículo que leve em conta a questão da importância das fontes de informação e da reflexão crítica, sobre o que deve ser ou não curtido, comentado e compartilhado nas redes sociais.

O conhecimento é a atividade fundamental para o desenvolvimento e a libertação, é direito de todos e dever das instituições, deve ser construído na escola, partilhado e compartilhado. Por muito tempo, os conteúdos foram vistos como o mais importante, mas também, em outros momentos, como o menos importante na configuração dos conhecimentos habilidosos de um currículo. Entendo que os conteúdos formam as habilidades e também são meios para construir as competências, mas o conhecimento vai além deles e é o que pode possibilitar a melhoria de vida das pessoas.

Para formar espíritos estruturados com saberes básicos, é necessária uma aprendizagem organizada: escolher os temas, organizar, falar, ler, interpretar, escrever, argumentar, entre outros. O progresso tecnológico não significa progresso cognitivo, portanto os recursos digitais podem funcionar como complementos, não como substitutos. O currículo deve ser elaborado e pensado como letramento científico, não adianta apenas trocar velhas práticas por novas tecnologias, ficar absorvendo modismos e novidades a todo o momento, ficar redesenhando a escola para criar um *marketing* de inovação.

Gestão e inovação demandam desenvolvimento de pessoas, não apenas melhoria de infraestrutura, é uma questão de atitude e de postura para motivar EnAp

e ApEn para os novos papéis da educação, na produção do conhecimento da sociedade concreta e da escola desejada. Essa tão sonhada conexão entre a vida e a escola ainda possui tempo para ser construída, afinal, o século XXI está com apenas 20 anos, ainda faltam 80 anos para que o sentido da vida e o sentido da escola possam ser integrados de fato. A certeza que fica é a de que a aproximação entre Educação e Inovação vai além do uso de Tecnologias Digitais, passa, principalmente, pela real integração de conhecimentos acumulados por EnAp e ApEn em suas trajetórias e em seus itinerários de formação social e cultural.

Entendo que é necessário buscar, permanentemente, novas experiências de aprendizado, novas maneiras de ensinar e de aprender. Por meio de Multimetodologias que privilegiem o protagonismo e autonomia dos estudantes. A Tecnologia Digital tem influência na maneira com que as pessoas têm se desenvolvido, com uma possibilidade de romper com modelos e padrões na escola, que não respondem a formação do cidadão da contemporaneidade. Para isso, é importante aproveitar seu potencial interativo, de acesso rápido à informação, de comunicação, de compartilhamento, de uso de diferentes mídias integradas e de redes sociais.

No entanto, se as Tecnologias Digitais servirem para reproduzir, digitalmente, o que já se faz com as práticas tradicionais, elas serão ineficientes. A transformação e a inovação podem vir não só das práticas pedagógicas, mas da cultura escolar, para além dos muros da escola. Para pensar e agir diferente, utilizando Multimetodologias, com maneiras mais ativas e reflexivas de se aprender, os recursos tecnológicos podem contribuir com a transformação da aprendizagem, mas é preciso mais ousadia. Para isso, os estudantes precisam ser desafiados para as habilidades de resolver problemas e criar soluções para promover um mundo melhor. A educação pode tornar as pessoas mais participativas, inovadoras e capazes de proporcionar uma vida mais justa, ética e sustentável para todos.

Participei, de 25 de Setembro a 13 de Novembro de 2018, de três encontros intitulados *O Ciclo de Debates Cultura, Educação e Tecnologias em Debate*, realizado pelas parcerias PUC-SP, Cetic.br, Nic.br, Cgi.br e Sesc⁶¹ A pesquisa TIC Domicílios, realizada anualmente pelo CGI.br, por meio do Cetic, identificou 120,7

⁶¹ Cetic é o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, NIC é o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, CGI é o Comitê Gestor da Internet no Brasil e SESC é o Serviço Social do Comércio.

milhões de usuários de *internet* em 2017, 67% da população, cerca de dois terços dos domicílios localizados em áreas urbanas possuem *internet*, mas a conexão digital chega a apenas um terço daqueles localizados em áreas rurais. O acesso por meio de redes móveis é superior em relação à banda larga fixa nas classes C, D e E, em função do preço da conexão. Isso mostra que as redes digitais vêm crescendo, mesmo de maneira desigual, pois a conexão ocorre com 71% no meio urbano e 44% no meio rural.

O que foi debatido, nesses encontros, é que esse mundo digital poderia contribuir para a atuação do professor, já que, em 2017, 90% dos brasileiros utilizaram o *WhatsApp* e 77%, o *Facebook*, principalmente, porque 45% das pessoas estão entre 16 e 34 anos e publicaram conteúdos próprios, como textos, imagens, vídeos ou músicas. A pesquisa TIC *Kids On-line* Educação 2017 apontou que 87% de escolas públicas e particulares de áreas urbanas solicitam pesquisas na *internet*, no entanto apenas 37% dos alunos da escola pública e 50% dos da escola privada acessam a *internet* de dentro da escola.

A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, aprovada em 2018, reconhece a importância do tema da Tecnologia para a Educação, para preparar os estudantes para a cidadania digital, não apenas como usuários, mas também como produtores para compreender, utilizar e criar tecnologias digitais, de maneira crítica, significativa, reflexiva e ética. A pesquisa TIC *Kids On-line* Educação 2017 trouxe a informação de que, apesar de 95% dos professores solicitarem aos alunos a realização de exercícios, apenas 40% usam o computador ou *internet* quando desenvolvem essa atividade em sala de aula.

A promessa de que a tecnologia digital vai mudar a educação para melhor está expressa em dezenas de empreendedores brasileiros que se aventuram a desenvolver soluções nesse campo, *startups* como *Descomplica*, *Geekie*, *Redação On-line*, *Alura*, *Quadrado Mágico*, *Tamboro* e tantas outras, mas defendo que o professor e os estudantes são e sempre terão papéis centrais para o processo de ensino e aprendizado na escola, que é, por excelência, o espaço de encontro entre gerações distintas.

A pesquisa TIC Domicílios Educação Cultura identificou que a *internet* é mais usada para atividades de leitura, formação e informação pelo ensino superior 81% seguida pelo Ensino Médio 59%, para realização de atividades ou pesquisas ES

62% e EM 41%. O dado que mais chama a atenção é o acesso à *internet* na sala de aula nas escolas urbanas de rede pública 50% e de rede particular 78%.⁶²

É possível ver em São Paulo uma movimentação social, voltada para tecnologias digitais, como vivências, cursos, oficinas e até atividades de lazer. Há também comunicações em congressos científicos, sobre os impactos positivos de uso dos videogames no ambiente educacional, seja do ponto de vista instrumental, seja ponto de vista da produção de *games* como prática pedagógica. Vale ressaltar, no entanto, que cada um aprende de uma forma, produz de uma forma, portanto será necessário pensar num ensino, por meio de caminhos diferenciados e personalizados, mas com a mediação do EnAp, e, para além das tecnologias digitais.

No século XXI, as informações são produzidas e consumidas constantemente, logo as práticas de leitura, escrita, pensamento, aprendizagem também precisam evoluir para que a produção e o consumo não fiquem fragmentados, em função da quantidade de informação, nem a atenção fique dispersa. A possibilidade da comunicação intercultural faz com que os indivíduos não fiquem restritos aos seus próprios contextos, mas para que esse intercâmbio não seja conflituoso, é importante que a escola discuta formas de ensinar, que estimulem o caráter problematizador, de forma tranquila e com mais respeito.

Não adianta apenas equipar a escola, a infraestrutura, utilizar novas ferramentas para desenvolver tarefas antigas. Aprender a participar, ativamente, é uma estratégia para aprender a aprender, ao longo da vida. Os jovens vão precisar viver e conviver em grupos, cada vez mais heterogêneos, aprender a cooperar, bem como ter a capacidade de resolver problemas com empatia, de forma pacífica e democrática diante dos inevitáveis conflitos da vida social.

Apono que, nas práticas escolares, uma oportunidade de aproximação seria o desenvolvimento de um projeto colaborativo de produção, como o que ocorre na *Wikipédia*⁶³, em que todos podem editar, ApEn e EnAp podem produzir e editar textos, em ambiente aberto, acessível ao público; uma oportunidade de praticar a escrita e colocá-la à disposição de outros colaboradores, desenvolver habilidades técnicas e, também, de posicionamentos de caráter ético. Há também outras

⁶² Todas essas pesquisas podem ser consultadas em www.cetic.br

⁶³ *Wikipédia* uma coleção de muitas páginas interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa, bastante prático para a reedição e futuras visitas. Funciona como uma enciclopédia livre que é construída por milhares de colaboradores de todas as partes do mundo.

plataformas de edição textual colaborativa, como o *Google Docs*⁶⁴, um ambiente fechado, que proporciona ao EnAp um acompanhamento contínuo do processo, ao invés de ele receber apenas um produto final. Para os ApEn, essa é uma possibilidade de trabalhar de forma assíncrona, isto é, cada um no momento que preferir.

Destaco que, no século XXI, os jovens já fazem uso de dispositivos eletrônicos para ler e escrever. Portanto, a escola pode incluir o uso de tecnologias móveis para criação de textos, vídeos, áudios, ao invés, de recorrer aos repositórios onde essas mídias já se encontram prontas. Os EnAp podem pensar nas competências e habilidades que desejam para o ensino de LP e usar as tecnologias digitais móveis, que, em parte, a maioria dos ApEn domina tecnicamente e podem construir juntos os caminhos para uma educação que inclua o digital, mas não apenas como ferramenta ou material didático.

Outra possibilidade é criar uma proposta de uma aula, por meio de uma rede social, fazer uma experiência, tentando ver o ApEn como um parceiro, e a aula indo além do espaço físico, com isso, elaborar uma noção diferente de ensinar e aprender. Propor aos ApEn um tema para pensar, pesquisar e depois trocar as informações, por meio de um grupo de discussões, um *fórum* na *internet*, ou criar uma página como espaço de referência, com bibliografia, com textos e materiais de apoio e ir acrescentando as contribuições dos estudantes. Eu não proponho um *site* de escola, nem criação de *sites* educacionais, já existentes na *internet*, mas um espaço virtual de encontro, entre o EnAp e os ApEn, para debaterem além da sala de aula. Entendo que uma conexão permanente pode tornar a construção do conhecimento melhor, mais cooperativa, com intercâmbios, na sala de aula e fora dela, partindo de onde o ApEn está e ir ajudando-o, mostrando que todos podem aprender o tempo todo, transformando a vida num processo permanente de aprendizagem.

Penso que a *internet* e as redes sociais podem ajudar, mas que sozinhas não conseguem ensinar, pois cabe ao EnAp descobrir como gerenciar essa grande quantidade de informações com qualidade. O mundo do século XXI quer

⁶⁴ *Google Docs* é um serviço para *Web* e *Smartphones* que permite criar, editar e visualizar documentos de texto e compartilhá-los. Com a possibilidade de trabalhar *off-line*, o usuário pode criar documentos colaborativos em que cada integrante do trabalho pode acrescentar ideias. É possível definir que tipo de interação terão sobre um documento, como permitir que os usuários editem, comentem ou apenas visualizem o texto.

profissionais ágeis, aptos a dar soluções rápidas aos problemas, capazes de se adaptar às novas tecnologias, logo a escola precisa capacitar o estudante a mobilizar todo seu conhecimento, informações, saberes, habilidades para resolver as situações em seu dia-a-dia. Eu entendo que é fundamental o jovem dominar a leitura, a escrita, resolver problemas, interpretar dados, compreender seu meio social, atuar sobre ele, receber criticamente os meios de comunicação, selecionar melhor as informações, planejar e decidir em grupo as situações. Sobretudo estar sempre disposto a atualizar seus conhecimentos, uma vez que o mundo avança rapidamente e a informação e o conhecimento valem cada vez mais.

Minha sugestão é integrar, de forma colaborativa, ApEn e EnAp, motivando-os a aprender também fora da sala de aula, colocando um tema em discussão e pedindo aos jovens que procurem as informações e possam trocá-las, posteriormente, através das redes sociais. Elas tornaram-se um novo meio de comunicação, mas se não mudarmos os paradigmas convencionais do ensino, de nada adianta. Ensinar com as novas redes só é uma solução, se diminuirmos as distâncias entre docentes e discentes, com um EnAp atento às descobertas, às dúvidas, ajudando, problematizando e incentivando os estudantes. Algumas propostas pedagógicas para isso são criação de *blogger*, comparação entre os *sites* de busca *Blind* e *Google*, criação de *fórum*, *chat*, bate-papo, discussões no *WhatsApp*, produção de conferências, arquivamento de fotos e vídeos no *Flickr* e *Fourshared*, utilização do *YouTube*, recados e dicas via *Twitter*, utilização dos conteúdos multimídia do Portal do Professor do MEC, produções próprias de audiovisuais, portfólios digitais personalizados, jogos e aplicativos e uso de dispositivos móveis como recurso de aprendizagem.

O maior ganho é a motivação e o engajamento, tanto por parte dos EnAp como dos ApEn nessa construção de um ensino colaborativo e de uma aprendizagem colaborativa com uso de tecnologias digitais e metodologias ativas para o desenvolvimento da Educação Linguística. Palma e Turazza (2012) entendem que o EnAp de Língua Portuguesa precisa proporcionar ao ApEn a capacidade de autodesenvolvimento, e, para que os ApEn desenvolvam novas competências, os docentes precisam buscar novos procedimentos e novas estratégias.

A BNCC (Brasil, 2018) reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que o estudante deva dominar o universo digital, sendo capaz, portanto,

de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade. É importante levar também conhecimentos de programação e pensamento computacional para a construção do pensamento crítico, para transformar os estudantes em pessoas mais ativas, criativas e reflexivas, como propostos por Papert (2000), Ackermann (2013), Arceo, Rodriguez e David (2015) e Zapata (2015) na relação entre tecnologia e educação e na interação entre o homem e a máquina.

Os estudantes precisam ser capazes de usar mídias, assim como destaca Pérez Gómez (2015) que afirma que para aprender a se educar, desenvolver qualidades ou competências humanas, será importante dar mais importância às experiências, às relações e aos contextos que à transmissão de conteúdos, dados e conceitos desvinculados das vivências. O EnAp de Língua Portuguesa precisa pensar na educação para ler e produzir textos, para compreensão crítica dos jovens e para que interpretem e avaliem criteriosamente seu consumo das mídias e se tornem produtores com autonomia responsável e ética.

Outra questão é a possibilidade de o EnAp estimular essa produção textual escrita e a ampliação dos letramentos, mas trabalhar com a responsabilidade enunciativa na escrita dessas mídias e desses gêneros. Ribeiro (2016) dedica-se a pesquisar as relações estabelecidas pelos leitores entre os eventos de letramento escolar, ligados à visualização de informação e os eventos ligados ao acesso às mídias e como afetam as habilidades de leitura e produção. Nesse sentido, as propostas de Andersen (2013) funcionam como fonte de inspiração com elaboração de projetos de ensino de EM, com uso de materiais multimídia, como o *software* livre STYKZ para desenvolvimento de animação, o *Movie Maker* para criação de propagandas televisivas, o *software* Vídeo Spin para criação de minidocumentários, o *software Kdenlive* para produção de VLOG, os softwares Diji álbum e *Ncesoft Flip Book Maker* para elaboração de foto livros digitais.

Buzato (2013) utiliza o termo pedagogia da conexão, uma pedagogia que seja capaz de superar a monocronia, a monoespacialidade e o monologismo no processo de ensinar e aprender, que lide com a policronia e a poliespacialidade e compatibilize heterogeneidades (cultural, espaciotemporal, disciplinar). Araújo; Leffa (2016) entendem que as redes sociais se mostram mais fecundas para o florescimento de investigações sobre linguagem e tecnologia. Vejo que uso

pedagógico dessas redes, em sala de aula, pode levar os estudantes a interagirem além da aula e demonstrarem maior autonomia na aprendizagem. Novais (2016) propõe que as interfaces possam fazer parte das aulas de leitura e de produção e que possam ser consideradas como parte das atividades de leitura, de pesquisa na *internet*, de produção de textos digitais, da interação em redes sociais etc. Vejo que as redes sociais são espaços de convivência e de interações verbais, que reconfiguram linguagem e texto e isso não pode ficar fora da escola e das aulas.

Apresento outras propostas práticas de atividades, para ensinar a aprender e aprender ensinando, com o *Snapchat* que é um aplicativo rápido e dinâmico, com uma câmera criada para comunicar o momento, conversar usando adesivos por uma determinada duração de tempo, por apenas alguns segundos, mas é possível tirar *print* de tela, por isso é importante ter cuidado com o que é enviado. A premissa é que, dentro de 24h, a publicação desapareça, daí, há necessidade de estar sempre atento a essa dinamicidade. O EnAp pode criar uma conta para possibilitar interação com os jovens, postando sugestões de livros, lembretes e recados gerais.

Outra opção é o *Instagram*, que é uma rede social em que é possível fazer postagens de fotos, vídeos e *stories* que desaparecem do perfil dentro de 24 horas. É possível o uso de *hashtags* (#) que podem facilitar a busca de palavras-chave no mundo todo e de arrobas (@) em que se pode marcar um usuário na publicação, além de comentar fotos, editar imagens, gravar vídeos ao vivo. O EnAp pode criar uma página para tirar dúvidas, dar dicas rápidas, curtas e contextualizadas com o cotidiano. Uma opção é criar perguntas desafiadoras e enquetes de dúvidas sobre a Língua Portuguesa para que os seguidores postem suas respostas. Outra opção é o ApEn enviar um “*direct*” (mensagem privada), pedindo ajuda ou enviando uma dúvida ou alguma imagem para comentar o uso de determinadas palavras.

Outra ideia é criar um *e-book*, com elaboração da biografia do autor, ilustração, capa e texto. Depois de revisado e corrigido pelos colegas e pelo EnAp, é possível divulgar a obra para amigos e familiares com um dia de autógrafos. Cada ApEn pode ler os livros dos outros colegas, na versão digital ou impressa e tirar fotos de todo o percurso formativo para compartilhar posteriormente.

A utilização dessas redes e mídias sociais pode propiciar o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais, favorecer o debate, os vários pontos de vista, a argumentação sobre diversos assuntos, a manifestação de diversas opiniões para elogiar, criticar, fazer sugestões, cobrar mudanças, lançar campanhas, entre

outros. Máquinas sozinhas não dão conta de formar, a tecnologia por si não resolve os desafios todos, os aparatos podem ser incorporados ao cotidiano escolar, mas com objetivos bem definidos para o que se vai contemplar no percurso formativo do docente e dos estudantes. Considerar que o mundo tecnológico está permeado de textos multimodais e o uso das tecnologias digitais e metodologias ativas podem auxiliar o processo pedagógico, a inclusão de diversas culturas e diferentes linguagens.

Para Masetto (2010), metodologias ativas são situações de aprendizagem planejadas pelo professor, em parceria com os estudantes, que provocam e incentivam a participação e a postura ativa e crítica frente à aprendizagem. Ensino Híbrido de Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015) propõe uma abordagem pedagógica que combina atividades presenciais com atividades realizadas por meio das tecnologias digitais. Uma proposta deles é Modelo de Rotação, em que os estudantes revezam as atividades de acordo com um horário ou orientação do professor.

Essa abordagem pode funcionar bem para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade nos estudantes de Ensino Médio. Na Rotação por Estações, eles são organizados em grupos, cada um realiza uma tarefa. Para organizar as estações de trabalho, é importante ter um cronômetro de tempo visível, entregar um *checklist* para os ApEn, fazer orientações na lousa ou entregá-las impressas, identificar as estações por nome ou por cor, permitir que façam em ordem aleatória, apresentar níveis diferentes de dificuldades e disponibilizar material a ser compartilhado.

Como já comentei, Giles Lipovetsky (2019) propôs um modelo cooperativo inovador, com alunos aprendendo com outros alunos tutores, o que ele chamou de coensino tutorado. O filósofo afirma que, para isso, as novas tecnologias serão úteis, mas não suficientes e que as formações são tudo, menos supérfluas. Para ele, a educação global está no cerne do ideal democrático, a saber: desenvolver as paixões criativas de todos, promover o crescimento de cada um e possibilitar uma bela vida para todos.

É assim que os educadores precisam trabalhar para construir uma verdadeira sociedade humanista. O pensador francês defende um ensino que contemple tanto o saber técnico quanto o desenvolvimento pessoal e a compreensão do mundo, como único caminho possível, para lidar com os problemas da atualidade. Para ele, a

sociedade educativa global deve considerar o desenvolvimento da estima pessoal, o reconhecimento do outro e a integração social. Ele defende a Pedagogia da Sedução e afirma que professores despertam paixão e que esse contato humano não pode ser substituído pelos computadores, nasce dos encontros com obras e com pessoas.

Para aliar a Educação na Era Digital, defendida por Pérez Gómez (2015), com uma Pedagogia da Sedução, proposta por Lipovetsky (2019), eu sugiro as configurações do modelo de Ensino Híbrido, propostas por Bacich; Tanzi Neto; Trevisani (2015), alinhadas às propostas de Masetto (2010), Moran (2018) e Valente (2018). Essas estratégias didáticas de reconfiguração dos espaços de aprendizagem podem oferecer práticas de Personalização de Ensino.

Minha sugestão de Multimetodologias é a integração da Sala de aula invertida, com Rotação por Estações e uma Aprendizagem Baseada em Problemas ou Projetos. Proponho o uso de pensamento computacional e narrativas digitais das pesquisas de Papert (2000), Ackermann (2013), Arceo, Rodriguez e David (2015) e Zapata (2015) e experiências de multimídias e redes sociais, de Andersen (2013), Buzato (2013), Araújo; Leffa (2016), Novais (2016) e Ribeiro (2016) para o desenvolvimento da Educação Linguística, de Palma; Turazza (2012).

Para uma Aprendizagem Personalizada da 3ª série EM, sugiro, partir do Projeto de Vida, gerar um calendário anual, em que cada disciplina, da área de Linguagens e suas Tecnologias: Português, Inglês, Espanhol, Artes, Educação Física, use 01 aula da semana e que elas sejam alternadas, mês a mês. É possível estabelecer também parceria com área/setor de Tecnologias Digitais. Estas são algumas sugestões de objetivos desse projeto: ler, entender, analisar, interpretar, discutir, resolver problemas, produzir textos em diversos gêneros e, com autoria e originalidade, ter iniciativa, diante das novas situações e propor soluções inovadoras.

No século XXI, para o ApEn fazer o próprio trajeto, saber fazer escolhas, selecionar as informações, as fontes, produzir informações com criticidade, saber expressar e respeitar a diversidade de opiniões, os conteúdos podem ser os temas emergentes ou previamente escolhidos, conjuntamente, entre EnAp e ApEn, por exemplo, escolha de carreiras, pesquisa sobre profissões, desafios do presente, perspectivas do futuro, valores do século XXI, pluralidade, justiça social entre outros. Podem ser pelos eixos estruturantes dos itinerários formativos do EM como

Investigação Científica, Processos Criativos, Mediação e Intervenção Sociocultural e Empreendedorismo, ou seja, temas que contemplem os campos de atuação social da BNCC, Campo da vida pessoal, Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa e Campo jornalístico-midiático.

As redes sociais podem funcionar como espaço de ampliação de percepções e serem mediadas pelo EnAp em sala de aula. O ApEn aprende a editar textos, comentar postagens, criticar posicionamentos e criar projetos para encontrar sentido para sua vida escolar. Entendo que, no caso de pesquisa escolar, o EnAp precisa, além de motivar o ApEn a ler e a compreender o que lê, ajudá-lo nas estratégias para a identificação de *sites* e fontes confiáveis, reconhecimento de *links*, URLs⁶⁵, ícones, compreensão de barras de rolagem e menus, avaliação crítica das informações, questionamento das afirmações, uso de inferências, análise da informação não verbal e do leiaute dos ambientes digitais, distinção do conteúdo do *site*, de *banners* e de propagandas apresentadas na página.

Para personalizar, EnAp e ApEn podem escolher os recursos para usar em casa e em sala de aula: equipamentos tecnológicos, computador, *tablet*, *smartphone*, programas de computador, *sites*, aplicativos, jogos, livros, revistas, periódicos, entre outros materiais. Podem escolher diversos espaços ou ambientes de aprendizagem: sala de aula, sala de leitura, sala de artes, sala de esportes, biblioteca, auditório, laboratório de informática, laboratório de idiomas, casa dos estudantes, entre outras opções disponíveis, como parque, auditório e teatro.

É muito importante definir num cronograma, tempo para as atividades em casa e em sala de aula e os papéis dos EnAp e dos ApEn. Sugiro um roteiro de aprendizagem flexível, com atividades para antes, durante e depois das aulas, com vistas a atingir os objetivos pretendidos. Antes das aulas: criar uma questão problematizadora, um problema desafiador e indicar *links*, *podcast*, textos, vídeos colocar no *Google drive* da Turma. Durante as aulas: EnAp e/ ou ApEn podem fazer uma apresentação em formato de história, *storytelling* no *Power Point*, *Prezi*, *Canva* ou outro e podem usar imagens, gráficos *gifs*, *memes*.

Como dito anteriormente, para organizar as estações de trabalho, é importante ter um cronômetro de tempo visível, entregar um *checklist* para os ApEn,

⁶⁵ URL é uma sigla que correspondente às palavras inglesas *Uniform Resource Locator*, que foram traduzidas para a língua portuguesa como Localizador Uniforme de Recursos. Um URL se refere ao endereço de rede.

fazer orientações na lousa ou entregá-las impressas, identificar as estações por nome ou por cor, permitir que façam em ordem aleatória, apresentar níveis diferentes de dificuldades e disponibilizar material a ser compartilhado como: lápis, canetas, cola, tesoura, jornais, revistas, jogos, fones de ouvido, CDs, *pen drive* etc.

Durante as aulas: gerar atividades colaborativas, usando *Jamboard* ou *Miro* (quadro, espécie de lousa, com diversos recursos), *Quiz*, *Mentimeter* para nuvem de palavras, ou mapa mental em equipe ou Questionários com *Google Forms*. Depois, em outros ambientes de aprendizagem, como em casa, na biblioteca, no laboratório: produzir mapas mentais, fluxograma, organograma, linha do tempo, esboço de história em quadrinhos, infográficos, produção textual, sínteses, resumos, relatórios, artigos, carta de apresentação, *curriculum vitae*, vídeos com simulação de entrevista de emprego em português, inglês e espanhol. Para produções colaborativas sugiro *Google Docs*, *Wikipedia* entre outros.

Ao final de algumas das aulas e ao término dos projetos: usar *Padlet* para criar um mural interativo, expor e compartilhar. É possível configurar para permitir reações e comentários de todos. Compartilhar no *Tumblr*, num *blog* ou numa rede social. Para Aprendizagem Compartilhada, sugiro criar um concurso com as produções finais (vídeos, jogos, narrativas) com votação de todos os ApEn do Ensino Médio, no final do ano letivo, se possível num auditório ou teatro. EnAp e ApEN sempre avaliando as aulas, dando *feedback*, indicando materiais e provocando mais desafios para as próximas aulas. Os objetivos da aula foram atingidos? O que não funcionou? Qual o próximo desafio?

Outras sugestões para utilização durante o ano letivo: *Edmodo*: plataforma que possibilita que os docentes vejam trabalhos de outros. *Google Docs*: compartilhamento de arquivos e construção colaborativa de conteúdos. *Scratch*: plataforma de programação para animações e *games*. *Vimeo*: site de compartilhamento de vídeos. *Toondoo*: site para criar quadrinhos. *Issu*: plataforma para revistas virtuais. *PBLU*: plataforma para metodologia com projetos.

Cada colégio precisa discutir o pré-projeto, no ano letivo anterior, no entanto, o projeto definitivo, mas flexível, precisa ser discutido com os ApEn no início do ano. O propósito da Educação Integral é oferecer oportunidades para que o ApEn se desenvolva em suas múltiplas dimensões, construindo, gradualmente, sua autonomia, que ele empreenda a construção do seu projeto de vida. O desenvolvimento socioemocional tem relação direta com a concretização de projetos

de vida, tais como a continuidade dos estudos após a Educação Básica, a empregabilidade e outras variáveis ligadas ao bem-estar da pessoa, como a saúde e os relacionamentos interpessoais.

Para isso, é essencial superar a fragmentação do conhecimento em disciplinas. Por meio da integração curricular, é possível apresentar uma visão clara dos avanços que se pretende promover na aprendizagem. Nessa perspectiva, a organização curricular em áreas de conhecimento, o uso intencional das Tecnologias Digitais, a proposição de projetos de Educação Linguística e as práticas de Metodologias Ativas de ensino e de aprendizagem funcionam como possibilidades para o desenvolvimento integral dos ApEn.

Considerações Finais

Desafios Educacionais Atuais e Futuros do Ensino de LP

O tema desta Tese é o estudo do processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa, em aulas presenciais, por meio de Metodologias Ativas e Tecnologias Digitais, no Ensino Médio do século XXI, na perspectiva da Educação Linguística.

Ao trazer os pressupostos da EL do GPEDULING e das Metodologias Ativas no capítulo 1 foi possível responder à questão 3- Quais benefícios que as Metodologias Ativas podem proporcionar para o desenvolvimento da Educação Linguística? Para verificar em que medida essas Metodologias Ativas podem beneficiar ou não com o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, foram elaboradas a questão 7 do Questionário Semiaberto *On-line* e a questão C da Entrevista Temática Escrita para atingir o objetivo específico 3- Refletir sobre Metodologias Ativas que favoreçam o desenvolvimento da Educação Linguística.

Com as referências teóricas sobre Tecnologias Digitais no capítulo 2, foi possível responder à questão 1- As Tecnologias Digitais contribuem para o processo de ensino e de aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio? Para verificar em que medida essas Tecnologias Digitais podem contribuir/ ou não com o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, foram elaboradas a questão 5 do Questionário Semiaberto *On-line* e a questão B da Entrevista Temática Escrita para atingir o objetivo específico: 1-Verificar em que medida as Tecnologias Digitais contribuem para o ensino e a aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio.

Ao trazer no capítulo 3 O Estudo de Caso como uma das Estratégias da Pesquisa foi possível responder a questão 2- Quais conhecimentos os professores de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI? Para verificar esses conhecimentos que os EnAp de Língua Portuguesa precisam ter para as aulas presenciais no século XXI, foram elaboradas a questão 8 do Questionário Semiaberto *On-line* e a questão D da Entrevista Temática Escrita para atingir o objetivo específico 2- Buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas presenciais no século XXI.

Considero ter atingido esses objetivos e referendado minha hipótese de que o conceito de Inovação na Educação deveria passar pelo protagonismo do ApEn, pela inserção da tecnologia digital, que faça sentido na prática pedagógica, mas,

principalmente, pelo desenvolvimento profissional do EnAp e pelo pensamento estratégico para o bem comum e humanizador da sociedade. Constatei que o contexto escolar deve preparar o jovem para o mundo real, para o que ele vai precisar de fato, por isso é importante pensar em metodologias ativas para as aulas presenciais, que as transformem num momento mais instigante e desafiador e tornem a prática de sala de aula mais inovadora e dinâmica. Constatei também que práticas relevantes são as que possuem, por princípio, o aprender fazendo e sentindo, integrando tarefas autênticas do mundo real e que precisam, ao final, serem compartilhadas, como algumas propostas sugeridas no capítulo 5.

O envolvimento entusiástico apareceu, com frequência, no estudo de caso feito no Externato Rio Branco, nos contextos de aprendizagem cooperativos, que estimulam os ApEn às tarefas relevantes, com conteúdos sugestivos, que abordam problemas significativos para a vida do ApEn e do EnAp, por meio de programas e métodos flexíveis, que permitem a originalidade de todos. Eu concluí que a chave para estimular a participação dos ApEn está relacionada aos EnAp envolvidos que ali trabalham, especialmente, a EnAp Lucia Helena, de Língua Portuguesa. Portadora de empatia, ela consegue se conectar aos estudantes, a fim de inspirar e enriquecer a vida de cada um deles e cuidar do desenvolvimento singular dos projetos de vida de todos os jovens.

Considero que a função docente é ensinar o estudante a se educar, para que eles se construam como sujeitos autônomos, utilizem as melhores ferramentas oferecidas pela contemporaneidade, desenvolvam inovação, saibam resolver problemas e criem soluções éticas para a comunidade a que estão inseridos. Concluo que o entusiasmo pelo conhecimento precisa ser demonstrado pelo docente, para que ele provoque os estudantes a investigar, questionar conhecimentos, valores, atitudes, mas acima de tudo agir com ética.

O compromisso de Lucia Helena, para com o desenvolvimento de seus ApEn, foi explicitado nas suas práticas e estratégias, para além de ser especialista em Língua Portuguesa, a professora demonstrou ser especialista na capacidade de criar e configurar novos contextos de aprendizagem, por meio de seu compromisso pelo conhecimento e sua necessidade por ajudar a aprender. Ela consegue atrair atenção de seus ApEn, faz com que se conectem a seus conhecimentos prévios e entusiasma-os a buscar novas descobertas. A EnAp nem mesmo se furta a ser também aprendiz, no século XXI, para lidar com problemas complexos, em

contextos reais, como os ocorridos no período de aulas remotas, ocorridas durante a quarentena, provocada pela pandemia. Embora a professora não tenha uma relação mais efetiva de utilização de tecnologias digitais, ela tenta buscar as aplicações delas no processo de ensino e de aprendizagem.

O ensino híbrido no futuro será não apenas uma opção, mas uma etapa obrigatória das aulas para as escolas. Algumas já possuíam espaços tecnológicos, mas continuavam planejando aulas, tentando simular uma vida real, com salas colaborativas, onde os ApEn trabalhassem juntos, em mesas coletivas, mas depois fizessem provas individuais. A tecnologia digital, nesses casos, era usada apenas para garantir aulas “inovadoras”, mas, por meio das câmeras, continuar o comando e o controle dos professores sobre as atividades discentes.

Entendo que o Externato Rio Branco, em 2020, está tentando conciliar a tradição e a inovação, preparando os ApEn para um futuro imprevisível, pautados pelo conhecimento, pela tecnologia digital e pelos valores com o pensamento crítico, autônomo, ético e responsável. Lucia Helena tornou a aprendizagem mais significativa, para que seus ApEn sigam aprendendo ao longo da vida, com o mesmo entusiasmo de antes. Constatei, em seus relatos publicados nas redes sociais, durante a pandemia, que há sinais dos quatro pilares da UNESCO: saber aprender, saber fazer, saber conviver, saber ser. Em contrapartida, durante as aulas remotas, parte das escolas que já vinha ensinando de uma forma tradicional, com pouco envolvimento e participação dos estudantes, continuou reproduzindo esse mesmo padrão.

Busquei subsídios teóricos nos capítulos 1 e 2, nos conceitos de Educação Linguística, Metodologias Ativas e de Tecnologias Digitais que foram os pressupostos teóricos escolhidos para essa pesquisa. Depois, demonstrei os avanços nos conceitos de Letramento, Letramento digital, Multimodalidade, pois identifiquei, em diversos autores, novos modos de ler, buscar informações e produzir textos, por fim, discuti, principalmente, o uso de Metodologias Ativas em pesquisas e experiências dentro e fora do Brasil. Cheguei ao conceito de Educação Digital que propõe uma escola educativa, com indivíduos autônomos e capazes de desenvolver o próprio projeto de vida. Por meio de projetos pedagógicos reais, comprovei que o uso de multimídias digitais contribui para as aulas de Língua Portuguesa e propicia espaços coletivos de interação entre EnAp e ApEn.

Coletei dados, enviando questionário semiaberto *online*, em grupos de pesquisadores Capes do *Facebook* e obtive 53 respostas que demonstraram a preferência dos professores pelas novas metodologias. O que foi constatado nas 12 entrevistas temáticas escritas, enviadas por *email* e *WhatsApp*, é que a maioria dos professores utiliza mais as tecnologias digitais que as metodologias ativas. No entanto, não há muita clareza dos professores, em geral, quanto ao trabalho com uso de tecnologias digitais para levar a uma educação crítica e transformar o aprendizado.

Quando passei a fazer a observação das aulas, no Externato Rio Branco, pude verificar que estavam conseguindo ver o potencial efetivo das tecnologias digitais nas aulas de Tecnologia, mas constatei também que, ao utilizarem contextos mais participativos, colaborativos e interativos, como nas aulas de Robótica, possibilitavam aulas com enfoque mais crítico e pluralista. Usando ou não das tecnologias digitais, as aulas e projetos do colégio motivavam tanto os EnAp como os ApEn.

A partir dessas constatações, consegui me dedicar mais, no capítulo 5, ao objetivo 2- Buscar conhecimentos que tornem mais significativas as aulas presenciais no século XXI, propondo ideias que possam auxiliar os professores, no desenvolvimento da Educação Linguística. Pude atingir esse objetivo, refletindo sobre a aproximação entre Educação e Inovação, relacionando essas ideias às informações propostas pela BNCC. Cheguei à proposta de um Letramento Didático-pedagógico que passasse a utilizar várias combinações de metodologias ativas, com uso de tecnologias digitais móveis. Além disso, cheguei à conclusão de que os EnAp e os ApEn precisam ser desafiados para as habilidades de resolver problemas, criar propostas para promover um mundo melhor e proporcionar uma vida mais justa, ética e sustentável para todos.

Entendo que o objetivo 2 de buscar sugestões foi possível em função, principalmente, do estudo de caso, desenvolvido no Externato Rio Branco. Constatei que, com ou sem uso de tecnologias digitais, mas com predisposição afetiva, em processos participativos, com projetos negociados em consenso, um professor, como Lucia Helena, com suas metodologias de engajamento e uma diretora com envolvimento entusiástico é possível propiciar inspiração para que os estudantes cuidem do desenvolvimento singular dos seus projetos de vida. Isso confirmou ainda mais minha hipótese de que para inovar e engajar os estudantes e professores, no

processo educativo, o uso das metodologias ativas pode ser mais eficiente que a mera inserção de tecnologias digitais na construção do conhecimento e na reflexão sobre o que ensinar e como aprender.

A tecnologia móvel mudou alguns aspectos na vida das pessoas, como uso de *Waze*, *Google Maps*, *Uber*, *Youtube*, *Ifood*, entre outros aplicativos surgidos nos últimos 10 anos, algumas escolas, diante disso, estão repensando as metodologias e práticas pedagógicas, uma vez que a maneira de interagir com as pessoas tem se modificado. No século XXI, as pessoas têm se irritado com coisas lentas e o nível de paciência tem diminuído em relação a tudo que não ocorre num clique, como o que ocorre no acesso às tecnologias digitais. Essas tecnologias são estimulantes, pois é possível acessar andando e fazendo uma série de outras tarefas ao mesmo tempo, o que pode impactar e afetar alguns mecanismos, como os problemas da atividade alternada proporcionada pelos celulares e *tablets*. Essa multitarefa pode comprometer o foco, a capacidade de solucionar problemas e de pensar mais profundamente.

O momento de criação dos adolescentes, das habilidades de atenção focada, pode ficar enfraquecido, dificultar o estabelecimento de relações entre ideias e a compreensão de mundo. Quanto mais os jovens teclam, menos eles conversam oralmente, o que pode afetar a habilidade de comunicação, a capacidade de escutar e modular a interação para além da fala. Isso pode gerar diminuição da empatia e da inteligência emocional. Há, com o uso excessivo de tecnologias digitais, um aumento de miopia e obesidade, diminuição de criatividade em crianças e jovens, pois brincar, interagindo com objetos e pessoas, não tem sido tarefas muito frequentes. Os pais, com receio do ócio, querem ver os filhos entretidos o tempo todo, privando-os dos jogos simbólicos, de ficarem ensimesmados para que possam pensar e criar a própria identidade.

Os pediatras têm feito recomendações médicas, como, crianças até 2 anos, nunca usarem TV e celular; as de 3 a 5 anos, usarem no máximo por uma hora, com conteúdos de qualidade e com acompanhamento; as de 6 a 10 anos não terem computador no quarto e, em qualquer idade, usar com limites de tempo. *Smartphones* só a partir de 13 anos e nunca levarem para o quarto, além disso, os pais precisam discutir as regras de comportamento ético, para o uso construtivo e saudável. A família deve apoiar senhas abertas ou conhecer as senhas, fazer uso de bloqueios a

conteúdos impróprios, como as regras de segurança e ensinar os filhos a bloquearem quando perceberem riscos.

Para a criação das regras, é importante a discussão sobre o uso de tecnologias digitais: o que, onde, quando e quanto usar. O comportamento dos adultos, quanto ao uso de tecnologias digitais, está interferindo também no emocional dos filhos. Algumas famílias estão perdendo a chance de fazer treinos sociais e possibilitar interações, fazer acordos, explicar cuidados com excesso de fotos, estipular horários para uso. Já há tecnologias como *Forest* para *Android* e *Moment* para *IOS* que avisam quando as pessoas ficam muito tempo no celular. As instituições educacionais também devem ter diretrizes para o uso, conversas sobre pesquisa, fontes confiáveis, questão dos direitos autorais. Já há indícios de que o uso excessivo, equivocado e fora de contexto tem gerado essa dependência tecnológica. No entanto, há jogos digitais que têm sido utilizados para ajudar na saúde mental, como a depressão, entre outros casos, mas, não basta jogar, é necessário ter um projeto de discussão e debates para que a contribuição seja efetiva. Há alguns benefícios do uso de jogos em crianças e adolescentes, para além do divertimento, como cooperação, criatividade, foco atencional, orientação espacial e solução de problemas.

Para que se caracterize a dependência de jogos digitais, deve haver um padrão persistente de uso, junto à perda de controle, mais a prioridade de se jogar, que leve a um prejuízo em relação a outras atividades. Mais do que prevenir e proteger as crianças e os jovens é importante discutir os temas, quanto aos riscos do uso, que não seja ético e responsável das tecnologias digitais. O papel da escola e da educação é o de constituir conhecimentos e valores de forma interativa, em função das trocas constantes e da diversidade de culturas, de origem e de situações familiares. A BNCC tem como possibilidade deslocar a prática para ação, na elaboração de *scripts*, que retomem o gosto pela prosa e pelo sentir. Corpo e mente na integralidade para trazer o ser humano para o centro da cena. O uso das competências gerais da BNCC, amarradas a questões específicas e conectadas com os problemas sociais de cada realidade, podem fazer os jovens refletir e pensar como resolver essas questões, tornando-se atores ativos. Dessa forma, a escola estará exercendo o papel de promotora de oportunidades, mas para isso, é necessário formar os educadores para as habilidades específicas de cada realidade.

As transformações necessárias para implementação da BNCC passam pela necessidade de convidar todos para essa discussão: família, gestores, EnAp e ApEn. A BNCC, um documento de 600 páginas, traz sugestões e orientações, mas, ao colocar em prática, é que os professores poderão ver o que funciona e o que não funciona para transformar a escola em algo mais vivo. Concordo que, assim como cada escola é responsável por elaborar o currículo, a autonomia didática do EnAp também precisa ser respeitada, pois a BNCC não é o currículo nem o plano de aula. Para isso, é necessário diálogo e troca entre as pessoas envolvidas nos saberes e fazeres humanos, para a reconfiguração do ensino, não só com a exposição do EnAp, mas com a proposição de ação para os ApEn.

Entendo que crianças e jovens, dependendo da região, possuem interesses específicos, então, é importante mobilizar ações para a participação e interação de todos, com mudança numa avaliação formativa, mais centrada no ser humano. Essa é uma das inovações da BNCC, os direitos de aprendizagem, organizados por campos de experiência, por meio de um conjunto de experiências e saberes, conhecimentos sociais e culturais, colocando o estudante no centro. Isso não significa tirar o protagonismo do professor, mas que ele apoie a aprendizagem e seja o provocador das descobertas. Vejo que cabe ao professor disponibilizar instrumentos e contextos. O Ensino Médio tem o desafio de elaborar a proposta pedagógica, por eixos estruturantes, uma vez que propõe a Flexibilização, com, no máximo 1800 horas, com componentes obrigatórios e, no mínimo 1200 horas, para os itinerários formativos. Cada escola precisa pensar nos propósitos, objetivos, metas, estratégias para melhorar seus resultados e cabe aos gestores criar tempos e espaços para formação dos professores na escola, por meio de um calendário de atividades, com pautas e temas de formação, bem como momentos para compartilhamento de experiências eficazes.

Observo que todos têm uma memória do Ensino Tradicional, centrado no professor, com o estudante, reproduzindo em provas, a aprendizagem conquistada, mas as novas gerações, da era digital, estão, a todo o momento, compartilhando nas redes sociais. O ensino e aprendizagem terão que levar isso em conta. As metodologias ativas podem contribuir de maneira prática, sem necessidade de muito investimento, uma vez que podem ocorrer no formato analógico (em oficinas *maker*) ou digital (em salas tecnológicas). Cada EnAp pode desenhar e conectar diferentes

teorias que sejam condizentes com o perfil da escola e dos ApEn dela. Para isso, os gestores precisam criar um espaço para a discussão e o debate, sobre a melhor forma de desenhar e arquitetar a própria prática. Desenvolver projetos para empatia, originalidade e solução de problemas vai além da escolha dos ambientes de aprendizagem, é necessário um educador crítico, criativo e ético para formar um estudante crítico, criativo e ético.

A escola contemporânea, voltada para uma formação humana, precisa valorizar os potenciais criativos, o que supera a simples inclusão de tecnologias digitais. Considero que a mudança na maneira construir conhecimento é o principal para a inovação, perceber novas possibilidades de conhecer e produzir novos conhecimentos, para avançar as fronteiras do saber. Inovar vai além dos muros da escola, está na busca de soluções para atender a realidade social. Entendo, ainda, que a escola sempre foi um espaço social, no qual jovens vão para encontrar amigos, e que a tecnologia digital, é mais do que uma ferramenta, é uma linguagem.

No entanto, as pesquisas indicam que a *internet* tem sido utilizada nas classes A e B mais para estudo e trabalho e nas classes C e D mais para entretenimento e socialização. Diante disso, percebo que a escola precisa discutir o que perguntar e em que acreditar diante das redes sociais, isto é estabelecer critérios para o uso constante e consciente, o EnAp precisa gerir e reger o valor e o desvalor da tecnologia digital, *internet* e redes sociais. Considero que elas não são nem problema, nem solução, não devem ser rejeitadas nem idolatradas, podem ser vistas como um legado e uma evolução.

No século XXI, não adianta mais o estudante copiar e repetir ideias, mas ir para a escola para criar junto, recriar, cooperar. Para isso, o EnAp precisa entender que o ensino precisa ser um espaço para pensar, perguntar, inspirar. Nessa perspectiva, o EnAp pode orientar e guiar para mostrar o que é relevante para cada um, envolver os ApEn para descobertas, para que eles sejam pesquisadores, em tempo integral, no decorrer de suas vidas, uma vez que eles já estão conectados e constroem conteúdos fora da escola. O EnAp não precisa transmitir informação o tempo todo, ele pode propor a pergunta, o desafio e estimular o debate para que os estudantes sintam vontade de enfrentar e mudar o mundo. Para isso, os jovens precisam ter critério, aprender a selecionar a informação, a conviver com a tecnologia digital, mas com regras e com foco. Se, hipoteticamente, o EnAp tiver 30

estudantes e propuser que cada um escreva uma página na *web*, numa plataforma, uma vez por semana, ao final de um mês, serão 120 páginas construídas com desenvolvimento de conteúdos. É importante que o professor tenha em mente que a cada turma nova, ele também tem algo a aprender com ela.

Entendo inovação como resolução de problemas por meio do diálogo, do debate de ideias, da construção conjunta dos currículos, para amadurecimento de ambos, EnAp e ApEn. A concepção do estudante como centro da aprendizagem pode permear o projeto da escola como um todo, com espaço *maker*, sala de aula invertida, aprendizagem por projetos e ensino híbrido. O problema que, no século XXI, Metodologia Ativa transformou-se em mercadoria, estratégia de *marketing*. Outro problema é que, por vezes, o uso das tecnologias digitais, apenas, reproduz e perpetua modelos pedagógicos antigos centrados no professor. Não são as tecnologias digitais que vão modernizar a escola e torná-la mais inovadora, há um problema que oscila entre discursos messiânicos e visões reducionistas, mas elas não vão nem salvar nem reduzir o ensino e a aprendizagem. Vejo que é o professor que pode ampliar as possibilidades pedagógicas de colaboração entre os estudantes, para a ampliação do ensino e da aprendizagem e não os aparatos digitais.

Ensinar e aprender não significa só acertar e errar. Educação precisa de reflexão, de diálogo, de processos criativos e, para isso, a arquitetura da escola também favorece a aprendizagem, com espaços diversos. Os ambientes podem ajudar no envolvimento dos ApEn e podem contribuir para a transformação das práticas. Por meio de desafios e problemas da vida em sociedade, todos podem desenvolver as potências do pensamento crítico, estimular a curiosidade, a criação, a inovação e a ação reflexiva de modo equânime.

A inteligência artificial, na segunda década do século XXI, permeia, praticamente, todos os setores da economia, da ciência e da sociedade. Ela está transformando a maneira como as pessoas se comunicam, trabalham, consomem, cuidam da saúde, programam as férias e pesquisam. A grande maioria dos recentes avanços provém do processo denominado *Deep Learning* (Aprendizado Profundo), inspirado no funcionamento do cérebro, também conhecido como "redes neurais". Quando alguém consulta o *Google*, são os algoritmos de Inteligência Artificial que selecionam a resposta personalizada, assim como são eles que recomendam filmes e músicas na *Netflix* e no *Sportify*. Essa inteligência está na *Amazon*, no *Waze*, na

seleção do que é publicado no *feed* de notícias de cada usuário do *Facebook* e do *Instagram*.

A questão a refletir é a necessidade de o EnAp discutir com os ApEn esses processos dos algoritmos a que estão submetidos, o tempo todo, nas redes sociais, no *YouTube*, nos *Smartphones*, em mensagens de texto, em dados de geolocalização, nas gravações telefônicas, nas mídias, nas fotos digitais e nos arquivos de áudio e vídeo. Os discursos intolerantes presentes nas redes sociais, bem como o conceito de pós-verdade indicam a necessidade de se trabalhar na escola a crença que os destinatários têm de que os dados que encontram parecem verdadeiros. Por fim, mostrar como eles podem identificar o que não deve ser repassado e a importância de perceber a verdade dos fatos e a verdade dos textos, daí a necessidade de se discutir com os estudantes procedimentos de interpretação a análise linguística.

Os jovens são influenciados pelas bolhas manipuladoras e, isso afeta a vida social e política de todos, então, é importante o EnAp mostrar que é necessário repertório para relatar, registrar e interpretar os pontos de vista das informações na *internet*. Essa tarefa nem sempre é fácil, há agências controladoras que tentam filtrar o que é verdadeiro ou não, mas a Educação pode contribuir para que os estudantes cresçam em termos de conhecimento e pensem mais antes de expor pontos de vista, tenham mais ética ao curtir, comentar e compartilhar nas redes sociais. É fácil criar e espalhar *fake news*, mas há consequências, por vezes, difíceis de serem corrigidas.

Ainda há a necessidade de discutir com os ApEn alguns procedimentos importantes, como a pluralidade de fontes e a checagem, já que a transparência e a responsabilidade podem contribuir para a identificação da veracidade dos fatos e ajudar a lidar com as notícias falsas. As plataformas estão mudando as regras para os usuários, os jornalistas estão melhorando a checagem, algumas leis estão sendo pensadas para criminalização, mas, aos EnAp, cabe a educação para ensinar a não cair nos boatos da *internet*. Isso passa pela verificação da fonte, do autor, da data, entre outros critérios para identificar as más e as boas práticas digitais.

Outra reflexão possível é sobre a escrita digital e suas características, de ser heterogênea e interativa, de possuir uma comunicação mais intensa, mais direta, mais espontânea e, por vezes, mais sintética. O EnAp de Língua Portuguesa pode discutir com os ApEn a questão de a escrita digital ser simultânea à produção, e

que, em suas conversas tecladas, podem ocorrer transgressões ao uso da Língua, uso de escritas hieroglíficas e ideogramáticas, com intenção de gerar ironias ou de criar ambiguidades. Há também presença de oralidade e criatividade lexicais, hesitações, repetições, truncamentos, ortografias fora dos padrões, mas com alguns desvios aceitos nessa conversação escrita. Outra questão é a possibilidade de o EnAp estimular essa produção textual escrita e a ampliação dos letramentos, mas trabalhar com a responsabilidade enunciativa na escrita dessas mídias e desses gêneros. As redes sociais são espaços de convivência e de interações verbais, que reconfiguram linguagem e texto e isso não pode ficar fora da escola e das aulas.

Durante a quarentena, em função da pandemia, muitas pessoas fizeram *live* com uso de *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* para interagir, houve convívio sócio-intelectual com transmissões em tempo real com palestras, *shows* e cursos. No entanto há relatos de problemas com algumas escolas, no uso excessivo da transmissão de conteúdo, com pouca interação, pouca experimentação e originalidade. Além disso, houve desigualdades sociais entre as escolas e classes sociais quanto à infraestrutura em relação às plataformas, aplicativos e soluções digitais. Devem surgir, futuramente, pesquisas científicas sobre esse momento educativo e sobre o momento posterior pós-pandemia de retorno físico ao ambiente escolar. Não era meu objetivo nessa tese discutir esse assunto, mas foi impossível deixar de observar esse movimento todo de ensino remoto emergencial.

O uso dessas mídias e redes sociais pode propiciar o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais, favorecer o debate, os vários pontos de vista, a argumentação sobre diversos assuntos, a manifestação de diversas opiniões para elogiar, criticar, fazer sugestões, cobrar mudanças, lançar campanhas, entre outros, mas máquinas sozinhas não dão conta de formar. A tecnologia digital por si não resolve os desafios todos, os aparatos podem ser incorporados ao cotidiano escolar, mas com objetivos bem definidos para o que se vai contemplar no percurso formativo do docente e dos estudantes. É importante considerar que o mundo tecnológico está permeado de textos multimodais e o uso das tecnologias digitais pode auxiliar o processo pedagógico, mas não substituí-lo.

Para além do uso de tecnologias digitais e redes sociais, a escola pode inovar nos cenários, com ambientes diversos, nas experiências, com aprendizagens significativas, mas, principalmente, nas relações pessoais estabelecidas em toda comunidade escolar, entre as gerações digitais e não digitais, para desenvolver

tanto a compreensão crítica, a interpretação e avaliação criteriosa do consumo de mídias como a produção com autonomia e responsabilidade ética. O EnAp de Língua Portuguesa precisa pensar na Educação Linguística para ler e produzir texto, para compreensão crítica dos jovens e para que interpretem e avaliem, criteriosamente, seu consumo das redes sociais e se tornem produtores com autonomia responsável e ética.

Para criação e planejamento de um projeto, o EnAp precisa definir um problema central, formular uma questão, planejar atividades, elaborar um cronograma. Para desenvolver um projeto, é importante incentivar os ApEn, envolver a turma, mantendo diálogos e trocas colaborativas. Para monitorar e avaliar, é aconselhável o professor registrar o desenvolvimento, observar a motivação e o interesse, ver as contribuições dos estudantes para a construção do conhecimento e avaliar a necessidade de alterações no projeto inicial. Para encerrar o projeto, é imprescindível refletir sobre as aprendizagens adquiridas, avaliar se foram atingidos os objetivos, mas, sem dúvida, divulgar os resultados obtidos.

A conclusão é que o que fará mesmo a diferença serão as pessoas e a convivência delas por diversos meios, bem como a colaboração e o compartilhamento de aprendizagens. Professores despertam paixão e esse contato humano não pode ser substituído pelas tecnologias digitais. Para ensinar e aprender com motivação e engajamento é necessário o encontro com seres humanos, num ensino cooperativo, EnAp ensinando e aprendendo e ApEn aprendendo e ensinando, desenvolvendo competências que envolvam conhecimentos (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber ser), para que o centro da proposta formativa privilegie as dimensões intelectual, física, emocional, social e cultural, temas que continuarei pesquisando.

Referências bibliográficas

ACKERMANN, Edith. *Programming for the natives: What is it? What's in it for the kids? Tecnologias, Sociedade e Conhecimento*, v.1, n.1. Nov/2013. Disponível em: www.nied.unicamp.br/ojs/index.php/tsc/article/view/114/102 Acesso em: 27/3/2016.

ANDERSEN, Elenice Larroza (org.) *Multimídia digital na escola*. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (orgs.). *Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1.ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2016.

ARAÚJO, Nucácia. A Avaliação de objetos de aprendizagem para o ensino de Língua Portuguesa: análise de aspectos tecnológicos ou didático-pedagógicos? In: ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Nucácia. (orgs.). *EaD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp.179-207.

ARCEO, Frida Díaz-Barriga; RODRÍGUEZ, Fernando Soto; DAVID, Adolfo Díaz. ACTORES DEL CURRÍCULO: los estudiantes universitarios reflexionan sobre su trayecto curricular através de relatos digitales personales In: *Currículo sem Fronteiras*, v.15, n.3, p.626-644, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/arceo-rodriguez-david.htm> Acesso em: 06/6/2016.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando Melo. (org.). *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, Lilian; Moran, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Org. Dionísio, Angela Paiva; Hoffnagell, Judith Chambliss. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - *Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5/1/2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio +: Orientações Educacionais Complementares*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2002.

BRASIL. Ministério de Educação. *Base Nacional Comum Curricular, de 14 de Dezembro de 2018*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20/12/2018.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Tecnologia, Espaciotemporalidade e educação: contribuições do estudo sobre novos letramentos para uma reflexão sobre EAD e Universidade no Brasil. In: ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Nucácia (orgs). *EaD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp.25-48.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CINTRA, Anna Maria Marques Cintra; PASSARELLI, Lilian Maria Guiuro. *Leitura e Produção de textos*. São Paulo: Blucher, 2011.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL- CETIC. (2017). *Pesquisa TIC Domicílios*. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/aceso-a-internet-por-banda-larga-volta-a-crescer-nos-domicilios-brasileiros/> Acesso em: 20/10/ 2018.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL- CETIC. (2017). *Pesquisa TIC Educação*. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/40-dos-professores-declaram-ja-ter-ajudado-alunos-a-enfrentar-problemas-ocorridos-durante-o-uso-da-internet-aponta-pesquisa-do-cetic-br/> Acesso em: 20/10/ 2018.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Coleção Linguagem e Educação. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, Carla Viana (ORG.). *Tecnologias para aprender*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp. 61-80.

CRYSTAL, David. *Language and Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

DELORS, Jacques. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. UNESCO/ MEC: São Paulo: Cortez, 1999.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher.(orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. SP: Parábola Editorial, 2011, pp.137-152.

DOLZ, Joaquin; SCHNEUWLY, Brossard. Os Gêneros Escolares- Das práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2007, pp.71-91.

FARAH, Nívea Eliane. *Proposta de desenvolvimento da Produção Textual na perspectiva da Educação Linguística - para além do ENEM*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*. 5.ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPOVETSKY, Giles. *Palestra O imperativo de uma educação global: tecnologias e realização pessoal*. São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação SESC- SP, 2019. Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/o->

[imperativo-de-uma-educacao-global-tecnologias-e-realizacao-pessoal](#) Acesso em: 30/10/ 2019.

LOMAS, Carlos Garcia. A Educação Linguística e Literária e a aprendizagem das competências comunicativas. *In: O Valor das palavras (I) Falar, ler, escrever nas aulas*. Porto, Portugal: ASA Editores, S.A., 2003, pp.13-24.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação Pedagógica e o Uso da Tecnologia. *In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Maria Aparecida. - Novas Tecnologias e Mediação pedagógica. Campinas. SP: Papyrus, 4.ed. , 2001, pp.133-173.*

MASETTO, Marcos Tarciso. *O Professor na Hora da Verdade*. São Paulo: Avercamp, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise dos gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010 [2005].

MCLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. 18.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MORAN, José Manuel. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando Melo. (org.). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015, pp.27-45.

MORAN, José Manuel. Metodologias Ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (org.) Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018, pp.01-25.

MORIN, Edgar. *Os 7 saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVAIS, Ana Elisa. Experiências genuinamente digitais e a herança do impresso: o que ajuda na interação com as interfaces gráficas. *In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (orgs.). Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo, Peirópolis, 2010.

NOVAIS, Ana Elisa. Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura. *In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). Tecnologias para aprender*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, pp.81-84.

NÓVOA, António. (org.) *Vida de professores*. 2.ed. Porto: Porto Editora, 2000.

PALMA, Dieli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva; NOGUEIRA JÚNIOR, José Everaldo. Educação linguística e desafios na formação de professores. *In: BASTOS, Neusa Bastos. (org.) Língua Portuguesa: lusofonia-memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

PALMA, Dieli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva. Formação de professores e interdisciplinaridade na perspectiva as educação linguística. *In: BASTOS, Neusa Barbosa. (org.) Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo: EDUC, 2012, pp.145-164.

PALMA, Dieli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva. Educação Linguística: reinterpretações do ensino- aprendizagem por novas práticas pedagógicas. *In: Educação Linguística e o ensino de Língua Portuguesa: algumas questões fundamentais*. São Paulo: Terracota, 2014, pp.23-61.

PAPERT, Seymour. *Logo: Computadores e Educação*. Tradução de VALENTE, José Armando; BITELMAN, Beatriz; RIPPER, Afira Viana. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAPERT, Seymour. *What's the big idea? Toward a pedagogy of idea power*. IBM SYSTEMS JOURNAL, VOL 39, NOS 3&4, 2000. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20060721210942/http://www.research.ibm.com/journal/sj/393/part2/papert.pdf> . Acesso em: 29/5/2016.

PÉRES GÓMEZ, Angel I. *Educação na era digital- a escola educativa*. Tradução Maria Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualização, multimodalidade e mídias no ensino de Português. *In: RIBEIRO, Ana Elisa et al (orgs). Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo, Peirópolis, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais: leitura e produção*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RIO BRANCO, Externato. Diversas publicações digitais. *In: Site Oficial*. Disponível em: <https://www.rbranco.com.br> Vários Acessos em: 2019 e 2020.

RIO BRANCO, Externato. Diversas publicações digitais. In: Facebook Oficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/externatorio Branco> Vários Acessos em: 2019 e 2020.

ROCHA, Henrique Martins; LEMOS, Washington de Macedo. *Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento*. In: SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 9, 2014. Anais. Rio de Janeiro: SIMPED, 2014. Disponível em: <http://www.aedb.br/wpcontent/uploads/2015/05/41321569.pdf> Acesso em: 12/5/2018.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *A cognição cognitiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três Gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VALENTE, José Armando. *Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida*. Educar em Revista, Curitiba, n. 4, pp. 79-97, 2014.

VALENTE, José Armando. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel. (org.) *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018, pp.26-44.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Letramento digital e ensino*. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos.htm> Acesso em: 18/9/2016.

YIN, Robert . *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi- 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAPATA, Ros Miguel. *Pensamiento Computacional: una nueva alfabetización digital computacional*. 2015. Disponível em: <http://www.um.es/ead/red/46/zapata.pdf> Acesso em: 04/6/2016.

Apêndice

Questionário semiaberto on-line para professores de LP

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI.

Termo de Consentimento livre e esclarecido

Dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário dessa pesquisa, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah e Professora Doutora Dieli Vesaro Palma, do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade e estar ciente de que:

1- Esta pesquisa pretende verificar em que medida as tecnologias digitais e as metodologias ativas podem favorecer ou não o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa.

2 - Durante a pesquisa será apresentado um questionário com 08 perguntas semiabertas para avaliação. O tempo estimado de resposta é de 10 minutos.

3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

4 - As respostas a esses instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo.

6 - Meus dados pessoais poderão ser mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah, sempre que julgar necessário, pelo número (11) 99112-7664 ou nivea10@uol.com.br

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

1- Você autoriza o uso de suas respostas, sem identificação pessoal, para fins estatísticos?

Sim

Não

2- Você é a favor do uso de tecnologias digitais nas aulas de Língua Portuguesa?

Sim

Não

Não tem opinião

3- Você utiliza tecnologias digitais em suas aulas?

Nunca

- Raramente
 - Às vezes
 - Muitas vezes
 - Sempre
- 4- O colégio em que você leciona oferece subsídio para que você trabalhe com tecnologias? Por exemplo: internet, computador, lousa digital ou laboratório de informática.
- Sim
 - Não
 - Não, mas levamos material tecnológico próprio.
- 5- Você considera que o ensino precisa acompanhar as tendências tecnológicas que atraem os estudantes?
- Sim
 - Não
 - Nem sempre
- 6- Você considera que as metodologias tradicionais de ensino, como o livro didático ou o sistema de ensino apostilado são eficazes na Educação do século XXI?
- Sim
 - Não
 - Nem sempre
- 7- Você utiliza metodologias diferenciadas de ensino, como projetos interdisciplinares, seminários, sala de aula invertida?
- Sim
 - Não
 - Nem sempre
- 8- Em sua opinião, o que falta para o processo educativo ser mais eficaz no século XXI? Selecione as opções que julgar necessárias.
- Interesse dos docentes em aperfeiçoar seus planos de ensino
 - Interesse dos estudantes pelas aulas
 - Investimento tecnológico por parte dos mantenedores dos colégios particulares
 - Utilização de tecnologias digitais
 - Adoção de metodologias de ensino diferenciadas

Entrevista temática escrita para professores de LP

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI.

Termo de Consentimento livre e esclarecido

Dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário dessa pesquisa, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah e Professora Doutora Dieli Vesaro Palma, do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade e estar ciente de que:

1- Esta pesquisa pretende verificar em que medida as tecnologias digitais e as metodologias ativas podem favorecer ou não o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa.

2 - Durante a pesquisa será apresentada uma entrevista com 04 perguntas abertas para avaliação. O tempo estimado de resposta é de 20 minutos.

3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

4 - As respostas a esses instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo.

6 - Meus dados pessoais poderão ser mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah, sempre que julgar necessário, pelo número (11) 99112-7664.

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

- A) Se você autoriza a divulgação do nome completo, cite-o, caso contrário mencione não autorizo a divulgação de meu nome. Descreva-se em relação à titulação acadêmica, seu tempo de magistério e o nível em que está atuando no momento dessa pesquisa.
- B) Relate se você utiliza tecnologias digitais nas suas aulas de Língua Portuguesa como computador, tablet, celular, lousa digital, entre outros aplicativos e softwares. Como você vê o uso dessas tendências tecnológicas?
- C) Comente a sua posição sobre as metodologias tradicionais de ensino, o livro didático ou sistema de ensino apostilado e descreva se utiliza metodologias diferenciadas de ensino, como projetos interdisciplinares, seminários, sala de aula invertida, entre outros.
- D) Explique, em sua opinião, o que falta para o processo educativo ser mais eficaz no século XXI.

Narrativa escrita da professora

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI.

Termo de Consentimento livre e esclarecido

Dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário dessa pesquisa, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah e Professora Doutora Dieli Vesaro Palma, do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade e estar ciente de que:

1- Esta pesquisa pretende verificar em que medida as tecnologias digitais e as metodologias ativas podem favorecer ou não o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa.

2 - Durante a pesquisa será solicitada uma narrativa escrita. O tempo estimado é de 30 minutos.

3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

4 - As respostas a esses instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo.

6 - Meus dados pessoais poderão ser mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah, sempre que julgar necessário, pelo número (11) 99112-7664 ou nivea10@uol.com.br

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Reconstitua os acontecimentos e situações mais importantes de sua vida, tentando encontrar coincidências no plano social e profissional, busque como referência acontecimentos e situações que tiveram um caráter relevante, em termos de formação profissional, em relação às metodologias de ensino e uso de tecnologias. Identifique as motivações e os desafios da carreira, na formação inicial e na formação contínua, as continuidades (repetições), as rupturas (inovações), as coincidências no tempo e no espaço e as mudanças de interesses e de preocupações, advindas da inserção de tecnologias digitais e novas metodologias no ensino e na aprendizagem.

Narrativa oral da diretora

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de investigar a influência das tecnologias digitais e das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa no século XXI.

Termo de Consentimento livre e esclarecido

Dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário dessa pesquisa, sob a responsabilidade das pesquisadoras Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah e Professora Doutora Dieli Vesaro Palma, do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Assinando este Termo de Consentimento, declaro ter 18 anos ou mais de idade e estar ciente de que:

1- Esta pesquisa pretende verificar em que medida as tecnologias digitais e as metodologias ativas podem favorecer ou não o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa.

2 - Durante a pesquisa será solicitada uma narrativa oral. O tempo estimado é de 30 minutos.

3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

4 - As respostas a esses instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental.

5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo.

6 - Meus dados pessoais poderão ser mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Mestra e Doutoranda Nívea Eliane Farah, sempre que julgar necessário, pelo número (11) 99112-7664 ou nivea10@uol.com.br

9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Relate, oralmente, suas experiências como diretora e conte como o colégio foi sendo afetado pelas transformações ocorridas, do século XX para o século XXI, em relação ao surgimento de tecnologias digitais e de metodologias diferenciadas de ensino e de aprendizagem.

Anexo

Entrevista 1

A- Autorizo a divulgação de meu nome: Jeyza Andrade de Medeiros. Tenho licenciatura em Letras, especialização em Língua Portuguesa e mestrado, em andamento, no Programa de Língua Portuguesa na PUC-SP. Sou professora de Língua Portuguesa há 10 anos, atuo nos 6º e 7º anos e na EJA, Educação de Jovens e Adultos.

B- O uso das tecnologias digitais faz parte da minha prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa. O uso do computador é praticamente diário em minhas aulas, uma vez que cada aluno possui o seu próprio notebook ou chromebook, itens que fazem parte do material escolar do aluno a partir do 7º ano, desde 2017. Neste ano, 2019, o computador tornou-se material também do 6º ano, ou seja, no ensino fundamental 2 e no ensino médio os alunos possuem seu próprio equipamento.

A escola aderiu ao Google for Education, dessa maneira utilizamos os ambientes de aprendizagem Google, como Classroom, utilizado para a realização de atividades, lições de casa, atividades formativas. Também é muito utilizado o Google Docs nas produções de texto, dessa maneira, as correções são realizadas no próprio documento de maneira on-line. Utilizamos também o Google Formulários para elaboração de atividades formativas e até avaliações formais.

Os alunos do 6º e 7º anos não são autorizados a usar o celular na escola, a partir do 8º ano já podem levar o celular, mas não são utilizados como ferramenta pedagógica, a não ser que o professor solicite. As salas de aula do Ensino Médio possuem lousa digital e são utilizadas, mas nos demais segmentos ainda são utilizadas as lousas brancas.

Entendo que o uso dessas tendências tecnológicas já faz parte do cotidiano de muitas escolas e não é reversível, ou seja, professores, alunos e pais precisam se adaptar ao uso da tecnologia na sala de aula.

Os professores são fundamentais nesse processo, pois os alunos, embora nascidos em meio à tecnologia, muitas vezes não conseguem utilizá-la em prol do aprendizado. É necessária uma curadoria do conteúdo e orientação de como lidar com as informações e os ambientes de aprendizagem para que os alunos possam compreendê-lo como a nova sala de aula.

C- Considero que as metodologias tradicionais não devem ser descartadas, mas incorporadas à tecnologia, o que já vem acontecendo com os livros didáticos. O sistema apostilado não sobreviverá a onda das aulas on-line. Em minhas aulas utilizo a sala de aula invertida, aulas por estações de trabalho e produção de texto colaborativa em ambientes virtuais. Além disso, utilizo a plataforma Guten News para a leitura e compreensão de textos da esfera jornalística com atividades gamificadas.

D- Considero que para o processo educativo mais eficaz no século XXI é necessária a formação e a valorização dos professores, incluindo nos cursos de licenciatura disciplinas ligadas às novas tecnologias educacionais. Os estágios dos

professores em formação deveriam englobar a prática em sala de aula e a teoria e a prática no uso das inovações tecnológicas educacionais.

Sinto que o professor tem que ser um profissional de alta performance, dar conta do conteúdo, utilizar novas tecnologias, planejar aulas com metodologias diferenciadas, dar conta dos alunos de inclusão, ser eficaz na elaboração das avaliações. São muitas exigências e pouca valorização, por isso entendo que é preciso reconhecer os professores, destacar o trabalho realizado e valorizar cada vez mais profissão, seja com melhores salários, condições de trabalho e com seus direitos preservados.

Entrevista 2

A- Renata Ferreira Munhoz. Pós-doutora em Língua Portuguesa – Filologia e Linguística Histórica. Atuo há 15 anos como professora de Língua Portuguesa. No momento, trabalho na Educação Básica, com os segmentos do EF2 e EM.

B- Sim, utilizo computador, celular, lousa digital e chromebook. Enxergo todas essas tecnologias digitais como ferramentas úteis de trabalho. No entanto, não as vejo como indispensáveis. Creio que o mais importante para uma aula de excelência ainda seja um bom planejamento.

C- Emprego, em concomitância, os materiais em suporte papel/impresos (livros didáticos adotados pelo colégio e caderno do aluno) e tecnologias tidas como emergentes.

Como metodologias ativas de ensino, emprego jogos, Google Classroom e uso práticas de sala de aula invertida. Por exemplo, de maneira natural, como uma tarefa de casa, os alunos preparam conteúdos previamente à explicação e, com isso, têm uma prática autônoma de aprendizagem no modelo da sala de aula invertida.

Projetos interdisciplinares são úteis quando não são forçados, ou seja, quando os conteúdos e práticas culminam para produtos comuns em diferentes disciplinas. Isso porque, via de regra, temas norteadores são impostos e, ao invés de contribuir para o desenvolvimento da disciplina, acabam por desviar o foco da aprendizagem efetiva para outras metas, como a montagem de um livro/cartaz, por exemplo.

Penso que não se deva dar ênfase às metodologias em si perante os alunos, mas adotá-las como partes necessárias (mas sempre flexíveis e adaptáveis) do processo de ensino-aprendizagem.

D- Creio faltar ainda a conscientização da importância do papel do professor como o mediador precípua do conhecimento. Enquanto os colégio e faculdades investirem mais em tecnologia e em materiais didáticos do que no profissional da Educação, teremos um sistema falho. Mais do que adaptar os currículos às ricas propostas de trabalho por habilidades e competências da BNCC, deve-se repensar a valorização da prática educacional com seus agentes. Destacar o aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem não deve significar descartar o professor, desvalorizando-o como profissional. Não faltam exemplos de nações que

alcançaram desempenhos melhores na Educação apenas quando investiram em seus professores. Em suma, os seres humanos devem ser tidos como protagonistas da formação escolar nos ensinamentos básico e superior. Afinal, são eles quem manejarão, de maneira mais ou menos adequada, as metodologias e ferramentas educacionais.

Entrevista 3

A- Prof^a M.a. Claudia Aparecida Morgado Soares. Mestra em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formada em Letras, Pedagogia e pós-graduada em Gestão Educacional e em Didática do Ensino Superior. Leciono há quatorze anos e atualmente ministro aulas no curso de graduação em Pedagogia e em uma escola de ensino médio, ambas as instituições são privadas.

B- Utilizo geralmente o computador, o data show, o celular e o Ipad em várias aulas tanto no ensino superior, quanto no ensino médio. Na faculdade é muito comum ouvir as críticas dos alunos quanto ao acesso e utilização das novas tecnologias na educação. Os educandos compreendem a necessidade da inserção desses recursos, mas são mais receptivos às aulas expositivas e tradicionais, criticando muitas vezes a sala de aula invertida em que eles se tornam os protagonistas do aprendizado. Já no ensino médio os estudantes são mais abertos ao uso das novas tecnologias como prática diária durante as aulas.

Diante dos dois cenários em que atuo, é evidente como os alunos culturalmente estão acostumados com a explicação dos educadores, sentem-se mais seguros quando observam que as aulas possibilitam as anotações e discussões a partir da introdução e da explanação do professor. Apesar dos estudantes no colégio gostarem bastante das práticas metodológicas por meio das tecnologias digitais, alguns alunos também solicitam aulas expositivas quando estão com dificuldades em alguns conteúdos.

C- Considero importante às práticas de ensino tradicionais, porque percebo o quanto os educandos sentem-se seguros com as explicações expositivas dos professores. Para eles é como se não houvesse aula se o professor não explicasse a matéria. Os livros didáticos contribuem como um apoio ao docente e aos discentes, para que esses últimos possam ler os conteúdos e revisá-los quando necessitam de esclarecimentos. No entanto, os sistemas apostilados não são muito explicativos, devido ao grande número de exercícios que apresentam e são muito dinâmicos quanto às mudanças de conteúdo. Como respeitamos a individualidade dos estudantes, é importante observar o tempo de assimilação de cada um, para compreender que nem todos e principalmente os alunos de inclusão não conseguem acompanhar a dinâmica desses materiais, que a cada dois meses necessitam ser concluídos para que novas apostilas sejam entregues aos estudantes. Sendo assim, alguns tópicos são trabalhados superficialmente e não asseguram o domínio dos estudantes em todos os temas abordados.

Diante das novas metodologias de ensino em que possibilitam o protagonismo dos alunos, também sou bastante adepta, porque acredito que contribuam para o progresso dos educandos, principalmente nas atividades desenvolvidas durante os projetos interdisciplinares e nas pesquisas elaboradas

pelos alunos, os quais são capazes de aprimorar os conhecimentos com autonomia, partilhando com a equipe os avanços alcançados.

D- Parece-me muito difícil às famílias aceitarem que algumas práticas educativas tradicionais eram positivas ao ensino e que podem ser adotadas nas escolas particulares. Assim como, vários gestores educacionais não compreendem que a mescla de alguns conteúdos e disciplinas com a utilização das novas tecnologias do ensino e as aulas expositivas com a utilização da lousa trariam benefícios aos estudantes, ou seja, nem as escolas que somente utilizam a lousa asseguram um ensino de qualidade, nem os colégios que adotaram as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) em todas as aulas, conseguiram garantir uma educação de excelência aos educandos. Desta forma, a junção de ambas as estratégias complementariam as metodologias de ensino e contribuiriam com o estudo dos alunos com mais facilidade ou com menos habilidades tecnológicas.

Entrevista 4

A- Posuo Especialização em Literatura. Também tenho certificações do Google, sendo Educador Nível 1. Ministro aulas desde 2015 e atuo no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

B- Tenho bom relacionamento com as tecnologias digitais e, nos colégios onde trabalho, tenho infraestrutura para utilizar os diversos dispositivos tecnológicos. Vejo, mais do que como tendência, uma prática para as salas de aula. O uso das tecnologias, creio, deve ser mais naturalizado junto dos alunos, mas sem perder de vista o olhar didático do ensino.

C- O sistema apostilado engessa um pouco o trabalho do professor, mas, como trabalho com Literatura, o processo não incomoda, pois ainda há liberdade. Para o ensino em sala de aula, costumo utilizar as ferramentas tecnológicas e trago a interdisciplinaridade no cotidiano das aulas, mas novamente como característica da área trabalhada.

Meus alunos costumam fazer seminários e aulas invertidas, bem como conferência sobre Obras Literárias, com orientação por grupo para apreensão e desenvolvimento das relações com a leitura crítica.

D- Para mim, compreender de modo mais claro as práticas e a aplicabilidade diante dos alunos, considerando melhor a faixa etária, o nível socioeconômico e o aprofundamento conceitual e das habilidades. Sinto uma certa falta de compreensão nesses critérios na maior parte das vezes. Não há problemas as diferentes metodologias, métodos e práticas, desde que não sejam colocadas de uma maneira impositiva a ponto de desconsiderar o aluno como foco da sequência de ensino.

Entrevista 5

A- Márcia Silva Pituba Freitas. Sou doutoranda em Língua Portuguesa, Mestre em Língua Portuguesa, Especialista em Linguagens da Infância, graduada em Português/Inglês e Português/Espanhol e Bacharela em Direito. Leciono em nível superior desde 2016. Por conta da bolsa, não leciono atualmente.

B- Sim, sempre utilizei power points entre outros aplicativos ou recursos digitais. Tudo o que leve o aprendente a se interessar pelas aulas e que dê também um tom diferente, eu penso ser válido em sala de aula. Gostaria de destacar que vale o equilíbrio. Tudo na medida funciona, sem exageros. Os componentes digitais podem e devem ser utilizados como acessórios e não como elementos primordiais da aula, ainda vejo ensinante e aprendente como principais e essa relação que se constrói aula a aula.

C- Confesso que venho me afastando um pouco do tradicional, mas não o eliminei. Há situações e situações... Investir em seminários, projetos e metodologias ativas é ótimo, mas há aprendentes que precisam ser vistos em suas peculiaridades e, muitas vezes, o tradicional precisa vir à tona para dar um suporte tanto ao ensinante quanto ao aprendente. Como já disse anteriormente, o equilíbrio deve ser resguardado. Até mesmo por que, é necessário haver material de estudo, o aprendente precisa escrever e etc e não se deve prescindir de livros, apostilas, listas de exercícios, entre outros. Desenvolvo uma atividade de seminário que guarda em si os fundamentos dos Letramentos: leitura, oralidade e escrita. Assim, torna-se necessário pesquisar, ler, estudar, elaborar power points e apresentar. É juntar o tradicional com a tendência, tudo em equilíbrio.

D- Acredito que a partir da didática que ora se apresenta atualmente, materiais, tecnologia e etc, o que falta talvez seja mais empenho de uma das partes ou das partes envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Nunca se teve tanto acesso a informações e formas de se construir conhecimento. Creio que, na educação, vivemos uma era de ouro, mas que ainda não foi reconhecida como tal. Outras questões também interferem no processo educativo, por exemplo, muita permissividade dos pais, aprendentes que não respeitam como deveriam seus ensinantes e o uso da tecnologia exagerada por parte dos aprendentes são alguns pontos que podem ser levados em consideração e poderiam servir para ensejar uma reflexão: em que medida isso interfere na eficácia do processo educativo do século XXI?

Entrevista 6

A- Helen Regina Alario – 28 anos de magistério – Coordenadora Pedagógica da rede privada – professora no Governo Estadual de SP e professora da rede municipal de SP – mestra em Língua Portuguesa pela Universidade de SP – graduada em Letras pela PUC-SP.

B- Faço uso de todos os poucos recursos de que a rede pública dispõe: no estado não dispomos de nada, então uso o celular dos alunos, todos possuem. Na prefeitura, temos apenas um laboratório com poucos PCs para uso em duplas ou trios. Na particular, não estou em sala de aula, mas todos os alunos dispõem de Ipad e fazemos uso cotidiano de diferentes aplicativos. Na minha opinião, o uso das tecnologias é um caminho inexorável, fértil e muito bem recebido pelos alunos e professores. Falta, entretanto, formação na área. Nas escolas privadas, tal formação caminha em passos lentos, na rede pública é praticamente inexistente.

C- Todas as metodologias são complementares e não se excluem. As metodologias ativas e a sala de aula invertida, por exemplo, sempre foram utilizadas por mim e por muitos colegas, desde antes de tomarem destaque no meio acadêmico. A gameficação, por exemplo, sempre fez parte do cotidiano de nossas aulas. Entendo que fui privilegiada nesse aspecto, por ter companheiros que aceitavam os desafios de organizar jogos gramaticais em tabuleiros ou em parceria com os professores de Educação Física, por exemplo. Talvez essa não fosse uma prática que abrangesse a maioria das práticas para aprendizagem. Vale ressaltar que a tecnologia está facilitando e ampliando possibilidades, mas que as metodologias ativas não são dependentes dela e podem coexistir com livros, apostilas tanto impressos quanto digitais. O que não posso deixar de comentar é que não há metodologia que apresente resultado sem um conhecimento do especialista. Explico melhor com um exemplo da minha área de conhecimento: somente um professor de Língua Portuguesa com domínio das necessidades e especificidades de cada turma poderá planejar com eficácia as metodologias adequadas para a aprendizagem pretendida. Claro que também é imprescindível a troca de experiências, o trabalho colaborativo, mas sem abrir mão do conhecimento específico, capaz de vislumbrar o ponto de partida e o de chegada pretendido.

D- Esta pergunta é impossível de ser respondida de forma breve, mas tentarei. Aprecio os pensamentos de Edgar Morin em seu livro *Os sete saberes necessários para a educação do século XXI*, todos os sete precisam ser considerados. Uma mudança cultural no sistema de aprovação e avaliação, uma mudança no sistema de ingresso nas universidades, um acompanhamento rigoroso pelo MEC no que tange aos cursos de licenciatura e a valorização da carreira do professor em sua totalidade, principalmente financeira, representam ponto de partida para essa discussão. Não vislumbro nenhuma discussão séria e transformadora de fato que não esbarre nessas questões. Não pretendo, com esse comentário, mostrar uma visão pessimista, a qual não caracteriza o modo como penso a educação. Ao contrário, em décadas de profissão, tenho muito relato positivo sobre o processo educativo e o saudosismo não me cabe, entretanto, qualquer discussão de não aponte para a valorização da profissão em um país capitalista equivalerá a tomar chá de erva doce para pneumonia.

Entrevista 7

A- Adriana Menezes Felisbino. Sou doutoranda. Trabalho no magistério com registro em carteira desde 1996 (23 anos). Atualmente, trabalho com o 9º ano do EFII (aula de Redação) e o Ensino Médio (aula de Gramática e Redação).

B- O uso das tecnologias na sala de aula está cada vez mais acentuado, muitas vezes quando o professor vai propor o uso de uma ferramenta/ software para a realização de uma atividade, os alunos já sabem utilizar o recurso, o professor só determina como será desenvolvida a atividade. Eles se envolvem mais para desenvolver a atividade. Atualmente, eles gostam muito de fazer vídeos, então se o professor vai propor uma releitura de uma obra ou uma análise, pode pedir a

atividade por meio de um vídeo, porque antes de gravarem o vídeo, montam roteiros, fazem edições, montam entrevistas.

C- As metodologias tradicionais não atendem mais ao tipo de aluno que temos atualmente. Em alguns momentos, os alunos pedem explicações mais técnicas, mas não aguentam mais aquelas aulas expositivas de uma ou duas horas. Apesar de adotar livro didático, o próprio projeto da escola valoriza projetos interdisciplinares, focalizando o protagonismo do aluno, e é nesse modelo em que eu acredito. Em geral, eu penso minhas aulas sempre em dois momentos: um, em que apresento o assunto que irei tratar, o objetivo da aula, o meu objetivo com aquela atividade, e um segundo momento, de modo mais dinâmico com uma discussão, a produção de um roteiro para uma peça teatral, a produção de um mapa conceitual, um debate regrado, por exemplo.

D- Acredito que faltam duas ações importantíssimas: formação de professor e planejamento. Com relação à formação de professores, porque eles precisam entender que não é para dar a mesma aula tecnologicamente. O professor tem de mudar o modo como a aula tem de ser pensada. Ele quer trabalhar a argumentação na produção escrita usando a tecnologia, pode criar um *twitter* para os alunos produzirem comentários sobre um assunto atual, propondo que um dos critérios para que o tweet seja aceito é a argumentação fundamentada. Quanto ao planejamento, entendo que para trabalhar com projetos interdisciplinares, não basta querer e dizer que se está trabalhando interdisciplinarmente se só conversou uma ou duas vezes com os pares. É preciso trocar ideias, planejar, planificar, para que se possa ter um produto final.

Entrevista 8

A- Não autorizo a divulgação de meu nome. Tenho mestrado em Língua Portuguesa, trabalho como professora de português há 17 anos. No momento, ministro aulas do 6º ao 9º anos do Fundamental II, em rede particular.

B- Nas salas de aula, uso computador em quase todas as aulas e celular uma vez por semana. Nas aulas de correção de exercícios de análise linguística são trabalhadas também as habilidades de produção de respostas. Normalmente, utilizo o Word e projeto com Data show o processo de produção de respostas coletivas, com a participação dos alunos e intervenção minha. Os alunos costumam contribuir bastante e mostram satisfação ao verem suas respostas ou parte delas materializadas na correção.

Uma aula na semana é intitulada recuperação contínua, e nela se trabalha o conteúdo do dia ou da semana já trabalhado com os alunos. Nessas aulas, uso um recurso da internet disponível no site www.kahoot.com. Trata-se de um *site* em que é possível o professor elaborar *quiz* anteriormente e durante a aula jogá-los com os alunos, via celular deles. Costumo elaborar o *quis* com repostas possíveis e erradas, e os alunos escolhem a alternativa correta de acordo com o que responderam nos exercícios. Trata-se de um recurso que estimula a participação dos alunos, mas preciso cuidar para que eles realmente verifiquem se erraram e esclareçam dúvidas,

pois há casos de alunos que se envolvem com o jogo, mas não com o conteúdo dele.

C- O livro didático tem uma estrutura muito afastada do que a dinâmica de aula com os alunos atuais exige. A elaboração de exercícios e sua correção— mesmo que esta seja feita de forma variada (duplas ou grupos, verificação de gabarito, jogos ou exposição pelo professor) — não envolvem os adolescentes no aprendizado se forem regulares. Procuo utilizar outros ambientes de trabalho além da sala de aula, como sala de trabalho em grupo e sala *maker*, com atividades que permitam a transposição de conhecimentos da disciplina para produtos extralinguísticos. Como exemplo, posso citar a produção de maquete que reproduza a cena de um conto ou a elaboração de um cartaz que mostre conceitos de classe de palavras. Os alunos podem escolher o material que quiserem, disponível na sala, para elaborar os trabalhos. Também utilizo trabalho interdisciplinar, em que a língua portuguesa entre como instrumento.

D- Acredito que uma das necessidades para a eficácia do processo educativo neste século seja estimular a percepção dos alunos quanto à necessidade de se saber ler e produzir textos. Urgem programas e livros didáticos que priorizem o ensino de língua portuguesa como base para trabalhos interdisciplinares.

Entrevista 9

A- Autorizo a divulgação dos meus dados, desde que em absoluta consonância com a pesquisa científica ora em desenvolvimento. Sou Professor de Língua Portuguesa, com Especialização em Literatura, em Língua Portuguesa e em Magistério do Ensino Superior, além de Mestrado em Língua Portuguesa. Até 2012, mantive por mais de dez anos atuação docente em vários níveis de ensino, desde o Ensino Médio, passando por cursos pré-vestibulares e, finalmente, em cursos de formação técnico-profissional. A partir de 2013, passei ao exercício docente de Língua Portuguesa no Ensino Superior, o qual exerço até o momento.

B- Muito temos debatido nas reuniões pedagógicas e nos encontros de planejamento didático acerca das tecnologias digitais como recursos importantes para garantir uma Educação contemporânea de qualidade. Ao observarmos algumas das estratégias (por exemplo, 7.12, 7.15 e 7.20) do Plano Nacional de Educação (PNE), verificamos que elas preconizam o acesso de alunos e professores a tecnologias digitais e à internet, como um caminho para serem promovidas práticas pedagógicas inovadoras e ganhos na aprendizagem dos alunos em todos os níveis da Educação Básica. Em minha instituição de ensino, a Administração tem envidado esforços no sentido de incentivar o experimento de novas formas de ensinar que aproximem a realidade das novas gerações, com vistas a tentar oferecer aos alunos uma formação integral, além de buscar reforçar a imagem de uma instituição de vanguarda. Inicialmente, buscou-se motivar o corpo docente, para que este buscasse se atualizar tecnicamente quanto à proposta institucional de criação de ambientes mais modernos de aprendizagem, a partir do uso de alguns recursos já disponibilizados na internet, em conjunto com aqueles já encontrados em poder dos alunos. A escola passou a complementar cada uma das disciplinas com o conceito

de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Tenho utilizado, além do já bastante conhecido Moodle, o Google For Education, que contempla em sua plataforma produtos, tais como e-mail e agenda compartilhada, os quais contribuem sobremaneira para melhorar a Educação, tanto em sala de aula quanto na casa do estudante.

Após a efetiva implantação, a maioria dos docentes, professores experientes, passaram a questionar se, de fato, houve melhora no desempenho dos alunos. Do meu ponto de vista, penso que algumas das pequenas mudanças no local e, especialmente, experimentar diferentes ferramentas e recursos tecnológicos na educação, contribuíram enormemente para o engajamento dos estudantes na dinâmica de aula, angariando-se, em face da “novidade”, talvez, um aumento da atenção e do interesse da maioria das turmas pelos temas desenvolvidos em aula.

No momento, constato que a tecnologia implementada passou a permitir ao professor melhor contextualizar o conteúdo que está sendo desenvolvido, de modo a ampliar a efetiva visualização de um caso prático e a suscitar diferentes perspectivas para a resolução de problemas específicos de cada disciplina. Com a vantagem de fazer tudo isso com a informação atualizada, em tempo real na internet: uma grande manifestação em via pública, um massacre num presídio pode ter sua motivação debatida no mesmo dia ou, nos dias seguintes, o que assaz contribui para inserir o estudante no debate social e, em uma aula de Produção Textual, por exemplo, desenvolver senso crítico e de argumentação, em plena consonância com a vida real do estudante, tanto social quanto acadêmica.

Observa-se, ainda, que este novo paradigma educacional, com base na inserção da tecnologia no ambiente escolar, pode proporcionar uma educação mais inclusiva, vez que pode vir a ampliar a autonomia de estudantes portadores de deficiência ou de problemas de aprendizagem, ajudando-os a superar limitações e a desenvolver potenciais.

Finalmente, do ponto de vista da gestão educacional – Direção, Coordenação –, a tecnologia digital ali implantada passou a permitir a geração de dados estatísticos, os quais podem ser utilizados pelos professores para verificar o desempenho individual, tanto de cada turma quanto de cada aluno. A análise desses dados pode proporcionar aos profissionais de educação um planejamento de ensino mais adequado a cada turma e, no limite, a cada estudante.

C- Quando participamos de qualquer curso de atualização em Educação ou de qualquer evento acadêmico sobre a temática das metodologias de ensino, o lugar comum é o de crítica às metodologias tradicionais de ensino, de modo a ser preconizado, universalmente, que deve ser o estudante o ator central no processo ensino-aprendizagem (no meu ver, “processo de ensinagem”, conforme apreendemos com Anastasiou). Em nossa ação docente, pautada na realidade que vem sendo possível desenvolver, vislumbramos um ensino que, em seu processo efetivo, tem buscado promover a junção da educação tradicional com o uso da tecnologia; uma tentativa de conquistar a personalização do ensino, conciliando-se, assim, o uso do livro didático físico com a utilização de ferramentas digitais, em aulas presenciais. É fato, sobretudo dentre as escolas privadas que observamos no

cotidiano de nossos colegas professores, que não mais nos deparamos com uma sala de aula totalmente desprovida de elementos da tecnologia, em que o ensino permaneça baseado unicamente em leituras e aulas expositivas, pois, em sua maioria, trata-se de um ambiente conectado por redes wi-fi, dotado ao menos de um laboratório de informática (isso precisa ser verificado cientificamente, por meio de pesquisa nos bancos de dados, por exemplo, do MEC).

Também não é mais permitido a um professor desconhecer o tempo necessário, por exemplo, para se atualizar as informações de um livro didático impresso, notadamente no tangente a temas contemporâneos, a questões recentes de vestibulares, a dados atualizados acerca de debates sociais relevantes. É preciso acessar essas informações atualizadas diretamente na internet. Essas ações nos mostram que, qualquer que seja a metodologia adotada pela escola, em dado processo de transição para se implementar o uso da tecnologia, é importante que seja questionado o real efeito produzido nos resultados alcançados pelos alunos e pela instituição de ensino. Em nosso labor docente, temos predileção pelo uso da “sala de aula invertida” todas as vezes que fazemos a introdução de um novo tema, quando disponibilizamos aos estudantes, antecipadamente, capítulos de livros e artigos científicos, impressos ou em versão PDF, para leitura prévia e ações decorrentes do uso dessa metodologia, para nós, extremamente eficaz.

Ainda no tangente às metodologias, tende-se a associar o desinteresse pela leitura à afinidade que alguns alunos têm com a tecnologia. Já consegui comprovar que o universo digital pode ser utilizado para incentivar o hábito de ler, para, pelo menos, alguma parcela dos estudantes. A leitura, por exemplo, em tablets, smartphones e até em e-readers é uma excelente maneira de motivar os jovens, principalmente nos equipamentos eletrônicos que dispõem da opção de consulta a dicionários dentro dos próprios livros digitais. Há, ainda, diversos grupos na internet de compartilhamento de e-books. Quanto ao universo da Literatura, há a opção pelos audiolivros, uma opção prática para os alunos desfrutarem em seus deslocamentos pela cidade. O professor pode aproveitar essa experiência de uso da tecnologia para proceder a indicações de filmes, documentários, entrevistas, além de solicitar vários tipos de pesquisas na internet. Aliás, vários docentes condenam as pesquisas on-line, mas, antes de solicitar este tipo de pesquisa, deve o professor procurar conhecer os sites mais confiáveis para indicá-los aos alunos, orientando-os no sentido de que os próprios pesquisadores sejam capazes de observar os textos verdadeiramente relevantes.

A percepção, enfim, é a de que a tecnologia, sozinha, não contribui para melhorar o desempenho dos estudantes. Dito de outro modo, a tecnologia não é o fim, mas o meio pelo qual o professor selecionará as ferramentas singulares para cada situação prática, bem como a melhor maneira de utilizá-las no “processo de ensinagem”, sem que nem professores nem estudantes sejam dependentes apenas dos meios tecnológicos.

D- Na Educação contemporânea, tanto a eficácia quanto a eficiência do processo ensino-aprendizagem dependem da condição básica desafiadora da infraestrutura, especialmente nas escolas públicas, as quais carecem de

investimentos em laboratórios de informática com acesso à internet, além, por óbvio, da implementação de softwares educacionais.

De posse da infraestrutura, é preciso preparar os grupos de pessoas que serão afetados de maneiras diferentes pela introdução da tecnologia na escola, com vistas a atualizar o comportamento dos estudantes, dos seus pais e dos profissionais da instituição escolar.

Primeiramente, para efetivarmos ações profícuas na área das tecnologias digitais, há de se investir na formação continuada dos docentes, afinal são eles que irão lidar diretamente com essa mudança de paradigma. Deve-se assegurar aos profissionais de Educação uma imersão no universo digital, visando a desenvolver suas capacidades de utilizar a tecnologia educacional de forma integrada ao desenvolvimento de competências importantes para o estudante do século 21, tais como a criatividade e a resolução de problemas em equipe. A atualização impulsionada pela adoção da tecnologia, portanto, permitirá ao profissional da educação não apenas manter-se em dia com o que há de mais recente em sua área – o surgimento da chamada Educação 3.0, por exemplo –, como também trará benefícios diversos para o seu efetivo trabalho de sala de aula, sua relação com os estudantes e com o funcionamento da própria escola.

Em seguida, é primordial promover a participação da família dos estudantes nas mudanças a serem implementadas para a adoção da tecnologia em sala de aula. São necessárias várias reuniões, com o objetivo de fazer com eles compreendam e apoiem a iniciativa, com o fito de obter a contribuição dos familiares no engajamento na ideia.

Outra medida imprescindível é pesquisar e entender as principais demandas de todas as turmas de estudantes:

- ✓ o que eles gostariam de aprender acerca do tema da tecnologia;
- ✓ que tipos de aparelhos tecnológicos os alunos mais usam fora da sala de aula;
- ✓ quais são seus softwares/aplicativos preferidos para o entretenimento;
- ✓ quais são seus softwares/aplicativos preferidos relacionados à escola;
- ✓ quais alunos possuem acesso aos vários tipos de recursos disponíveis no mercado;
- ✓ que tipo de conhecimento tecnológico os alunos mais podem precisar em sua vida profissional.

A partir daí, os gestores da escola podem entender quais ferramentas e recursos terão mais utilidade e aceitação em sala de aula (tablets, e-readers, smartphones). Além disso, é possível criar atividades específicas relacionadas à tecnologia, como oficinas de edição de vídeo, aulas de informática, aulas de programação básica, desenvolvimento de aplicativos etc.

Finalmente, um passo importante rumo ao progresso das instituições de ensino deverá, pois, aliar a tecnologia na educação ao gerenciamento das escolas e das bibliotecas.

Entrevista 10

A- Losana Hada de Oliveira. Sou doutora em língua portuguesa pela PUC-SP. Conclui em 2018 um estágio pós-doutoral na mesma instituição de ensino. Leciono há mais de 25 anos e, atualmente, dou aula de português e francês na educação básica de ensino da rede particular.

B- Uso internet durante as aulas e Chrome. As tecnologias são positivas quando usadas com propósito pedagógico. No atual panorama educacional, ficaria inviável uma escola não se apropriar das tecnologias como ferramenta no trabalho do professor. A agilidade para a preparação das aulas e o contexto multimidiático possibilitam dinâmica e atrativo para os alunos que já se veem familiarizados com essa era digital.

C- O livro didático ainda é um recurso que utilizo em sala de aula, porém a coordenação do colégio dá liberdade para que esse recurso seja usado como norteador do conteúdo ministrado. As aulas invertidas acontecem dentro de uma programação, mas não são muito frequentes. Há seminários ao longo do ano letivo e projetos interdisciplinares são constantes no colégio.

D- Acredito que seja muito importante que o professor trabalhe em apenas um colégio, pois, assim, consegue se dedicar e se envolver mais com os alunos e com os projetos da escola. A infraestrutura é também fundamental para que haja um ambiente propício de ensino-aprendizagem e sou favorável ao período integral. Penso que a criança e o adolescente na fase da educação básica e ensino médio tenham que permanecer o dia todo na escola.

Entrevista 11

A- Leonardo Vinicius de Souza Tavares, mestrando em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Quatro anos de experiência na rede pública estadual, nas três séries do nível médio (2013-2017). Atualmente não atuo na docência.

B- Não fiz uso de tecnologias digitais no tempo em que atuei em sala de aula, em virtude de não haver essa iniciativa na unidade em que atuei. Sou favorável às tecnologias digitais em sala de aula, uma vez que são presentes e fundamentais nas relações em diversos âmbitos. Cabe desenvolver o uso consciente desses recursos, a fim de potencializar o uso adequado, em prol da aprendizagem e da pesquisa na esfera escolar.

C- Na esfera em que atuei fiz uso do livro didático. Penso que, em certa medida, o livro contribuiu para o trabalho que desenvolvi em sala de aula, no sentido apoiar as propostas que desenvolvi sobre produção textual, por exemplo. Desconheço o método apostilado (fato que inviabiliza que eu forme uma opinião a respeito), mas sei que é utilizado em diversos colégios, especialmente nos particulares. Deve ser eficaz, em alguma medida. Ao longo do curto período em que estive em sala de aula apostei sempre na interdisciplinaridade, especialmente no diálogo da Língua Portuguesa com a História e a Sociologia, com o intuito de estimular a ampliação do pensamento crítico do estudante.

D- Enquanto não houver planos educacionais genuínos que transcendam a esfera de interesses políticos e particulares a educação continuará comprometida, mesmo levando em conta o esforço que muitos profissionais fazem em prol do

estímulo à busca pelo conhecimento e desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Entrevista 12

A- Há mais de vinte anos, formei-me em Letras com habilitação Tradutor-Intérprete Inglês/Português e, em um primeiro momento, pensei que passaria a ser uma tradutora de livros literários. Entretanto, as circunstâncias da vida levaram-me a adentrar uma sala de aula, e assumir a disciplina de Língua Portuguesa. Desde então, passei a me dedicar à formação contínua para que eu pudesse enriquecer as minhas aulas e, assim, transpor os conteúdos com mais conhecimento e segurança. Fiz duas especializações, uma em Língua Portuguesa e outra em Língua e Literatura, as quais me conduziram, posteriormente, ao Mestrado em Língua Portuguesa e, com muito esforço, alcancei o título de Mestra.

A minha trajetória em sala de aula iniciou-se com aulas de redação no 6º Ano do Ensino Fundamental e aulas de língua portuguesa no 7º e no 8º Anos do Ensino Fundamental. Durante dez anos, lecionei para os anos finais do Ensino Fundamental e fui adquirindo experiências e passando por algumas inovações no ensino, como os PCN's e a BNCC. A forma como conduzia as aulas, naquele momento, fez com que a direção da escola me colocasse para dar aulas no 1º Ano do Ensino Médio, lecionando as frentes de redação, gramática, interpretação textual e literatura; e assim foi por 5 anos.

Atualmente, leciono para os anos finais — 9º Ano do Ensino Fundamental e 3º Ano do Ensino Médio —, sendo que, no 9º Ano, não há mais divisão de frentes, portanto há quatro aulas de língua portuguesa e duas de redação; enquanto que, no 3º Ano, existe uma divisão das frentes, como gramática, redação, literatura, interpretação textual 1 e interpretação textual 2.

Em um primeiro momento, trabalhávamos com o sistema de ensino Poliedro, mas, há dois anos, estamos utilizando o sistema de ensino SAS – Sistema Ari de Sá.

B- Há algum tempo venho vivenciando o uso de tecnologia digital em sala de aula, e a escola em que leciono vem buscando ser uma cada vez mais tecnológica. Eu penso que as tecnologias digitais enriquecem as aulas e podem despertar um interesse maior do estudante nos conteúdos que lhe são apresentados dentro do ambiente escolar. Todavia vejo, também, que o uso excessivo desse tipo de ferramenta pode tornar a aula cansativa e sem diversidade de estratégias de ensino; posto que alcançar um êxito no conteúdo transmitido ao estudante depende muito da forma como a aula é conduzida, em consonância com os instrumentos a serem utilizados pelo professor.

Antes de a escola adotar o SAS, eu já utilizava a lousa digital, os tablets e os celulares em aula com algumas atividades direcionadas à interpretação textual e ao estudo dos gêneros textuais para a produção da redação. Além de fazer uso de *games*, por meio dos aplicativos *Kahoot* e *Plickers*, para fixar algum conteúdo gramatical. A partir da adoção do SAS, as aulas passaram a ser mais tecnológicas, porque, em todos os capítulos do livro, aparecem videoaulas, QR Codes, links, e a

própria Plataforma Educacional SAS, na qual o estudante encontra aulas digitais, livros digitais, SASTV, tarefas on-line. Além disso, há algumas avaliações diagnósticas que são realizadas on-line por serem preparadas pelo sistema de ensino.

C- Estar em sala de aula interagindo com os estudantes exige uma versatilidade e uma flexibilidade da parte do professor para preparar as aulas e alcançar os objetivos determinados para a aprendizagem de um conteúdo. Diante disso, para mim, o livro didático oferece uma liberdade maior para trabalhar os conteúdos programáticos, em conjunto com as atividades estabelecidas no calendário escolar; sendo, portanto, mais um instrumento utilizado em sala de aula, inclusive com as tecnologias digitais. Entretanto, há anos, a escola em que trabalho adotou o sistema apostilado, em um primeiro momento, o Poliedro; depois, optaram pelo SAS por ter mais ferramentas tecnológicas.

O material apostilado do SAS deixa as aulas engessadas, pois ele tem um cronograma pré-definido que eu tenho de seguir, o qual especifica quantidade de aulas e dias da semana para os conteúdos a serem trabalhados, data de avaliações sistemáticas, e, apesar de o sistema dizer que o professor tem autonomia para fazer uso do material, a prática é outra. A escola quer que o cronograma do apostilado seja cumprido, mesmo havendo uma divergência quanto à forma de conduzir os trabalhos no ambiente da minha escola e o ambiente do SAS.

Nas minhas aulas, procuro empregar metodologias diferenciadas dentro do que é possível. Por exemplo, a utilização da sala de aula invertida devido à estrutura dos capítulos do material apostilado, como as videoaulas. Além disso, desenvolvo também, em conjunto com os professores de História, Geografia, Sociologia/Filosofia, o Fórum da escola, em que os estudantes têm a oportunidade de simular a dinâmica ocorrida no fórum da ONU. Há também a Feira Cultural que mobiliza a escola inteira para desenvolver o tema escolhido.

D- O estudante tem de ser visto como um ser que, ao entrar em sala de aula, traz seu conhecimento, contribuindo com a construção de conhecimentos, a qual vem sendo mediada pelo professor. Assim, o professor deve enxergar o estudante como alguém que interage e critica, e, por isso, as aulas devem trabalhar com as habilidades necessárias para auxiliar o indivíduo nesse processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a era tecnológica que estamos vivendo exige que a escola ensine habilidades voltadas para as mídias digitais, bem como as suas respectivas linguagens. Portanto, eu acredito que, no século XXI, um processo educativo mais eficaz terá de integrar não só essas habilidades, mas também as habilidades socioemocionais, posto que muitos estudantes ainda não sabem lidar com determinadas emoções ao interagir em sociedade.